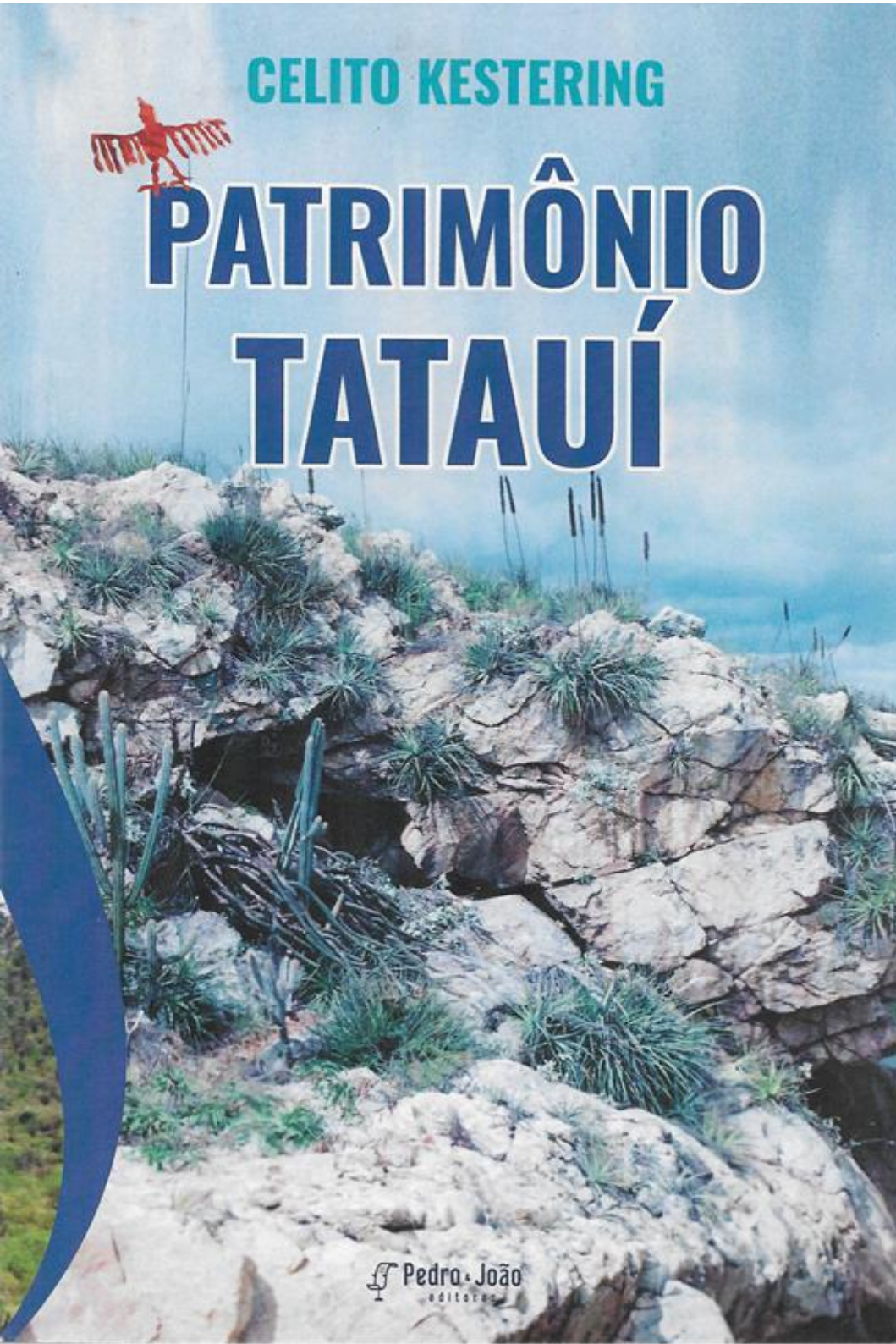
CELITO KESTERING

PATRIMÔNIO TATAUÍ



Pedro & João editores

CELITO KESTERING

PATRIMÔNIO TATAUÍ

Pedro & João
editores

Copyright © Autor

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Celito Kestering

Patrimônio Tatauí. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 450 p.

ISBN: 000-00-000-0000-0 [Digital]

1. Arqueologia. 2. Patrimônio. 3. Sobradinho - BA. 4. Fazenda Tatauí. 5. Autor. I. Título.

CDD – 930

Capa e Diagramação: Celito Kestering
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828
Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2025

A independência que cremos (queremos) para as terras brasis não se obtém com gritos à margem do fluxo das lutas populares. Consegue-se alcançá-la no conjugar do verbo esperançar, no seguir sem pestanejar a orientação de Tatauí à manjedoura onde se faz humano o sonho nativo de vida plena. Foi à casa de Maria de Carvalho, mãe de Antônio Tamoquim, junto ao Boqueirão do Riacho São Gonçalo que nos conduziu a flecha de fogo. Ali, em solo baiano de território nativo encontraram guarida e miscigenaram-se com os filhos de Juacema os sonhos libertários Kestering, Böger, Massacará e Soares. Naquele chão, envolta em singelos rituais nativos, valiosos artefatos líticos, fragmentos cerâmicos pré-coloniais, vestígios de espíritos encantados e frações do sistema de comunicação de grupos ancestrais encontrou-se Maria de Carvalho a afagar o sonho nativo da Terra sem Males, a mesma utopia do Reino de Deus que Jesus acalentava.

Ducilene e Celito Kestering

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	11
2	**SOBRADINHO – BA**	23
2.1	**Geologia**	27
2.2	**Geomorfologia**	35
2.3	**Hidrologia**	36
2.4	**Climatologia**	38
2.5	**Vegetação**	38
2.6	**Fauna**	42
3	**PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO TATAUÍ** .	45
3.1	**Boqueirão da Serra da Caixa**	47
3.1.1	Serra da Caixa 1	50
3.1.2	Serra da Caixa 2	52
3.1.3	Serra da Caixa 3	54
3.1.4	Serra da Caixa 4	55
3.2	**Terraço de São João**	56
3.2.1	Terraço 1	58
3.3	**Serrote de São João**	59
3.3.1	São João 1	61
3.3.2	São João 2	62
3.3.3	São João 3	63
3.3.4	São João 4	64
3.3.5	São João 5	70
3.4	**Boqueirão do Riacho do Bonsucesso**	72
3.4.1	Bonsucesso 1	76
3.4.2	Bonsucesso 2	79
3.4.3	Bonsucesso 3	80
3.4.4	Bonsucesso 4	82
3.4.5	Bonsucesso 5	84
3.4.6	Bonsucesso 6	85
3.4.7	Bonsucesso 7	88
3.4.8	Bonsucesso 8	89

3.4.9 Bonsucesso 9 92
3.5 Boqueirão do Riacho das Traíras 95
3.5.1 Traíras 1 97
3.5.2 Traíras 2 99
3.5.3 Traíras 3 101
3.5.4 Traíras 4 102
3.5.5 Traíras 5 103
3.5.6 Traíras 6 105
3.5.7 Traíras 7 106
3.5.8 Traíras 8 108
3.5.9 Traíras 9 109
3.5.10 Traíras 10 110
3.5.11 Traíras 11 112
3.5.12 Traíras 12 113
3.5.13 Traíras 13 114
3.6 Boqueirão da Pedra Branca 115
3.6.1 Pedra Branca 1 116
3.7 Boqueirão da Lajinha 119
3.7.1 Lajinha 1 121
3.7.2 Lajinha 2 122
3.8 Boqueirão da Serra do Saco do Morcego 124
3.8.1 Saco do Morcego 1 125
3.9 Boqueirão do Riacho São Gonçalo 127
3.9.1 São Gonçalo 1 133
3.9.2 São Gonçalo 2 134
3.9.3 São Gonçalo 3 135
3.9.4 São Gonçalo 4 137
3.9.5 São Gonçalo 5 139
3.9.6 São Gonçalo 6 140
3.9.7 São Gonçalo 7 142
3.9.8 São Gonçalo 8 144
3.9.9 São Gonçalo 9 149
3.9.10 São Gonçalo 10 153
3.9.11 São Gonçalo 11 155
3.9.11.1 Escavação 161

3.9.12 São Gonçalo 12 170
3.9.13 São Gonçalo 13 173
3.9.14 São Gonçalo 14 175
3.9.14.1 Escavação 177
3.9.15 São Gonçalo 15 186
3.9.16 São Gonçalo 16 188
3.9.17 São Gonçalo 17 190
3.9.18 São Gonçalo 18 191
3.9.19 São Gonçalo 19 193
3.9.20 São Gonçalo 20 196
3.9.21 São Gonçalo 21 199
3.9.21.1 Escavação 201
3.9.22 São Gonçalo 22 219
3.9.22.1 Escavação 220
3.9.23 São Gonçalo 23 222
3.9.24 São Gonçalo 24 224
3.9.25 São Gonçalo 25 225
3.9.26 São Gonçalo 26 226
3.9.27 São Gonçalo 27 227
3.9.28 São Gonçalo 28 230
3.9.29 São Gonçalo 29 231
3.9.30 São Gonçalo 30 233
3.9.31 São Gonçalo 31 234
3.9.32 São Gonçalo 32 235
3.9.33 São Gonçalo 33 238
2.9.33.1 Sondagens 240
3.10 Terraço do Riacho das Porteiras 261
3.10.1 Porteira 1 264
3.10.2 Porteira 2 271
3.10.3 Porteira 3 301
3.10.4 Sondagens 326
3.11 Grota da Serra Baixa 328
3.11.1 Serra Baixa 1 329
3.12 Grota da Serra do Olho d'Água 332
3.12.1 Olho d'Água 1 335

3.12.2 Olho d'Água 2 337
3.12.3 Olho d'Água 3 342
3.12.4 Olho d'Água 4 344
3.12.5 Olho d'Água 5 346
3.12.6 Olho d'Água 6 355
3.12.7 Olho d'Água 7 375
3.12.8 Olho d'Água 8 376
3.12.9 Olho d'Água 9 380
3.12.10 Olho d'Água 10 390
3.12.11 Olho d'Água 11 391
3.12.12 Olho d'Água 12 395
3.13 Grota do Tatauí 396
3.13.1 Tatauí 1 397
3.13.2 Tatauí 2 402
3.13.3 Tatauí 3 404
3.14 Aluvião da Lagoa Grande 406
3.14.1 Lagoa Grande 1 407
3.15 Aluvião da Juacema 409
3.15.1 Juacema 1 409

4 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO TATAUÍ 411
4.1 Bens do Patrimônio Tatauí 415
4.1.1 Patrimônio Lítico 418
4.1.2 Patrimônio Cerâmico 422

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 427

REFERÊNCIAS 431

ANEXOS 437

1 INTRODUÇÃO

Havia eu chegado em Juazeiro, na primeira quinzena de março de 1977, quando se fechavam as comportas da Barragem de Sobradinho cujos efeitos traumáticos à população ribeirinha justificaram minha inserção nos trabalhos de preventiva organização popular nas terras de Francisco Pereira Rodelas. Antes mesmo de apresentar-me aos funcionários da secretaria da Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco (FAMESF), Josefina Prado Lemos, então agente de pastoral da Diocese, convidou-me a testemunhar com ela a invasão que a água represada do Rio São Francisco impunha às ruas da velha cidade de Casa Nova.

Mal chegados ao povoado de Papagaio, próximo ao distrito de Santana do Sobrado, populares informaram que os restos da velha aldeia sagrada Amoipirá onde se edificara a antiga cidade dos Viana não mais se poderia ver porque o Riacho do Mosquito inundara a estrada que lhe dava acesso. Disse-se a nós que agricultores de Sobradinho, Sento Sé e Casa Nova havia que se surpreenderam também com a água do lago artificial a invadir seu patrimônio material (propriedades, posses e benfeitorias) sem que lhes houvessem pago indenização qualquer. Havia um conflito homérico entre o que seria justo indenizar. Aos prepostos da empresa responsável pela construção da Barragem, quinquilharias seriam mais que suficientes para calar a voz dos insubordinados agricultores ribeirinhos. Dizia-se que melhor seria não estarem ocupando as terras das quais o progresso exigia melhor usufruto e rentabilidade econômica, cobrindo-as com as águas represadas do Velho Chico.

Junto à Cachoeira de Sobradinho as águas represadas estavam a desestabilizar completamente a vida dos agricultores e vaqueiros nativos do Povo Tamoquim cujos ancestrais dizia-se

terem pintado e gravado vários painéis de arte rupestre junto aos olhos d'água das serras do entorno e ajudado a implantar e fazer prosperar a fazenda Tatauí. Nessa herdade, integrante do que se conhecia como Sertão de Rodelas dizia-se transitar pelo céu das noites sem lua, uma estranha flecha de fogo que, na linguagem nativa chamava-se tatá = fogo e uí = flecha. Nela os grupos indígenas fizeram-se vaqueiros e mantiveram seus milenares hábitos de caçar, coletar frutas e raízes da caatinga, pescar no Pará Açu e plantar em pequenas caiçaras, nos solos úmidos e húmicos de suas ilhas, margens e afluentes.

Nos aldeamentos missionários do Submédio São Francisco ratificara-se a dominação portuguesa, pela imposição de sua ideologia e seus valores culturais. Restaram neles as tradições indígenas que, por se ligarem a sua sobrevivência no sertão semiárido, interessavam aos colonizadores. Implantara-se, assim, a cultura do couro que se definia pelo respeito às tradições portuguesas, como a dança da Roda de São Gonçalo e a Corrida de Argolinhas, e pelo apreço aos milenares costumes indígenas quais eram o hábito de se banhar diariamente nas águas do rio, dançar o Toré, dormir na rede e viver do que a natureza oferecia. As casas de farinha, de onde saía o produto manufaturado para a confecção de beijus, papas, mingaus, bolos de macaxeira fresca ou puba, tapioca e paçoca, tinham então os mesmos caracteres do período pré-colonial. Elas eram a mais autêntica comprovação da adequação portuguesa aos milenares costumes indígenas locais.

Na primeira metade do Século XIX, quando a Fazenda Tatauí pertencia ao município de Juazeiro, as famílias privilegiadas, procuradoras da Casa da Torre, com mão de ferro escravizavam, esbulhavam e expropriavam sua população agropecuarista de ancestralidade indígena. Nesse contexto, sua primeira Câmara de Vereadores, no dia 11 de julho de 1835, tomava defesa dos pequenos lavradores, criadores e

vaqueiros com o envio de uma representação à Assembleia Provincial da Bahia, para que os deputados tomassem providências a fim de remediar tamanho constrangimento imposto às populações autóctones.

Em 1971, iniciou-se novo capítulo da história da Fazenda Tatauí, quando se decidiu construir a barragem destinada a regularizar a vazão do Rio São Francisco, para a geração constante de energia elétrica nas usinas à jusante, quais eram as de Paulo Afonso e Moxotó e seriam as de Itaparica, Xingó e Orocó. Em 1973, quando se encontrava no auge o regime militar, o Ministério das Minas e Energia, pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) instalou-se na região com os exclusivos propósitos de construí-la, operá-la, mantê-la e explorá-la. Marcava-se esse período por uma grave crise energética mundial, em consequência da primeira grande instabilidade do petróleo. Isso fazia com que se buscassem alternativas para geração de energia renovável. A partir daí o imperativo da modernização capitalista chegava forte no Submédio São Francisco. Inaugurava-se ali o processo de se abordar como mercadorias a água e outros componentes do patrimônio natural sertanejo.

Eles, os burocratas do sistema, chegavam com interesses multinacionais postos em alinho com os discursos desenvolvimentistas do Planalto Central, para implantar-se o progresso exclusivista nas terras onde, durante milênios, viviam e eram felizes as populações autóctones, de etnias diversas. Quando chegaram, convencidos de que as conveniências da pátria das oligarquias sobrepunham-se às necessidades básicas da população local, em nome de preceitos mais que excludentes, impuseram às famílias ribeirinhas o traumático sacrifício da relocação.

Dos húmicos lameiros, como daninhas plantas impeditivas aos projetos governamentais, arrancaram-se os remanescentes beiradeiros das etnias Acoroá, Amoipirá, Guegué, Caimbé,

Tupiná, Crinquirim, Ocrém e Tamoquim que, com sobejos haveres patrimoniais e saberes culturais, harmonicamente conviviam com seu natural pé de meia. Eles ali permaneciam graças a um acordo verbal que, no Século XVII o Guerreiro Francisco Pereira Rodelas firmara com o Capitão Francisco Dias d'Ávila. Decidiu-se plantá-los em distante projeto de irrigação e estéreis terraços fluviais arcaicos que, já se sabia, em se cultivando nada davam.

Os 34,1 bilhões de metros cúbicos de água doce, armazenados pela Barragem de Sobradinho para regularizar a vazão do Rio São Francisco, possibilitaram a geração de 1.050 Megawatts por hora de energia elétrica. Além da água que o sistema colonizador passou a utilizar como matéria prima para abastecimento das eletrointensivas, as empresas do ramo começaram também a dispor de vento que nesse trecho do sertão tapuia tem velocidade média de 0,7 a 9,1 km por hora. Dispuseram ainda da energia do sol que no paraíso de Guaraci sempre se irradia com prodigalidade.

Nas terras que passaram e continuam a ocupar ou invadir, por serem essencialmente políticos e etnocêntricos os colonizadores costumavam e costumam não reconhecer o valor do patrimônio (natural e/ou cultural), a memória (individual e/ou coletiva) e a história das famílias nativas. Por se relacionarem com a identidade das pessoas e dos grupos sociais, esses termos relativos à memória e ao patrimônio são polêmicos. É por isso que, a depender da consciência política dos grupos em que se geram conflitos de caráter patrimonial, esses temas estão mais e mais presentes. Seus significados, significantes e respectivas significâncias variam no tempo e no espaço. A eles atribuem-se e agregam-se valores, à proporção em que se despertam e fortalecem sentimentos de relação e pertença.

No sentido literal, patrimônio é tudo que se recebe de herança. Considerava-se inicialmente como tal apenas o bem material

que se herdava dos pais ou de outros antepassados. Com o passar do tempo, contudo, novos significados se agregaram ao vocábulo. Atualmente a ele se integram memória, história, cultura material e cultura imaterial. A ele se incorporam rios, serras, danças folclóricas, músicas regionais, festejos, lendas, mitos, histórias, artefatos arqueológicos, casos e até anedotas. Hoje se reconhece como patrimônio todo legado produzido por indivíduos ou grupos, que se faz elo entre o passado e o futuro e passa de geração em geração, como herança.

> O que torna um bem, dotado de valor patrimonial é a atribuição de sentidos ou significados que tal bem possui para determinado grupo social, justificando assim sua preservação. É necessário compreender que os múltiplos bens possuem significados diferentes, dependendo do seu contexto histórico, do tempo e momento em que estejam inseridos. (TOMAZ, 2010, p. 6).

O patrimônio pode ser natural ou cultural. Na maior parte das vezes, utiliza-se o termo que o define, meramente como sinônimo de cultura. Contudo eiva-se a natura de igual importância. Da mesma forma que se avalia um edifício histórico como um bem cultural a se preservar, também se relevam os elementos e processos naturais como bens de valor patrimonial.

O patrimônio natural é um bem não construído ou manufaturado. Ele constitui a base de sustentação para várias expressões de vida. Adquire significância e valor, de acordo com diversas atividades pelas quais se lhe reconhece valia; pela relação que tem com ritos e mitos e com a própria sobrevivência dos humanos. Pela complexidade e importância de seus préstimos, o ambiente natural e sua história representam o direito maior da espécie humana.

O patrimônio natural contém dois componentes fundamentais: o biótico e o abiótico. O patrimônio biótico compõe-se de seres vivos e o abiótico, da natureza mineral, com especificidades regionais, fundamentais à

preservação da vida, na diversidade de suas expressões. Ao patrimônio abiótico integram-se naturalmente os bens geológicos, geomorfológicos, hídricos e climáticos.

Nas iniciativas de conservação da natureza, normalmente se menospreza o componente geológico em relação ao constituinte biológico. Institui-se a maior parte das áreas de proteção para preservar ecossistemas ou seres vivos (biótopos). Costuma-se relegar a planos secundários os bens patrimoniais geológicos, geomorfológicos, climáticos e hídricos. Cada vez mais cientes, porém, da importância deles para a sobrevivência humana, as comunidades valorizam-nas, conservam-nas por isso e exigem indenização condigna quando não há a mínima possibilidade de os preservar nos processos de implantação de empreendimentos governamentais e/ou de iniciativa privada.

O patrimônio geológico, por sua composição e estrutura tem valor e deve, por essa razão ser preservado. Ele compõe-se de elementos que testemunham a história da Terra e da vida que a ela se agrega e com ela interage. De acordo com as áreas específicas da Ciência da Terra, o patrimônio geológico engloba os recursos minerais, fósseis paleontológicos e geoformas, expressas pelo conjunto de locais de interesse paisagístico. Neles, a depender do viés da percepção dos grupos, as geoformas adquirem valor científico, socioeconômico, histórico, cultural e/ou estético. Elas têm importância particular porque conservam cicatrizes que contribuem para a explicação e construção da história da Terra, de seu clima e da vida que esta suporta.

A valorização desses locais pode dar-se nas esferas: científica (rochas intrusivas ou extrusivas, sedimentares, metavulcanossedimentares, metassedimentares e depósitos cenozoicos); histórica e cultural (serras, escarpas, grutas ou tocas com forte carga mística ou religiosa); estética (paisagens espetaculares como os contrafortes da Chapada

Diamantina) e socioeconômica (paisagens propícias à exploração turística, agrícola, pecuária ou industrial).

Com a ênfase que atualmente se dá aos aspectos da natureza inorgânica aumenta-se mais e mais a valorização e proteção dos elementos da natureza. A esse universo define-se como geodiversidade ou diversidade de elementos geológicos (rochas, minerais e fósseis), geomorfológicos (geoformas, processos de agradação e degradação) e pedológicos (sedimento com potencialidade agrícola). A ele incluem-se as inter-relações humanas e de outras espécies animais. A ação de as preservar caracteriza-se com o termo geoconservação cujo horizonte conceitual se delimita como o conjunto de iniciativas de manutenção da geodiversidade.

À questão da geoconservação liga-se intimamente o termo paisagem. Normalmente se o utiliza para designar o componente geomorfológico do patrimônio geológico, isto porque, na perspectiva da geoconservação, seu valor cênico ou estético advém fundamentalmente e sobretudo das geoformas em grande escala. Nas temáticas relacionadas com o patrimônio geológico, as paisagens assumem valor enquanto testemunhos de processos de agradação e/ou degradação e valorizam-se essencialmente por seu potencial estético, científico e didático.

Utiliza-se o conceito de paisagem para designar porções de espaço em que se identifica a interação de componentes naturais (biofísicos) e culturais (socioeconômicos) que constituem um sistema ambiental. A paisagem é então, em última instância, tudo que resulta da percepção do espaço a que se integram as pessoas de um grupo. Ela é o espaço em grande escala, com elementos naturais (bióticos e abióticos) e culturais (arquitetônicos, agrícolas, industriais, históricos e arqueológicos). Ela e seus membros têm maior ou menor valor patrimonial à proporção de seu reconhecimento pela população. Existem, porém, paisagens que, excepcional e

independentemente da consciência da população local, por seu valor científico, histórico/cultural, estético e/ou socioeconômico, consideram-se patrimônio. Chega-se assim ao conceito de patrimônio paisagístico reconhecido pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), que se situa a meio caminho entre o patrimônio natural e cultural.

Por conter aspectos da natureza humana, designa-se assim tudo que se constrói ou edifica-se como patrimônio cultural. São bens que, por sua relevância, caracterizam-se e reconhecem-se como atributos da identidade dos grupos. A esse universo integram-se a estrutura econômica e social e os artefatos que dela derivam, quais sejam: objetos arqueológicos, artísticos, científicos, industriais e arquitetônicos. À proporção do despertar e fortalecer de sentimentos de relação e pertença, a eles se agregam outros valores.

> O estudo do patrimônio cultural promove a valorização e consagração daquilo que é comum a determinado grupo social no tempo e no espaço. Esse patrimônio compreende três grandes categorias: a primeira engloba os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente; a segunda refere-se ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber-fazer; e a terceira trata mais objetivamente do patrimônio histórico, que reúne em si toda a sorte de coisas, artefatos e construções resultantes da relação entre o homem e o meio ambiente e do saber-fazer humano, ou seja, tudo aquilo que é produzido pelo homem ao transformar os elementos da natureza, adequando-os a seu bem-estar. (TOMAZ, 2010, p. 3).

Há que se protegerem também as edificações vernáculas[1] e as manifestações culturais populares intangíveis, ligadas a

[1] A arquitetura vernácula é todo o tipo de arquitetura em que se empregam materiais e recursos do próprio ambiente em que a edificação é construída, caracterizando uma tipologia arquitetônica com caráter local ou regional. No

mentalidades, representações e saber-fazer. As construções vernáculas tornam-se importantes monumentos quando se as prestigia pela antiguidade ou por se constituírem testemunhos significativos da atividade humana, até mesmo recentes.

> A emergência de um patrimônio [cultural] é, geralmente, marcada por três etapas. A primeira é uma fase caracterizada pela espontaneidade e remete para os momentos em que a sociedade ou um grupo social produz aquilo que necessita para assegurar a sua sobrevivência física. Nesta fase é sobre tudo o gesto técnico que predomina, funcionando como resposta a um problema prático. A segunda corresponde ao momento de tomada de consciência. Ela fica a dever-se a qualquer transformação que coloca fora do campo utilitário inicial o objeto produzido. A terceira é a etapa em que o objeto adquire uma identidade patrimonial, reclamando e justificando um estatuto de gestão coletiva. É na passagem da segunda para a terceira etapa que a ideia patrimonial emerge e se cristaliza. (PEIXOTO, 1998, p. 2).

O conhecimento e a valorização dos bens culturais contribuem para o resgate da história e da tradição regional. Eles viabilizam a inserção social das pessoas a uma comunidade. O patrimônio cultural, permeado por maneiras de fazer dos antepassados e conservadas pela memória é um elo entre o passado e o presente, um elemento que fortalece o sentimento de pertença a uma cultura ou tradição.

Na Fazenda Tatauí, o patrimônio cultural mais reconhecido e valorizado pela população constitui-se de rico acervo pictural rupestre [2], que se preserva em várias feições de relevo,

processo de planejamento e ordenação do crescimento urbano, as edificações históricas vernáculas são como artefatos na afirmação de identidades, que é caracterizada (sic) pela presença protetora do *genius loci*. (MARQUES; AZUMA; SOARES, 2009, p. 47).

[2] Segundo Prous (1992), [o termo] vem do latim *rupes-estris* (rochedo); trata-se, portanto, de obras imobiliares, no sentido de que não podem ser

majoritariamente alcantis e paredes de rochas metassedimentares da Chapada Diamantina (Formação Tombador) e metavulcanossedimentares do *Greenstone Belt* do Rio Salitre (Unidade Sobradinho).

Preserva-se o patrimônio pictural rupestre porque nele se podem identificar atributos da identidade de seus autores, originais ocupantes do Território Tatauí e, por extensão, dos atuais habitantes de Sobradinho que com carinho os consagram como patrimônio cultural herdado de seus ancestrais nativos. Para identificar atributos da identidade dos autores abordam-se esses fragmentos do sistema pré-colonial e colonial de comunicação, com pressupostos teóricos e referências metódicas estruturalistas. Segregam-se, assim, as unidades gráficas (pinturas e gravuras) pelo parâmetro da cognoscibilidade com que se classificam como conhecíveis ou reconhecíveis.

São conhecíveis as pinturas e/ou gravuras que os pesquisadores identificam como unidades gráficas, no momento em que as visualizam porque relacionam suas temáticas com algo do universo conhecido. Elas são facilmente identificadas porque representam componentes do mundo sensível como zoomorfos (felinos, cervídeos, equídeos, pássaros, serpentes, quelônios), antropomorfos (de braços abertos, flexionados ou miniaturais), fitomorfos (palmeiras, leguminosas), anatômicos (mãos, pés, braços). Diz-se, por isso que são representações metonímicas. Seus conceitos não transcendem os horizontes do conhecimento dos pesquisadores. Dão-se a conhecer porque, em relação hermenêutica com os autores compartilha-se a chave para decodificação e desvendamento de seus significados, com diferentes níveis de confiabilidade.

transportadas (à diferença das obras mobiliares, como estatuetas, ornamentação de instrumentos, pinturas sobre peles, etc). (DUARTE, 2011, p. 16).

Para a identificação de pinturas ou gravuras reconhecíveis, que não representam realidades conhecidas pelos pesquisadores, inicia-se o processo de reconhecimento ao se considerar como unidade gráfica um signo ou o conjunto de signos e espaços vazios de um painel, enquanto não se segregam figuras semelhantes em outros. Elas são, por isso, reconhecidas nas recorrências. Diz-se, por isso que são representações metafóricas. Seus conceitos transcendem os horizontes do conhecimento dos pesquisadores. Não se dão a conhecer porque não se compartilha com seus autores a chave para decodificação ou desvendamento de seus significados.

Há grupos que se inclinam por edificar seu sistema de comunicação com base em representações majoritariamente metonímicas ou realistas. Outros há que demonstram preferência por representações metafóricas, simbolistas abstratas ou geométricas.

> Pesquisadores como Annette Laming-Emperaire, afirmavam que as figuras representadas nos paredões rochosos traziam informações, as quais eram deixadas de forma consciente ou espontânea pelos homens pré-históricos. Por ter sido fortemente influenciada pelo estruturalismo durante sua formação, Laming-Emperaire procurou estabelecer uma ordem nas representações rupestres, evitando evocar analogias simples, relacionando as pinturas com as próprias sociedades que as produziram. (DUARTE, 2011, p. 17).

Na região Nordeste do Brasil há dominância absoluta de representações metonímicas no Parque Nacional Serra da Capivara que se situa no Vale do Rio Piauí, integrante da Bacia Hidrográfica do Nordeste, e metafóricas, prevalecentes em toda extensão do Vale do Rio São Francisco, onde perfaz “80% a 100% das sinalações”. (PROUS, 1992 *apud* DUARTE, 2011, p. 22). Filiam-se os grupos com sistema de comunicação majoritariamente metonímico à Tradição Nordeste e os grupos de comunicação soberanamente metafórica, à Tradição São Francisco.

> [Tradição] compreende a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas [e/ou gravuras] de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes. (MARTIN, 2005 *apud* DUARTE, 2011, p. 21).

Em diferentes ambientes, para auferirem eficaz qualidade de vida e consequente sucesso reprodutivo, provocam-se os grupos ligados a ancestrais comuns a aprenderem técnicas e padrões comportamentais específicos. Assim as comunidades que se vinculam a uma determinada tradição diversificam-se pela aquisição de atributos resultantes das adaptações ambientais e sociais. As tradições subdividem-se, por isso, em subtradições. As adequações dos grupos traduzem-se em mudanças nas temáticas e técnicas do sistema de comunicação, nas formas dos artefatos líticos e cerâmicos e nas habilidades relativas a sua confecção e/ou utilização, nos componentes e na estrutura dos enxovais de enterramento e fogueiras, bem como em múltiplas particularidades de suas manifestações culturais.

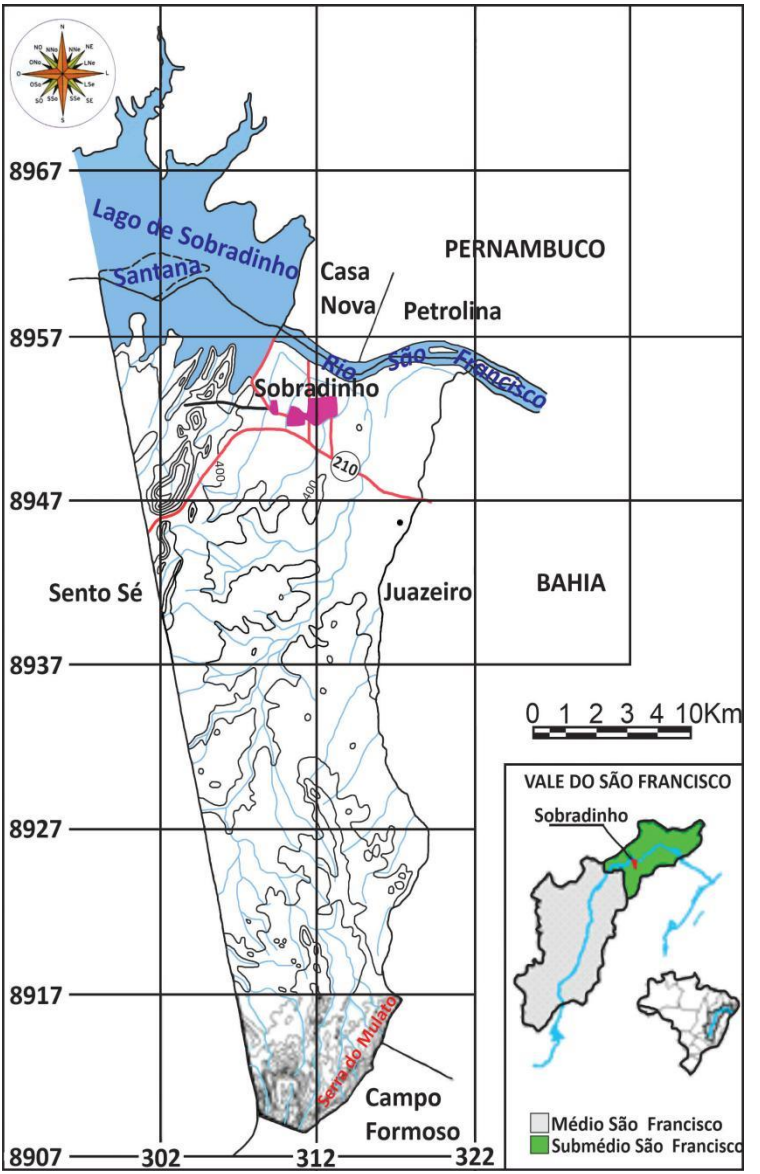
Assim, em território Tatauí o patrimônio rupestre da Tradição São Francisco, bem como o conjunto de artefatos líticos e cerâmicos possuem formas peculiares que se definiram pela utilização de técnicas específicas, demandadas pela paisagem local.

2 SOBRADINHO – BA

O município de Sobradinho, implantado como resultado da resistência nativa, e consagrado por lutas populares que se fizeram em território da antiga Fazenda Tatauí, localiza-se no extremo norte do estado da Bahia. Sua sede situa-se às coordenadas 24L301496, UTMN 8952274, a 383 metros de altitude. Em 2014, quando ocupava uma área de 590 km², sua população era de 23.511 habitantes. Situa-se a 554 km de Salvador e a 42 km à montante da cidade de Juazeiro – BA.

Conforme a Lei Estadual Nº. 4843, publicada no Diário Oficial da Bahia em 25 de fevereiro de 1989, limitava-se ao norte com Casa Nova e o Estado de Pernambuco; ao sul com Campo Formoso; a leste, com Juazeiro e a oeste, com Sento Sé. Com Sento Sé, começava no Lago de Sobradinho, no lugar denominado Algodões, daí em linha reta até o ponto mais alto do Morro do Tambor. Com Campo Formoso, começava no ponto mais alto do Morro do Tambor, seguindo em reta na direção ao marco da Passagem do Sargento, à margem do Rio Salitre, até encontrar a Serra do Negro ou do Mulato, no marco fronteiro à nascente do Riacho Brejo do Major. Com Juazeiro, começava na Serra do Negro ou do Mulato, no marco fronteiro à nascente do Riacho Brejo do Major. Seguia pelo divisor de águas daquela serra até a nascente do Riacho Língua de Vaca, pelo qual descia até sua foz no Rio São Francisco, no lugar que defronta a Ilha da Tapera. Com o Estado de Pernambuco, começava na foz do Riacho Língua de Vaca, no Rio São Francisco, no lugar que defronta a Ilha de Tapera, seguindo pelo talvegue do Rio São Francisco até o marco no lugar Pau da História ou da Arara. Com Casa Nova, começava no marco do lugar Pau da História ou da Arara, no Rio São Francisco. Subia, por este e pelo Lago de Sobradinho, até confrontar-se com o lugar denominado Algodões. (Fig. 1).

Figura 1 – Mapa de Sobradinho, conforme a Lei Nº 4843 de 1989



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

No dia 29 de abril de 2019, sancionou-se a Lei Estadual nº 14.090, com atualização de seus limites. Passou então a vigorar:

I - **com o município de Casa Nova** - começa no ponto fronteiro à foz do riacho Horizonte, no lago do Sobradinho (coordenadas -09° 23' 52,50"; -40° 57' 13,59"), desce por este até a barragem do Sobradinho (coordenadas -09° 25' 48,53"; -40° 49' 37,68"), desce pelo rio São Francisco até o ponto de (coordenadas -09° 26' 41,36"; -40° 45' 55,37"), logo abaixo da cachoeira do Sobradinho, no marco no lugar Pau da História ou do Arara;

II - **com o Estado de Pernambuco -** começa no rio São Francisco (coordenadas -09° 26' 41,36"; -40° 45' 55,37"), logo abaixo da cachoeira do Sobradinho, no marco no lugar Pau da História ou do Arara, desce por este até o ponto fronteiro à foz do riacho Língua de Vaca no rio São Francisco (coordenadas -09° 26' 41,25"; -40° 42' 50,09");

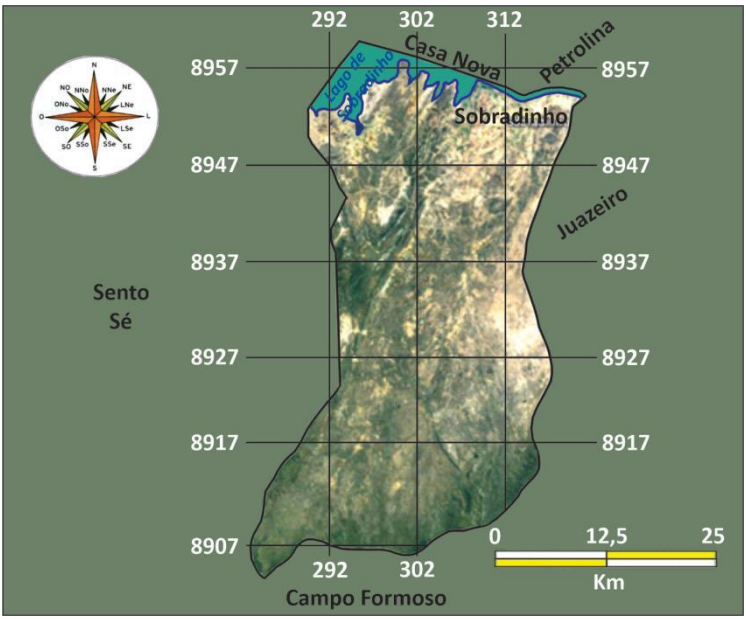
III - **com o município de Juazeiro** - começa no rio São Francisco (coordenadas -09° 26' 41,25"; -40° 42' 50,09"), fronteiro à foz do riacho Língua de Vaca, daí em reta até a referida foz (coordenadas -09° 27' 05,35"; -40° 42' 53,68"), sobe por este riacho até sua nascente (coordenadas -09° 47' 46,70"; -40° 45' 28,00"), na serra do Negro ou Mulato, segue por este divisor de águas até o encontro com a serra do São Francisco (coordenadas -09° 52' 16,93"; -40° 48' 49,50");

IV - **com o município de Campo Formoso** - começa no encontro das serras do Negro ou Mulato e do São Francisco (coordenadas -09° 52' 16,93"; -40° 48' 49,50"), segue por este divisor de águas até o encontro com a serra do Saco da Onça (coordenadas -09° 54' 57,08"; -41° 03' 15,77");

V - **com o município de Sento Sé** - começa no encontro das serras do São Francisco e do Saco da Onça (coordenadas -09° 54' 57,08"; -41° 03' 15,77"), segue por este divisor de águas até seu extremo norte (coordenadas -09° 44' 13,49"; -40° 58' 03,46"), daí em reta, sentido norte, até a nascente do riacho

do Morcego (coordenadas -09° 36' 29,13"; -40° 58' 28,73"), na serra de mesmo nome, segue por este divisor de águas até seu extremo norte (coordenadas -09° 35' 01,34"; -40° 58' 49,38"), daí em reta, sentido nordeste, até o entroncamento na BA-210 para localidade Algodões Novos (coordenadas -09° 33' 09,65"; -40° 57' 52,02"), segue pelo divisor de águas na serra do Inácio até seu extremo noroeste (coordenadas -09° 30' 24,26"; -40° 59' 42,39"), daí em reta, sentido noroeste, até o cruzamento da estrada Brejo de Fora - Novo Horizonte com o riacho Horizonte (coordenadas -09° 29' 30,23"; -41° 00' 18,25"), desce por este até sua foz no lago do Sobradinho (coordenadas -09° 27' 59,09"; -41° 00' 22,59"), daí em reta até o lago do Sobradinho (coordenadas -09° 23' 52,50"; -40° 57' 13,59"), no ponto fronteiro da referida foz. (Fig. 2). (GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA, 2019, p. 7-8).

Figura 2 – Mapa de Sobradinho (Lei Estadual Nº 14090, de 2019

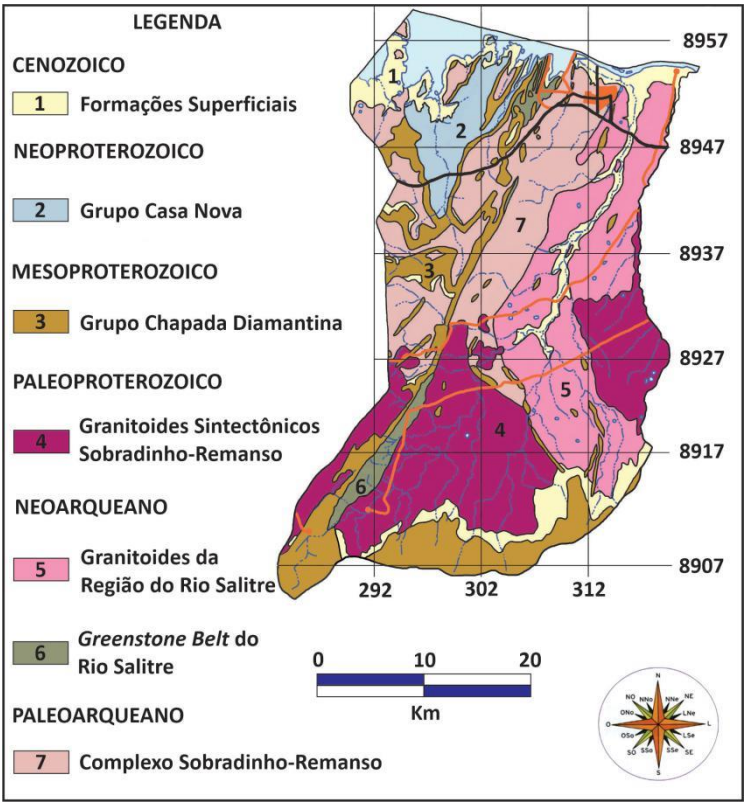


Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor deste

2.1 Geologia

A litoestratigrafia de Sobradinho - BA constitui-se de: Formações Superficiais Cenozoicas (**1**), rochas do Grupo Casa Nova – Formação Barra Bonita (**2**) e da Chapada Diamantina – Formação Tombador (**3**), Granitoides Sintectônicos – Sobradinho-Remanso (**4**), Granitoides da Região do Rio Salitre (**5**), *Greenstone Belt* do Rio Salitre (**6**) e Complexo Sobradinho-Remanso (**7**). (Fig. 3).

Figura 3 – Esboço geológico de Sobradinho



Fonte: CPRM (2019), adaptado pelo autor deste

As rochas do Complexo Sobradinho-Remanso (**7**) formaram-se no Paleoarqueano, entre 3,6 e 3,2 bilhões de anos, quando no planeta Terra havia muitos gases vulcânicos, carbono, hidrogênio e nitrogênio e pouco oxigênio livre. A vida era ainda simples. Havia somente algas e bactérias. As rochas desse complexo constituem-se de ortognaisse migmatítico tonalítico-trondhjemítico-granodiorítico, com enclaves máficos e restos de supracrustais. (CPRM, 2005, p. 6). Nessa era surgiam os primeiros continentes. Dela é a mais antiga evidência de bactérias que se encontraram na Austrália Ocidental.

> O complexo Sobradinho-Remanso ocorre na maior parte do município e é caracterizado pela ocorrência de ortognaisse migmatítico tonalitico-trondhjemítico-granodioritico, com enclaves máficos e restos de rochas supracrustais, cortado por granitóide sintectônico constituído por granito e granodiorito gnaissificados, localmente augengnáissicos, calcialcalinos de alto K, metaluminosos, além de monzogranito e sienogranito, em parte foliados ou gnaissificados, em menor proporção. (CPRM, 2005, p. 5).

O *Greenstone Belt* do Rio Salitre (**6**) constitui-se de rochas metavulcanossedimentares geradas no Neoarqueano, entre 2,8 e 2,5 bilhões de anos, quando proliferavam e diversificavam-se os estrematólitos cuja fotossíntese fez aumentar consideravelmente o oxigênio. As rochas desse complexo compõem-se de metavulcanito ácido e intermediário, metapelito, metadolomito e metachert. (CPRM, 2005, p. 6).

> Os estromatólitos são formações semelhantes a rochas que podem ser encontradas em meios marinhos pouco profundos e de elevada salinidade. Resultam da agregação de sedimentos por microrganismos designados por **cianobactérias**, bactérias fotossintéticas também conhecidas por 'algas azuis'. Algumas destas formações são bastante antigas como os estromatólitos australianos que

> datam de há cerca de 3500 milhões de anos, do **Arcaico** (éon compreendido entre cerca de 4000 e 2500 milhões de anos). São considerados fósseis do período dos primeiros organismos que começaram a realizar a fotossíntese, responsáveis pelo aumento da concentração de oxigênio no planeta. Assim, e de acordo com o registro fóssil, os estromatólitos terão sido abundantes por volta de 2500 a 2700 milhões de anos atrás, e a sua atividade terá modificado de forma decisiva a atmosfera da Terra, tendo permitido a evolução das formas de vida aeróbicas. (VILELA, 2018).

Há rochas do *Greenstone Belt* do Rio Salitre nas serras das Traíras, Verde, Baixa, do Hugo e da Batateira. (Fig. 5 e 6). Quando elas se geraram circundavam-nas blocos continentais de granito e gnaisse quartzofeldspático.

Figura 5 – Serra Baixa



Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 6 – Serra do Hugo



Fonte: Acervo do autor (2017)

> Litologicamente, os continentes do Arqueano eram constituídos de granitos e gnaisses quartzofeldspáticos, rochas pouco densas, que "boiavam" no oceano de magma que estava se resfriando, formando uma fina crosta. Esses blocos continentais eram circundados por *greenstone-belts*, cinturões lineares espessos de rochas vulcânicas, com alto teor de ouro e níquel. Também eram comuns os komatiitos, que são rochas vulcânicas muito magnesianas. Também havia a geração de rochas sedimentares, como as grauvacas nas águas profundas e conglomerados nas águas mais rasas. Esses sedimentos são ricos em ouro e uraninita. O ferro oxidado que é tão comum nas rochas sedimentares mais recentes não é significativo nas rochas dessa idade. A presença de uraninita e a ausência de ferro nas rochas arqueanas sugerem uma atmosfera pobre em oxigênio, já que o primeiro só é estável em condições redutoras e o segundo, ao contrário, se dissolve em ambiente redutor. (ARQUEANO, 2017, s. p).

No meio dessas rochas, com orientação nordeste – sudoeste, no Proterozoico Inferior, de 2,5 a 1,6 bilhões de anos, incrustou-se um veio de quartzo de regime distensivo da Tectogênese Transamazônica. (Fig. 7). Veios de quartzo são

rochas magmáticas que se infiltraram nas fendas de rochas mais antigas.

> [Os veios de quartzo] são resultado de um processo geológico que pode levar milhares de anos. Tudo começa quando o magma das regiões profundas da Terra encontra, através de fendas e fissuras, um caminho para chegar mais perto da superfície. Afastado do calor do centro do planeta, o magma começa a se resfriar, dando origem às rochas. Algumas vezes também são formadas cavidades com a água que penetra no subsolo a partir da superfície – e é nessas cavidades que aparecem os cristais, pois o líquido represado por elas é rico em minerais dissolvidos das rochas. O quartzo é um desses minerais mais comuns. Ele está presente nos três tipos de rocha que existem no planeta, as sedimentares, as ígneas e as metamórficas. (MUNDO ESTRANHO, 2011).

Figura 7 – Serra das Traíras, com afloramento do veio de quartzo



Fonte: Acervo do autor (2017)

Os Granitoides da Região do Rio Salitre (**5**) também se formaram no Neoarqueano. São rochas maciças a fraturadas, com bandamento milimétrico a decimétrico, marcadas por óxido anfibólio de ferro e sílica.

> A litologia característica [é constituída de] paragnaisses, biotita-clorita xistos, actinolita xistos, grunerita xistos com intercalações de formações ferríferas bandadas e quartzitos, xistos com intercalações de rochas metamáficas-ultramáficas, mármores, quartzitos e formações ferríferas (...). (CARVALHO, 2017, p. 23).

Os Granitoides Sintectônicos Sobradinho-Remanso (**4**) formaram-se no Paleoproterozoico, entre 2,5 bilhões e 1,6 bilhão de anos, quando surgiam os primeiros eucariontes, com núcleo delimitado por envoltório e com vários tipos de organelas.

> Os granitoides presentes nesta suíte são metamonzogranitos a metassienogranitos leucocráticos de coloração cinza esbranquiçado a rosado, granulometria fina a média, textura granoblástica por vezes apresentando variações a condições textorais porfiroclásticas a porfiroblásticas. Sua composição mineralógica é constituída por plagioclásio (40%), quartzo (25%), K-feldspato (25%) e biotita (7%), e minerais acessórios como muscovita, sericita, epidoto, zircão, opacos e magnetita. (CARVALHO, 2017, p. 25).

As rochas da Chapada Diamantina (Formação Tombador) (**3**) geraram-se no Mesoproterozoico, de 1,6 a 1,0 bilhão de anos, quando a vida começou a se reproduzir sexualmente. São arenitos e conglomerados relacionados a sistemas fluviais e eólicos. Em Sobradinho as elevações mais representativas dessa formação geológica são as serras do Olho d'Água, Saco da Jurema, Saco do Morcego e Corrente. (Fig. 8).

> [Constituem-se de] arenitos parcialmente silicificados, finos a médios, com estratificações cruzadas de grande porte; arenitos médios a grosseiros e conglomeráticos com estratificações cruzadas tabulares, acanaladas e festonadas; conglomerados desorganizados, eventualmente polimíticos, basais. (CPRM, 1997).
>
> Onde hoje é sertão, outrora o mar reinava soberano. Há mais ou menos um bilhão e meio de anos, o oceano cobria essa

> área que era um mar raso, onde desaguavam rios torrenciais, vindos de outras grandes montanhas antes que um choque de placas tectônicas criasse as profundas fissuras e depressões encontradas atualmente. Assim iniciou-se a formação da bacia sedimentar do Espinhaço, onde rios e mares desempenharam o papel de agentes modificadores daquela paisagem. As inúmeras camadas de arenitos, conglomerados e calcários, hoje expostos da Chapada Diamantina, representam as atividades destes agentes ao longo do tempo geológico. (SILVA, 2011).

Figura 8 – Lado leste da Serra do Olho d'Água



Fonte: Acervo do autor (2017)

As rochas do Grupo Casa Nova (Formação Barra Bonita) (**2**) geraram-se no Neoproterozoico, entre um bilhão e 541 milhões de anos, quando surgiram as formas de vida complexa. Compõem-se de "micaxistos granadíferos, mármores e quartzitos inferiores". (CPRM, 1997). (Fig. 9 e 10).

Figura 9 – Matacões do Grupo Casa Nova (Formação Barra Bonita)



Fonte Acervo do autor (2016)

Figura 10 – Rochas do Grupo Casa Nova (Formação Barra Bonita)



Fonte Acervo do autor (2016)

O Neoproterozoico foi um período na história da Terra marcado por mudanças climáticas extremas resultantes das postuladas glaciações globais da Terra “Bola de Neve” (~ 760

> - 580 Milhões de anos) e subsequentes condições de efeito-de-estufa, mudanças importantes na geoquímica dos oceanos, a estratificação e oxigenação oceânica, e a evolução sem precedentes do biota marinho.
> O final do Neoproterozoico assistiu talvez ao mais dramático dos eventos climáticos globais na história da Terra. Considera-se a hipótese de que ocorreram várias glaciações globais, mesmo ao ponto de formarem glaciares no equador com gelo marinho tropical de 1 km de espessura. Calcula-se que as glaciações teriam durado cerca de 10 milhões anos. (MUSEU VIRTUAL DOS MINI-MUNDOS, 2019).

Margeando o Rio São Francisco, na porção norte do município há Formações Superficiais Cenozoicas (**1**). São depósitos aluviares recentes de areia com intercalações de argila, cascalho e matéria orgânica.

2.2 Geomorfologia

A maior parte do território de Sobradinho encontra-se na Depressão Sertaneja, levemente inclinada em direção à calha do Rio São Francisco e com interflúvios de pediplanos regulares. Há nela unidades residuais de serras, serrotes e cristas rochosas. A altitude média do município é de 450 a 500 metros. Seu ponto mais elevado era o topo do Morro do Tambor, com 908 metros de altitude. Hoje, com a redefinição das fronteiras é a Serra do São Francisco, cujo topo está a 1.100 metros acima do nível do mar.

Destaca-se na paisagem a Serra do Olho d'Água, com 665 metros de altitude. (Fig. 11 e 12). São também conhecidas as serras: São Gonçalo, com 479 m; Redonda, com 556 m; do Agreste, com 545 m; Serrinha, com 475 m; Preta, com 527 m; do Emparedado, com 505 m; da Queimada do Alto, com 667 m e da Vaca, com 590 m.

Figura 11 - Serra do Olho d'Água, vista da Serra do Saco da Jurema



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 12 – Lado oeste da Serra do Olho d'Água



Fonte: Acervo pessoal do autor (2007)

2.3 Hidrologia

Sobradinho tem como principais drenagens intermitentes os riachos Tatauí e Língua de Vaca. Eles cortam a área municipal de sul a norte. O Riacho Língua de Vaca corre paralelamente ao riacho Tatauí e faz o limite leste com o município de Juazeiro.

Há, no município, quatro domínios hidrogeológicos: Formações Superficiais Cenozoicas; Grupo Chapada Diamantina, Estância e Juá; Metassedimentos e Metavulcanitos; Cristalino. Em 76% dos poços a água subterrânea é salgada ou salobra.

As *formações superficiais cenozoicas*, são constituídas por pacotes de rochas sedimentares de naturezas diversas, que recobrem as rochas mais antigas. Em termos hidrogeológicos, elas têm um comportamento de "aquífero granular", caracterizado por possuir uma porosidade primária, e nos terrenos arenosos uma elevada permeabilidade, o que lhe confere, no geral, excelentes condições de armazenamento e fornecimento d'água. Na área do município, este domínio está representado por depósitos relacionados temporalmente ao Quaternário (depósitos aluvionares recentes). A depender da espessura e da razão areia/argila dessas unidades, podem ser produzidas vazões significativas nos poços tubulares perfurados, sendo, contudo, bastante comum, que os poços localizados neste domínio, captem água dos aquíferos subjacentes.

O domínio hidrogeológico denominado grupo Chapada Diamantina, Estância e Juá envolve litologias essencialmente arenosas com pelitos e carbonatos subordinados, e que têm como características gerais uma litificação acentuada, forte compactação e intenso fraturamento, que lhe confere além do comportamento de aquífero granular com porosidade primária baixa, um comportamento fissural acentuado (porosidade secundária de fendas e fraturas), motivo pelo qual prefere-se enquadrá-lo com mais propriedade como aquífero do tipo fissural e "misto", com baixo a médio potencial hidrogeológico.

Os metassedimentos, metavulcanitos e cristalino têm comportamento de "aquífero fissural". Como basicamente não existe uma porosidade primária nestes tipos de rochas, a ocorrência de água subterrânea é condicionada por uma porosidade secundária representada por fraturas e fendas, o que se traduz por reservatórios aleatórios, descontínuos e de pequena extensão. Dentro deste contexto, em geral, as

> vazões produzidas por poços são pequenas e a água, em função da falta de circulação, dos efeitos do clima semiárido e do tipo de rocha, é na maior parte das vezes salinizada.
> Essas condições definem um potencial hidrogeológico baixo para as rochas sem, no entanto, diminuir sua importância como alternativa no abastecimento nos casos de pequenas comunidades, ou como reserva estratégica em períodos de prolongadas estiagens. (CPRM, 2005, p. 7).

Há algumas lagoas intermitentes. As mais conhecidas são: do Riachinho, do Carão, do Veludo, do Campo Grande e da Vaca. Nas estiagens sazonais, todas elas secam.

2.4 Climatologia

O clima de Sobradinho é semiárido e quente, com alternância de duas estações nitidamente definidas: a da chuva (inverno), de novembro a março e a da seca (verão), nos demais meses. A umidade relativa do ar é de 60%. A precipitação pluviométrica média anual é de 444 mm. O mês de agosto é o mais seco e março, o mais úmido. A temperatura média anual é de 25,2°C, com variação de 26,5°C no mês de fevereiro e 22,8°C, em julho. A evaporação anual é de 2.849 mm. O tempo médio de insolação é de 2.800 horas anuais. A velocidade horária média do vento não varia significativamente ao longo do ano. Matiza-se de 0,7 a 9,1 Km por hora, durante o ano inteiro.

2.5 Vegetação

A vegetação característica é a típica caatinga dos sertões nordestinos, com formas vegetais xeromórficas e lenhosas, monofoliadas deciduais, que se caracterizam como arbóreas

abertas ou densas, sem palmeiras, e arbustivas, densas em alguns espaços e abertas em outros, a depender de fatores topográficos, ecológicos e pedológicos.

> Nas áreas aplainadas, a caatinga arbórea aberta ocorre com porte arbustivo também aberto, constatando-se um adensamento deste estrato nas áreas de relevo dissecado em colinas e nas áreas de solos com pavimentos desérticos (solos pedregosos). (SOUZA *et a*l, 1979, p. 40).
>
> Na seca, a vida vegetativa entra em estagnação. O conjunto botânico da região árida foi evoluindo lentamente, adaptando-se a uma nova realidade climática, até alcançar o clímax da organização xerófila estabilizada na caatinga. É uma vegetação de baixo extrato, caules retorcidos e tortuosos, raízes possantes e profundas que absorvem a umidade subalveolar do solo com extraordinário poder de sucção osmótica. O xerofilismo no Nordeste é próprio e peculiar. É o único no mundo inteiro. Estes vegetais possuem reservas alimentícias nas raízes, nutrientes e água para manter e reconstruir o seu corpo vegetativo. (RIBEIRO, 2007, p. 47 *apud* SILVA, 2010, p. 123).

As espécies arbóreas mais comuns são: maniçoba (*Manihot caerulescens*), angico (*Anadenanthera colubrina*), aroeira (*Schinus terebinthifolius*), umburana de cambão (*Commiphora leptophloeos*), umburana de cheiro (*Amburana cearensis*), umbuzeiro (*Spondias tuberosa*), catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*), baraúna (*Schinopsis brasiliensis*), favela de cachorro (*Cnidoscolus quercifolius*), juazeiro (*Ziziphus joazeiro*), angico de bezerro (*Piptadenia moniliformis*), jurema preta (*Mimosa tenuiflora*), jureminha (*Desmanthus virgatus*), jurema vermelha (*Mimosa ophthalmocentra*), camaçari (*Caraipa densifolia*), murici (*Byrsonima cracifolia*), Jatobá (*Hymenaea courbaril*) e gameleira (*Ficus catappifolia*).

Dentre as arbustivas, destacam-se: carqueja (*Baccharis trimera*), cansanção (*Cnidosculus pubescens*), pinhão roxo (*Jatropha gossypifolia*), quebra faca (*Croton conduplicatus*),

pereiro (*Aspidosperma pyrifolium*), velame (*Croton heliotropiifolius*), jitirana (*Ipomoea cairica*), sete patacas (*Allamanda cathartica*), jureminha (*Desmanthus virgatus*), jurema vermelha (*Mimosa ophthalmocentra*), melosa (*Ruellia asperula*), marmeleiro (*Croton sonderianus*) e mofumbo (*Combretum leprosum*).

As cactáceas mais representativas são: xiquexique (*Pilosocereus polygonus*), mandacaru facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), quipá (*Tacinga inamoena*) (fig. 13), coroa de frade (*Melocactus zehntneri*) e mandacaru de boi (*Cereus jamacaru*). Elas ocorrem dominantemente em áreas de solos pedregosos e nas encostas ou cristas das serras. Nesses setores também se notabilizam as bromélias como caroá (*Neoglaziovia variegata*) e macambiras de lajedo (*Bromelia laciniosa*). Ao longo dos cursos de água desenvolve-se a fisionomia típica de parque. Nela prolifera a carnaubeira (*Copernicia prunifera*).

Figura 13 - Quipá (*Tacinga inamoena*)



Fonte: Acervo do autor (2006)

> Caracteriza-se [o parque] por extensos campos de gramíneas com elementos de porte arbustivo espaçadamente distribuídos e núcleos isolados de palmeiras, principalmente carnaubeiras e outras árvores. (SOUZA *et al*, 1979, p. 42).

A quem conheceu as serras do entorno de Sobradinho há quatro décadas, ao visitá-las nos dias atuais, salta aos olhos a diferença da paisagem. Outrora ela era exuberante. Várias espécies vegetais conservavam-se verdes durante oito meses

do ano (outubro a maio). Hoje, as serras estão desnudas. Nelas se encontram troncos secos e/ou tombados pela inclemência da seca que se prolonga e pela ação desumana de pessoas e empresas que, durante séculos, as depredam. Desnudas as serras, reduz-se a vazão das nascentes e desaparecem as águas correntes que havia nos boqueirões da Serra da Caixa, do Riacho do Bonsucesso, do Riacho das Traíras, do Riacho São Gonçalo e na Grota do Olho d'Água.

> A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva em ambas as margens do Rio São Francisco. Até as encostas foram desnudadas de vegetação. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, para carvoarias e para a prática da agricultura. (...). Sem a proteção natural das raízes das plantas, desmoronaram-se as barrancas marginais, assoreando todo o Rio que se torna, dia a dia, mais largo e mais raso, dificultando a navegação, outrora intensa. Reduzida a vegetação, modifica-se o clima que se torna sempre mais árido, reduzindo as vazões dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco. (KESTERING, 2001, p. 62).

Diz a população local que, em tempos antigos, em mais de 500 metros de extensão, nos solos aluviais do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, plantavam-se mangueiras, goiabeiras, cajueiros, bananeiras, coqueiros, capim elefante, capim mandante, cana de açúcar, batata doce e mandioca. A água foi diminuindo e hoje quase não se planta mais nos lameiros dessa feição de relevo. A vegetação nativa nesse trecho do riacho era exuberante. Nela se encontravam espécies vegetais da mata atlântica.

> Chama a atenção nos Boqueirões a enorme quantidade de plantas que nascem nas fendas dos maciços de quartzito. Nessas fendas, suas raízes desenvolvem-se, exercendo altíssimas pressões que afastam grandes blocos e criam gretas onde se abriga boa parte dos animais que compõem a fauna

> local. O mandacaru facheiro, o mandacaru de boi, o xiquexique e a gameleira são as mais comuns. Muitas dessas plantas encontram-se fixas nos talhados que lhes servem de suporte. Por serem xerófilas, sobrevivem a expensas da água que armazenam em seus caules durante os meses chuvosos. A gameleira, porém, desenvolve um grande sistema radicular que se infiltra nas fendas das rochas para buscar água em distâncias de até 20 metros. O juazeiro e o angico têm raízes que se infiltram nas fendas das rochas para buscar água em profundidades de até 50 metros. (KESTERING, 2001, p. 65).

2.6 Fauna

Ao longo da história e da pré-história, a fauna aquícola e silvestre sempre foi abundante em Sobradinho. No Rio São Francisco havia muitas espécies de peixe e na caatinga, mamíferos e aves em profusão. Segundo Drumond *et al*. (2005 *apud* Ministério do Meio Ambiente, 2011), 208 (duzentas e oito) espécies nativas de peixe dulciaquícola compunham a ictiofauna do Velho Rio dos Currais. As espécies mais abundantes eram: cascudo preto (*Rhinelepis áspera*), curimatã pacu (*Prochilodus argenteus*), curimatã pioa (*Prochilodus costatus*), dourado (*Salminus franciscanus*), mandi (*Pimelodus maculatus*), mandi-açu (*Duopalatinus emarginatus*), matrinxã (*Brycon orthotaenia*), pacamã (*Lophiosilurus alexandri*), pacu (*Myleus micans*), surubim ou pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*), pirá-tamanduá (*Conorhynchos conirostris*), piranha (*Pygocentrus piraya*), pirambeba (*Serrasalmus maculatus*), trairão (*Hoplias lacerdae*) e traíra (*Hoplias malabaricus*). Por não se ter construído canal de piracema, a Barragem de Sobradinho promoveu drástica redução no universo de várias espécies nobres da ictiofauna do Rio São Francisco.

Na caatinga de Sobradinho, os mamíferos mais comuns eram: caititu (*Tayassu tajacu*), veado (*Mazama gouazoubira*), tatu verdadeiro (*Dasypus novemcinctus*), tatu peba (*Euphractus sexcinctus*), tatu bola (*Tolypeutes tricinctus*), tatu china (*Dasypus septemcinctus*), tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*), mocó (*Kerodon rupestris*), preá (*Cavia aperea*), capivara (*Hidrochaeril hydrochaeris*), cutia (*Dasyprocta Aguti*), macaco prego (*Sapajus libidinosus*), sagui (*Callithrix jaccus*), gato macambira (*Leopardus tiguinus*), lobo guará (*Chrysocyon brachyurus*) e raposa (*Dusicion thous*).

As aves mais comuns eram: ema (*Rhea americana*), jacucaca (*Penelope jacucaca*), seriema (*Çariama cristata*), arribação (*Zenaida auriculata*), asa branca (*Patagioenas picazuro*), juriti (*Leptotila vereauxi*), codorna (*Nothura boraquira*), perdiz (*Rhinchotus rufescens*), zabelê (*Crypturellus noctivagus zabele*), nambu (*Crypturellus parvirostris*), pato mergulhão (*Mergus octosetaceus*) e paturi (*Amazonetta brasiliensis*).

Os répteis mais comuns são: lagartixa de lajedo (*Tapinurus helenae*), teiú (*Tupinambis teguixim*) e camaleão (*Iguana iguana*). Há abelhas nativas como mandaçaia (*Melipona quadrifasciata*), cupira preta (*Partamona cupira*), abelha moça branca (*Frieseomelitta doederleini*) e manduri (*Melipona marginata*).

Nas encostas das serras, principalmente nos boqueirões e grotas encontram-se aracnídeos típicos do Semiárido como as caranguejeiras (*Lasiodora sp.*) e da Floresta Amazônica como é o caso de um aracnídeo primitivo da espécie *Heterophrynus longicornis* que se encontrou no Sítio Arqueológico São Gonçalo 21, conhecido também como Furna do Caçador.

> Os animais selvagens sempre foram e ainda continuam sendo a maior fonte de proteína utilizada na alimentação daquela gente. A caça indiscriminada e predatória tem contribuído para a extinção completa de alguns animais na região. Outros se encontram em séria ameaça de extermínio. O

desmatamento indiscriminado para a venda de estacas tem contribuído para a desertificação da região. Peter Von Gunten e eu entendemos que um trabalho sério no sentido de restabelecer o equilíbrio ecológico poderá ser, muito em breve, um dos maiores incentivadores a que a comunidade de São Gonçalo permaneça na sua terra. (KESTERING, 1995, p. 23-24). A caça predatória está pondo em risco o equilíbrio do sistema ambiental (...). Durante nosso trabalho de pesquisa, fomos testemunha de matança de cobra cascavel em acasalamento. Havia delas com aproximadamente 1,5 m. Em várias gretas, encontramos fezes antigas de tamanduá. Não encontramos fezes recentes, o que nos leva a crer que sua população também está sendo dizimada. Em um passado, relativamente recente, habitavam também no Boqueirão do Riacho São Gonçalo, o caititu queixada, o tamanduá bandeira, a onça pintada, a onça do lombo preto, o lobo guará e a suçuarana. A ema, antes muito abundante, não mais existe nas imediações do Boqueirão. (KESTERING, 2001, p. 68).

3 PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO TATAUÍ

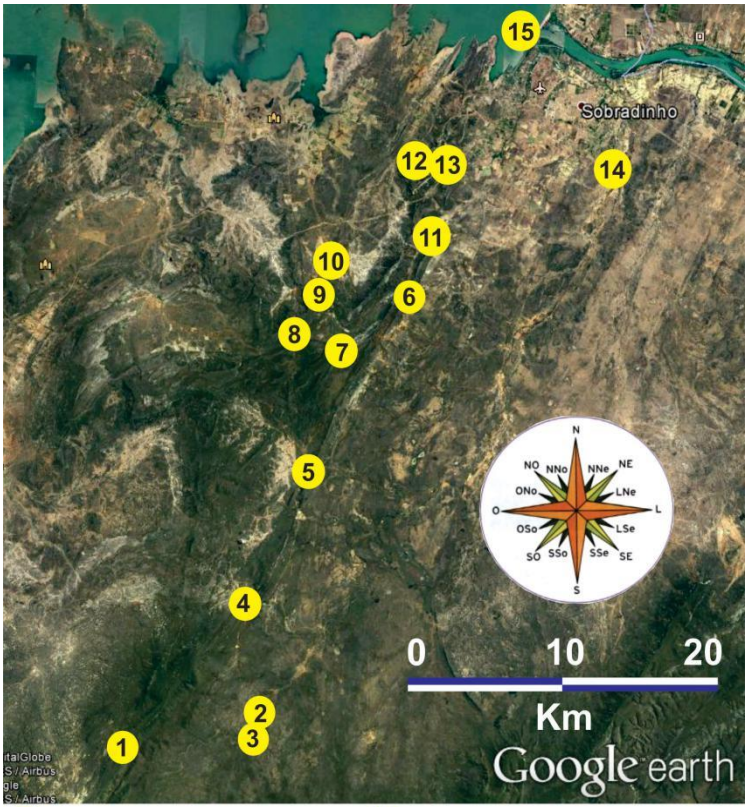
Em 15 feições de relevo de Sobradinho identificaram-se pinturas e gravuras rupestres, almofarizes (em matacão e rocha) e outros artefatos de indústria lítica, fragmentos de cerâmica e de louça. (Tab. 1; Fig. 14).

Tabela 1 – Feições de relevo com artefatos arqueológicos

Nº	Feição de Relevo	Artefatos
01	Boqueirão da Serra da Caixa	Pinturas e gravuras rupestres, almofarizes em rocha e fragmentos de cerâmica.
02	Terraço de São João	Fragmentos de cerâmica e louça.
03	Serrote de São João	Pinturas rupestres, almofarizes em rocha, outros artefatos líticos e fragmentos de cerâmica.
04	Boqueirão do Riacho do Bonsucesso	Pinturas rupestres e almofarizes em rocha.
05	Boqueirão do Riacho das Traíras	Pinturas rupestres e almofarizes (em rocha e matacão).
06	Boqueirão da Pedra Branca	Pinturas rupestres.
07	Boqueirão da Lajinha	Pinturas rupestres.
08	Boqueirão da Serra do Saco do Morcego	Pinturas rupestres.
09	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	Pinturas rupestres, almofarizes em matacão e outros artefatos líticos, fragmentos de cerâmica e de louça.
10	Terraço do Riacho das Porteiras	Almofariz em matacão e outros artefatos líticos.
11	Grota da Serra Baixa	Pinturas e gravuras rupestres, almofarizes em matacão e outros artefatos líticos.
12	Grota da Serra do Olho d'Água	Pinturas rupestres e almofariz em matacão.
13	Grota do Tatauí	Pinturas rupestres.
14	Aluvião da Lagoa Grande	Artefatos líticos, fragmentos de cerâmica e de louça.
15	Aluvião da Juacema	Fragmentos de cerâmica.

Fonte: Acervo do autor (2019)

Figura 14 – Feições de relevo com artefatos arqueológicos



Fonte: Kestering (2019b, p. 209), adaptado pelo autor deste

3.1 Boqueirão da Serra da Caixa

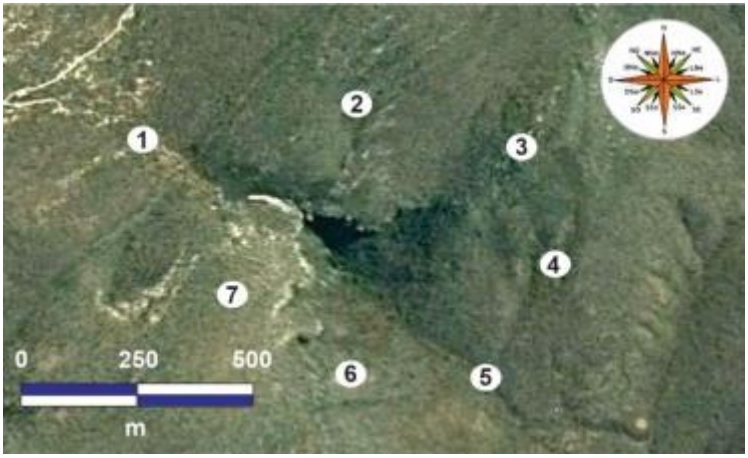
O Boqueirão da Serra da Caixa (código 008) é um cânion resultante da dissecação fluvial promovida por um afluente do Riacho de São Pedro no maciço de conglomerado desorganizado metassedimentar da Chapada Diamantina, Formação Tombador. (Tab. 2; Fig. 15 a 20). Nele se identificaram quatro sítios arqueológicos.

Tabela 2 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	274976	8911482	628
2	275407	8911641	699
3	275792	8911531	750
4	275891	8911278	630
5	275725	8911010	553
6	275388	8910981	626
7	275102	8911138	731

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 15 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



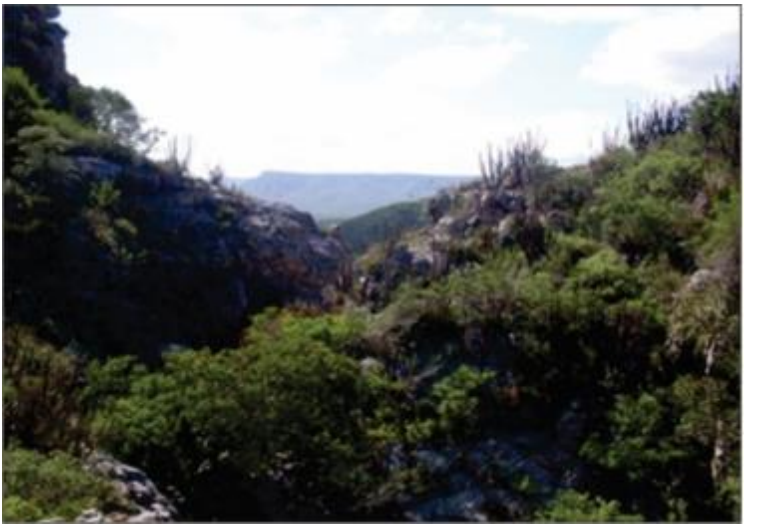
Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 16 – Lado leste do boqueirão



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 17 – Lado oeste do boqueirão



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 18 – Olho d'água



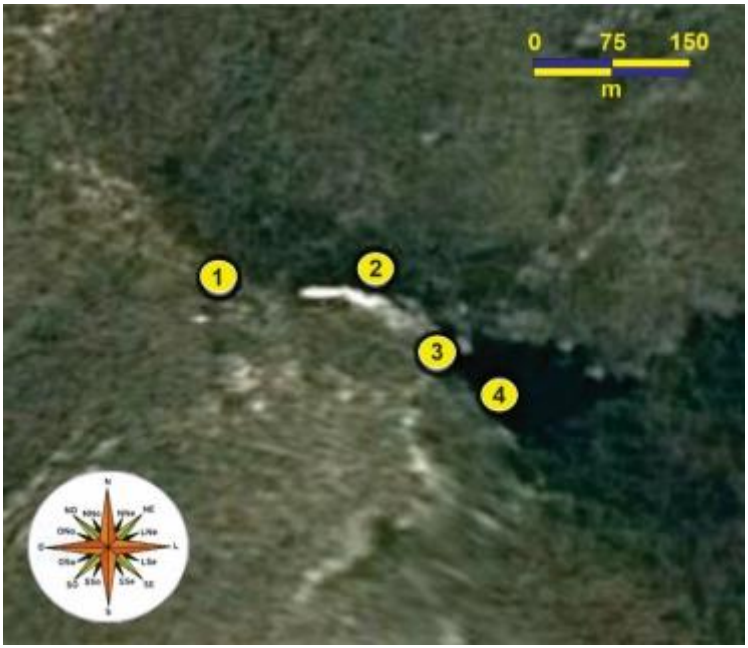
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 19 - Barragem edificada no cânion



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 20 – Distribuição espacial dos sítios



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

3.1.1 Serra da Caixa 1

O Sítio Serra da Caixa 1 (código 008.1) localiza-se à base da encosta da serra homônima, às coordenadas UTM24L 275085, UTMN 8911395 e 635 m de altitude, na margem direita do riacho que a perpassa em orientação noroeste - sudeste. Trata-se de um grande matacão de conglomerado da Chapada Diamantina, Formação Tombador. Tem orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 16 m de comprimento, 6 m de altura e 1 m de largura. Nele existem painéis de pintura e gravura rupestre. Em sua base depositaram-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 21 a 23).

Figura 21 – Serra da Caixa 1



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 22 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 23 – Gravuras reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.1.2 Serra da Caixa 2

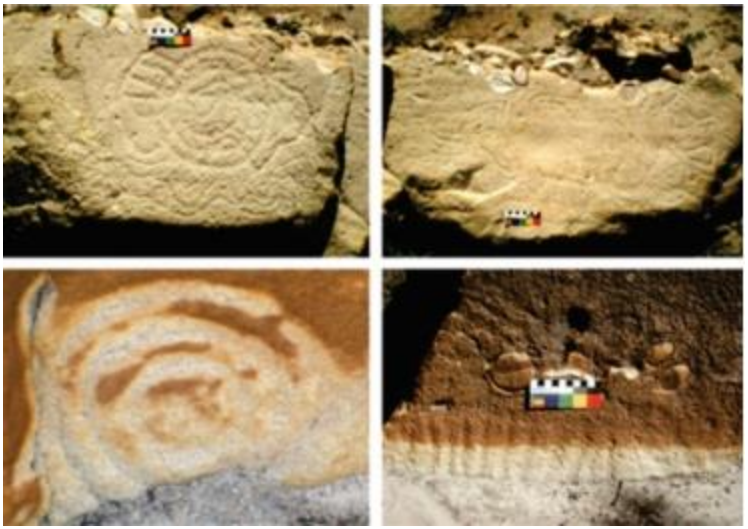
O Sítio Serra da Caixa 2 (código 008.2) localiza-se no leito do riacho, às coordenadas UTM24L 275226, UTMN 8911409 e 632 m de altitude. Trata-se de um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 200 m², onde há um matacão de conglomerado em orientação nordeste – sudoeste e abertura a zênite, com 3 m de comprimento, 0,8 m de altura e 1 m de largura, em que se preservam gravuras rupestres. (Fig. 24 e 25). Na superfície constituída de matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte (WENTWORTH, 1922, p. 384) jazem fragmentos de cerâmica. (Fig. 26).

Figura 24 – Serra da Caixa 2



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 25 – Gravuras reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 26 – Fragmentos de cerâmica histórica



Fonte: Kestering (2014, p. 53)

3.1.3 Serra da Caixa 3

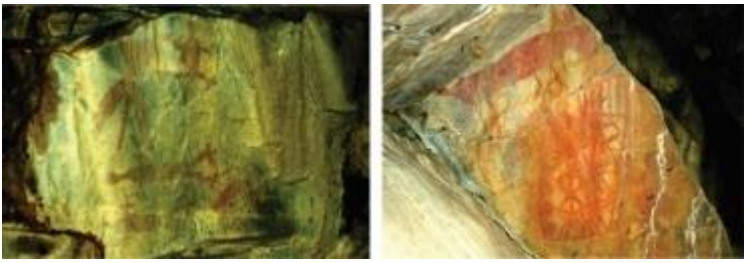
O Sítio Serra da Caixa 3 (código 008.3) localiza-se à base da encosta da serra homônima, às coordenadas UTM24L 275289, UTMN 8911332 e 629 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a sudeste. Mede 49 m de comprimento, 50 m de altura e 7 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 27 a 29).

Figura 27 – Serra da Caixa 3



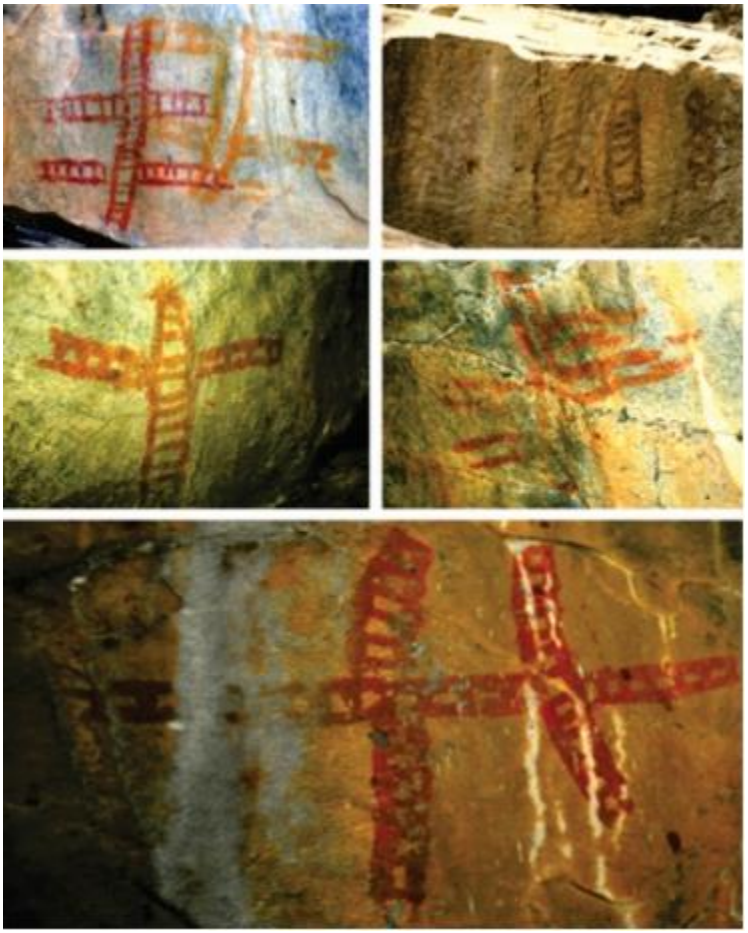
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 28 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 29 – Pinturas reconhecíveis



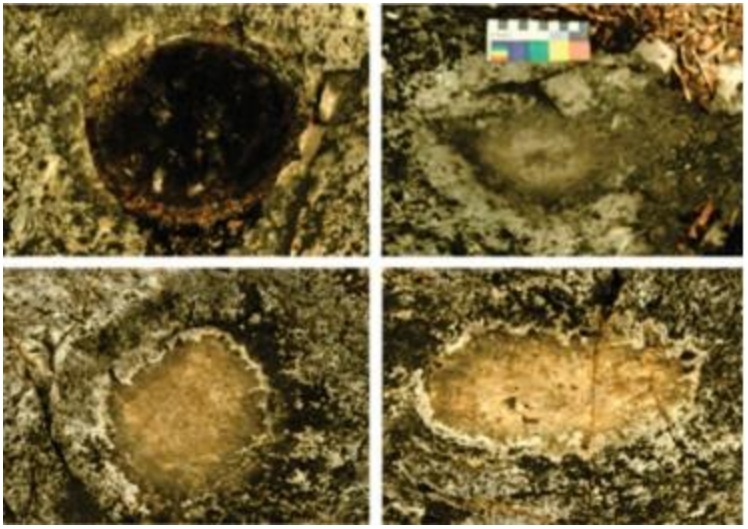
Fonte: Acervo do autor (2011)

3.1.4 Serra da Caixa 4

Serra da Caixa 4 (código 008.4) é um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 400 m². Localiza-se no leito do

riacho, às coordenadas UTM24L 275347, UTMN 8911299 e 621 m de altitude. Na superfície dele há quatro almofarizes em rocha. (Fig. 30).

Figura 30 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2010)

3.2 Terraço de São João

O Terraço de São João (código 006) é uma feição de relevo suavemente inclinada, com depósitos superficiais do Cenozoico, à margem direita do Riacho Tatauí. (Tab. 3; Fig. 31). Nele se identificou um sítio arqueológico com artefatos coloniais e pré-coloniais na superfície do terreno. (Fig. 32).

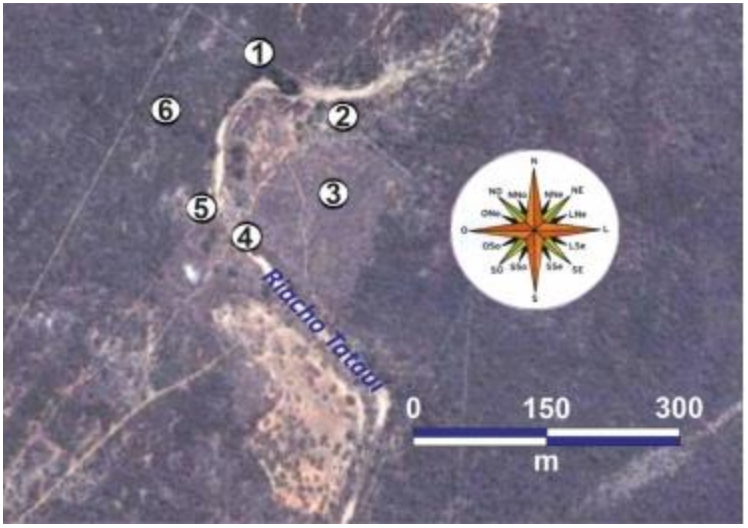
Tabela 3 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	283763	8913670	467
2	283868	8913595	463

3	283856	8913498	465
4	283751	8913440	465
5	283696	8913472	466
6	283648	8913590	471

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 31 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

Figura 32 – Terraço de São João

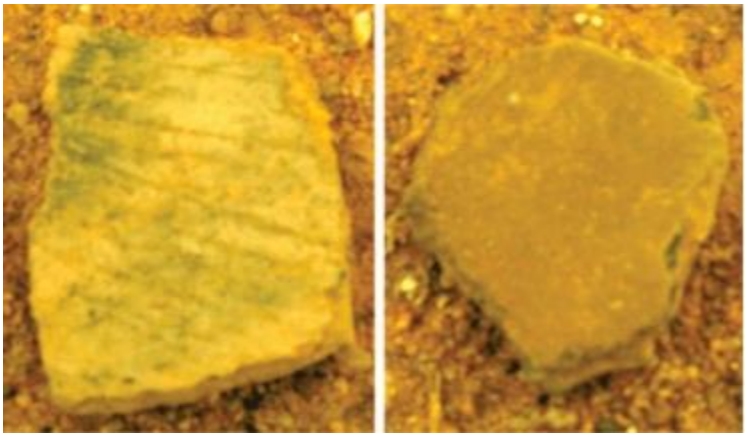


Fonte: Kestering (2014, p. 44)

3.2.1 Terraço 1

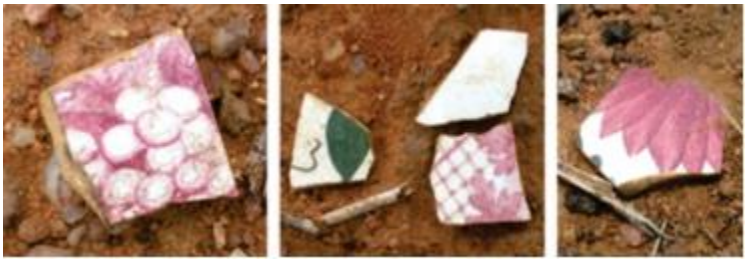
Terraço 1 (código 006.1) é um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 2.500 m². Localiza-se na margem direita do Riacho Tatauí, às coordenadas UTM24L 283779, UTMN 8913559 e 465 m de altitude. Na superfície dele se encontraram fragmentos de osso, cerâmica pré-colonial escovada e louça de que se fez registro fotográfico, mas não se coletou. (Fig. 33 e 34).

Figura 33 – Fragmento de cerâmica na superfície do terreno



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 34 – Fragmentos de osso e louça na superfície do terreno



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.3 Serrote de São João

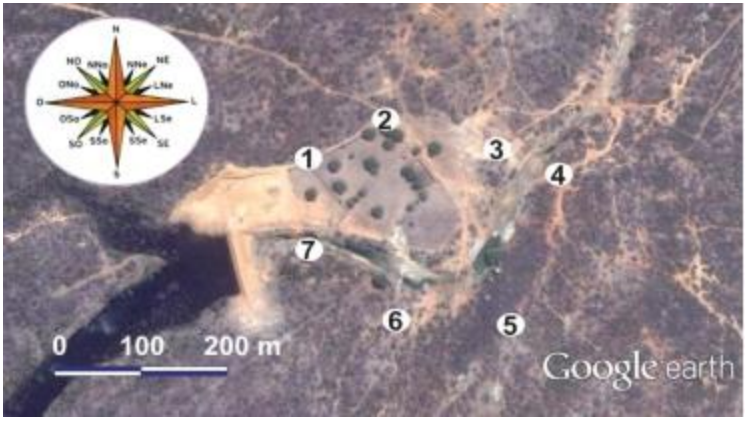
O Serrote de São João (código 007) é um afloramento Granitoide Sintectônico Sobradinho-Remanso formado no Paleoproterozoico, entre 2,6 e 3,2 bilhões de anos. Ele é circundado por coberturas superficiais cenozoicas constituídas de matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Tab. 4; Fig. 35 e 36). Nele e em seu entorno identificaram-se cinco sítios arqueológicos. (Fig. 37).

Tabela 4 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	283209	8912345	472
2	283308	8912404	472
3	283443	8912373	470
4	283515	8912347	468
5	283440	8912161	473
6	283310	8912160	471
7	283210	8912236	470

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 35 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 36 – Vista parcial do Serrote



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 37 – Distribuição espacial dos sítios



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

3.3.1 São João 1

O Sítio São João 1 (código 007.1) localiza-se no topo do serrote, às coordenadas UTM24L 283436, UTMN 8912231 e 480 m de altitude. Trata-se de um matacão de Granitoide Sintectônico Sobradinho-Remanso com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 8,6 m de comprimento, 6 m de altura e 0,5 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 38 e 39).

Figura 38 – São João 1



Fonte: Lima Filho (2013, p. 181)

Figura 39 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.3.2 São João 2

O Sítio São João 2 (código 007.2) localiza-se no topo do serrote, às coordenadas UTM24L 283432, UTMN 8912222 e 480 m de altitude. Trata-se de um matacão de Granitoide Sintectônico Sobradinho-Remanso com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 9 m de comprimento, 11 m de altura e 1 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 40 e 41).

Figura 40 – São João 2



Fonte: Lima Filho (2013, p. 182)

Figura 41 – Pinturas reconhecíveis

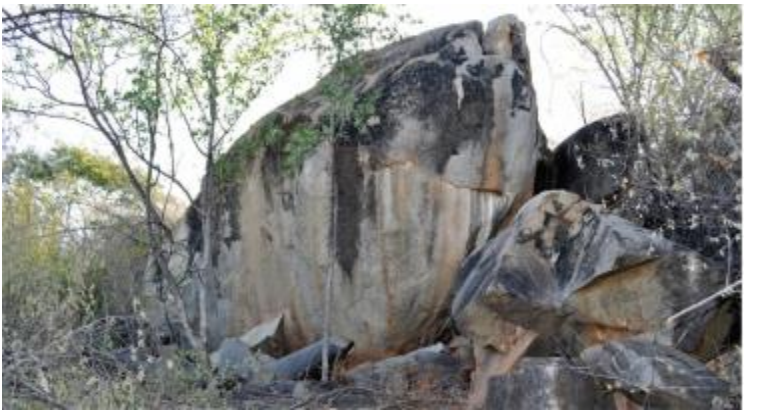


Fonte: Acervo do autor (2011)

3.3.3 São João 3

O Sítio São João 3 (código 007.3) localiza-se no topo do serrote, às coordenadas UTM24L 283418, UTMN 8912189 e 480 m de altitude. Trata-se de um matacão de Granitoide Sintectônico Sobradinho-Remanso com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 12 m de comprimento, 4,5 m de altura e 1 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 42 e 43).

Figura 42 – São João 3



Fonte: Lima Filho (2013, p. 183)

Figura 43 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.3.4 São João 4

São João 4 (código 007.4) é um sítio a céu aberto, com afloramentos de Granitoide Sintectônico Sobradinho-Remanso em área de 7.513,5 m², de poligonal cujos lados medem: 70 m, 50 m e 60 m ao norte, 84 m e 67 m a sudeste, 76 m a sudoeste e 36 m a oeste. (Tab. 5; Fig. 44). Na superfície dele se encontraram almofarizes em rocha de que se fez registro fotográfico. (Fig. 45 a 55).

Tabela 5 – Vértices do sítio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	283294	8912251	469
2	283364	8912242	470
3	283395	8912284	469
4	283456	8912285	470
5	283414	8912212	472
6	283355	8912182	471
7	283288	8912217	470

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 44 – Vértices do sítio



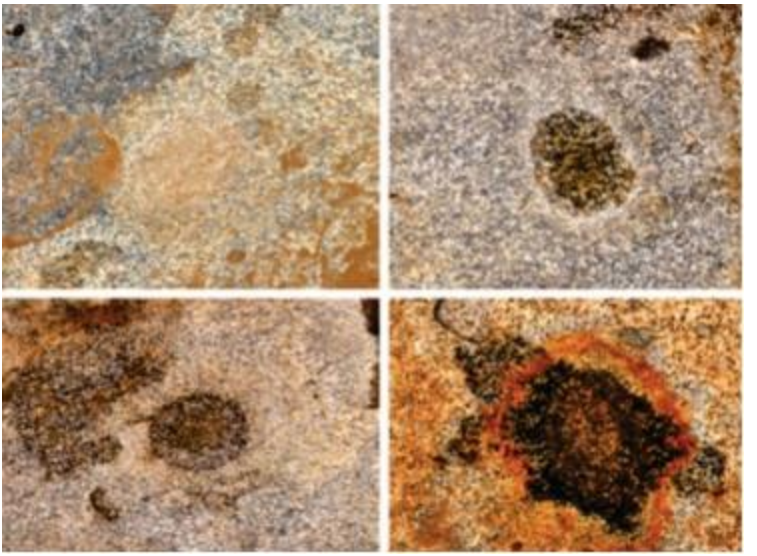
Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 45 – Afloramento do maciço com almofarizes



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 46 – Almofarizes em rocha



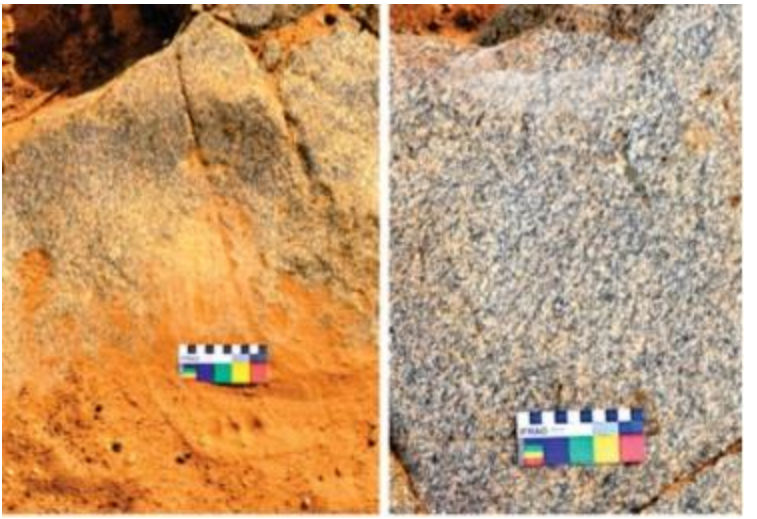
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 47 – Afloramento do maciço com almofarizes



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 48 – Almofarizes em rocha



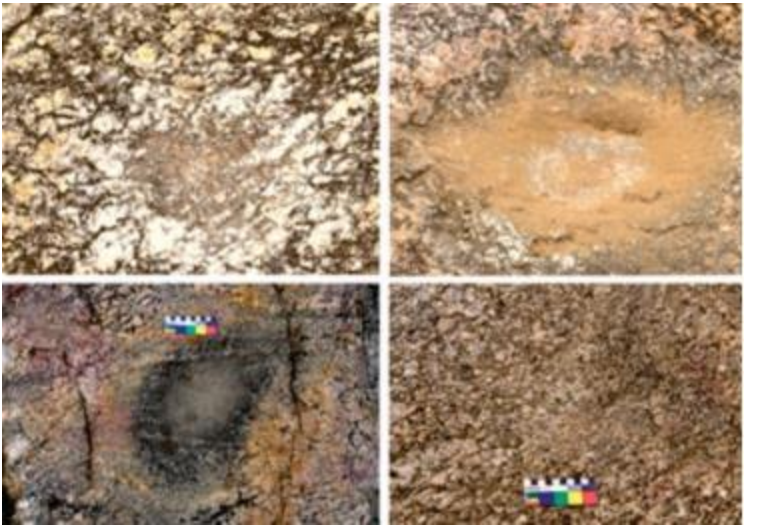
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 49 – Afloramento do maciço com almofarizes



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 50 – Almofarizes em rocha



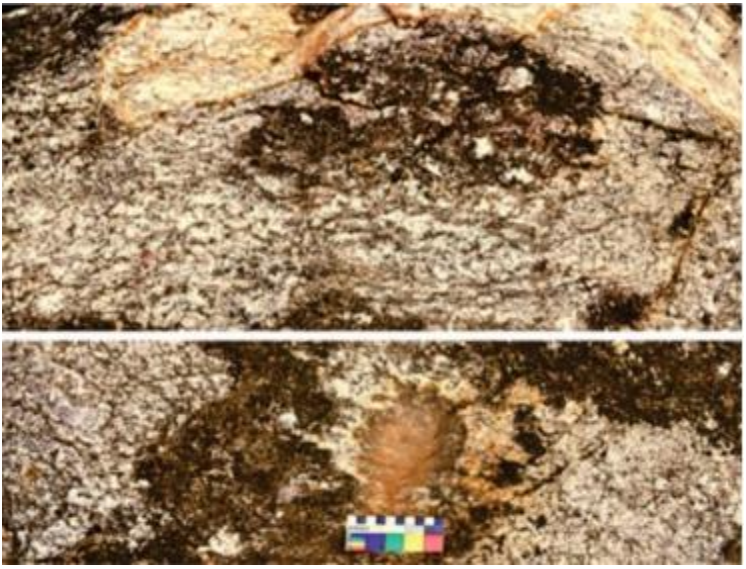
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 51 – Afloramento do maciço com almofarizes



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 52 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 53 – Afloramento do maciço com almofarizes



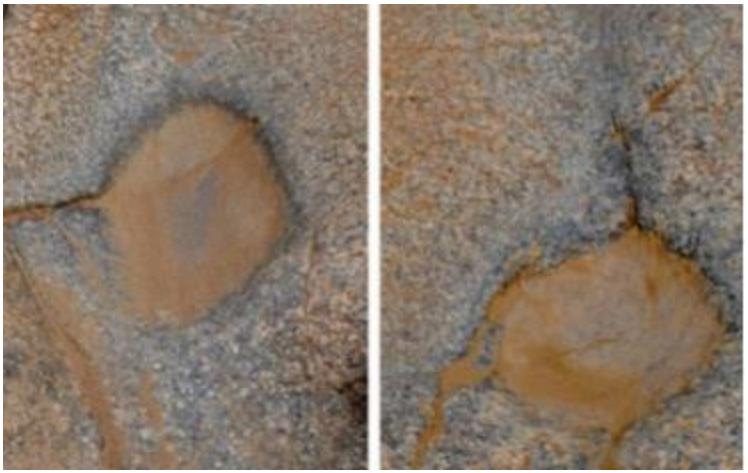
Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 54 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 55 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.3.5 São João 5

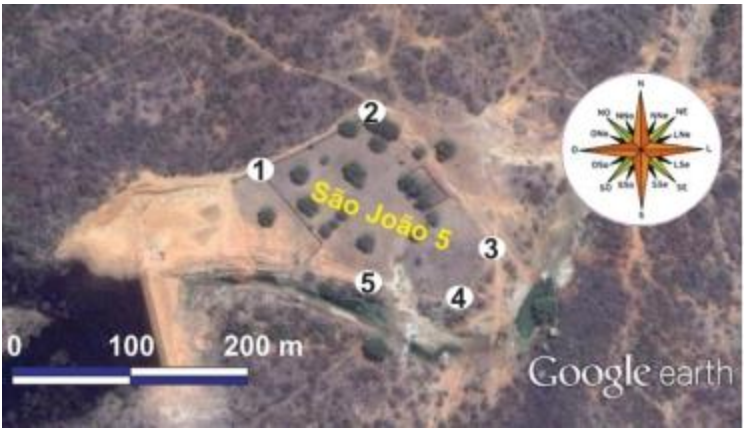
São João 5 (código 007.5) é um sítio a céu aberto, com área de 18.351 m². Insere-se em poligonal cujos lados medem: 145 m a noroeste, 143 m a nordeste, 53 m a sudeste, 70 m a sul e 120 m a sudoeste. (Tab. 6; Fig. 56 e 57). Na superfície dele se encontraram artefatos líticos e fragmentos de cerâmica. (Fig. 58 e 59).

Tabela 6 – Vértices do sítio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	283209	8912345	472
2	283308	8912404	472
3	283395	8912284	469
4	283364	8912242	470
5	283289	8912251	469

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 56 – Vértices do sítio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 57 – Vista parcial do sítio



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 58 – Artefato lítico na superfície do terreno



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 59 – Fragmentos de cerâmica na superfície do terreno



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4 Boqueirão do Riacho do Bonsucesso

O Boqueirão do Riacho do Bonsucesso (código 005) é um cânion resultante da dissecação fluvial promovida pelo riacho homônimo, afluente intermitente do Riacho Tatauí, em quartzito do maciço metavulcanossedimentar do *Greenstone Belt* do Rio Salitre, Unidade Sobradinho. (Tab. 7; Fig. 60 a 64). Nele se identificaram nove sítios arqueológicos. (Fig. 65).

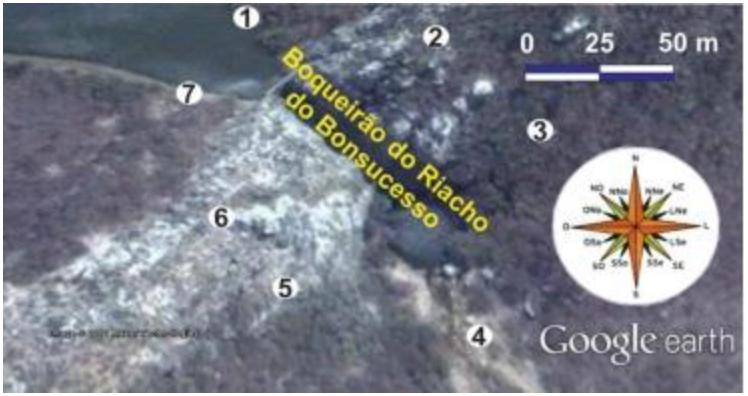
Tabela 7 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	282341	8920407	505
2	282411	8920386	517
3	282444	8920347	508
4	282403	8920267	493
5	282348	8920277	505

6	282328	8920303	508
7	282317	8920363	505

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 60 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 61 – Lado leste do boqueirão



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 62 – Lado oeste do boqueirão



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 63 – Vista aproximada do lado leste do boqueirão



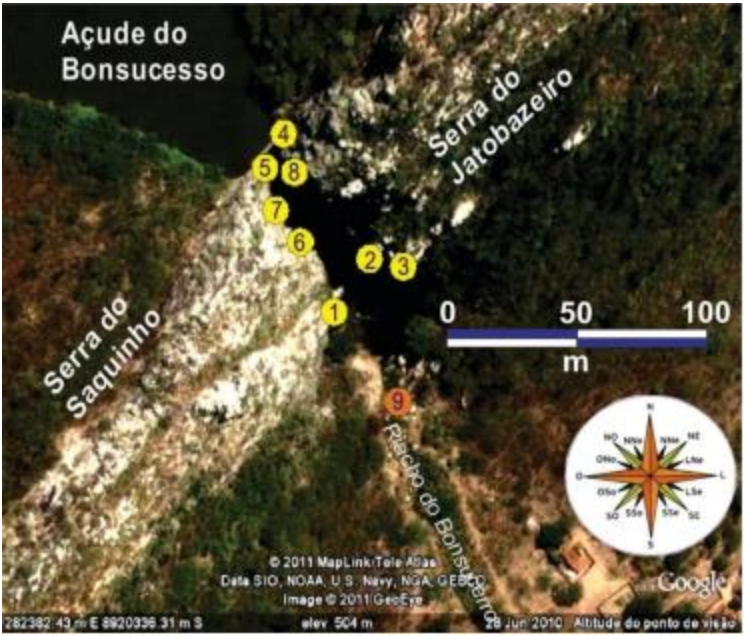
Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 64 – Vista aproximada do lado oeste do boqueirão



Fonte: Acervo do autor (2014)

Figura 65 – Distribuição espacial dos sítios arqueológicos



Fonte: Duarte (2011, p. 28), adaptado pelo autor

3.4.1 Bonsucesso 1

O Sítio Bonsucesso 1 (código 005.1) localiza-se na base da encosta da Serra do Saquinho, às coordenadas UTM24L 282379, UTMN 8920313 e 502 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a sudeste. Mede 37 m de comprimento, 8 m de altura e 7 m de largura. Nela se preservam vários painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 66 a 71).

Figura 66 – Bonsucesso 1



Fonte: Lima Filho (2013, p. 172)

Figura 67 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 68 – Pintura conhecível



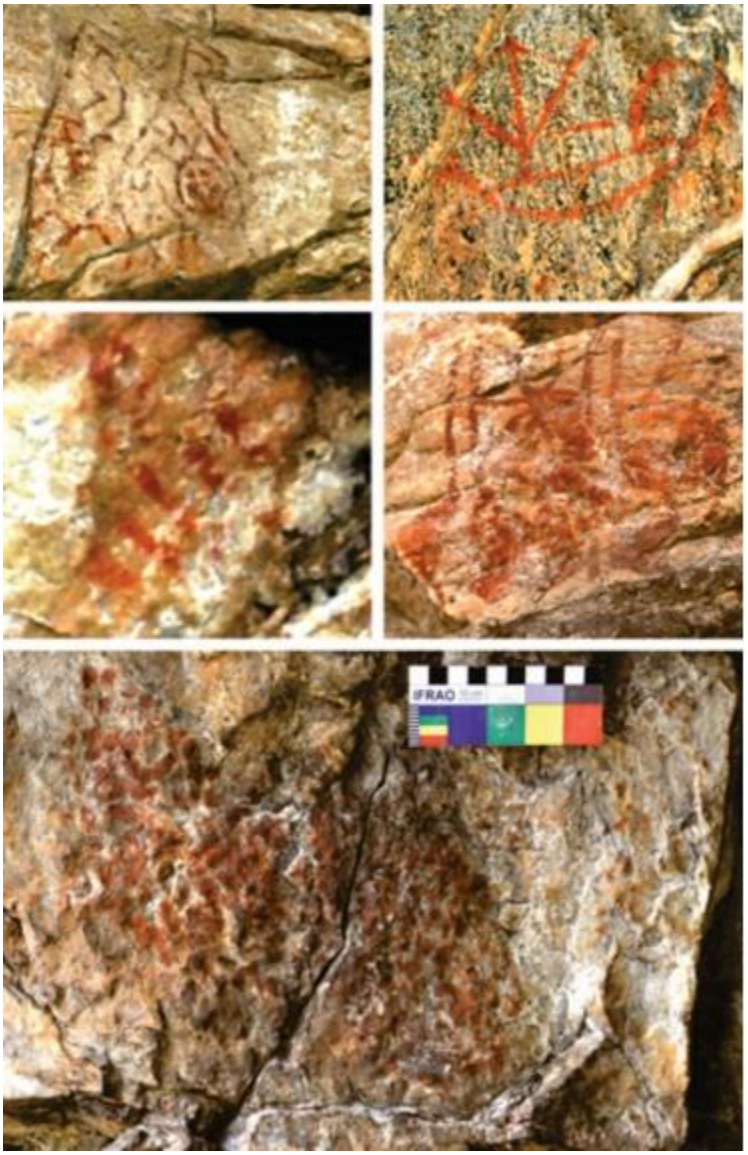
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 69 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 70 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 71 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.2 Bonsucesso 2

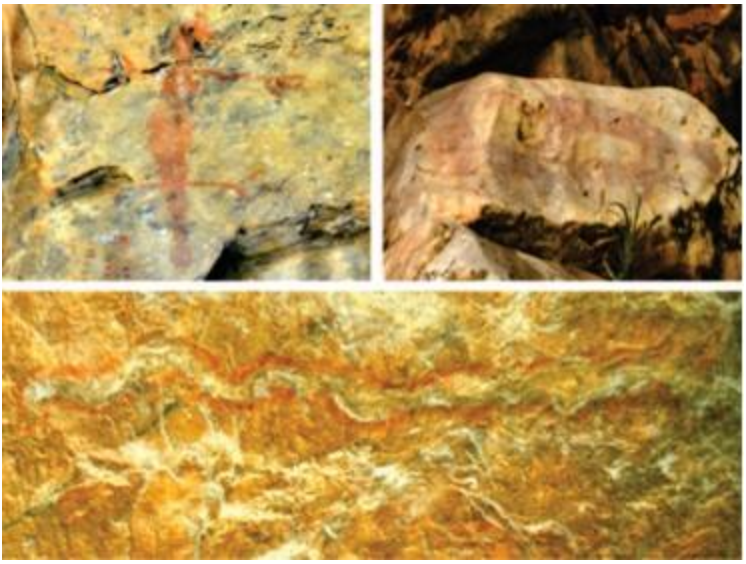
O Sítio Bonsucesso 2 (código 005.2) localiza-se na base da encosta da Serra do Jatobazeiro, às coordenadas UTM24L 282381, UTMN 8920335 e 504 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a sul. Mede 8,5 m de comprimento, 4,7 m de altura e 3,5 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 72 a 74).

Figura 72 – Bonsucesso 2



Fonte: Lima Filho (2013, p. 173)

Figura 73 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 74 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.3 Bonsucesso 3

O Sítio Bonsucesso 3 (código 005.3) localiza-se a meia encosta da Serra do Jatobazeiro, às coordenadas UTM24L 282397,

UTMN 8920336 e 504 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha, com orientação leste – oeste e abertura a sul. Mede 10 m de comprimento, 8 m de altura e 4 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 75 a 77).

Figura 75 – Bonsucesso 3



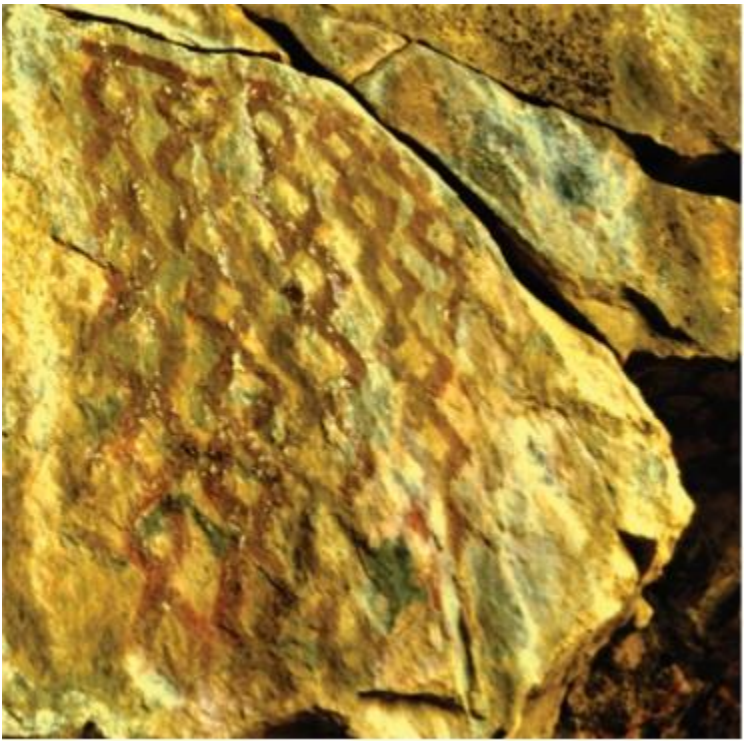
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 76 – Vista aproximada do sítio



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 77 – Pintura reconhecível

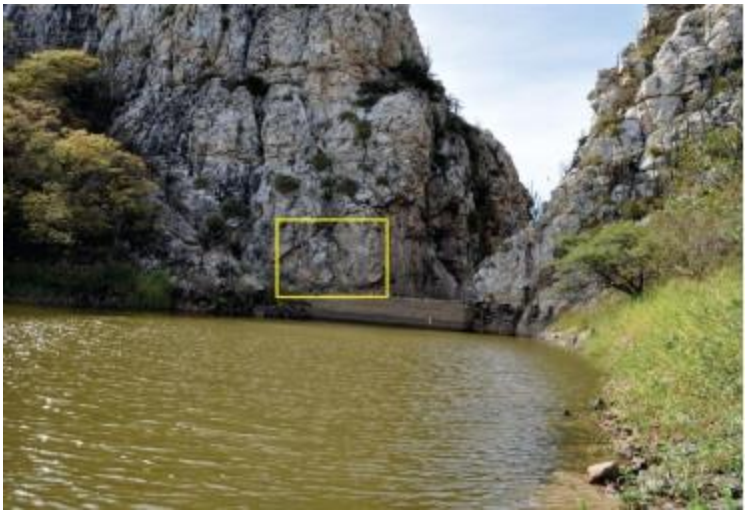


Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.4 Bonsucesso 4

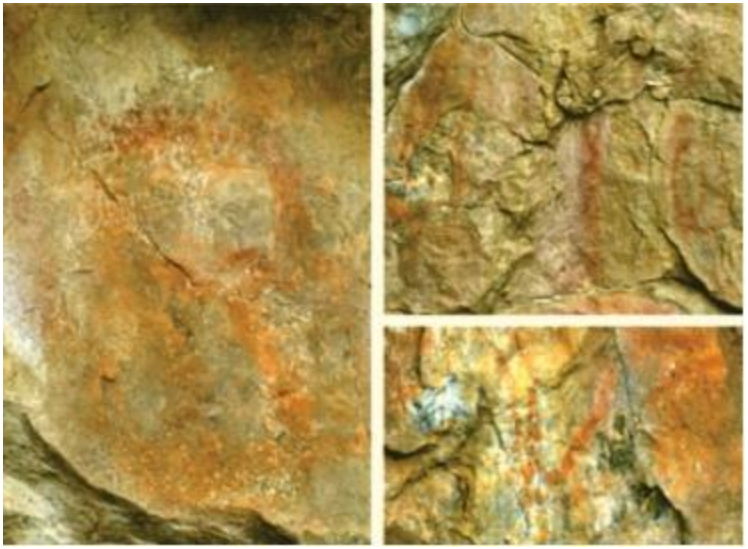
O Sítio Bonsucesso 4 (código 005.4) localiza-se na base da encosta da Serra do Jatobazeiro, às coordenadas UTM24L 282356, UTMN 8920377 e 510 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a sudoeste. Mede 10 m de comprimento, 6 m de altura e 0,5 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 78 e 79).

Figura 78 – Bonsucesso 4



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 79 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.5 Bonsucesso 5

O Sítio Bonsucesso 5 (código 005.5) localiza-se na base da encosta da Serra do Saquinho, às coordenadas UTM24L 282349, UTMN 8920366 e 509 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 8 m de comprimento, 10 m de altura e 1 m de largura. Nela se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 80 e 81).

Figura 80 – Bonsucesso 5



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 81 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.6 Bonsucesso 6

O Sítio Bonsucesso 6 (código 005.6) localiza-se na base da encosta da Serra do Saquinho, às coordenadas UTM24L 282360, UTMN 8920344 e 506 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha, com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 10 m de comprimento, 20 m de altura e 6 m de largura. Nele se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 82 a 85).

Figura 82 – Bonsucesso 6



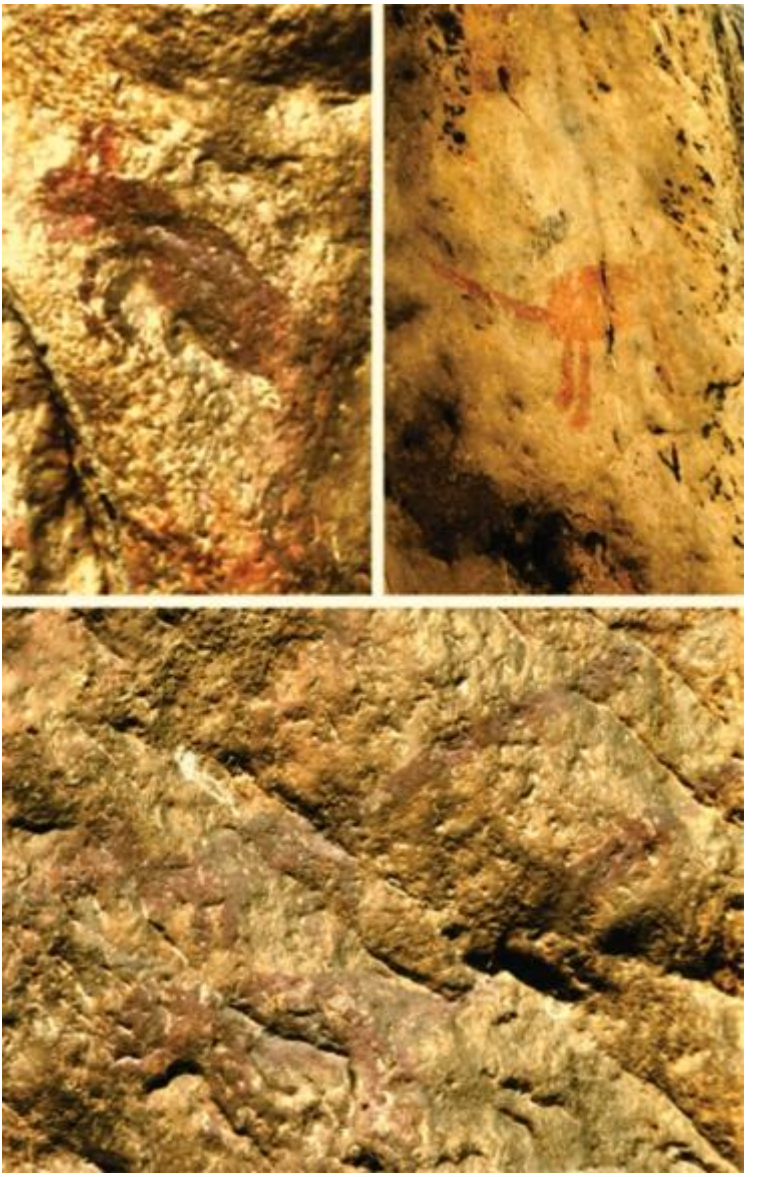
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 83 – Pintura conhecível



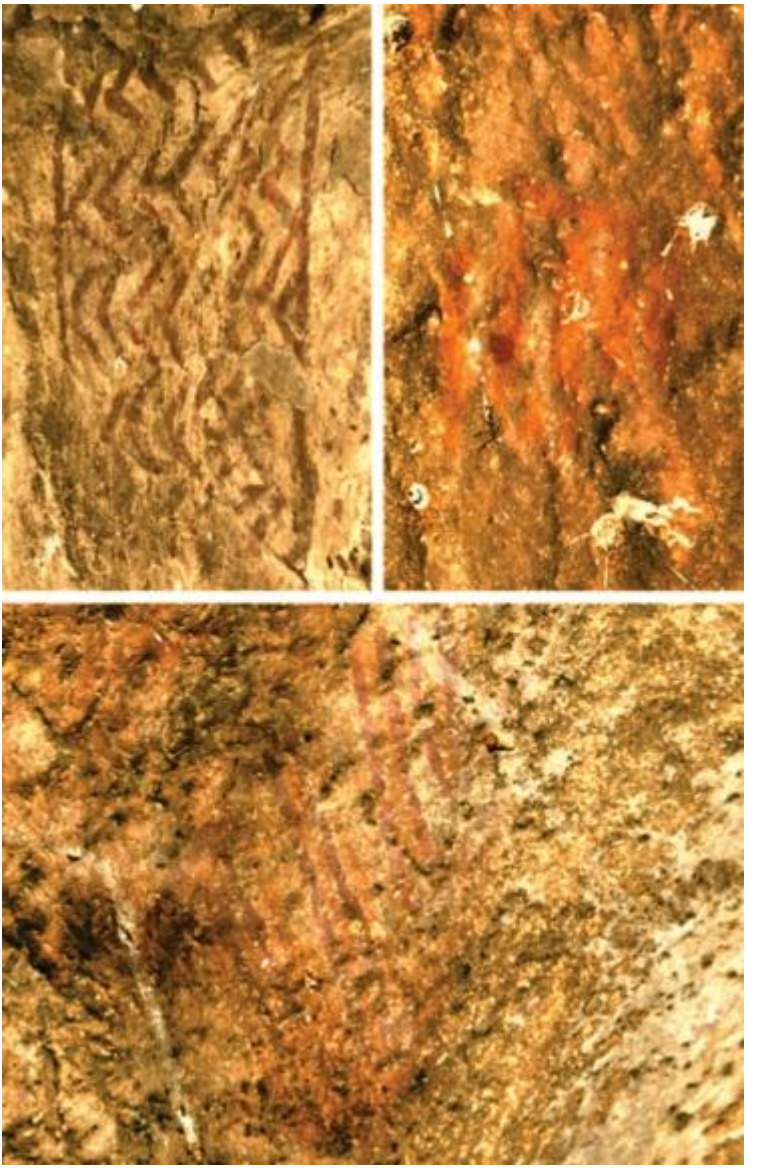
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 84 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 85 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.7 Bonsucesso 7

O Sítio Bonsucesso 7 (código 005.7) localiza-se na base da encosta da Serra do Saquinho, às coordenadas UTM24L 282353, UTMN 8920353 e 507 m de altitude. Trata-se de uma escarpa, com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 10 m de comprimento, 7 m de altura e 1 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 86 a 88).

Figura 86 – Bonsucesso 7



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 87 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 88 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.8 Bonsucesso 8

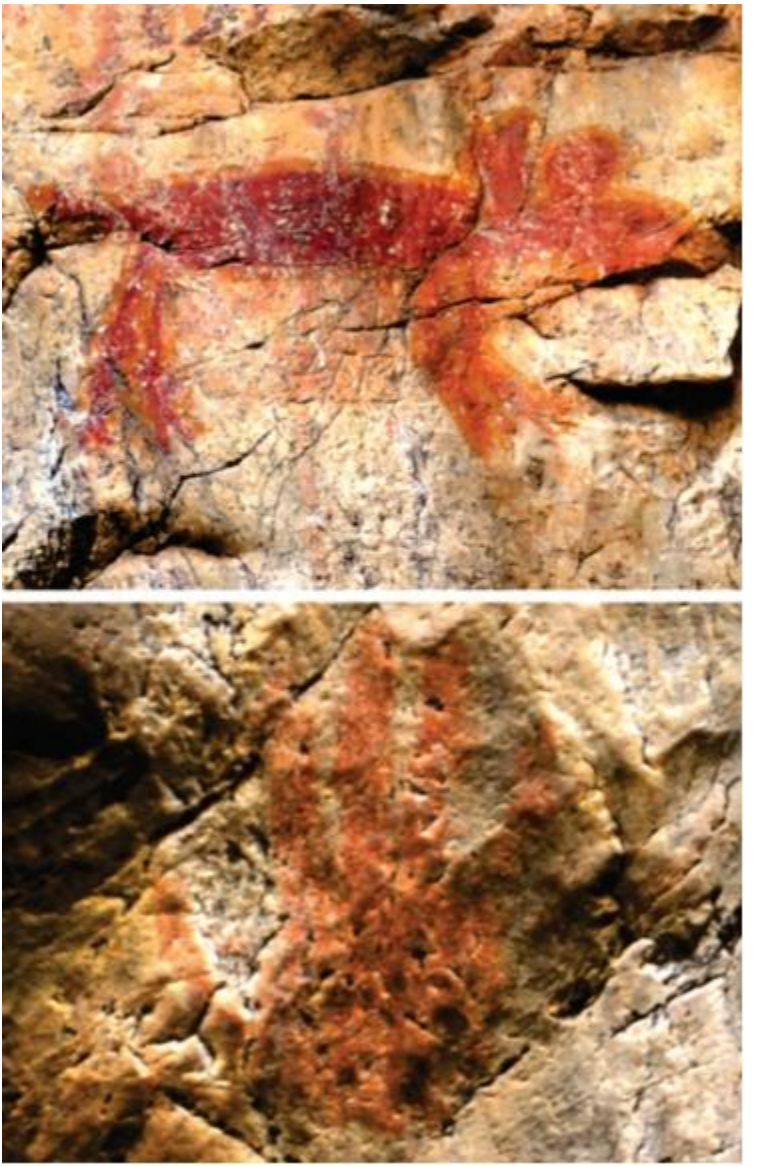
O Sítio Bonsucesso 8 (código 005.8) localiza-se na base da encosta da Serra do Jatobazeiro, às coordenadas UTM24L 282357, UTMN 8920365 e 508 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a sul. Mede 18 m de comprimento, 25 m de altura e 3 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 89 a 91).

Figura 89 – Bonsucesso 8



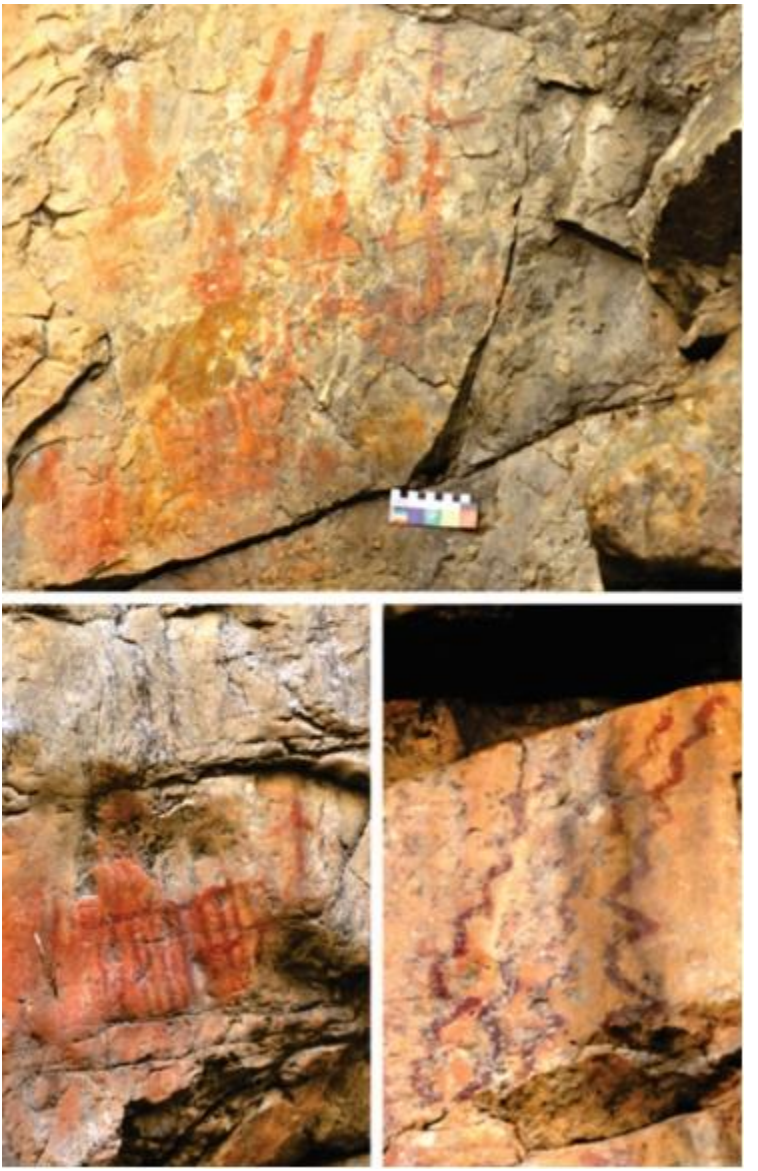
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 90 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 91 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.4.9 Bonsucesso 9

Bonsucesso 9 (código 005.9) é um sítio a céu aberto, no leito do Riacho do Bonsucesso, com área de 1.625,25 m². Insere-se em poligonal cujos lados medem: 23 m ao norte, 23 m a nordeste, 24 m a sudeste, 22 m a sudoeste, 18 m a oeste e 21 m a noroeste. (Tab. 8; Fig. 92 e 93). Na superfície dele se encontraram almofarizes em rocha de que se fez registro fotográfico. (Fig. 94 e 95).

Tabela 8 – Vértices do sítio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	282388	8920311	501
2	282411	8920309	500
3	282417	8920286	496
4	282403	8920267	493
5	282382	8920273	496
6	282378	8920292	500

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 92 – Vértices do sítio



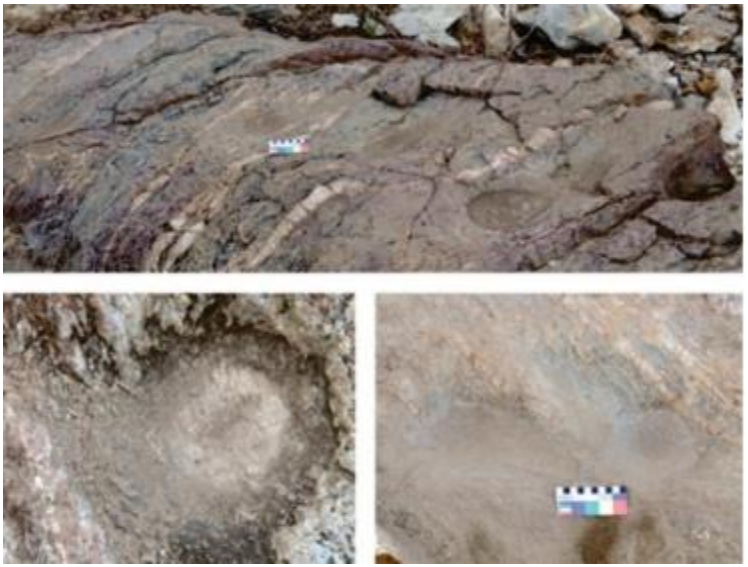
Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 93 – Bonsucesso 9



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 94 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 95 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5 Boqueirão do Riacho das Traíras

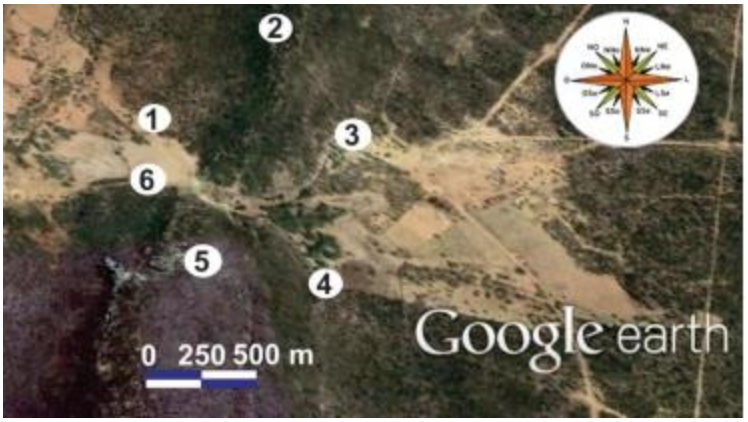
O Boqueirão do Riacho das Traíras (código 004) é um cânion de alinhamento noroeste – sudeste, resultante da dissecação fluvial promovida por um riacho homônimo, afluente intermitente do Riacho Tatauí, em veio de quartzo incrustado no maciço metavulcanossedimentar do *Greenstone Belt* do Rio Salitre, Unidade Sobradinho. (Tab. 9; Fig. 96 a 98). Nele se identificaram 13 sítios arqueológicos. (Fig. 99).

Tabela 9 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	286076	8929016	449
2	286369	8929246	542
3	286503	8929987	453
4	286358	8929584	454
5	286098	8929566	547
6	286041	8929846	453

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 96 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 97 – Boqueirão do Riacho das Traíras



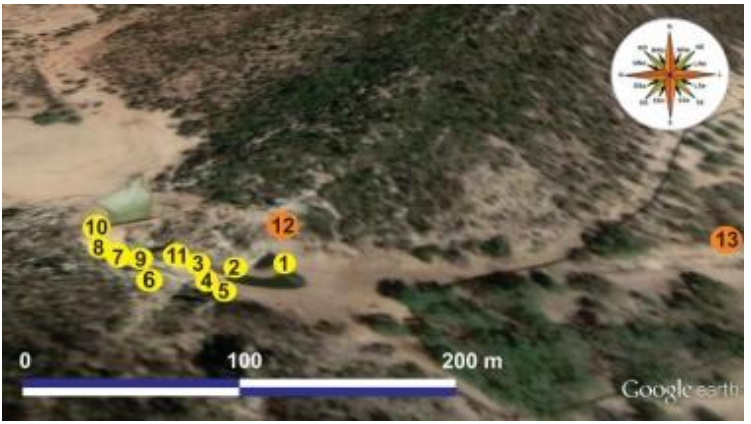
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 98 – Boqueirão do Riacho das Traíras



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 99 – Distribuição espacial dos sítios arqueológicos



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

3.5.1 Traíras 1

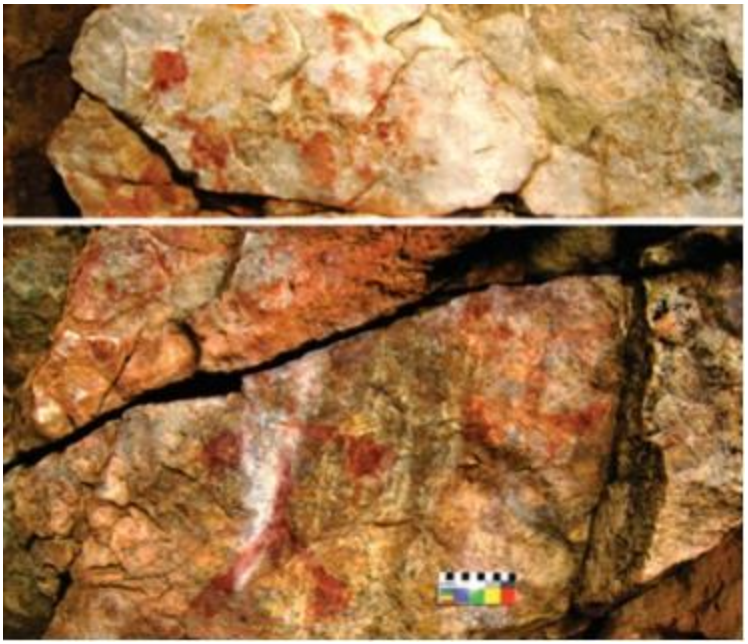
O Sítio Traíras 1, também conhecido como Escarpa do Mulungu (código 004.1) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286231, UTMN 8928791 e 457 m de altitude. É uma escarpa de orientação norte – sul e abertura a leste, com vários painéis de pintura rupestre. Mede 21 m de comprimento, 9 m de altura e 0,6 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 100 a 103).

Figura 100 – Traíras 1



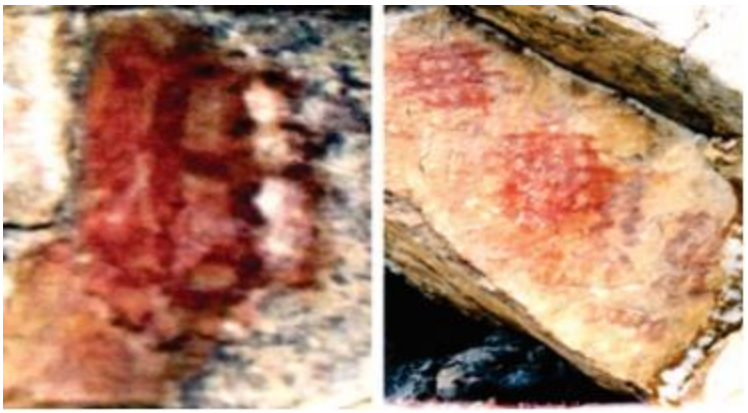
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 101 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 102 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 103 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.2 Traíras 2

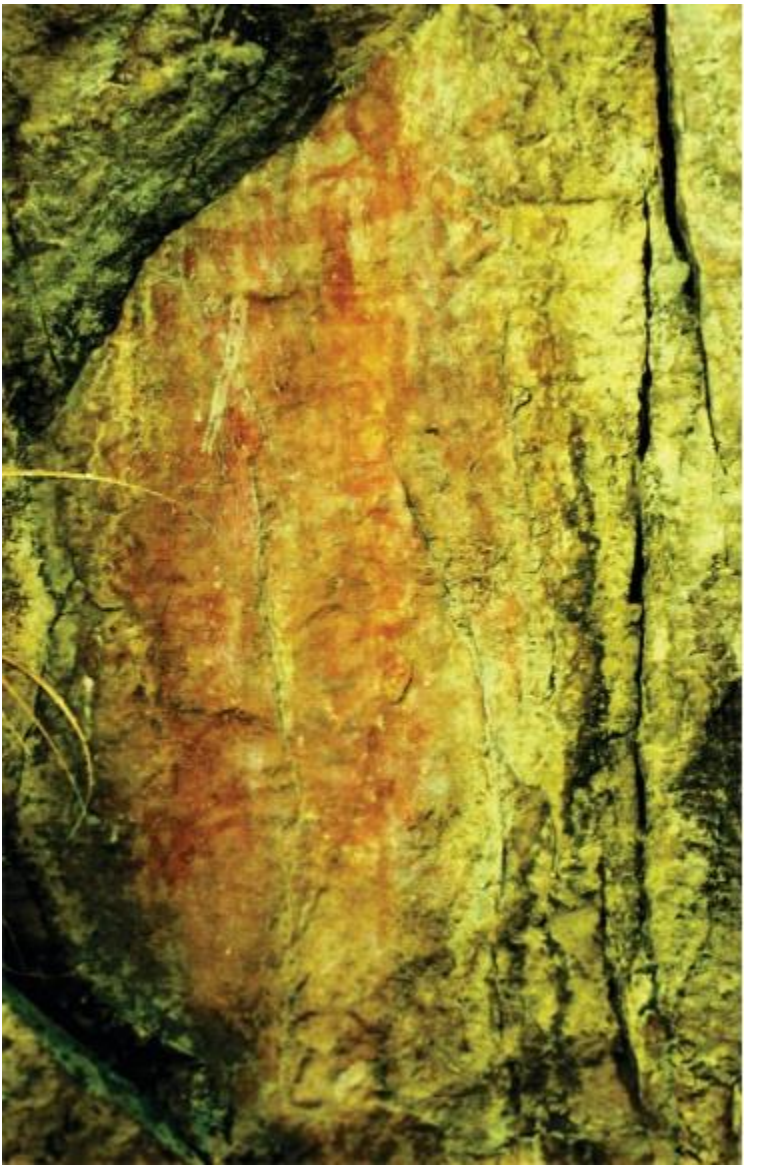
O Sítio Traíras 2, também conhecido como Tanque de Baixo (código 004.2) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286214, UTMN 8928780 e 459 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a sul em que se preservam painéis de pintura rupestre. Mede 14,3 m de comprimento, 7 m de altura e 1,8 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 104 a 106).

Figura 104 – Traíras 2



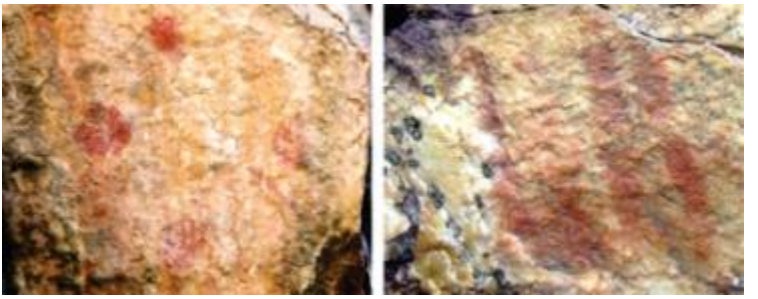
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 105 - Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 106 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.3 Traíras 3

O Sítio Traíras 3, também conhecido como Toca do Caldeirão (código 004.3) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286201, UTMN 8928778 e 462 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha, com orientação leste – oeste e abertura a sul em que se preservam painéis de pintura rupestre. Mede 17 m de comprimento, 8 m de altura e 3 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 107 e 108).

Figura 107 – Traíras 3



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 108 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.4 Traíras 4

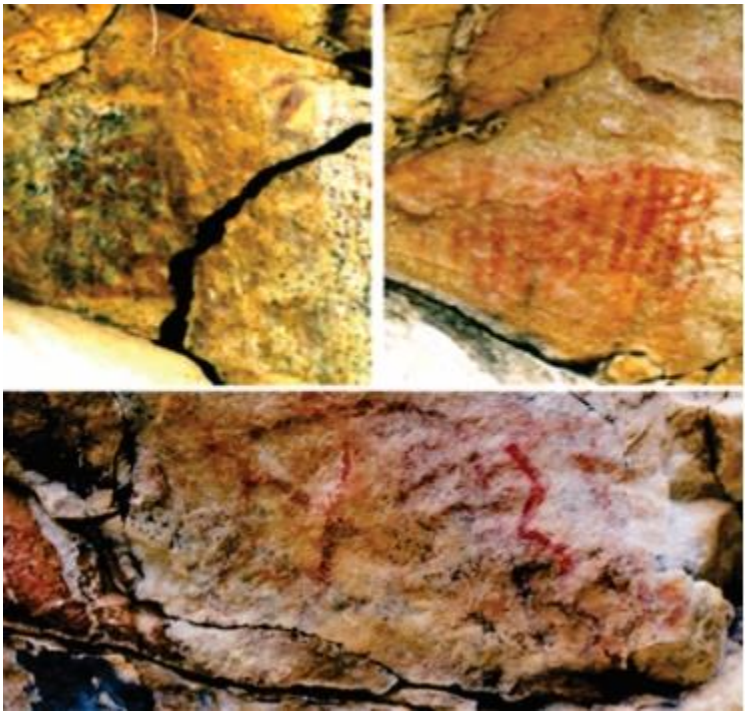
O Sítio Traíras 4, também conhecido como Toca da Lagartixa (código 004.4) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286208, UTMN 8928767 e 465 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha, com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Mede 7 m de comprimento, 3 m de altura e 1,1 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 109 e 110).

Figura 109 – Traíras 4



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 110 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.5 Traíras 5

O Sítio Traíras 5, também conhecido como Escarpa do Urubu (código 004.5) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286214, UTMN 8928759 e 467 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Mede 6,3 m de comprimento, 8,2 m de altura e 0,4 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 111 a 113).

Figura 111 – Traíras 5



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 112 – Pintura conhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 113 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.6 Traíras 6

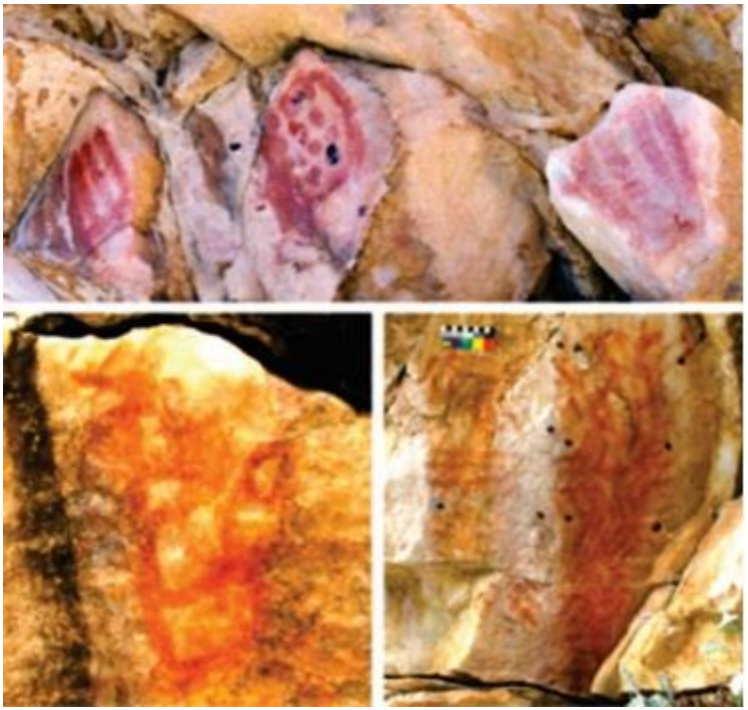
O Sítio Traíras 6, também conhecido como Toca do Casaca (código 004.6) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286188, UTMN 8928763 e 469 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha, com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Mede 17,7 m de comprimento, 12 m de altura e 3,8 m de largura. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 114 e 115).

Figura 114 – Traíras 6



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 115 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.7 Traíras 7

O Sítio Traíras 7, também conhecido como Escarpa do Meio (código 004.7) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286173, UTMN 8928773 e 467 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 8,8 m de comprimento, 7 m de altura e 0,3 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 116 a 118).

Figura 116 – Traíras 7



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 117 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 118 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.8 Traíras 8

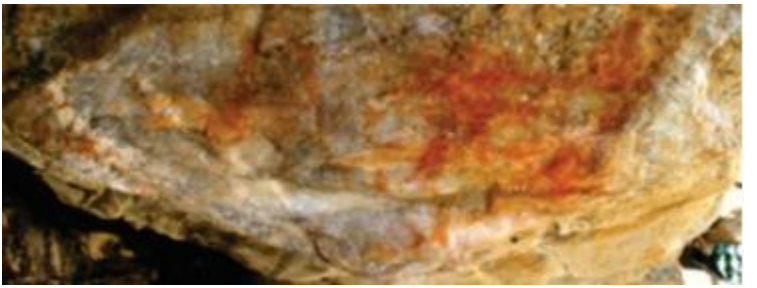
O Sítio Traíras 8, também conhecido como Escarpa do Tanque (código 004.8) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286162, UTMN 8928783 e 464 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 8,8 m de comprimento, 8 m de altura e 2 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 119 e 120).

Figura 119 – Traíras 8



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 120 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.9 Traíras 9

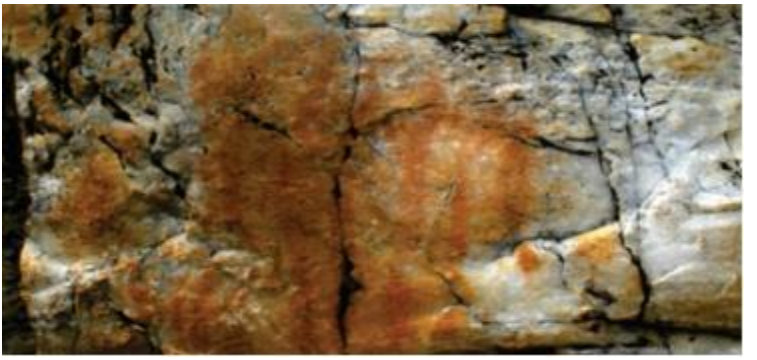
O Sítio Traíras 9, também conhecido como Escarpa da Base (código 004.9) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286181, UTMN 8928774 e 466 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 4,2 m de comprimento, 1,3 m de altura e 0,5 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 121 e 122).

Figura 121 – Traíras 9



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 122 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.10 Traíras 10

O Sítio Traíras 10, também conhecido como Escarpa do Catavento (código 004.10) localiza-se à base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286150, UTMN 8928801 e 462 m de altitude. É uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 14,5 m de comprimento, 10 m de altura e 3 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 123 a 125).

Figura 123 – Traíras 10



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 124 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 125 - Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.11 Traíras 11

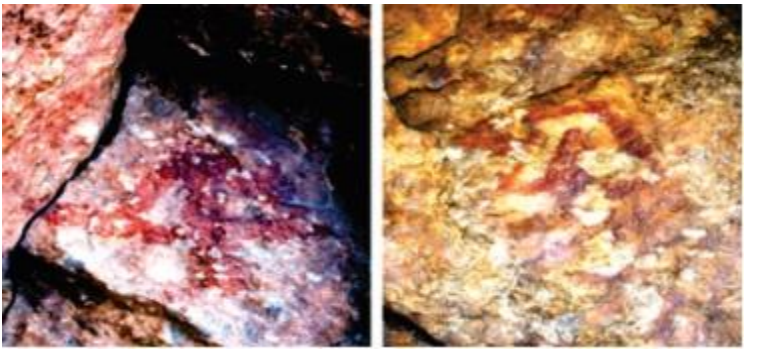
O Sítio Traíras 11, também conhecido como Escarpa da Coroa de Frade (código 004.11) localiza-se na base da encosta da Serra das Traíras, às coordenadas UTM24L 286190, UTMN 8928783 e 464 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a sudoeste. Mede 12 m de comprimento, 4,5 m de altura e 4,2 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 126 a 128).

Figura 126 – Traíras 11



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 128 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 128 – Pintura reconhecível

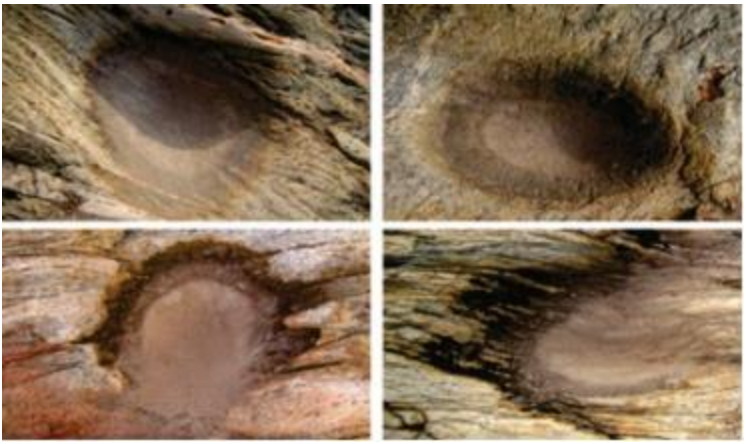


Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.12 Traíras 12

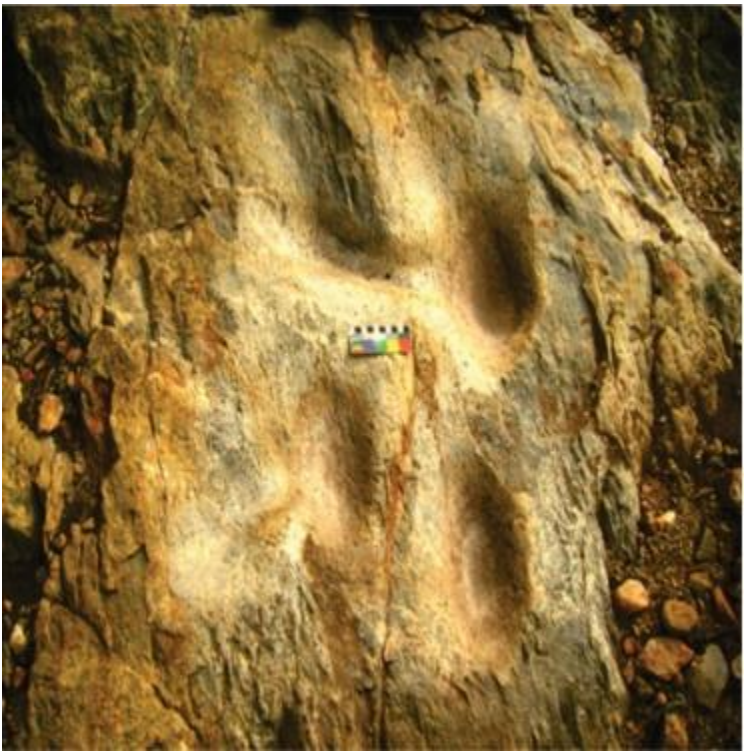
Traíras 12 (código 004.12) é um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 200 m². Localiza-se na encosta norte do riacho, às coordenadas UTM24L 275347, UTMN 8911299 e 621 m de altitude. Na superfície dele há oito almofarizes em rocha. (Fig. 129 e 130).

Figura 129 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 130 – Almofarizes em rocha



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.5.13 Traíras 13

Traíras 13 (código 004.13) é um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 300 m². Localiza-se na margem norte do riacho, às coordenadas UTM24L 286499, UTMN 8928943 e 447 m de altitude. Na superfície dele se encontrou um fragmento de almofariz em matacão que se coletou, registrou-se com etiqueta nº 002 e acondicionou-se no Laboratório de Arqueologia de Sobradinho – BA. (Fig. 131).

Figura 131 – Fragmento de almofariz que se coletou no sítio



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.6 Boqueirão da Pedra Branca

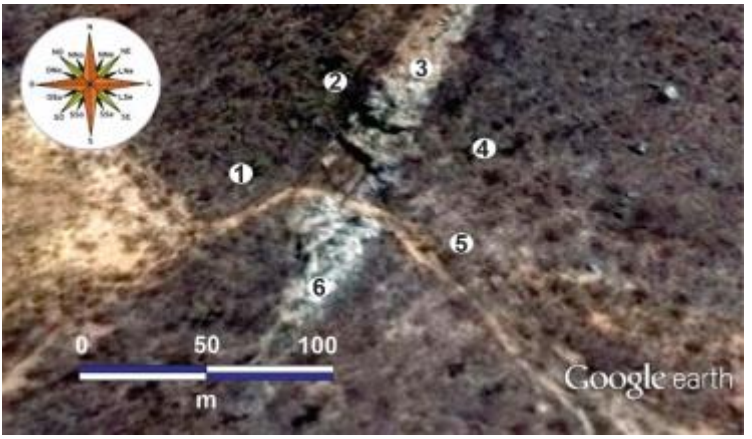
O Boqueirão da Pedra Branca (código 167) é um cânion resultante da dissecação fluvial promovida por um afluente intermitente do Riacho Tatauí no maciço do *Greenstone Belt* do Rio Salitre, Unidade Sobradinho. (Tab. 10; Fig. 132 e 133). Nele há um sítio arqueológico com pinturas rupestres.

Tabela 10 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	291807	8940066	483
2	291844	8940109	499
3	291880	8940116	501
4	291904	8940081	488
5	291889	8940036	479
6	291836	8940012	479

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 132 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

Figura 133 – Boqueirão da Pedra Branca



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.6.1 Pedra Branca 1

O Sítio Pedra Branca 1 (código 167.1) localiza-se na base da encosta da Serra do Saco da Onça, às coordenadas UTM24L

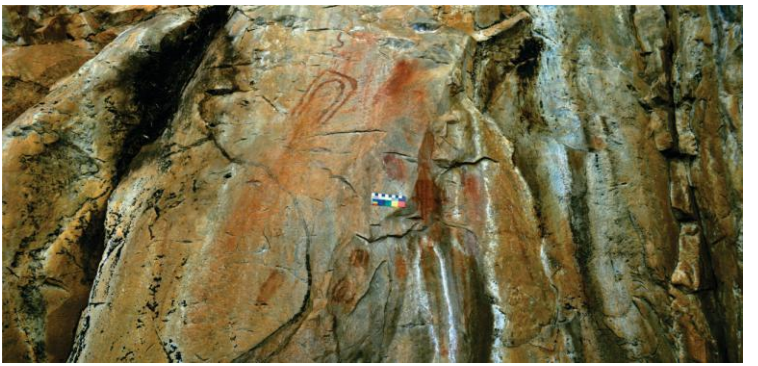
291858, UTMN 8940034 e 480 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 20 m de comprimento, 25 m de altura e 3 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 134 a 137).

Figura 134 – Pedra Branca 1



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 135 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 136 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 137 - Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.7 Boqueirão da Lajinha

O Boqueirão da Lajinha (código 016) é um pequeno cânion resultante da dissecação fluvial promovida por um afluente intermitente do Riacho São Gonçalo em maciço de quartzito da Chapada Diamantina, Formação Tombador, dividindo-o em duas serras, quais sejam: Fundo do Saco, à esquerda e Saco da Onça, à direita. (Tab. 11; Fig. 138 a 140). Nele se identificaram dois sítios arqueológicos.

Tabela 11 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	287723	8936553	520
2	288046	8936573	524
3	287893	8936198	538
4	287610	8936389	538

Fonte: Google Earth (2019)

Figura 138 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



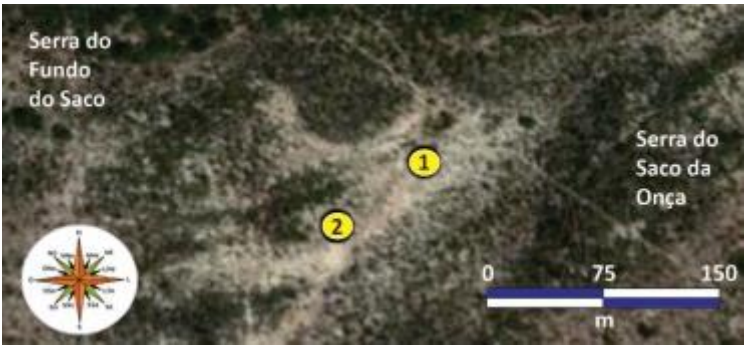
Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

Figura 139 – Boqueirão da Lajinha



Fonte: Acervo do autor (2007)

Figura 140 – Distribuição espacial dos sítios arqueológicos



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

3.7.1 Lajinha 1

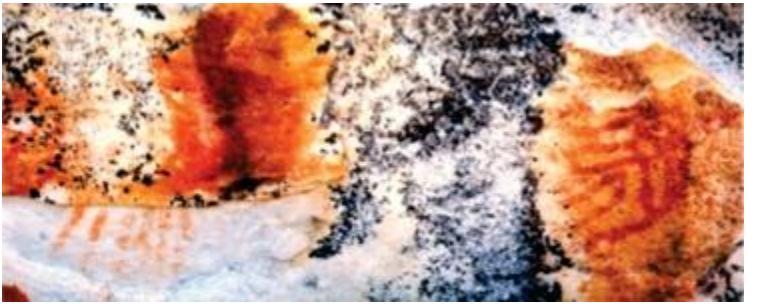
O Sítio Lajinha 1, também conhecido como Portal da Cachoeira (código 016.1) localiza-se à base da encosta da Serra do Saco da Onça, às coordenadas UTM24L 287866, UTMN 8936458, a 525 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 7,5 m de comprimento, 1,1 m de altura e 0,2 m de largura. Nela se preserva um único painel de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 141 e 142).

Figura 141 – Lajinha 1



Fonte: Acervo do autor (2007)

Figura 142 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2007)

3.7.2 Lajinha 2

O Sítio Lajinha 2, também conhecido como Talhado do Murici (código 016.2) localiza-se à base da encosta da Serra do Fundo do Saco, às coordenadas UTM24L 287811, UTMN 8936409, a 528 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a sudeste. Mede 23,6 m de comprimento, 2,3 m de altura e 1,2 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 143 a 145).

Figura 143 – Lajinha 2



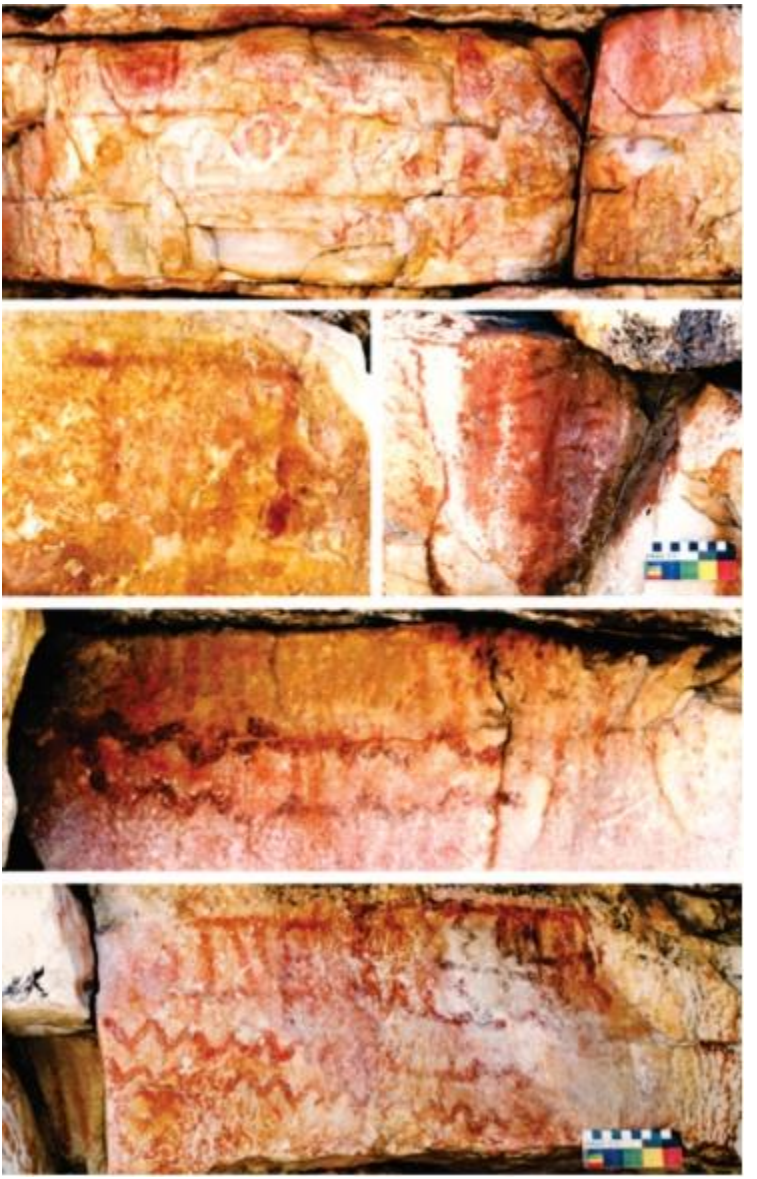
Fonte: Acervo do autor (2007)

Figura 144 – Uma pintura conhecível e duas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2007)

Figura 145 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2007)

3.8 Boqueirão da Serra do Saco do Morcego

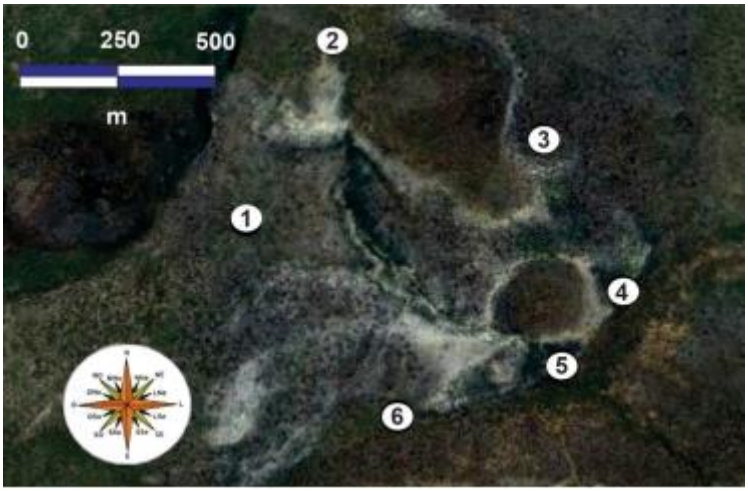
O Boqueirão da Serra do Saco do Morcego (código 015) é um cânion resultante da dissecação fluvial promovida por um afluente intermitente do Riacho São Gonçalo no maciço de quartzito da Chapada Diamantina, Formação Tombador. (Tab. 12; Fig. 146 e 147). Nele se identificou um sítio arqueológico com pinturas rupestres.

Tabela 12 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	284120	8937488	654
2	284286	8938130	649
3	284925	8937781	641
4	285140	8937389	556
5	284976	8937156	553
6	284573	8936964	574

Fonte: Google Earth (2020)

Figura 146 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 147 – Boqueirão da Serra do Saco do Morcego



Fonte: Acervo do autor (2007)

3.8.1 Saco do Morcego 1

O Sítio Saco do Morcego 1, (código 015.1) localiza-se à base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 284788, UTMN 8937238, a 572 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 6 m de comprimento, 1,5 m de altura e 0,2 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 148 a 152).

Figura 148 – Saco do Morcego 1



Fonte: Acervo do autor (2020)

Figura 149 – Pinturas conhecíveis



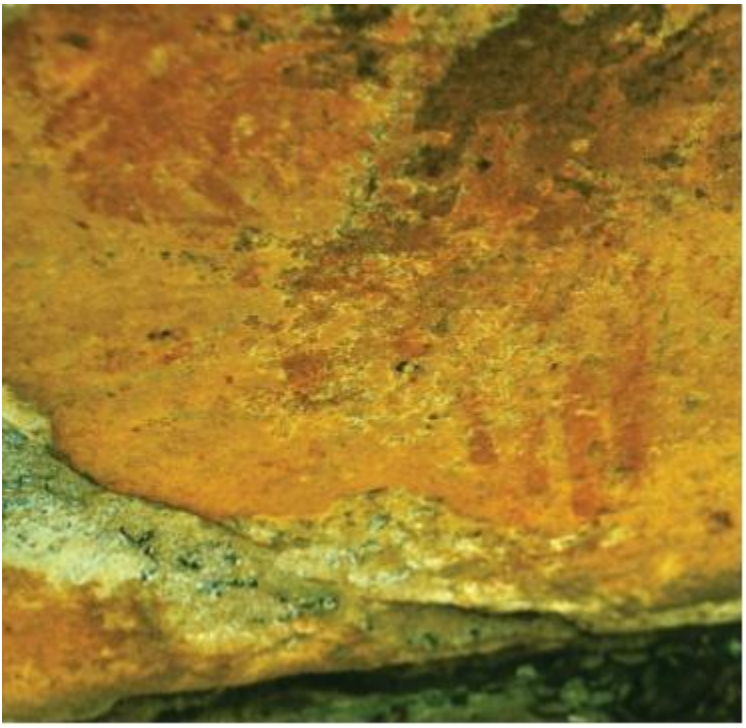
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 150 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2020)

Figura 151 - Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2020)

3.9 Boqueirão do Riacho São Gonçalo

O Boqueirão do Riacho São Gonçalo (código 014) é um entalhamento resultante da dissecação fluvial promovida em maciço de quartzito da Chapada Diamantina, Formação Tombador, que o dividiu em duas serras, quais sejam: Saco do Morcego, à esquerda e Corrente, à direita. O riacho de que se originou o nome da garganta é tributário intermitente do Rio São Francisco. Ele passa entre as duas serras, com sentido

sudeste – noroeste, em estreito e profundo corredor, com 1.200 m de extensão entre escarpas que variam de alguns centímetros a 25 metros de altura. Em suas margens, em taludes com declividade média de 45% e largura média de 50 m do leito do riacho à base dos talhados depositaram-se sedimentos que variam de matacão (diâmetro maior que 4.096 mm) a silte muito fino (diâmetro inferior a 1/512 mm). (Tab. 13; Fig. 152).

Tabela 13 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	285912	8940267	453
2	286074	8940303	455
3	286421	8940119	523
4	286632	8939930	547
5	286619	8939582	533
6	286651	8939230	510
7	286843	8938849	501
8	286743	8938735	501
9	286540	8938842	512
10	286206	8939326	544
11	286057	8939225	571

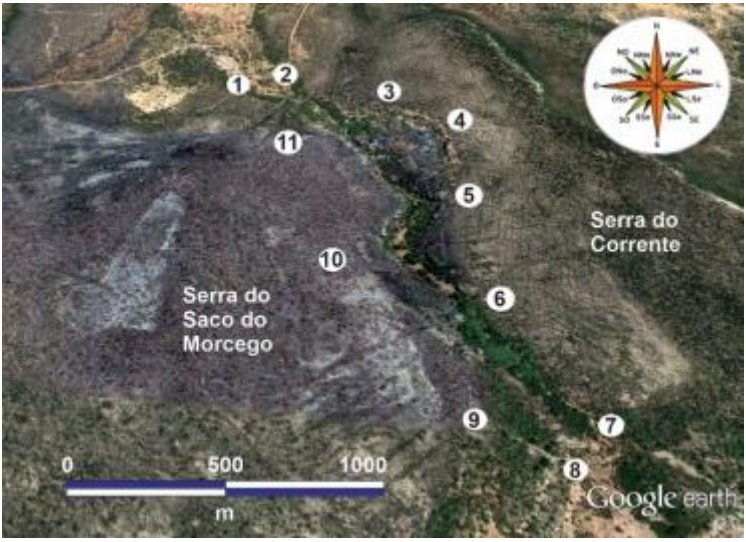
Fonte: Google Earth (2019)

Na extremidade sul dele, no leito do riacho existe um olho d'água potável. (Fig. 153 e 154). É muito raro secar, mas quando a estiagem sazonal se prolonga, sua vazão é suficiente para manter cheio apenas um caldeirão que junto a ele se escavou com o objetivo de dessedentar o rebanho caprino, ovino, bovino e equino que extensiva e coletivamente se cria na caatinga do entorno. Nele também os animais silvestres bebem água.

Quando as chuvas anuais ocorrem acima da média, a vazão do riacho aumenta a ponto de o tornar perene em toda extensão do Boqueirão. Nos anos em que ocorrem secas periódicas consideradas normais na região, quando as chuvas são aquém

da média de 450 mm, o olho d'água faz perene o fluxo de água numa extensão inferior a 100 metros. Nesse trecho, onde existem faixas de solos aluviais, encontram-se mangueiras centenárias cujas copas, por vezes ocupam toda superfície das pequenas roças. Nesse trecho do boqueirão, a fauna silvestre é mais abundante que no restante dele.

Figura 152 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor

Figura 153 – Fonte de água



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 154 – A fonte de água mantém verde a vegetação do entorno



Fonte: Acervo do autor (2011)

A segunda fonte de recursos hídricos é o próprio riacho. Ele nasce nos grotilhões onde se encontram as serras de Traíras, Saco da Onça, Saco da Jurema, Saco do Morcego, Poço da Caiçara e Fundo do Saco. Tem 26 km de extensão e desemboca no Lago de Sobradinho, a oeste do povoado de Algodões Velho. Nos meses chuvosos chega a ter uma vazão aproximada de 40 m³ por segundo. Ocorre, porém, passar alguns anos sem que por ele escorra uma gota sequer de água, quando a pluviosidade é inferior à média anual. Em toda a extensão da garganta ele forma tanques, caldeirões e poças onde a água conserva-se durante quase todo o ano. (Fig. 155).

Figura 155 – Vista parcial do boqueirão



Fonte: Kestering (2001, p. 58)

Existem, em seu talvegue, duas barragens pequenas completamente assoreadas. (Fig. 156). Na década de 1970, elas forneciam água para o povoado homônimo que se compunha de 72 famílias relocadas pela implantação do Lago de Sobradinho. Encanações de 60 mm levavam a água da bocaina ao povoado. A seca intensificou-se, a água diminuiu e as pequenas barragens assorearam-se. A permanência das famílias ficou impossível. Hoje, apenas cinco núcleos de parentela permanecem no povoado onde se vive predominantemente da caça e da pecuária extensiva.

Figura 156 – Barragem edificada na década de 1970

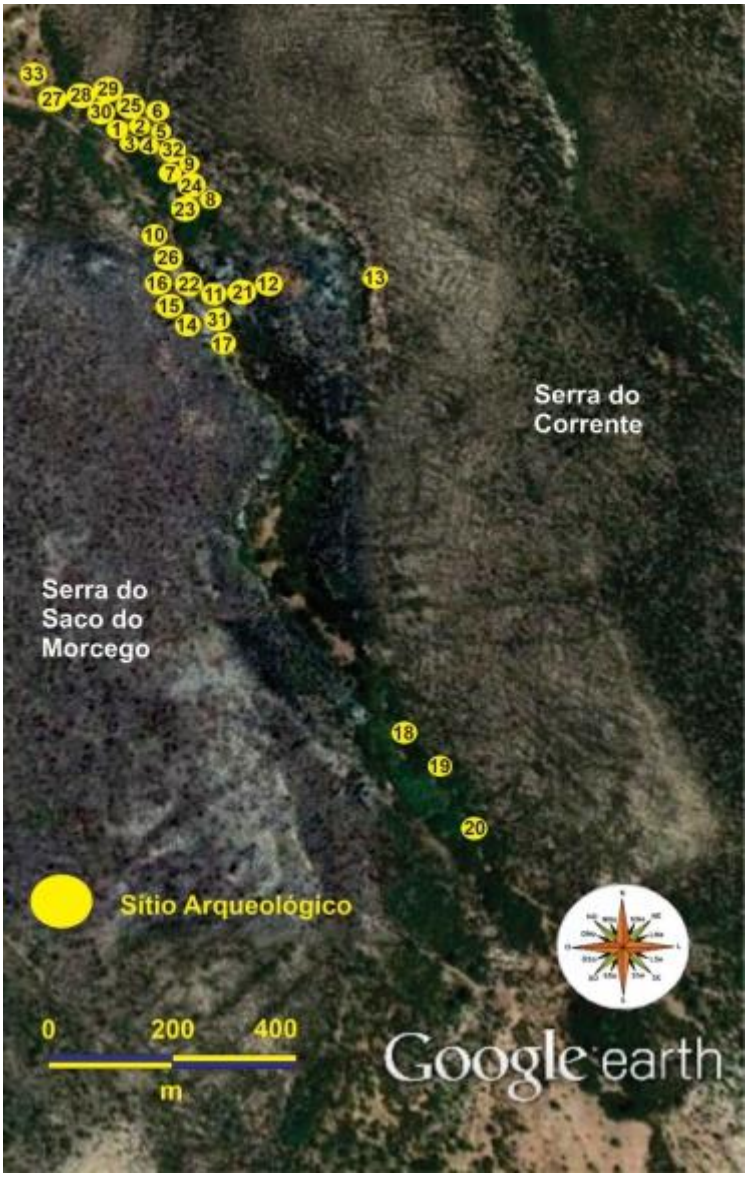


Fonte: Acervo do autor (2011)

A terceira fonte atual de recursos hídricos no cânion é subterrânea. Na sua extremidade norte escavou-se um poço tubular de água potável. Originalmente, quando em 1976, para abastecer o povoado a Companhia Hidroelétrica do Rio São Francisco perfurou-o, ele tinha vazão de 3.000 litros por hora. Atualmente, dado que sua vazão diminuiu para 700 litros por hora, com ele abastecem-se apenas três famílias pecuaristas do entorno próximo.

No Boqueirão do Riacho São Gonçalo identificaram-se 33 sítios arqueológicos distribuídos nas serras do Saco do Morcego e Corrente. (Fig. 157).

Figura 157 - Distribuição espacial dos sítios arqueológicos



Fonte: Google Earth (2019), adaptado pelo autor deste

3.9.1 São Gonçalo 1

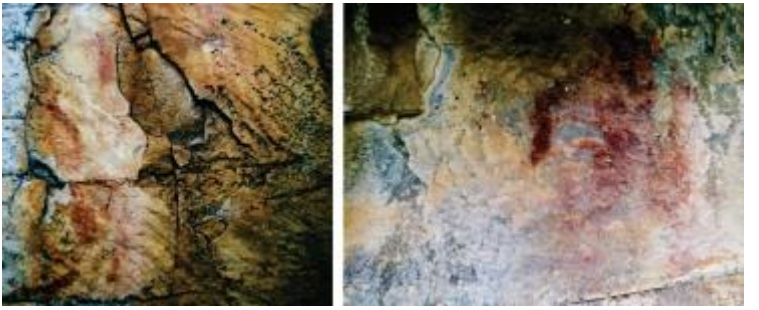
O Sítio São Gonçalo 1, também conhecido como Pedra da Espera (código 014.1), localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286223, UTMN 8940101 e 477 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 16,6 m de comprimento, 2,8 m de altura e 0,3 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 158 a 160).

Figura 158 – São Gonçalo 1



Fonte: Kestering (2007, p. 183)

Figura 159 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 160 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.2 São Gonçalo 2

O Sítio São Gonçalo 2, também conhecido como Loca do Mocó (código 014.2), localiza-se na meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286231, UTMN 8940103 e 480 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 10,5 m de comprimento, 4,6 m de altura e 1,4 m de largura. Nela se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base não há sedimentos. (Fig. 161 e 162).

Figura 161 – São Gonçalo 2



Fonte: Kestering (2007, p. 184)

Figura 162 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.3 São Gonçalo 3

O Sítio São Gonçalo 3, também conhecido como Loca da Raposa (código 014.3), localiza-se a meia encosta da Serra do

Corrente, às coordenadas UTM24L 286237, UTMN 8940081 e 479 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 9 m de comprimento, 2,5 m de altura e 0,7 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 163 a 165).

Figura 163 – São Gonçalo 3



Fonte: Kestering (2007, p. 185)

Figura 164 – Pintura conhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 165 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.4 São Gonçalo 4

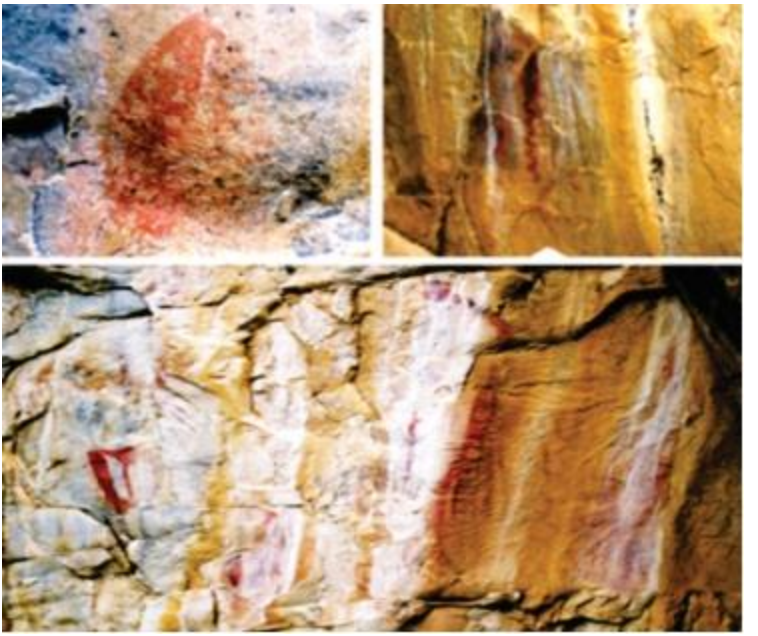
O Sítio São Gonçalo 4, também conhecido como Angico Torto (código 014.4), localiza-se na meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286244, UTMN 8940075 e 478 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 4,3 m de comprimento, 4 m de altura e 0,4 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 166 e 167).

Figura 166 – São Gonçalo 4



Fonte: Kestering (2007, p. 186)

Figura 167 - Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.9.5 São Gonçalo 5

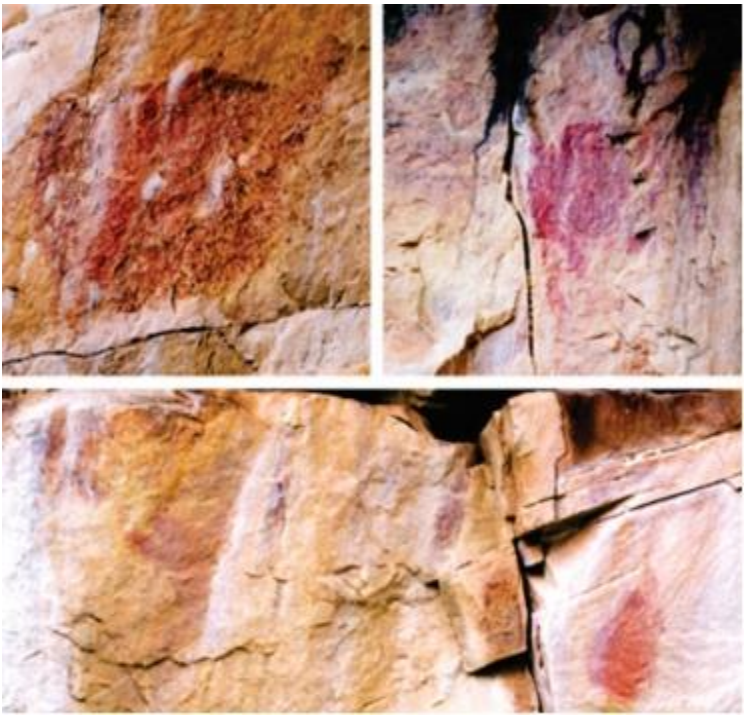
O Sítio São Gonçalo 5, também conhecido como Pedra Pensa (código 014.5), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286250, UTMN 8940083 e 491 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 18,2 m de comprimento, 8 m de altura e 2,1 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 168 e 169).

Figura 168 – São Gonçalo 5



Fonte: Kestering (2007, p. 187)

Figura 169 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.6 São Gonçalo 6

O Sítio São Gonçalo 6, também conhecido como Pedra Bamba (código 014.6), localiza-se no alto da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286248, UTMN 8940090 e 487 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 7 m de comprimento, 8,5 m de altura e 1,4 m de largura. Nela se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 170 a 172).

Figura 170 – São Gonçalo 6



Fonte: Kestering (2007, p. 188)

Figura 171 – Pintura conhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 172 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.7 São Gonçalo 7

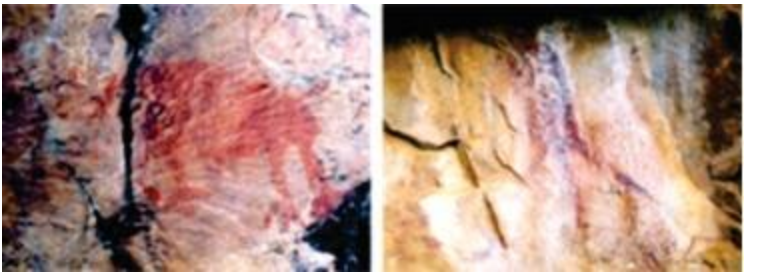
O Sítio São Gonçalo 7, também conhecido como Pedra do Amorim (código 014.7), localiza-se na meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286280, UTMN 8940039 e 480 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 11,2 m de comprimento, 4,5 m de altura e 0,6 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 173 a 175).

Figura 173 – São Gonçalo 7



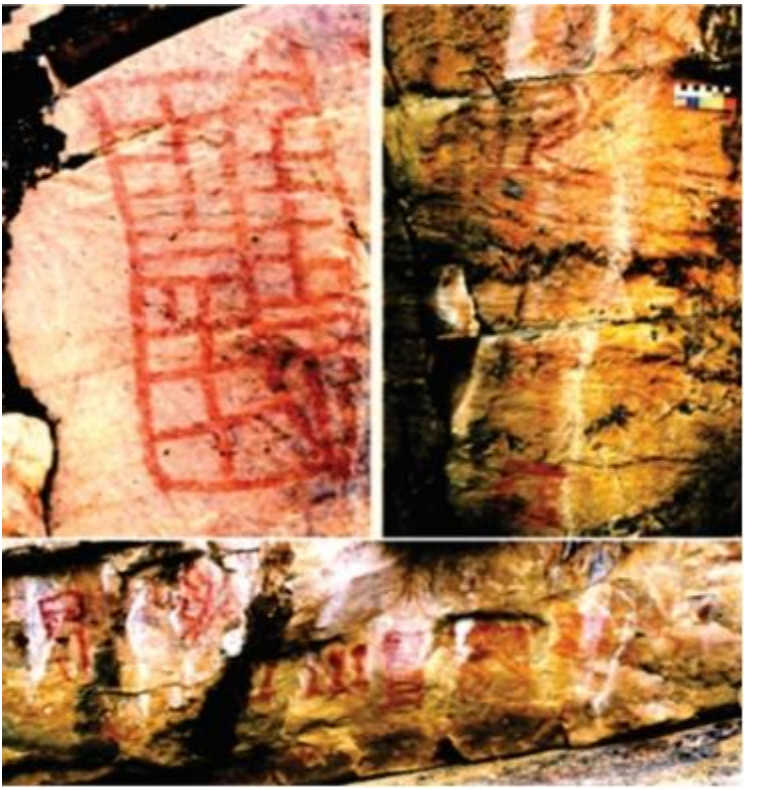
Fonte: Kestering (2007, p. 189)

Figura 174 – Pinturas conhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 175 – Pinturas reconhecíveis

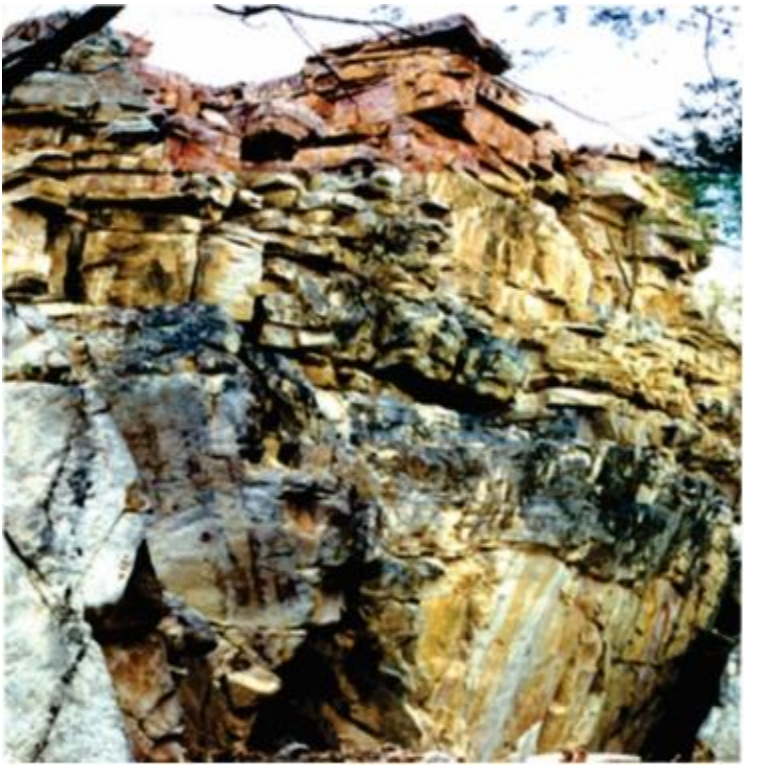


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.8 São Gonçalo 8

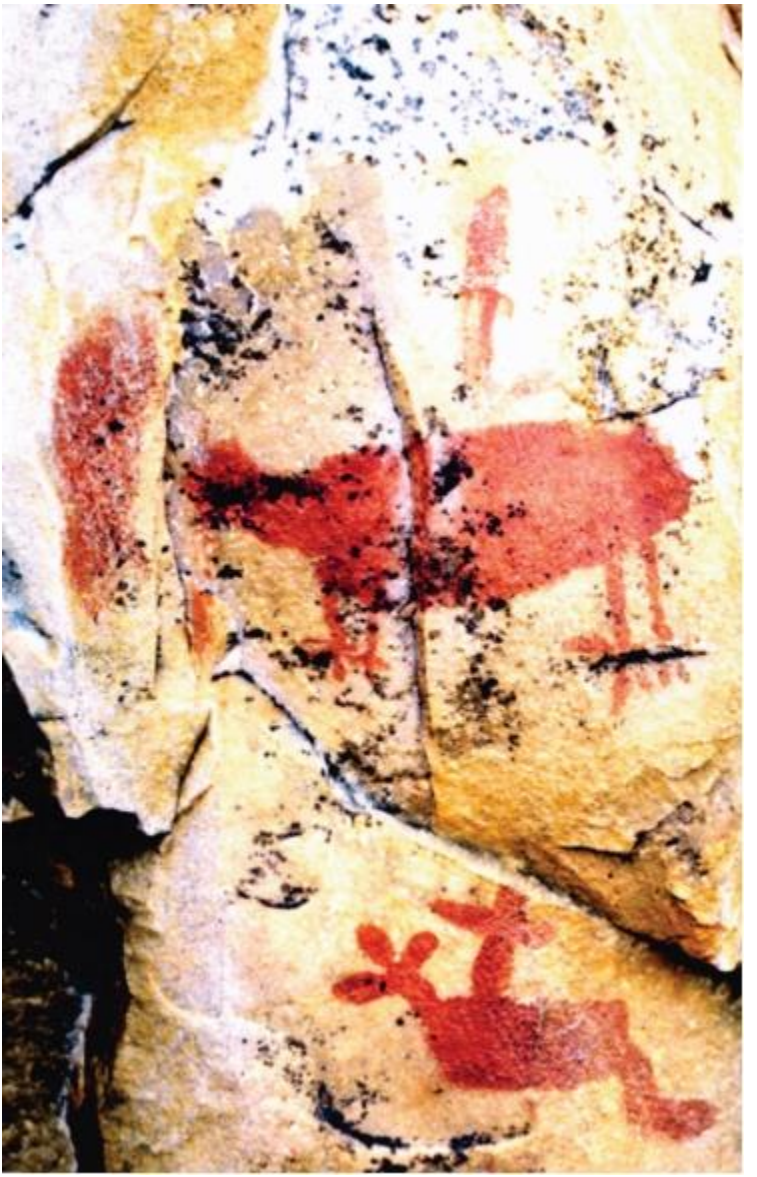
O Sítio São Gonçalo 8, também conhecido como Loca do Morcego (código 014.8), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286303, UTMN 8940025 e 484 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 8,3 m de comprimento, 20,3 m de altura e 2,6 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 176 a 180).

Figura 176 – São Gonçalo 8



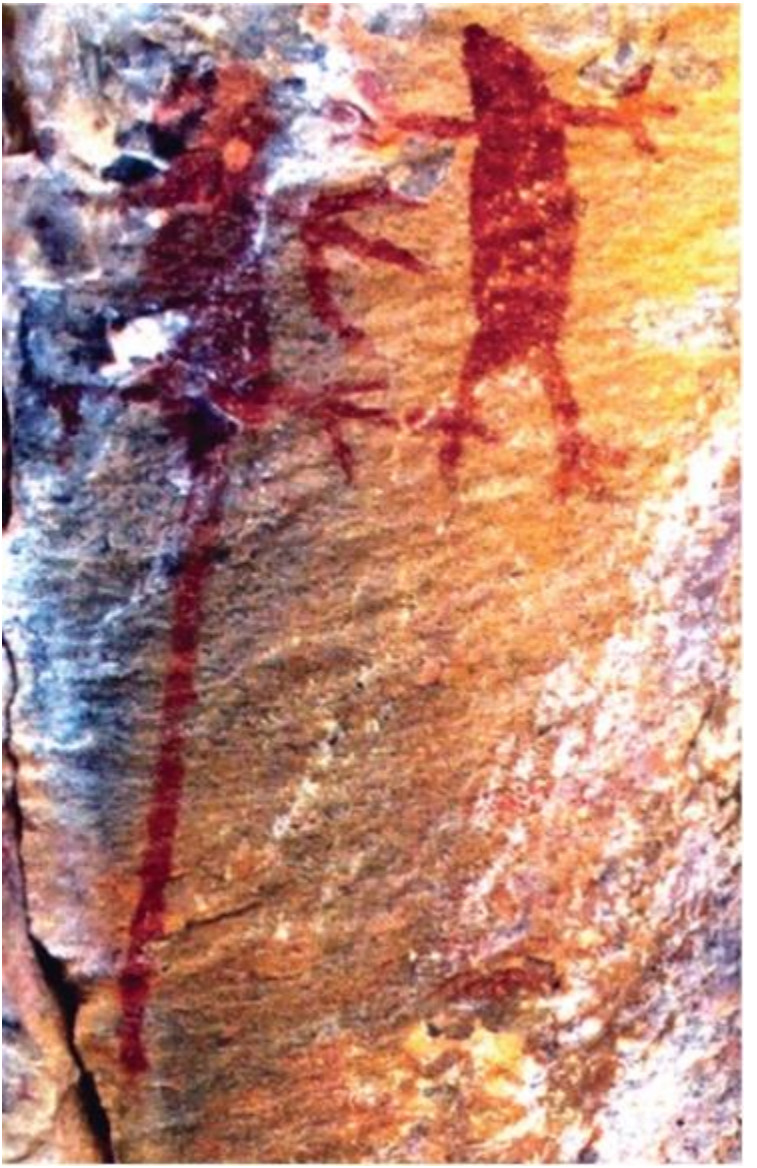
Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 177 – Pinturas conhecíveis



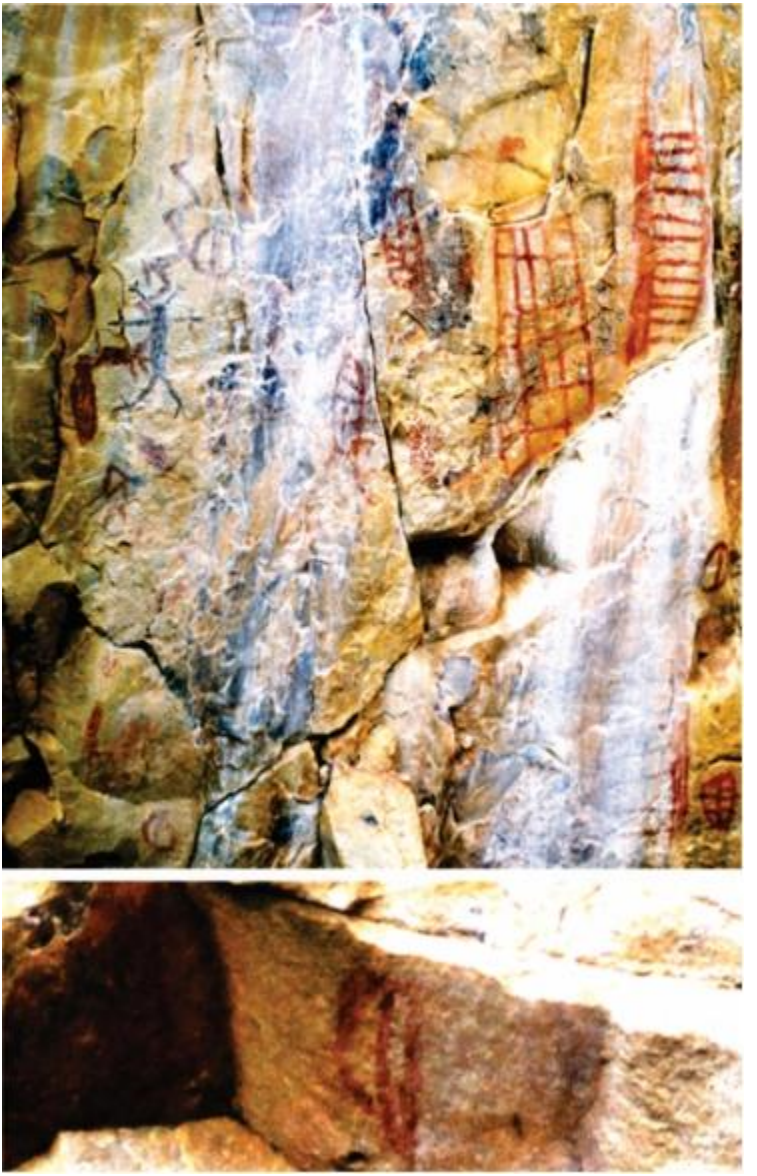
Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 178 – Figuras conhecíveis



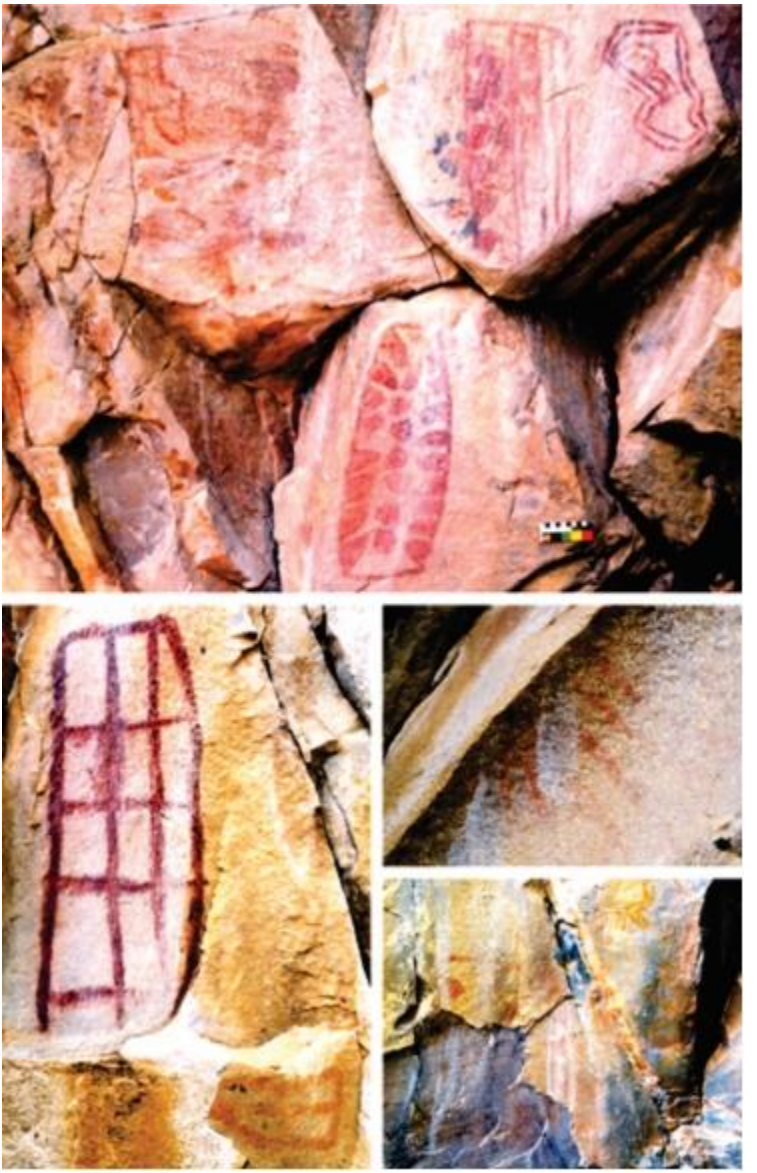
Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 179 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 180 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.9 São Gonçalo 9

O Sítio São Gonçalo 9, também conhecido como Pedra dos Macacos (código 014.9), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286273, UTMN 8940052 e 488 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 25,2 m de comprimento, 17 m de altura e 2,7 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 181 a 186).

Figura 181 – São Gonçalo 9



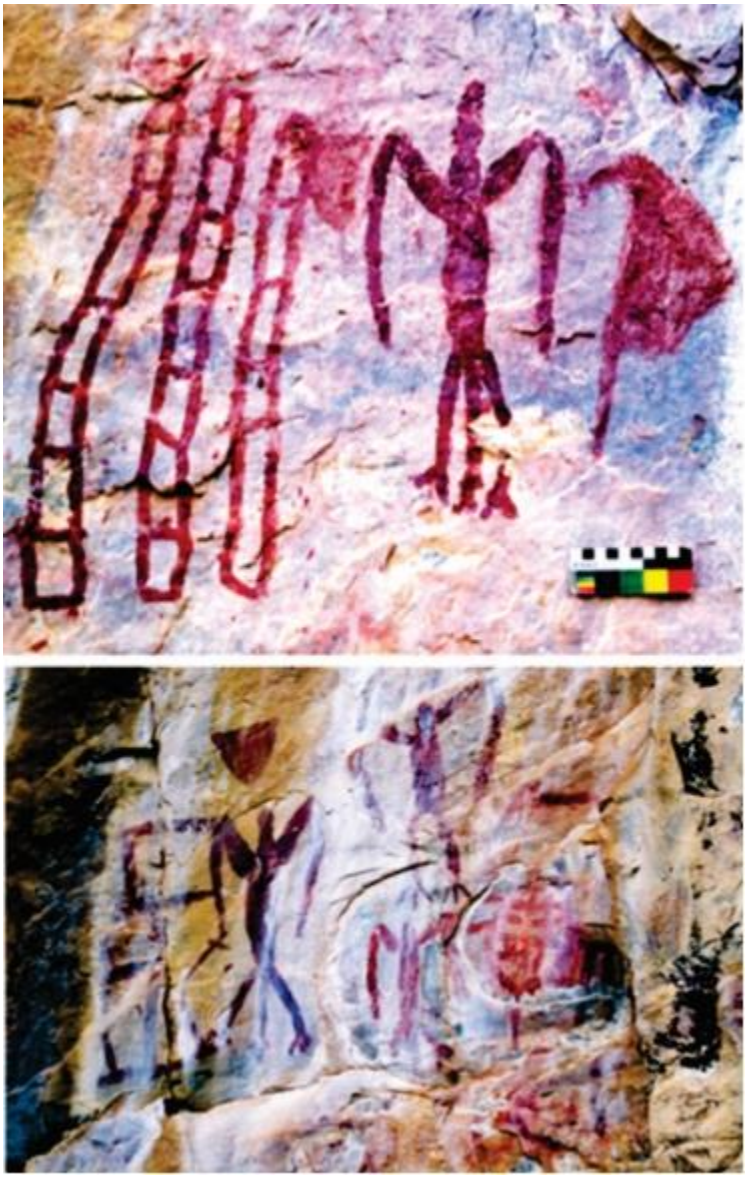
Fonte: Kestering (2007, p. 191)

Figura 182 – Pintura conhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 183 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 184 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 185 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 186 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.10 São Gonçalo 10

O Sítio São Gonçalo 10, também conhecido como Pedra do Juazeiro (código 014.10), localiza-se na base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286273, UTMN 8939911 e 482 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 7 m de comprimento, 3,2 m de altura e 1,2 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 187 e 188).

Figura 187 – São Gonçalo 10



Fonte: Kestering (2007, p. 192)

Figura 188 – Pintura reconhecível

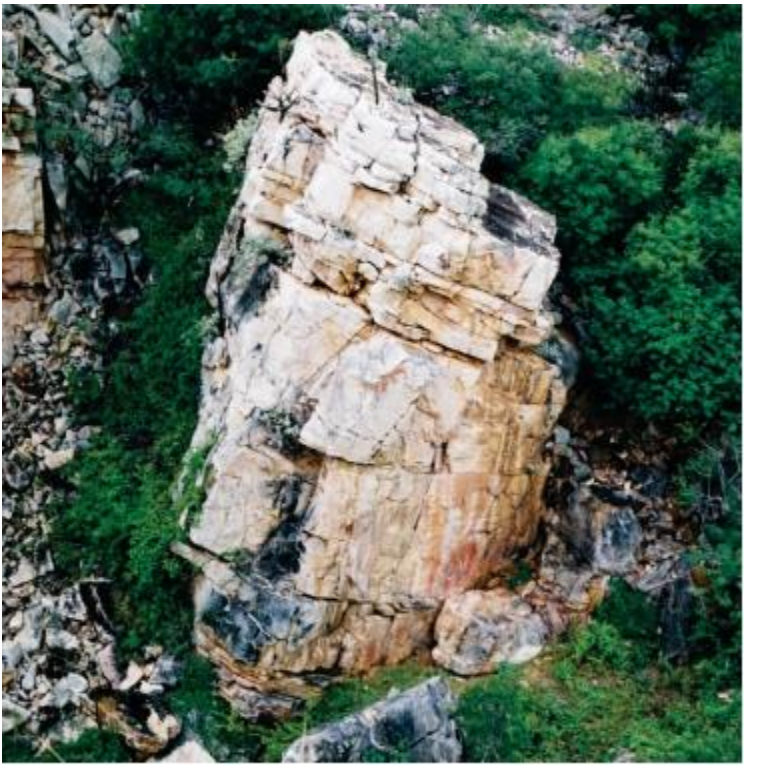


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.11 São Gonçalo 11

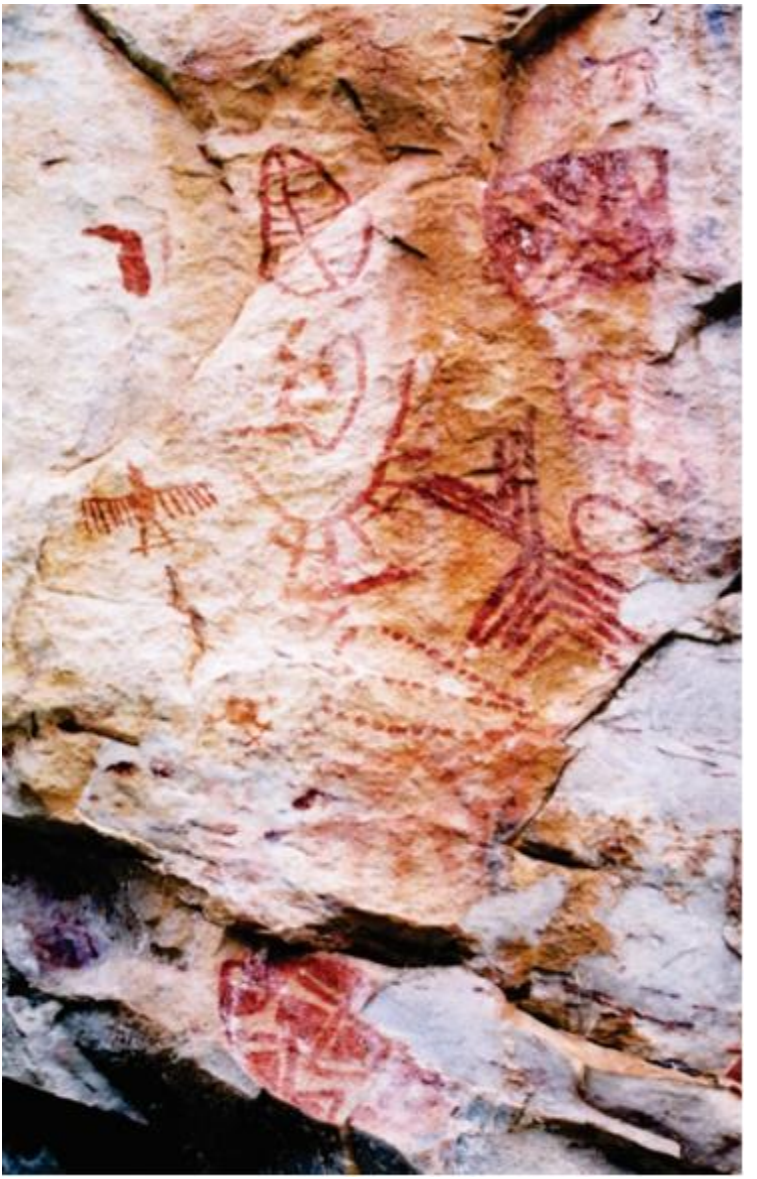
O Sítio São Gonçalo 11, também conhecido como Pedra Gêmea (código 014.11), localiza-se na base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286349, UTMN 8939843 e 482 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 14 m de comprimento, 17 m de altura e 2 m de largura. Nela há vários painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 189 a 195).

Figura 189 – São Gonçalo 11



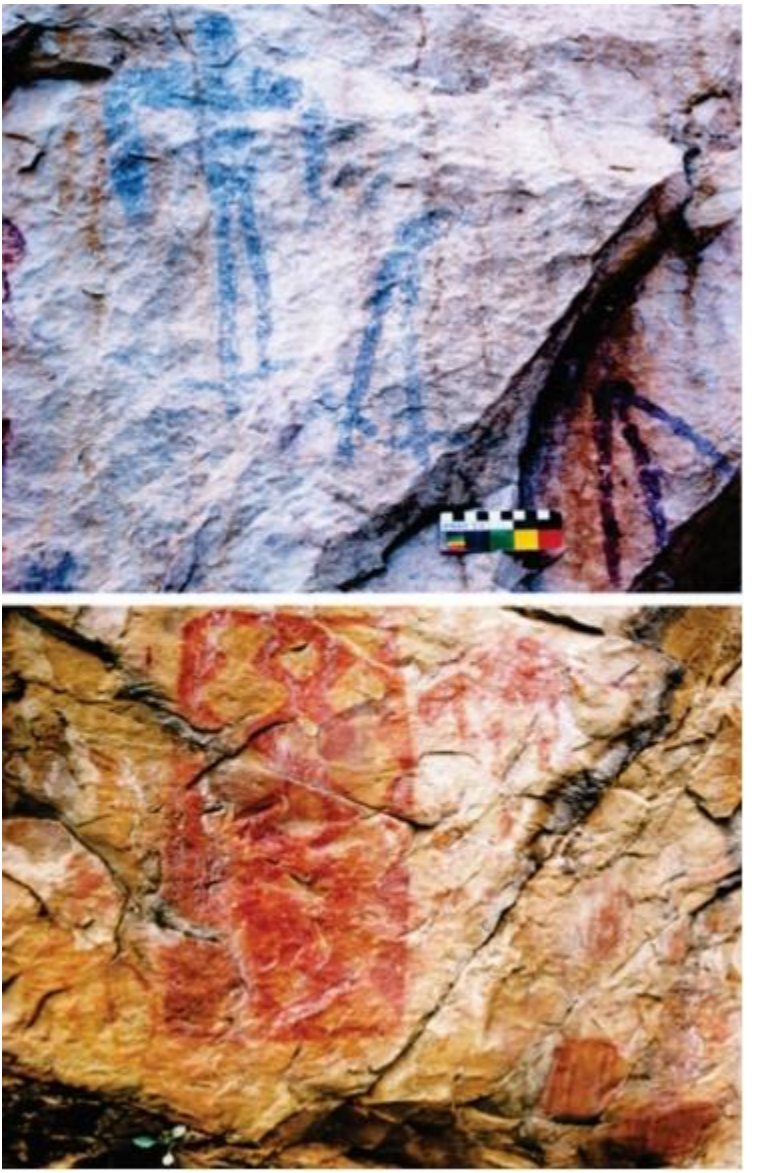
Fonte: Kestering (2007, p. 193)

Figura 190 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis.



Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 191 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



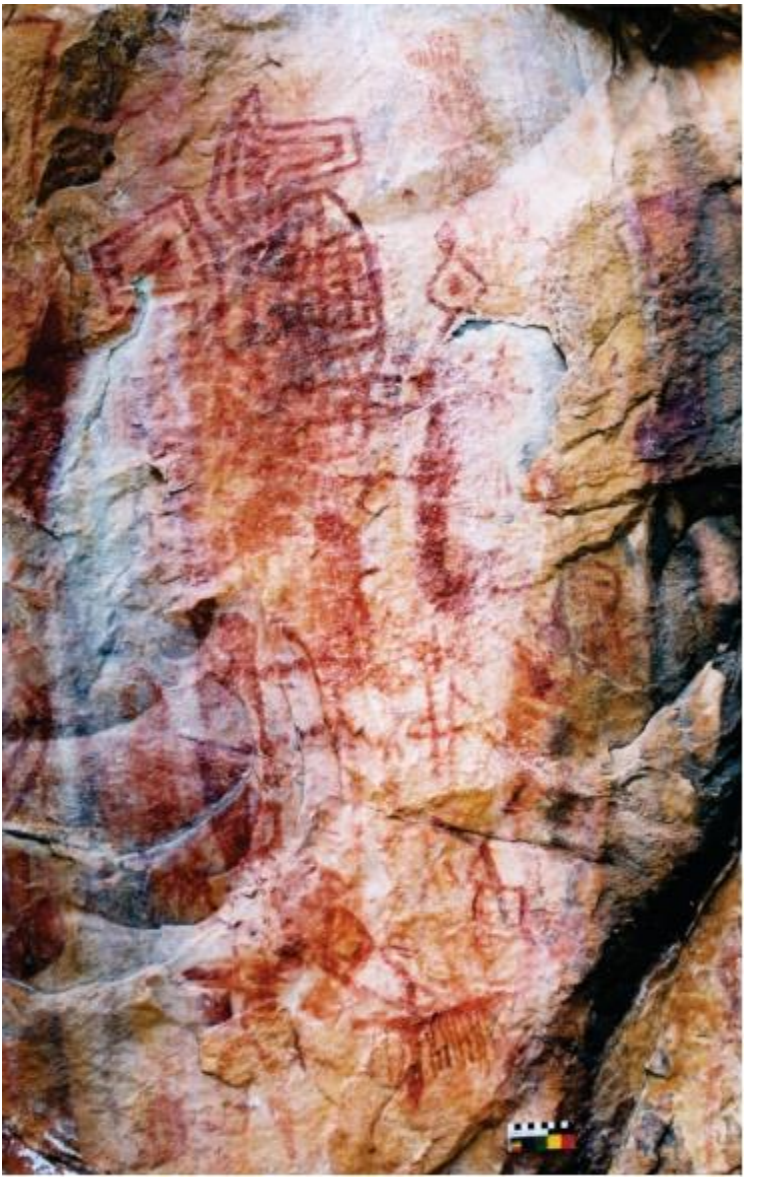
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 192 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



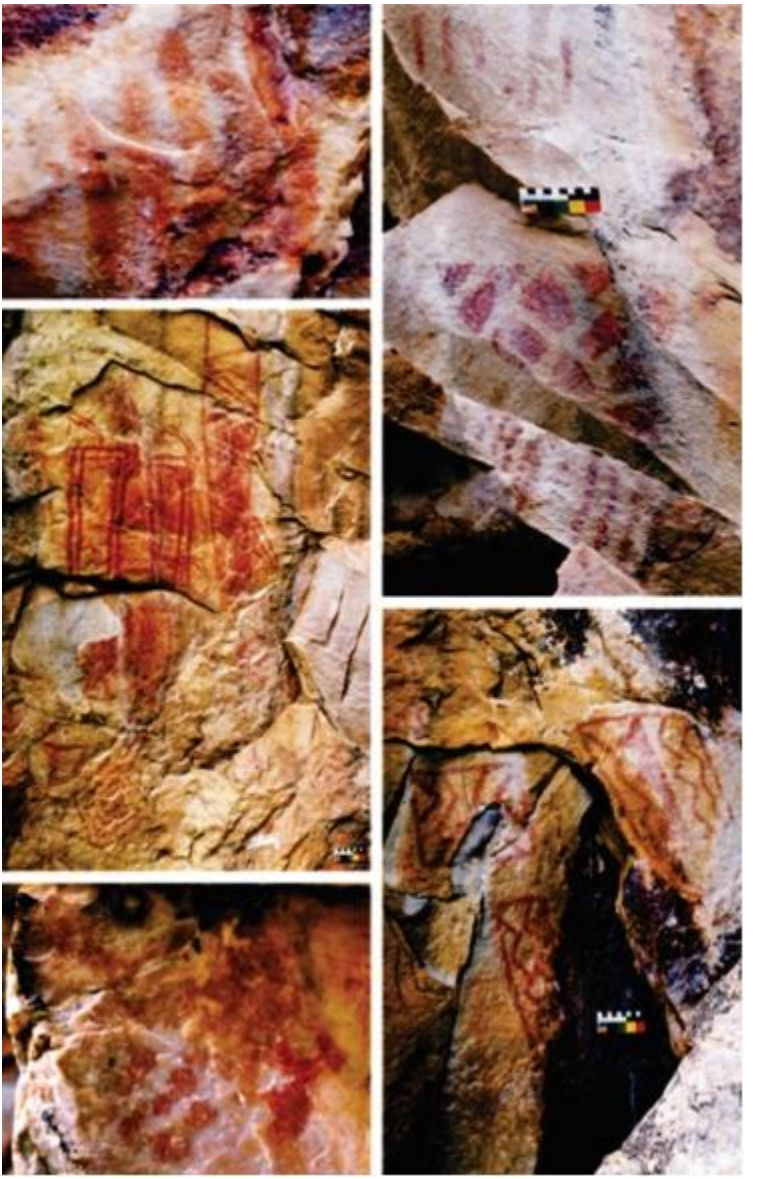
Fonte: Acervo pessoal do autor (2011)

Figura 193 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



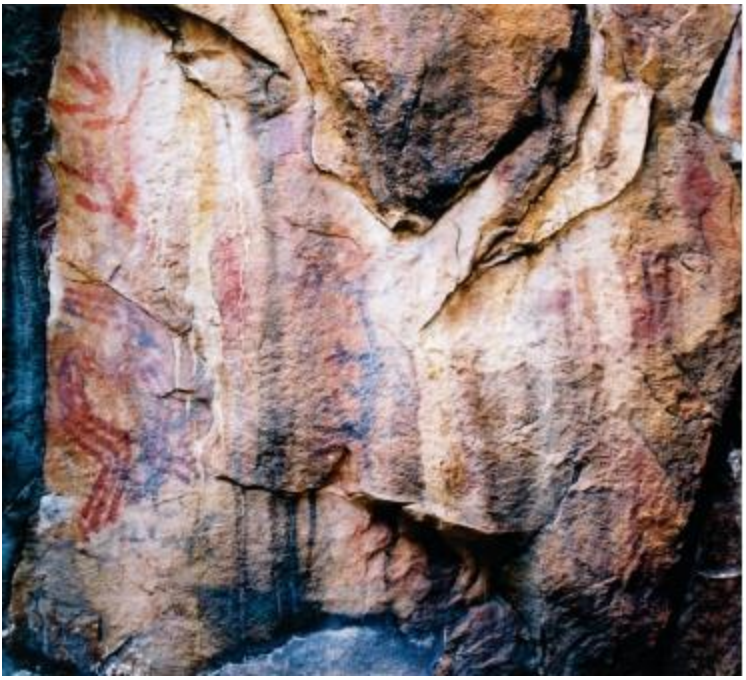
Fonte: Acervo do autor (2011)

Figura 194 - Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 195 – Uma pintura conhecível e várias reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2011)

3.9.11.1 Escavação

Para ampliar os conhecimentos referentes aos atributos da identidade dos grupos que realizaram as pinturas rupestres do sítio iniciou-se nele uma escavação. Ao se escavar uma trincheira junto ao suporte constatou-se que naquele lugar havia-se feito uma sondagem anterior[3]. (Fig. 196).

[3] Segundo a população do entorno, a dita sondagem foi realizada em 1977 por membros da equipe de Valentin Calderón, quando executavam o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico.

Figura 196 – Sondagem junto ao suporte



Fonte: Kestering; Sousa; Vieira Junior; Paes (2012, p. 10)

Por problemas administrativos e/ou políticos da instituição concessora do endosso institucional limitou-se a pesquisa à sondagem que se fez junto ao suporte e a uma decapagem artificial de dez centímetros que se realizou em parte do sítio. Plotaram-se, coletaram-se, registraram-se e acondicionaram-se caracóis (*Megalobulimus sp*.), fragmentos de louça e cerâmica, artefatos líticos, ossos, amostras de carvão e sedimento. (KESTERING; SOUSA; VIEIRA JUNIOR; PAES, 2012, p. 13-14). (Tab. 14 a 18; Fig. 198 a 203).

Tabela 14 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant.	Observação
01	224	Sond	-	Caracol	14	*Megalobulimus sp*
02	227	Sond	-	Carvão	01	-
03	232	Sond	-	Louça	02	-
04	233	Sond	-	Lítico	01	-

05	235	Sond	-	Cerâmica	05	-
06	239	Sond	-	Osso	03	Bovino (*Bos sp.*)
07	240	Sond	-	Osso	02	Não identificado
08	241	Sond	-	Osso	12	*Canis familiaris*
09	254	01	1	Lítico	01	-
10	279	01	1	Lítico	01	-
11	283	01	1	Lítico	01	-
12	290	01	1	Lítico	01	-
13	359	01	1	Lítico	01	-
14	358	01	1	Cerâmica	01	-
15	264	01	1	Osso	05	Microfauna
16	267	01	1	Osso	01	Microfauna
17	268	01	1	Osso	02	Microfauna
18	280	01	1	Osso	20	Microfauna
19	288	01	1	Osso	01	Microfauna
20	299	01	1	Osso	01	Microfauna
21	308	01	1	Osso	01	-
22	265	01	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp*
23	285	01	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp*
24	368	01	1	Caracol	01	-
25	300	01	1	Carvão	01	-
26	364	01	1	Sedimento	01	-
27	365	01	1	Sedimento	01	-
28	424	Sond 2	-	Lítico	01	No leito do riacho atual
29	425	Sond 3	-	Lítico	01	Datado com 16 mil anos
Total	**-**	**-**	**-**	**-**	**85**	**-**

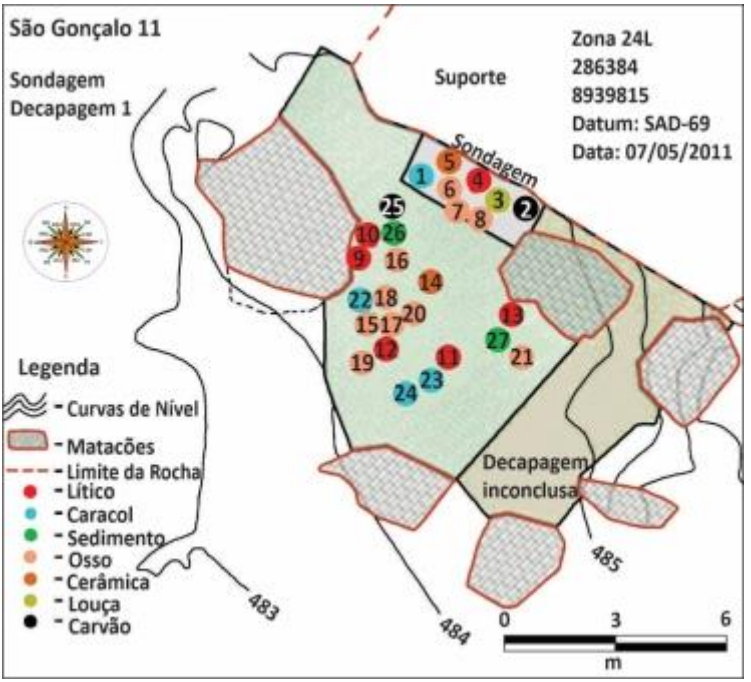
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Figura 197 – Caracol no entorno do sítio



Fonte: Acervo do autor (2012)

Figura 198 – Distribuição dos artefatos, carvão e sedimento



Fonte: Flávio Barros (2012), adaptada pelo autor deste

Tabela 15 – Classificação preliminar dos fragmentos de louça

Pt	Etiq.	Díg.	Setor	Dec.	Classe	Espessura	Decoração
3	232	1	Sond.	-	Bojo	4 mm	Sem
3	232	2	Sond.	-	Bojo	4 mm	Com

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2011)

Figura 199 – Fragmento de louça com decoração



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Tabela 16 – Classificação preliminar dos fragmentos de cerâmica

Pt	Eti	Díg	Setor	Dec	Classe	Técnica	Antiplást	Espess	Decoração
5	235	1	Sond.	-	Bojo	Modelada	Areia	7 mm	Escovada
5	235	2	Sond.	-	Bojo	Modelada	Areia	9 mm	Sem
5	235	3	Sond.	-	Bojo	Modelada	Areia	9 mm	Sem
5	235	4	Sond.	-	Bojo	Modelada	Areia	9 mm	Sem
5	235	5	Sond.	-	Borda	Modelada	Areia	9 mm	Sem
14	358	-	1	1	Bojo	Modelada	Areia	9 mm	Sem

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Figura 200 – Borda de cerâmica escovada (Etiqueta 235-5)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Tabela 17 – Classificação preliminar dos artefatos líticos

Pt	Etiq.	Díg	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
4	233	-	Sond.	-	Lasca com córtex	Quartzito	-
9	254	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
11	283	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzito	-
10	279	-	1	1	Núcleo	Quartzito	-
12	290	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
13	359	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
-	424	-	Sond. 2	-	Núcleo	Quartzo	-
-	425	-	Sond. 3	-	Núcleo	Quartzito	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Figura 201 – Lasca com córtex, em quartzito (Etiqueta 283)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Figura 202 – Núcleo de quartzito



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Tabela 18 – Classificação preliminar dos fragmentos de osso

Pt.	Etiq.	Díg	Setor	Dec	Material	Classe	Obs.
6	239	1	Sond.	-	Osso	-	-
6	239	2	Sond.	-	Osso	-	-
6	239	3	Sond.	-	Osso	-	-
7	240	1	Sond.	-	Osso	-	-
7	240	2	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	1	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	2	Sond.	-	Osso	Bovino	Fragmento
8	241	3	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	4	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	5	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	6	Sond.	-	Osso	Escápula	Fragmento
8	241	7	Sond.	-	Osso	Mandíbula	Fragmento
8	241	8	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	9	Sond.	-	Osso	-	-
8	241	10	Sond.	-	Osso	Ulna	-
8	241	11	Sond.	-	Osso	Mandíbula	Fragmento
8	241	12	Sond.	-	Osso	Escápula	-
15	264	-	1	1	Osso	Microfauna	Cinco unidades
16	267	-	1	1	Osso	Microfauna	Uma unidade
17	268	-	1	1	Osso	Microfauna	Duas unidades
18	280	-	1	1	Osso	Microfauna	20 unidades
19	288	-	1	1	Osso	Microfauna	Uma unidade
20	299	-	1	1	Osso	Microfauna	Uma unidade
21	308	-	1	1	Osso	Microfauna	Uma unidade

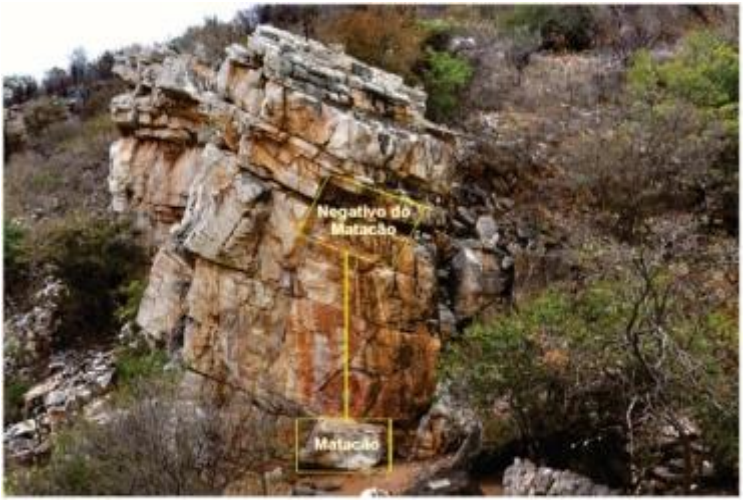
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2012)

Enquanto se fazia a escavação observou-se que um grande matacão alojado nos sedimentos do sítio havia se desprendido

da rocha matriz e deixado nela seu negativo. Sobre ele postaram-se os autores para representar várias pinturas que há na escarpa. (Fig. 204 e 205). Para responder à indagação sobre o momento de seu desprendimento há que se coletar amostras do sedimento sotoposto a ele. Ter-se-á, assim, uma data pós que elas foram realizadas. Verificou-se, também que, na base do suporte existem pinturas realizadas antes da queda do matacão. O ínfimo espaço entre ele e o maciço não permitiria a realização das pinturas após sua queda. (Fig. 206). Amostras dos sedimentos sotopostos ao matacão podem fornecer, também, uma datação ante que elas se realizaram.

Com o objetivo de evitar que os rejeitos da escavação assoreassem o Riacho São Gonçalo e o Rio São Francisco, promoveu-se a edificação de um muro de arrimo. O anteparo fez-se também para impedir que, nas enchentes sazonais, o riacho invada o sítio e eroda seus sedimentos. Na escavação para edificação das fundações da proteção, fez-se observação acurada para ver se havia neles artefatos arqueológicos.

Figura 203 – Matacão desprendido do suporte e alojado no sítio



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 7)

Figura 204 – Matacão em que se postaram autores de pinturas



Fonte: Kestering; Sousa; Vieira Junior; Paes (2012, p. 13)

Figura 205 –Pinturas no ínfimo espaço entre o matacão e o suporte



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 9)

No leito atual do riacho, a um metro de profundidade encontrou-se um núcleo de quartzo (Etiqueta 424) e, próximo a ele, na área da encosta, em seu curso antigo, a 1,8 m de profundidade jazia um artefato da indústria lítica (Etiqueta 425), provavelmente carreado por suas águas, quando o clima era tropical úmido. A datação dos sedimentos da camada em

que se encontrava este último mostrou que ele foi feito e/ou utilizado há mais de 16 mil anos[4]. (Fig. 206 a 208).

Figura 206 – Núcleo de quartzo (Etiqueta 424)



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 13)

Figura 207 – Evidência do leito antigo do riacho



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 14)

[4] Os sedimentos foram datados por Luminescência Oticamente Estimulada (LOE), pela empresa Datação Comércio e Prestação de Serviços LTDA.

Figura 208 – Núcleo de quartzito com mais de 16 mil anos



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 15)

3.9.12 São Gonçalo 12

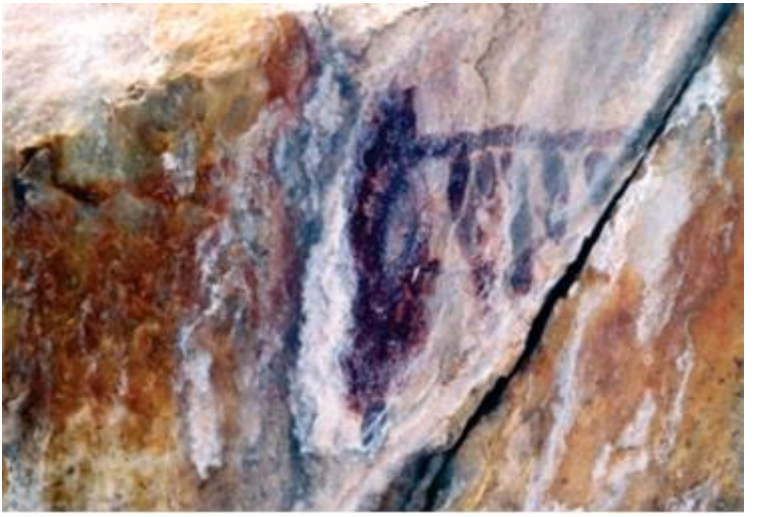
O Sítio São Gonçalo 12, também conhecido como Campo do Toré (código 014.12), localiza-se no meio da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286410, UTMN 8939867 e 495 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 6,6 m de comprimento, 2,6 m de altura e 1,9 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 209 a 211).

Figura 209 – São Gonçalo 12



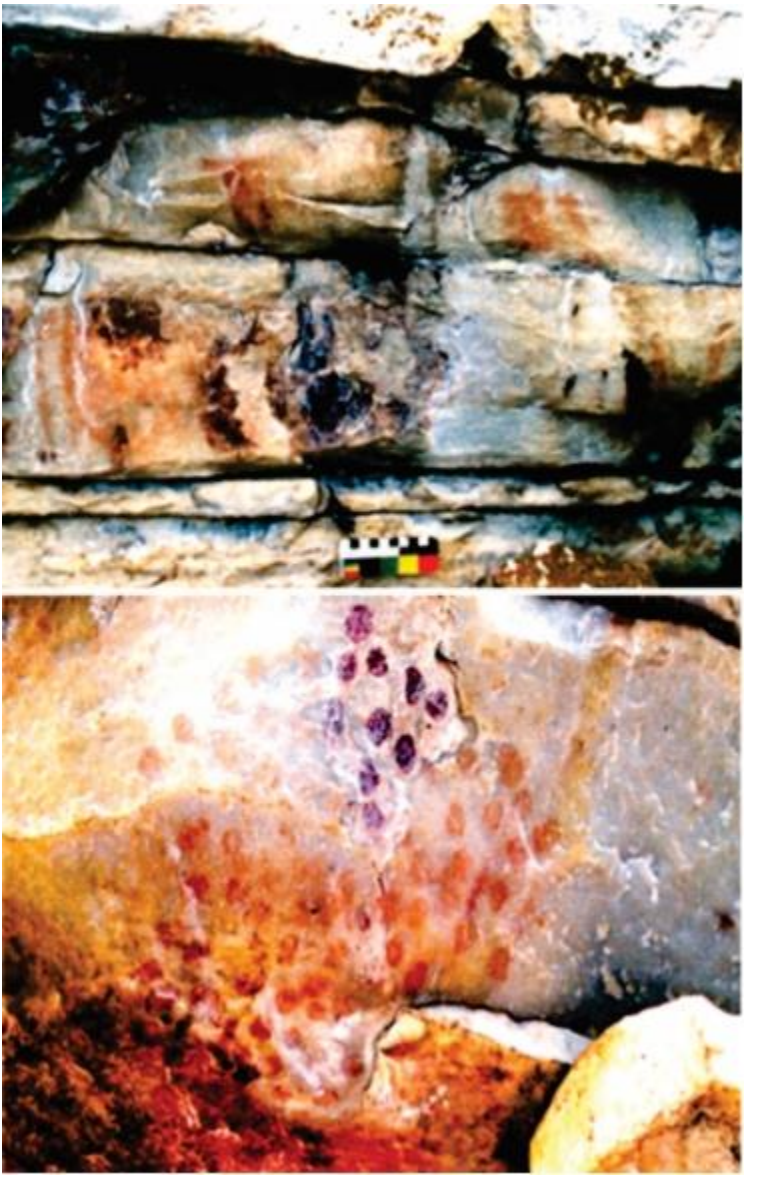
Fonte: Kestering (2007, p. 194)

Figura 210 – Pintura conhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 211 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.13 São Gonçalo 13

O Sítio São Gonçalo 13, também conhecido como Talhado Nascente (código 014.13), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286560, UTMN 8939900 e 527 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 15,7 m de comprimento, 15,3 m de altura e 2,7 m de largura. Nela se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 212 a 215).

Figura 212 – São Gonçalo 13



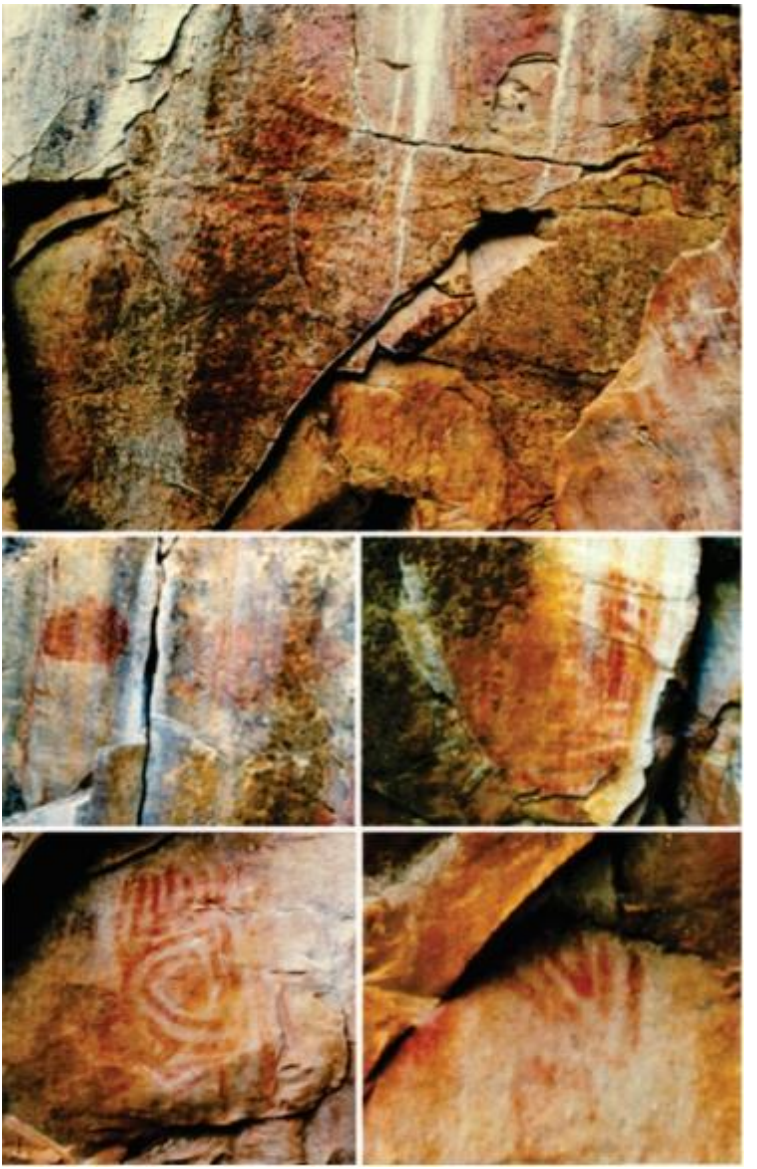
Fonte: Kestering (2007, p. 195)

Figura 213 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 214 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 215 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.14 São Gonçalo 14

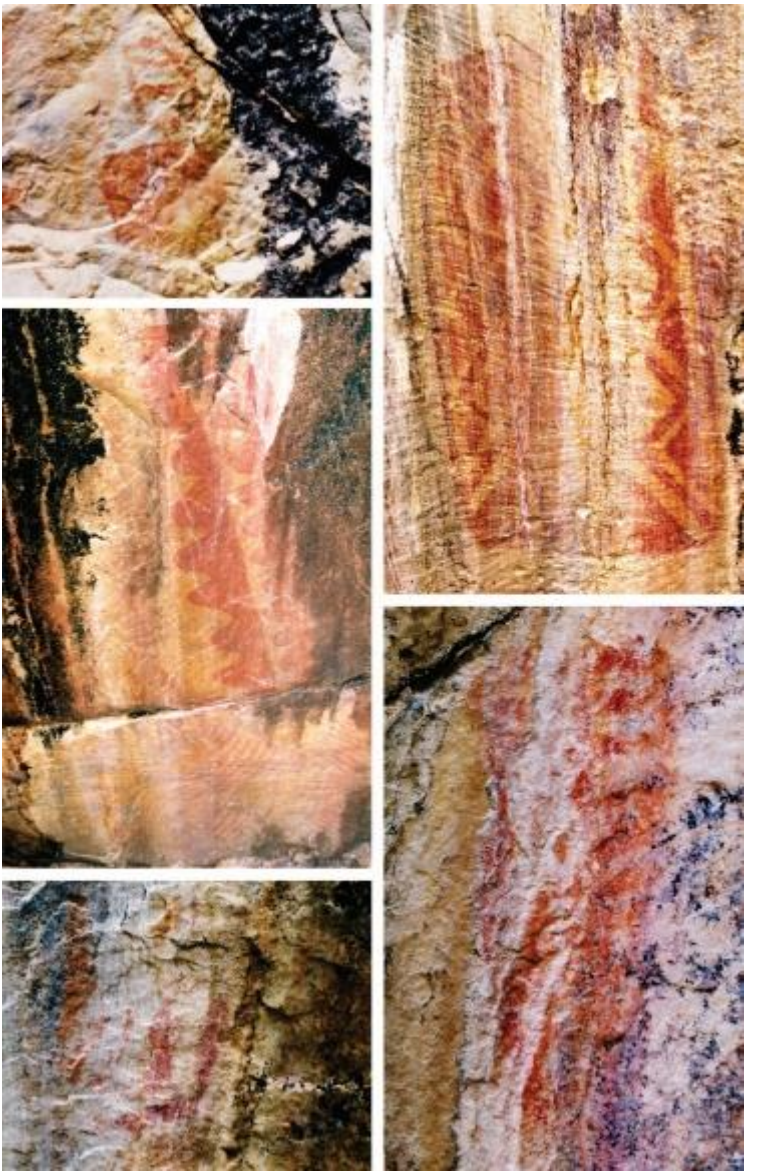
O Sítio São Gonçalo 14, também conhecido como Toca do Sobrado (código 014.14), localiza-se à base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286326, UTMN 8939828 e 485 m de altitude. Trata-se de um abrigo em rocha com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 15 m de comprimento, 7,6 m de altura e 3 m de largura. Nele se preservam alguns painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 216 e 217).

Figura 216 – São Gonçalo 14



Fonte: Kestering (2007, p. 196)

Figura 217 – Pinturas reconhecíveis

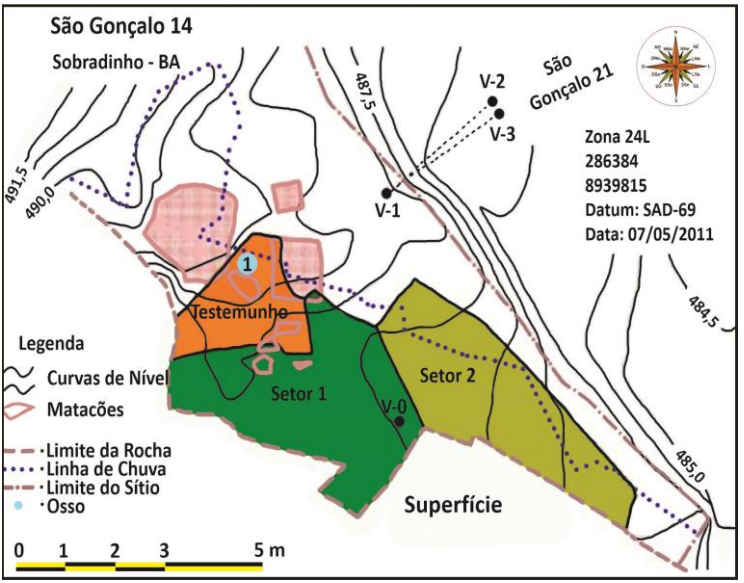


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.14.1 Escavação

Para ampliar os conhecimentos referentes aos atributos da identidade dos grupos que realizaram as pinturas rupestres do sítio iniciou-se nele uma escavação que não se pode concluir por razões administrativas e/ou políticas da instituição concedente do endosso institucional. Mesmo assim se plotaram, coletaram-se, registraram-se e acondicionaram-se os artefatos que se encontraram em duas decapagens com espessura média de 15 cm cada. Na superfície do terreno havia uma vértebra de bovídeo, que se plotou, registrou-se e coletou-se. (Fig. 218 e 219).

Figura 218 – Divisão do sítio em setores

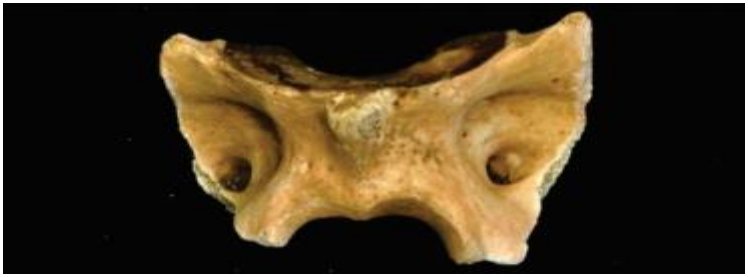


Autor: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Na decapagem 1, que se fez nos setores 1 e 2, coletou-se um fragmento de mandíbula de caititu (*Tayassu tajacu*), caracóis

(*Megalobulimus sp.*), artefatos líticos, amostras de carvão e sedimento. (Tab. 19; Fig. 220 a 222).

Figura 219 – Vértebra de bovídeo que se encontrou na superfície



Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 7)

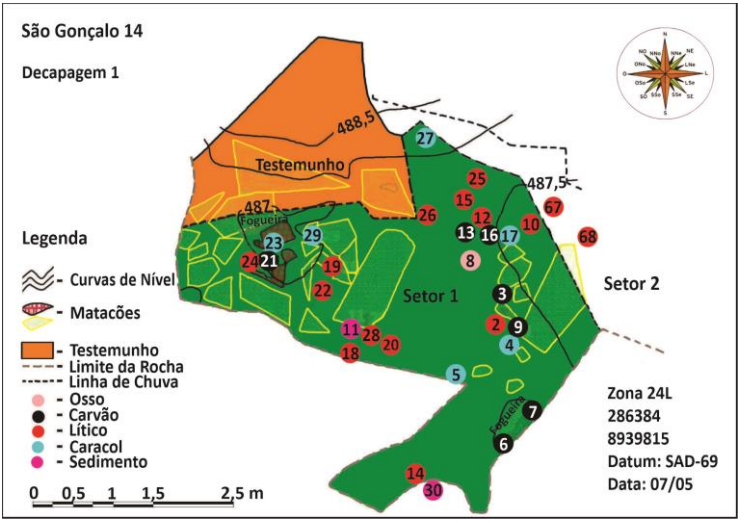
Tabela 19 - Material arqueológico coletado

Nº	Etiq.	Setor	Dec.	Material	Quant.	Observação
01	183	1	Sup.	Osso	01	Vértebra de bovino
02	180	1	1	Lítico	01	-
03	188	1	1	Carvão	01	-
04	190	1	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
05	191	1	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
06	192	1	1	Carvão	01	-
07	193	1	1	Carvão	01	-
08	194	1	1	Osso	01	Mandíbula de Caititu
09	195	1	1	Carvão	01	-
10	196	1	1	Lítico	01	-
11	197	1	1	Sedimento	01	-
12	198	1	1	Lítico	01	-
13	200	1	1	Carvão	01	-
14	203	1	1	Lítico	01	-
15	205	1	1	Lítico	01	-
16	206	1	1	Carvão	01	-
17	207	1	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
18	209	1	1	Lítico	01	-
19	210	1	1	Lítico	01	-
20	211	1	1	Lítico	01	-
21	212	1	1	Carvão	01	-
22	213	1	1	Lítico	01	-
23	214	1	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
24	215	1	1	Lítico	01	-
25	220	1	1	Lítico	02	-
26	219	1	1	Lítico	01	-

27	229	1	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
28	230	1	1	Lítico	01	-
29	231	1	1	Caracol	02	*Megalobulimus sp.*
30	225	1	1	Sedimento	01	Para datação por LOE
67	047	2	1	Lítico	01	
68	049	2	1	Lítico	01	
Total	-	-	-	-	**34**	-

Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 13)

Figura 220 – Distribuição dos artefatos, carvão e sedimentos



Autor: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 221 – Fragmento de mandíbula de caititu e caracol



Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 8-9)

Figura 222 – Final da primeira decapagem, a 15 cm de profundidade



Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 10)

Na decapagem 2 que se fez no setor 1 coletou-se um fragmento de cerâmica, artefatos líticos e amostras de sedimento. (Tab. 20 a 22; Fig. 223 a 232).

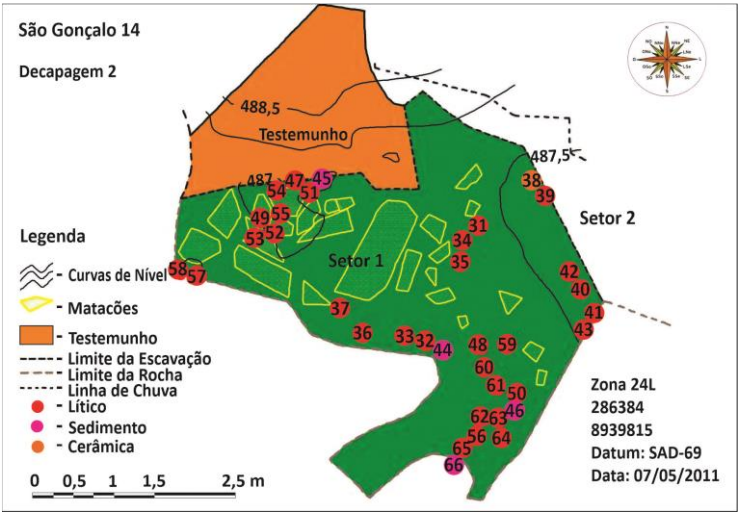
Tabela 20 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiq	Setor	Dec	Material	Quant	Observação
31	218	1	2	Lítico	01	-
32	221	1	2	Lítico	01	-
33	222	1	2	Lítico	01	-
34	226	1	2	Lítico	01	-
35	242	1	2	Lítico	01	-
36	243	1	2	Lítico	01	-
37	248	1	2	Lítico	01	-
38	249	1	2	Cerâmica	01	-
39	250	1	2	Lítico	01	-
40	309	1	2	Lítico	01	-
41	310	1	2	Lítico	01	-
42	311	1	2	Lítico	01	-
43	312	1	2	Lítico	01	-
44	314	1	2	Sedimento	01	-
45	315	1	2	Sedimento	01	-
46	316	1	2	Sedimento	01	-
47	317	1	2	Lítico	01	-

48	319	1	2	Lítico	01	-
49	320	1	2	Lítico	01	-
50	321	1	2	Lítico	01	-
51	322	1	2	Lítico	01	-
52	323	1	2	Lítico	02	-
53	324	1	2	Lítico	01	-
54	325	1	2	Lítico	01	-
55	326	1	2	Lítico	01	-
56	328	1	2	Lítico	01	-
57	330	1	2	Lítico	01	-
58	331	1	2	Lítico	01	-
59	332	1	2	Lítico	01	-
60	333	1	2	Lítico	01	-
61	334	1	2	Lítico	01	-
62	335	1	2	Lítico	01	-
63	336	1	2	Lítico	01	-
64	337	1	2	Lítico	01	-
65	338	1	2	Lítico	01	-
66	385	1	2	Sedimento	01	Para datação por LOE
Total	-	-	-	-	**37**	-

Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 13-14)

Figura 223 – Distribuição dos artefatos e sedimentos



Autor: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 224 – Final da segunda decapagem, a 30 cm de profundidade



Fonte: Kestering; Sales; Negreiros; Macêdo (2013, p. 11)

Tabela 21 - Classificação preliminar do fragmento de cerâmica

Pt	Etiq	Setor	Dec	Classe	Técnica	Antiplást	Espessura	Decoração
3	249	1	2	Bojo	Modelada	Areia	6 mm	Sem

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 225 – Fragmento de cerâmica modelada lisa (Etiqueta 249)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Tabela 22 – Classificação preliminar dos artefatos líticos

Pt	Etiq.	Díg	Set	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
18	209	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
25	220	1	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
25	220	2	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
2	180	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-

20	211	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
22	213	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
12	198	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
54	325	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
62	335	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
36	243	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
37	248	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
53	324	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
34	226	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
39	250	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
56	328	-	1	2	Lasca sem córtex	Quartzito	-
61	334	-	1	2	Lasca sem córtex	Quartzo	-
50	321	-	1	2	Lasca sem córtex	Quartzo	-
67	047	-	2	1	Núcleo	Quartzo	-
68	049	-	2	1	Núcleo	Quartzito	-
19	210	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
15	205	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
60	333	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
47	317	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
33	222	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
59	331	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
64	337	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
49	320	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
55	326	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
57	330	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
42	311	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
28	230	-	1	1	Instrumento	Quartzo	Percutor
24	215	-	1	1	Instrumento	Quartzo	Percutor
32	221	-	1	2	Instrumento	Quartzo	Percutor
26	219	-	1	1	Fragmento	Quartzo	-
31	218	-	-	2	Fragmento	Quartzo	-
63	336	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
52	323	1	1	2	Fragmento	Quartzo	-
52	323	2	1	2	Fragmento	Quartzo	-
51	322	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
40	309	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
65	338	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
14	203	-	1	1	Seixo rolado	Quartzito	-
10	196	-	1	1	Seixo rolado	Quartzito	-
48	319	-	1	2	Seixo rolado	Quartzito	-
41	310	-	1	2	Seixo rolado	Quartzo	-
43	312	-	1	2	Seixo rolado	Quartzo	-
35	242	-	1	2	Seixo rolado	Quartzito	-
59	332	-	1	2	Seixo rolado	Quartzo	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 226 – Lasca com córtex em quartzo (Etiqueta 325)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 227 – Lasca sem córtex, em quartzito (Etiqueta 328)



Fonte: Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 228 – Núcleo de quartzo (Etiqueta 222)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 229 – Instrumento de quartzo (Etiqueta 230)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 230 – Instrumento em quartzo (Etiqueta 221)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 231 – Fragmento de quartzo (Etiqueta 219)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 232 – Seixo rolado de quartzito (Etiqueta 319)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Analisados por Luminescência Oticamente Estimulada (LOE), sedimentos da amostra coletada na base da decapagem 1, a 15 cm de profundidade (Etiqueta 225) mostraram idade de 6240 +/- 625 anos AP. Demonstraram que os artefatos que neles

jaziam foram confeccionados e/ou utilizados no período de aproximadamente seis mil anos até os dias atuais. Os da amostra coletada na base da decapagem 2, a 30 cm de profundidade (Etiqueta 385), tinham idade de 12080 +/- 910 anos AP[5]. Mostraram que os artefatos que neles jaziam foram confeccionados e/ou utilizados no período pré-colonial, entre doze mil e seis mil anos.

Os sedimentos datados correspondiam às camadas que, ao se retirarem deixaram expostos os topos de matacões sobre os quais os autores das pinturas rupestres postaram-se para realizar os respectivos painéis. As datações imprimem, assim relativa consistência à hipótese de Kestering, de que as pinturas rupestres da Subtradição Sobradinho, Estilo São Gonçalo, que há no sítio foram realizadas por grupos nativos ocupantes do Submédio São Francisco no período de 9.000 a 6.790 anos AP. (KESTERING, 2007, p. 173).

3.9.15 São Gonçalo 15

O Sítio São Gonçalo 15, também conhecido como Furna do Caboclo (código 014.15), localiza-se a meia encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286302, UTMN 8939827 e 496 m de altitude. Trata-se de um matacão de rocha metassedimentar da Chapada Diamantina, Formação Tombador, com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 6,6 m de comprimento, 6 m de altura e 0,2 m de largura. Nele se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 233 e 234).

[5] Análise feita pela Empresa Datação Comércio e Prestação de Serviços LTDA; CNPJ: 05.403.307/0001-57; Av. Macuco, 280 Apto 24 BL-B / CEP 04523-000; São Paulo - SP, Brasil.

Figura 233 – São Gonçalo 15



Fonte: Kestering (2007, p. 197)

Figura 234 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.16 São Gonçalo 16

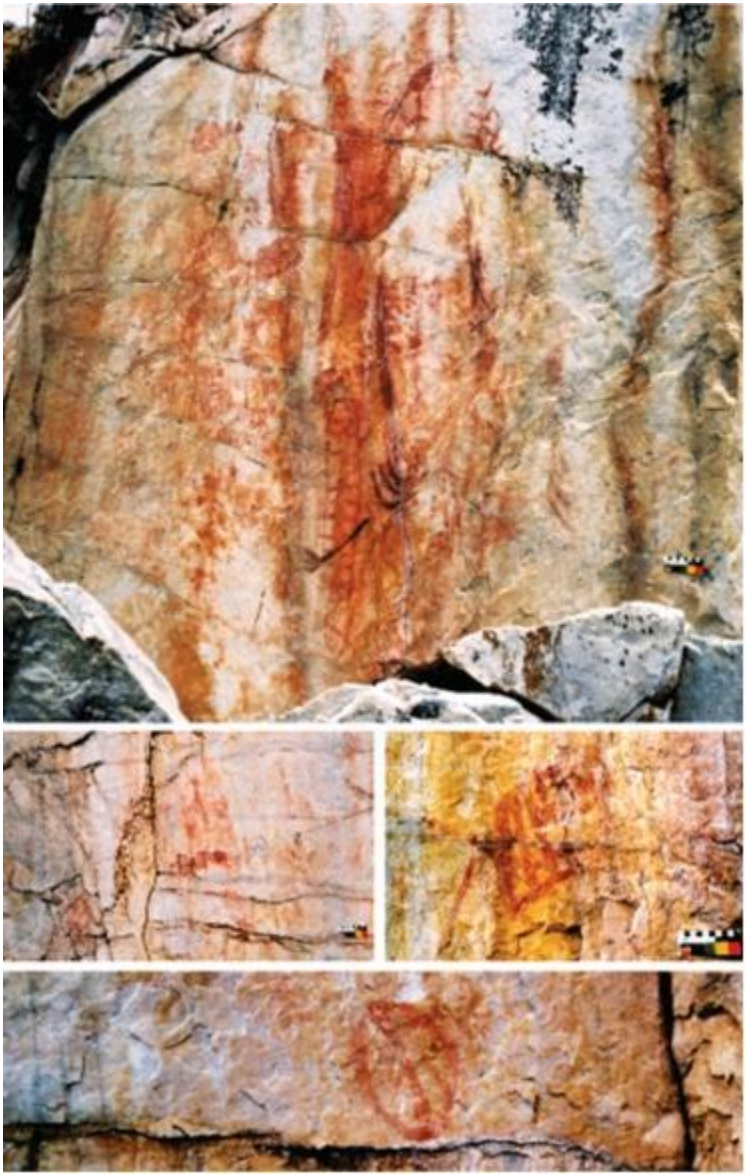
O Sítio São Gonçalo 16, também conhecido como Pedra Solta (código 014.16), localiza-se no meio da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286290, UTMN 8939856 e 487 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 4,8 m de comprimento, 2,9 m de altura e 0,2 m de largura. Nele se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 235 e 236).

Figura 235 – São Gonçalo 16



Fonte: Kestering (2007, p. 198)

Figura 236 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis

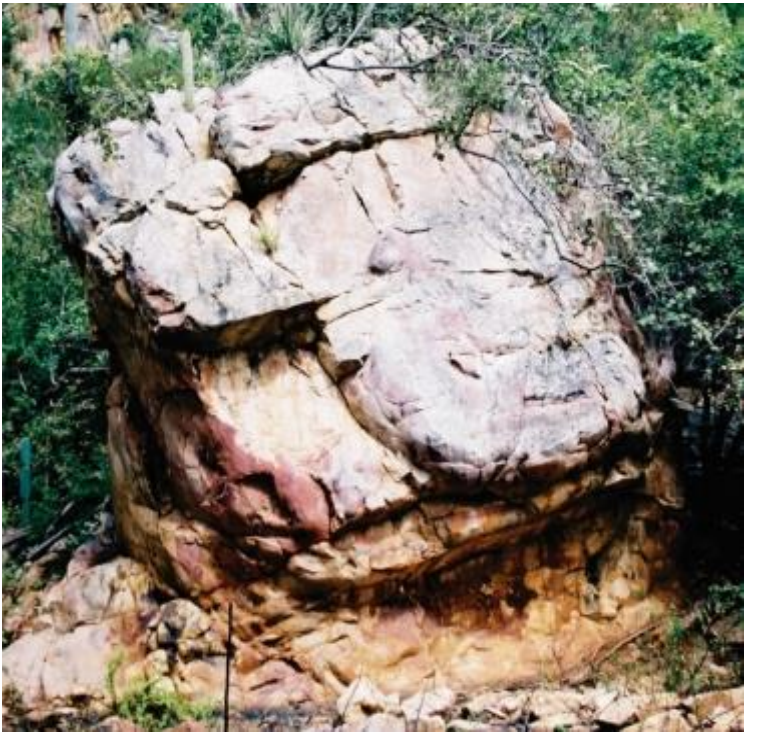


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.17 São Gonçalo 17

O Sítio São Gonçalo 17, também conhecido como Pedra do Riacho (código 014.17), localiza-se à base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286361, UTMN 8939809 e 494 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 5,7 m de comprimento, 5,5 m de altura e 0,6 m de largura. Nele se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos semi-angulosos, areia e silte. (Fig. 237 e 238).

Figura 237 – São Gonçalo 17



Fonte: Kestering (2007, p. 199)

Figura 238 – Pinturas reconhecíveis

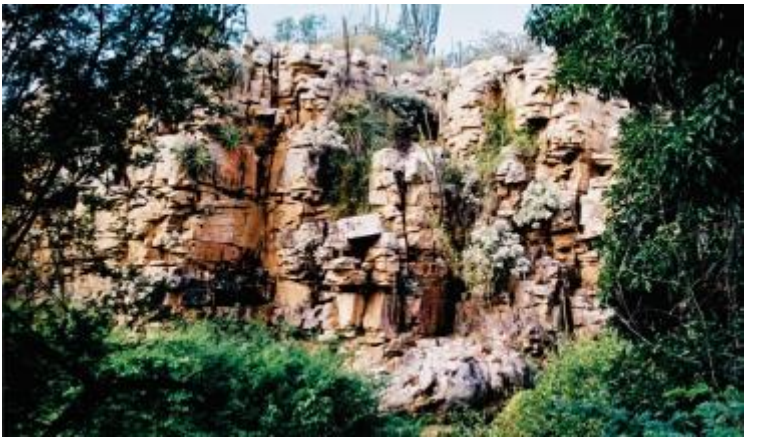


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.18 São Gonçalo 18

O Sítio São Gonçalo 18, também conhecido como Pedra da Mangueira (código 014.18), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286483, UTMN 8939347 e 503 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 14,5 m de comprimento, 14,8 m de altura e 0,7 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 239 a 241).

Figura 239 – São Gonçalo 18



Fonte: Kestering (2007, p. 200)

Figura 240 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 241 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis

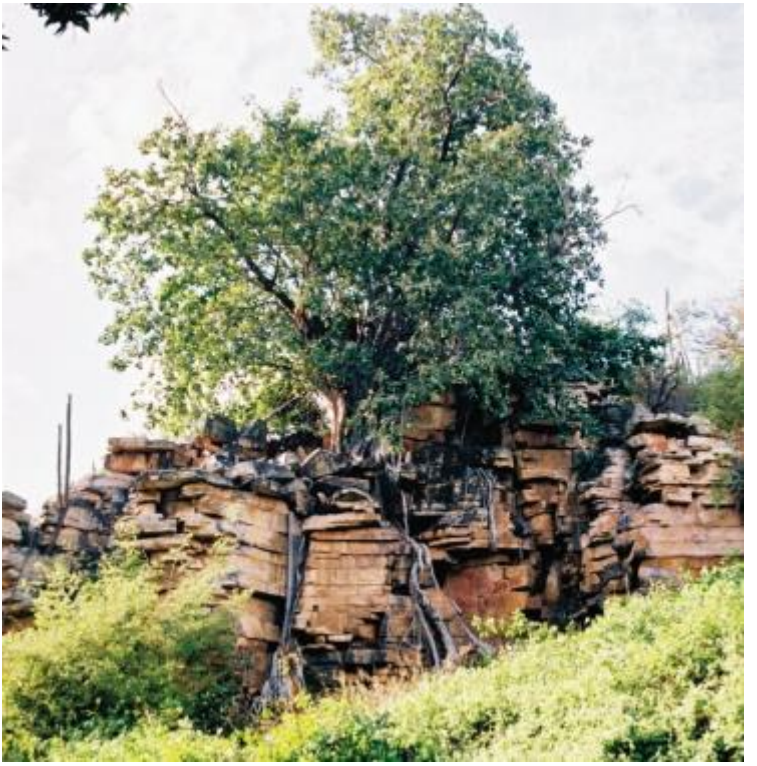


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.19 São Gonçalo 19

O Sítio São Gonçalo 19, também conhecido como Pedra da Gameleira (código 014.19), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286541, UTMN 8939294 e 505 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a sul. Mede 16,2 m de comprimento, 6,9 m de altura e 1,4 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 242 a 245).

Figura 242 – São Gonçalo 19



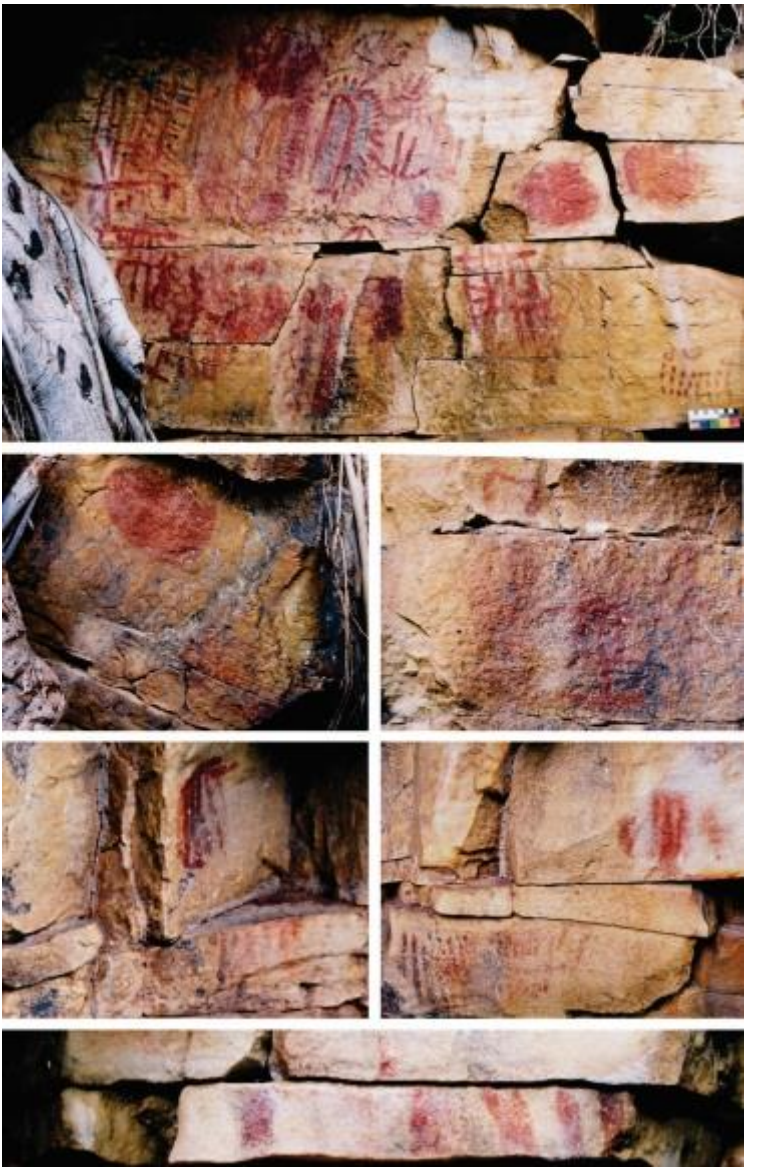
Fonte: Kestering (2007, p. 201)

Figura 243 – Pintura conhecível (cascavel, abundante no boqueirão)



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 244 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 245 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.20 São Gonçalo 20

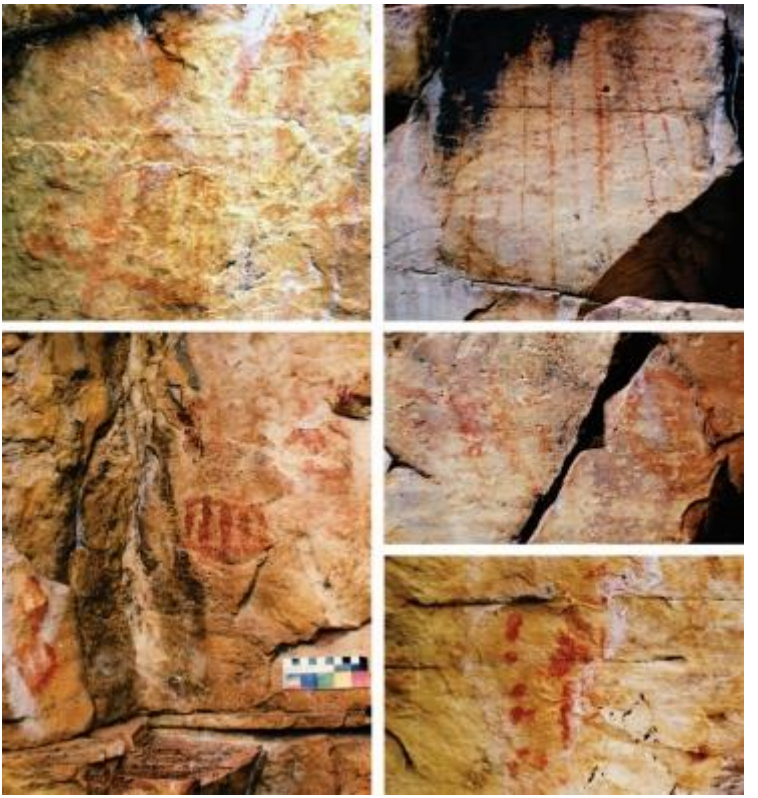
O Sítio São Gonçalo 20, também conhecido como Pedra do Jacurutu (código 014.20), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286553, UTMN 8939236 e 507 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 28,7 m de comprimento; 3 m de altura e 1,6 m de largura. Nela se preservam vários painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 246 a 249).

Figura 246 – São Gonçalo 20



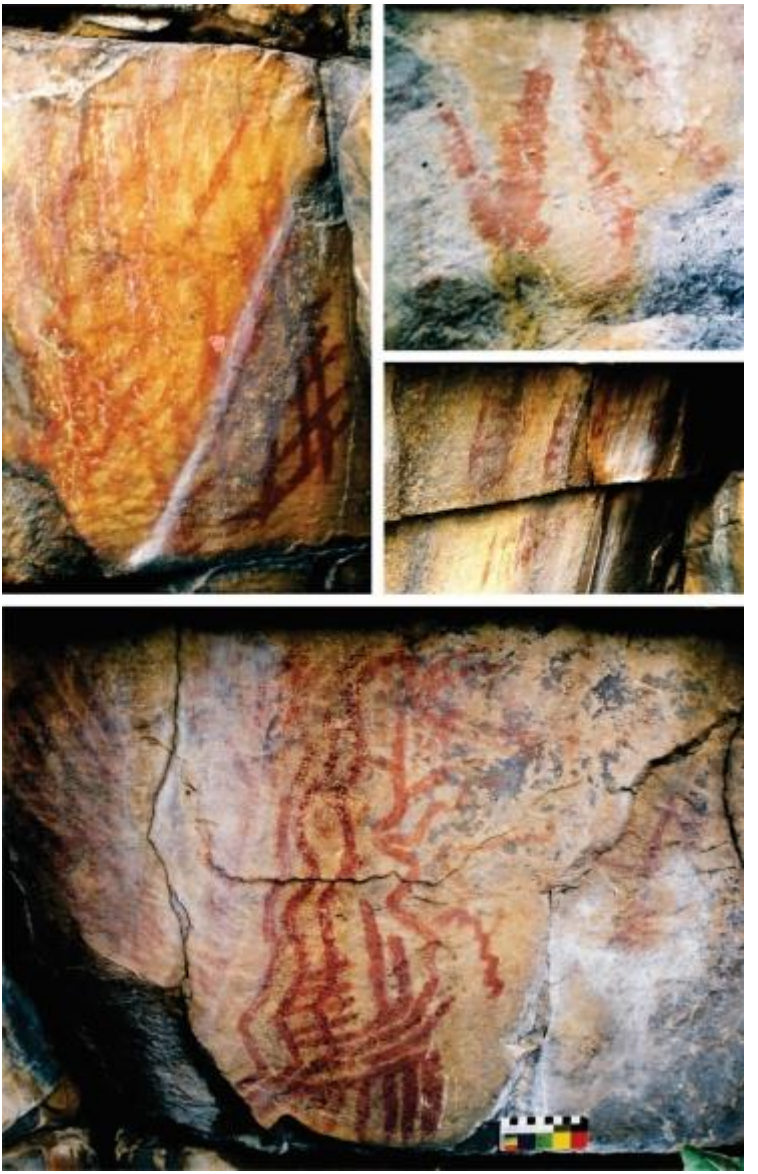
Fonte: Kestering (2007, p. 202)

Figura 247 – Pinturas reconhecíveis



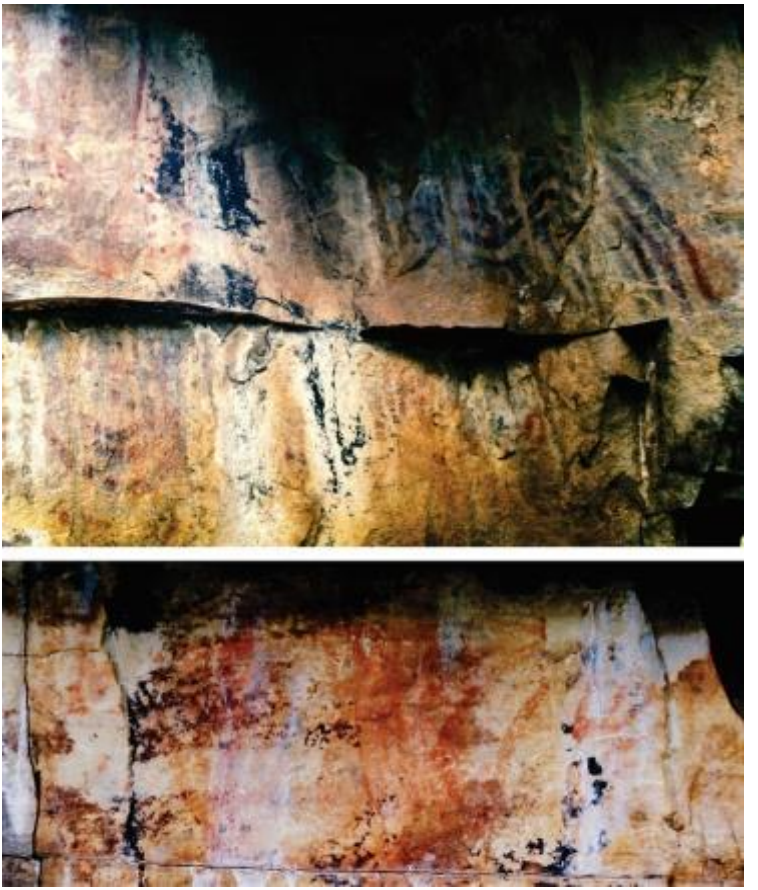
Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 248 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 249 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.21 São Gonçalo 21

O Sítio São Gonçalo 21, também conhecido como Furna do Caçador (código 014.21), localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286359, UTMN 8939844

e 487 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 2,4 m de comprimento, 1,3 m de altura e 2,6 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 250 a 252).

Figura 250 – São Gonçalo 21



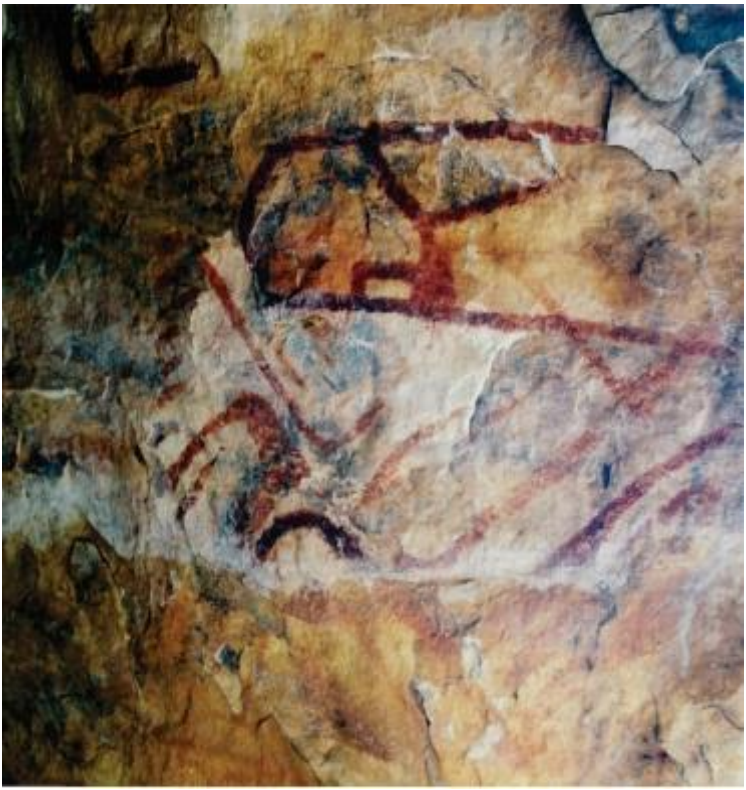
Fonte: Kestering (2007, p. 203)

Figura 251 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 252 – Pinturas reconhecíveis



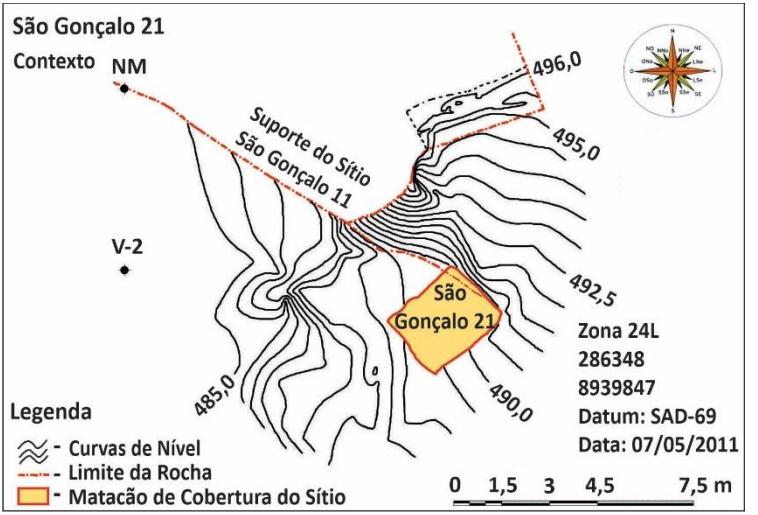
Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.21.1 Escavação

Para ampliar os conhecimentos referentes aos atributos da identidade dos grupos que realizaram as pinturas rupestres do sítio iniciou-se nele uma escavação que não se pode concluir por razões administrativas e/ou políticas da instituição concedente do endosso institucional. Mesmo assim se plotaram, coletaram-se, registraram-se e acondicionaram-se

os artefatos que se encontravam em duas decapagens com espessura média de 23 cm cada. (Fig. 253 e 254).

Figura 253 – Contexto do sítio



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 254 – Sedimentos do sítio



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 6)

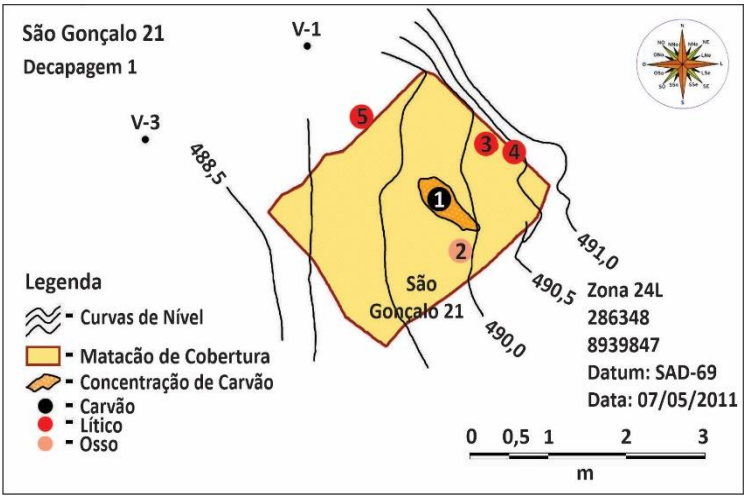
Iniciou-se a escavação no interior do abrigo com a retirada de uma camada de 23 cm de espessura. Nela jaziam matacões, blocos, seixos, grânulos, areia fina e silte. Nessa camada havia um crânio de tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*); três artefatos da indústria lítica em quartzito e uma concentração de lentes de carvão. (Tab. 23; Fig. 255 a 257).

Tabela 23 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
1	18	-	1	Carvão	01	-
2	27	-	1	Osso	01	-
3	23	-	1	Lítico	01	-
4	22	-	1	Lítico	01	-
5	20	-	1	Lítico	01	-
Total	**-**	**-**	**-**	**-**	**05**	-

Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 26)

Figura 255 – Distribuição dos artefatos, carvão e osso



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 256 – Crânio de tamanduá mirim (*Tamandua tetradactyla*)



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 8)

Figura 257 – Final da primeira decapagem, a 23 cm de profundidade



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 9)

Finda a coleta dos vestígios da primeira decapagem, procedeu-se à retirada de matacões, blocos, seixos, grânulos e areia fina da segunda camada cuja espessura era também de 23 cm. Nela havia alguns caracóis (*Megalobulimus sp.*), a continuação da concentração de lentes de carvão, identificada na camada anterior e artefatos da indústria lítica em quartzo e quartzito. (Tab. 24; Fig. 258 a 260).

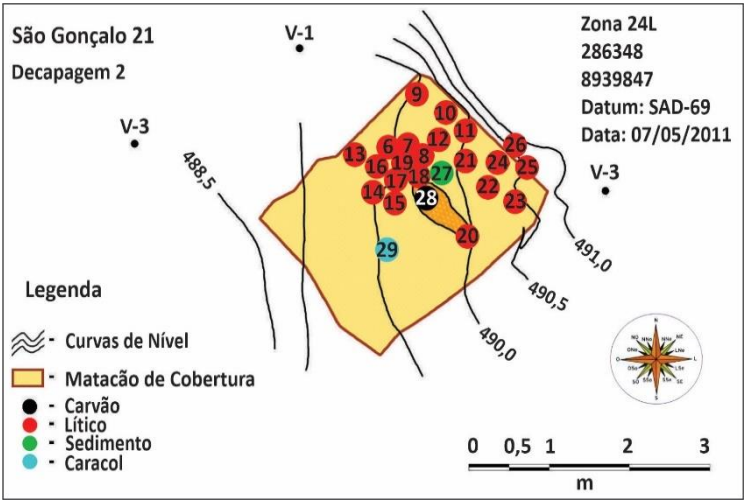
Tabela 24 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
6	96	-	2	Lítico	01	-
7	110	-	2	Lítico	01	-
8	52	-	2	Lítico	03	-
9	82	-	2	Lítico	01	-
10	140	-	2	Lítico	02	-
11	117	-	2	Lítico	01	-
12	169	-	2	Lítico	01	-
13	160	-	2	Lítico	02	-
14	94	-	2	Lítico	01	-
15	83	-	2	Lítico	01	-
16	93	-	2	Lítico	01	-
17	116	-	2	Lítico	01	-
18	77	-	2	Lítico	01	-
19	98	-	2	Lítico	01	-
20	28	-	2	Lítico	01	-
21	76	-	2	Lítico	01	-
22	101	-	2	Lítico	01	-

23	119	-	2	Lítico	02	-
24	35	-	2	Lítico	01	-
25	45	-	2	Lítico	01	-
26	36	-	2	Lítico	01	-
27	170	-	2	Sedimento	01	-
28	109	-	2	Carvão	01	-
29	175	-	2	Caracol	03	*Megalobulimus sp.*
Total	-	-	-	-	**31**	-

Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 26)

Figura 258 – Distribuição dos lítico, caracóis, carvão e sedimentos



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 259 – Caracóis (*Megalobulimus sp*.)



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 10)

Figura 260 – Final da segunda decapagem, a 46 cm de profundidade



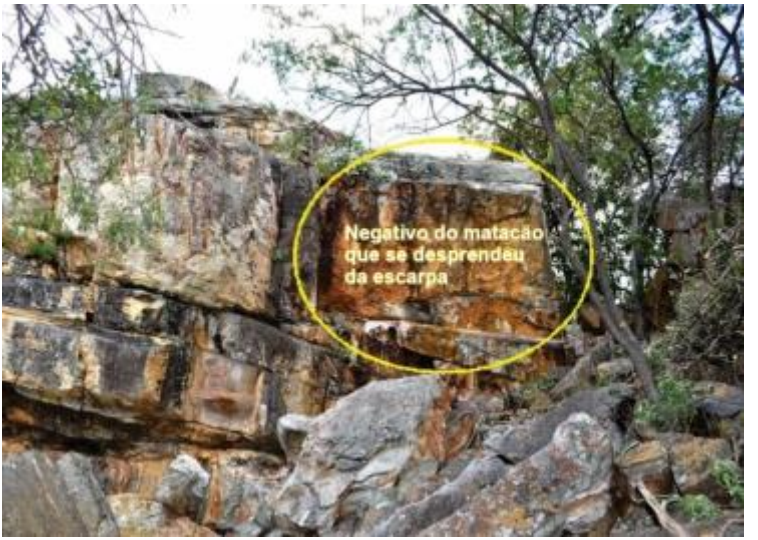
Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 10)

A concentração de carvão em duas camadas consecutivas, sugeria renitentes fogueiras durante longo período. No teto dele não havia, porém, vestígios de fuligem que as comprovasse. Decidiu-se então observar o entorno. Viu-se em uma escarpa, à montante, o negativo do matacão. (Fig. 261).

Observou-se também que, no teto do abrigo havia uma camada de sais com a direção do escorrimento de água na superfície, quando ainda não se desprendera do maciço e acomodara-se no depósito de Tálus. Além disso se constatou que sua resvaladura foi posterior à realização das pinturas porque nelas havia evidentes escoriações. (Fig. 262).

Para entender a dinâmica da formação do abrigo, obter datações relativas para as pinturas e verificar a existência de outros painéis nos matacões parcialmente encobertos ampliou-se a escavação ao entorno próximo e a subdividiu-se em três setores. (Fig. 263).

Figura 261 – Negativo do matacão que forma o teto do abrigo



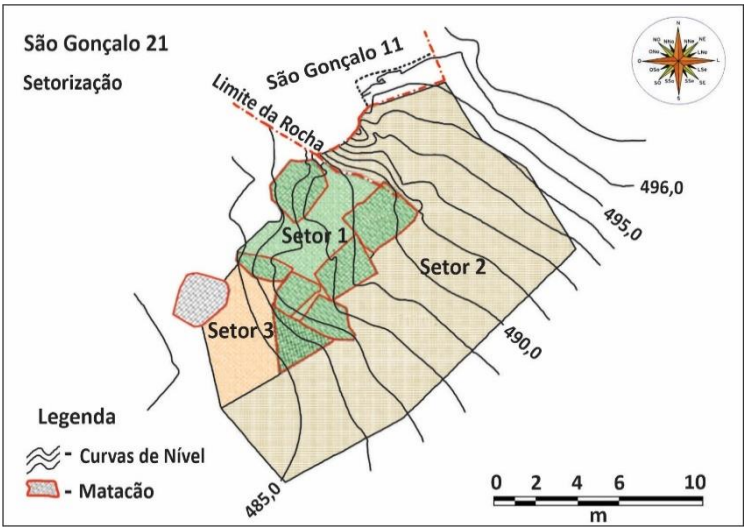
Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 12)

Figura 262 – Sais e escoriações sobre a pinturas do teto do abrigo



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 12)

Figura 263 – Ampliação da escavação, com setorização



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 12)

Iniciou-se a escavação do Setor 1, com a remoção de matacões, blocos, seixos e grânulos e areia fina. Nessa camada de 23 cm de espessura havia caracóis (*Megalobulimus sp.*) e artefatos da indústria lítica. (Tab. 25; Fig. 264).

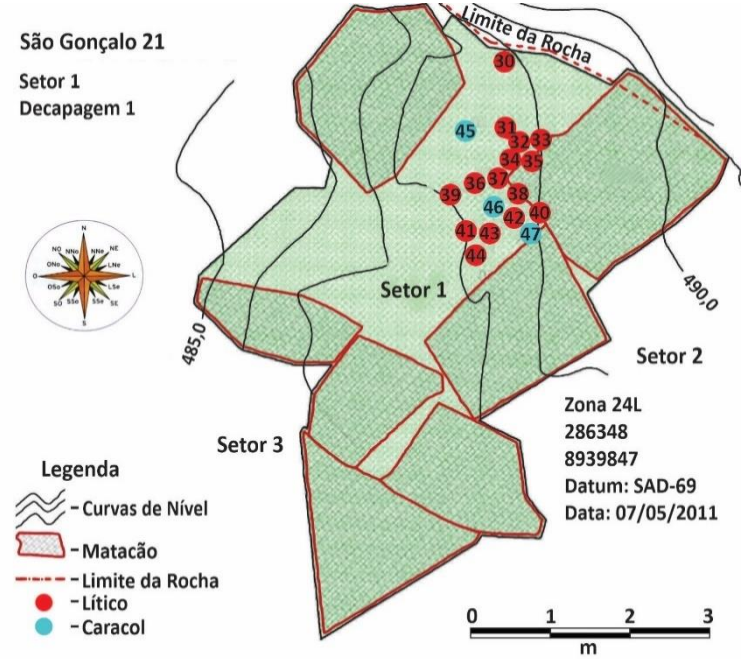
Tabela 25 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
30	383	1	1	Lítico	02	-
31	371	1	1	Lítico	01	-
32	372	1	1	Lítico	01	-
33	373	1	1	Lítico	01	-
34	370	1	1	Lítico	02	-
35	374	1	1	Lítico	01	-
36	375	1	1	Lítico	01	-
37	379	1	1	Lítico	01	-
38	377	1	1	Lítico	01	-
39	380	1	1	Lítico	01	-
40	376	1	1	Lítico	01	-
41	381	1	1	Lítico	01	-
42	378	1	1	Lítico	01	-
43	382	1	1	Lítico	01	-
44	263	1	1	Lítico	01	

45	234	1	1	Caracol	03	*Megalobulimus sp.*
46	384	1	1	Caracol	02	*Megalobulimus sp.*
47	369	1	1	Caracol	02	*Megalobulimus sp.*
Total	-	-	-	-	**24**	-

Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 26)

Figura 264 – Distribuição dos caracóis e artefatos líticos



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Na remoção da segunda camada com espessura de 23 cm encontraram-se, plotaram-se e registraram-se artefatos da indústria lítica, caracóis (*Megalobulimus sp.*) e ossos. (Tab. 26; Fig. 265 e 266).

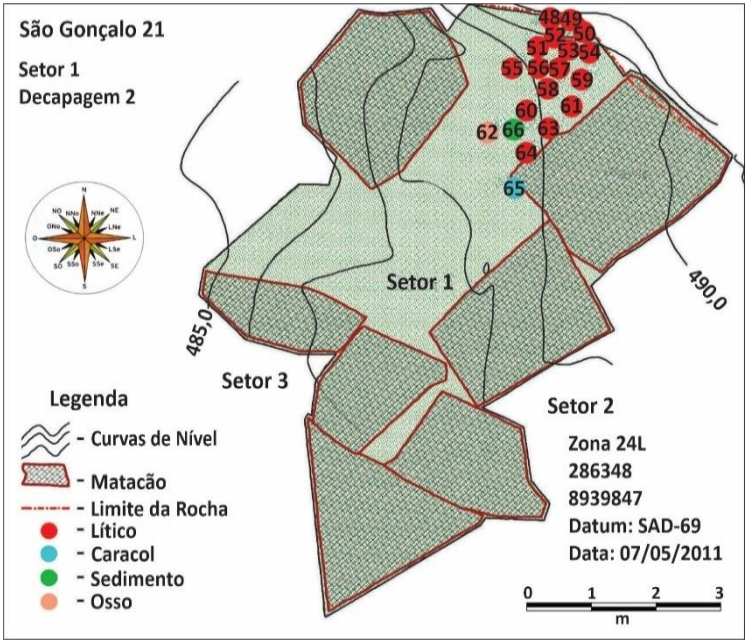
Tabela 26 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
48	387	1	2	Lítico	02	-
49	386	1	2	Lítico	01	-
50	388	1	2	Lítico	01	-

51	397	1	2	Lítico	01	-
52	389	1	2	Lítico	01	-
53	390	1	2	Lítico	01	-
54	391	1	2	Lítico	01	-
55	398	1	2	Lítico	02	-
56	399	1	2	Lítico	01	-
57	395	1	2	Lítico	02	-
58	394	1	2	Lítico	02	-
59	392	1	2	Lítico	01	-
60	401	1	2	Lítico	01	-
61	393	1	2	Lítico	02	-
62	402	1	2	Osso	02	-
63	400	1	2	Lítico	02	-
64	396	1	2	Lítico	03	-
65	403	1	2	Caracol	02	*Megalobulimus sp.*
66	404	1	2	Sedimento	01	-
Total	-	-	-	-	**29**	-

Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 26-27)

Figura 265 – Distribuição dos artefatos, caracóis e ossos



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 266 – Final da segunda decapagem, a 46 cm de profundidade



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 17)

Iniciou-se a escavação do Setor 2, com a remoção de matacões, blocos, seixos e grânulos que se encontravam na superfície do terreno. Ao removê-los constatou-se que à montante da furna a primeira camada do depósito de tálus acumulara-se após a acomodação do teto do abrigo, como testemunham matacões escorados nele. (Fig. 267). Com essa verificação, decidiu-se coletar sedimentos acumulados sob alguns matacões, para os encaminhar a laboratório, a fim de se obterem datações ante que se realizaram as pinturas do teto do abrigo. Sob alguns matacões, encontravam-se caranguejeiras (*Lasiodora sp*), jiboias (*Boa constrictor*), pequenos lagartos (*Tropidurus semitaeniatus*) e aracnídeos da espécie *Heterophrynus longicornis*. (Fig. 268 a 270). Nessa decapagem, plotaram-se, registraram-se e coletaram-se artefatos líticos, caracóis (*Megalobulimus sp*.) e sedimentos. (Tab. 27; Fig. 271 a 276).

Tabela 27 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
67	199	2	1	Lítico	09	-
68	342	2	1	Lítico	01	-
69	284	2	1	Lítico	01	-
70	348	2	1	Lítico	01	-
71	245	2	1	Caracol	02	-

72	216	2	1	Caracol	01	-
73	343	2	1	Caracol	02	-
74	347	2	1	Caracol	01	-
75	346	2	1	Sedimento	01	
76	238	2	1	Sedimento	01	
77	244	2	1	Sedimento	01	
78	405	2	1	Caracol	05	-
79	406	2	1	Caracol	02	-
80	407	2	1	Lítico	01	-
81	413	2	1	Lítico	01	-
82	417	2	1	Lítico	01	-
83	412	2	1	Lítico	02	-
84	408	2	1	Lítico	01	-
85	410	2	1	Lítico	01	-
86	409	2	1	Lítico	02	-
87	418	2	1	Sedimento	01	Para datação
88	419	2	1	Sedimento	01	Para datação
89	420	2	1	Sedimento	01	Para datação
90	421	2	1	Sedimento	01	Para datação
91	422	2	1	Sedimento	01	Para datação
92	423	2	1	Sedimento	01	Para datação
Total	-	-	-	-	**43**	-

Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 27)

Figura 267 – Matacão escorado no teto do abrigo



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 19)

Figura 268 - Caranguejeira (*Lasiodora sp*)



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 23)

Figura 269 – Pequeno lagarto de lajedo (*Tropidurus semitaeniatus*)



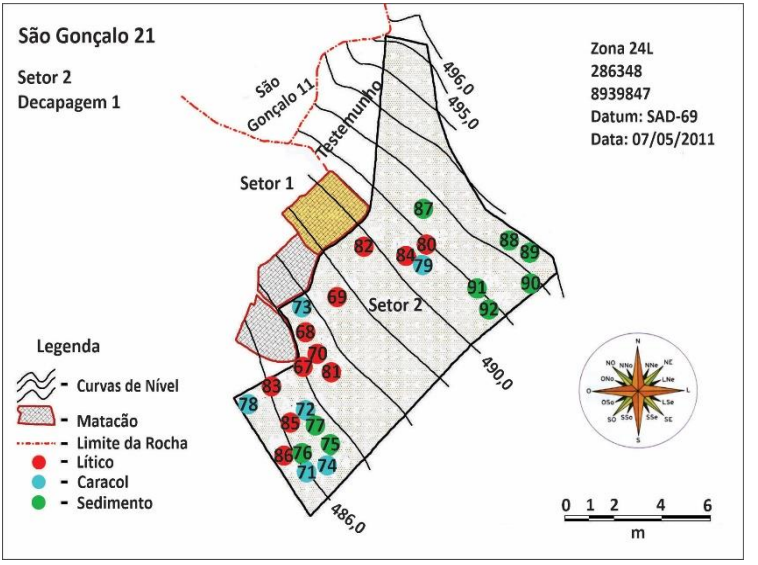
Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 25)

Figura 270 – Aracnídeo primitivo (*Heterophrynus longicornis*)



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 24)

Figura 271 – Distribuição dos artefatos líticos, caracóis e sedimentos



Fonte: Kestering; Cavalcante; Almeida Neta (2013, p. 25)

Tabela 28 – Classificação preliminar dos artefatos líticos

Nº	Etiq.	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
83	412	1	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
83	412	2	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
86	409	2	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
67	199	1	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
67	199	2	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
67	199	3	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
67	199	4	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
67	199	7	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
85	410	-	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
81	413	-	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
80	407	-	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
70	348	-	2	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
34	370	2	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
36	375	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
30	383	1	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
30	383	2	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
35	374	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
40	376	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
6	096	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
18	077	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
24	035	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
15	083	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
21	076	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
20	028	-	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
23	119	2	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
10	140	1	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
10	140	2	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
8	052	2	-	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
55	398	2	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
50	388	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
56	399	-	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
54	391	-	1	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
64	396	2	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
63	400	1	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
48	387	1	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
48	387	2	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
57	395	1	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
57	395	2	1	2	Lasca com córtex	Quartzo	-
4	022	-	-	1	Lasca sem córtex	Quartzito	-
22	101	-	-	2	Lasca sem córtex	Quartzo	-
82	417	-	2	1	Núcleo	Quartzo	-
67	199	9	2	1	Núcleo	Quartzo	-
69	284	-	2	1	Núcleo	Quartzo	-

68	342	-	2	1	Núcleo	Quartzo	-
67	199	6	2	1	Núcleo	Quartzo	-
84	408	-	2	1	Núcleo	Quartzo	-
67	199	8	2	1	Núcleo	Quartzo	-
42	378	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
44	263	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
37	379	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
33	373	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
38	377	-	1	1	Núcleo	Quartzo	-
14	094	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
7	110	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
11	117	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
16	093	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
13	160	1	-	2	Núcleo	Quartzo	-
8	052	3	-	2	Núcleo	Quartzo	-
15	083	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
26	036	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
23	119	1	-	2	Núcleo	Quartzo	-
19	098	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
17	116	-	-	2	Núcleo	Quartzo	-
53	390	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
49	386	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
64	396	1	1	2	Núcleo	Quartzo	-
64	396	3	1	2	Núcleo	Quartzo	-
60	401	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
61	393	2	1	2	Núcleo	Quartzo	-
51	397	-	1	2	Núcleo	Quartzo	-
58	394	2	1	2	Núcleo	Quartzo	-
63	400	2	1	2	Núcleo	Quartzo	-
67	199	5	2	1	Instrumento	Quartzo	-
31	371	-	1	1	Instrumento	Quartzo	-
3	023	-	-	1	Instrumento	Quartzito	-
8	052	1	-	2	Instrumento	Quartzo	-
12	169	-	-	2	Instrumento	Quartzo	-
86	409	1	2	1	Fragmento	Quartzo	-
43	382	-	1	1	Fragmento	Quartzo	-
32	372	-	1	1	Fragmento	Quartzo	-
34	370	1	1	1	Fragmento	Quartzo	-
41	381	-	1	1	Fragmento	Quartzo	-
39	380	-	1	1	Fragmento	Quartzo	-
5	020	-	-	1	Fragmento	Quartzo	-
13	160	2	-	2	Fragmento	Quartzo	-
25	045	-	-	2	Fragmento	Quartzo	-
59	392	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
61	393	1	1	2	Fragmento	Quartzo	-
58	394	1	1	2	Fragmento	Quartzo	-

52	389	-	1	2	Fragmento	Quartzo	-
55	398	1	1	2	Fragmento	Quartzo	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 272 – Lasca com córtex, de quartzo



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 273 – Lasca sem córtex, de quartzito



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 274 – Núcleo de quartzo



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 275 – Instrumento de quartzo



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 276 – Fragmento de quartzo



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Com as atividades realizadas obtiveram-se alguns resultados com os quais se propõe, em nível hipotético, que a grande quantidade de caracóis (*Megalobulimus sp.*) deve-se ao clima pretérito mais úmido que o atual; a ocorrência de aracnídeos da espécie *Heterophrynus longicornis*, cujo hábitat atual preferido é a Floresta Amazônica sugere que a vegetação antiga era mais exuberante que a atual; a média das datações dos sedimentos (6830 anos AP) insinua que o teto do abrigo havia já se desprendido do suporte original quando se estabeleceram as condições climáticas atuais, há 6790 anos AP; o padrão de cognoscibilidade e as temáticas das pinturas do abrigo têm mais de 6830 anos, quando, na região de Sobradinho, os grupos mostravam preferência pelo estilo São Gonçalo da Subtradição Sobradinho cuja datação varia de 9000 a 6790 anos AP. (KESTERING, 2007, p. 173).

3.9.22 São Gonçalo 22

O Sítio São Gonçalo 22, também conhecido como Pedra do Cavalo (código 014.22), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286334, UTMN 8939846 e 482 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação leste – oeste e abertura a sul. Mede 6 m de comprimento; 4 m de altura e 0,3 m de largura. Nele há um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 277 e 278).

Figura 277 – São Gonçalo 22



Fonte: Kestering (2007, p. 204)

Figura 278 – Uma pintura conhecível e uma reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.22.1 Escavação

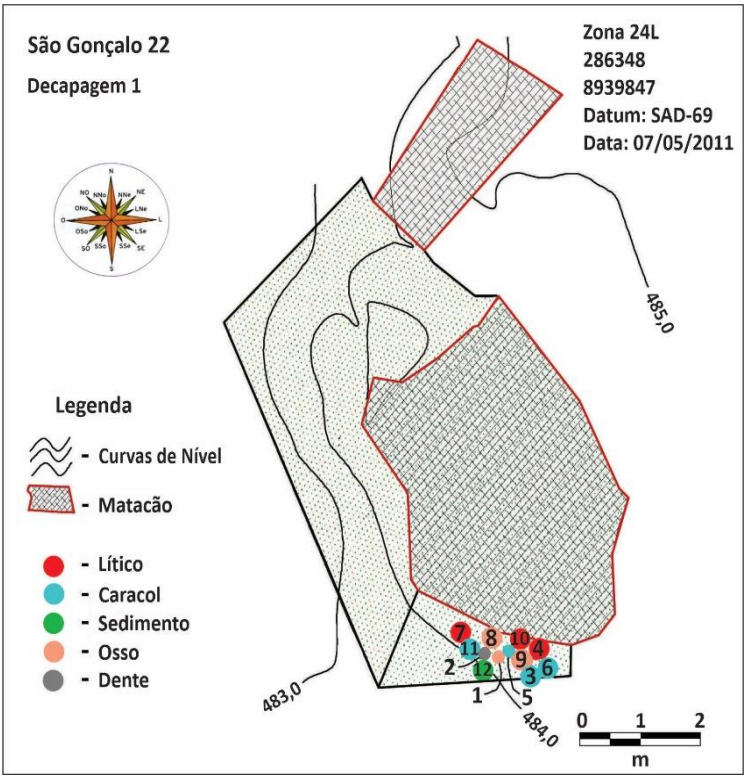
Para ampliar os conhecimentos referentes aos atributos da identidade dos grupos que realizaram as pinturas rupestres do sítio iniciou-se uma escavação que não se pode prosseguir por razões administrativas e/ou políticas da instituição concedente do endosso institucional. Mesmo assim se plotaram, coletaram-se, registraram-se e acondicionaram-se artefatos da indústria lítica, ossos, dentes e caracóis (*Megalobulimus sp*.) que se encontravam em uma decapagem que se fez com espessura média de 10 cm. (Tab. 29 e 30; Fig. 279 a 281).

Tabela 29 – Material arqueológico coletado

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
1	271	01	1	Osso	01	Mandíbula de caititu
2	272	01	1	Dente	02	-
3	273	01	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
4	274	01	1	Lítico	03	-
5	275	01	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
6	276	01	1	Caracol	01	*Megalobulimus sp.*
7	351	01	1	Lítico	01	-
8	352	01	1	Osso	01	Microfauna
9	354	01	1	Osso	01	Microfauna
10	355	01	1	Lítico	01	-
11	356	01	1	Caracol	03	-
12	366	01	1	Sedimento	01	-
Total	-	-	-	-	**17**	-

Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 6)

Figura 279 – Distribuição dos artefatos, ossos, dentes e caracóis



Fonte: Flávio Barros (2013), adaptado pelo autor deste

Figura 280 – Dentes *in situ*



Fonte: Kestering; Silva; Chagas Junior (2013, p. 5)

Tabela 30 – Classificação preliminar dos artefatos líticos

Pt	Etiq.	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
4	274	1	-	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
4	274	2	-	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
4	274	3	-	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
10	355	-	-	1	Lasca com córtex	Quartzo	-
7	351	-	-	1	Lasca com córtex	Quartzo	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 281 – Lasca com córtex

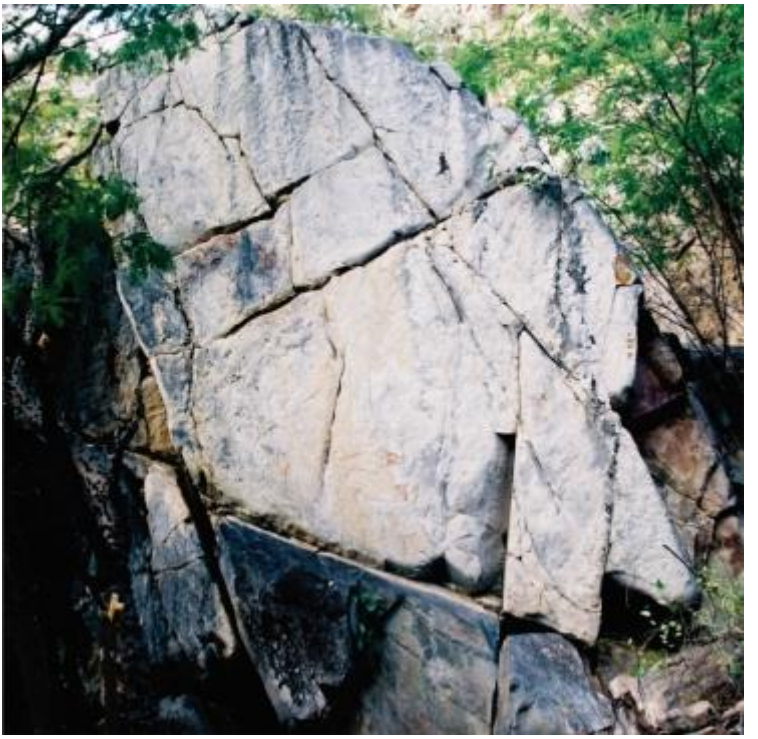


Fonte: Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

3.9.23 São Gonçalo 23

O Sítio São Gonçalo 23, também conhecido como Pedra Branca (código 014.23) localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286270, UTMN 8940036 e 481 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 2,8 m de comprimento, 5 m de altura e 0,2 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 282 e 283).

Figura 282 – São Gonçalo 23



Fonte: Kestering (2007, p. 205)

Figura 283 – Pinturas reconhecíveis

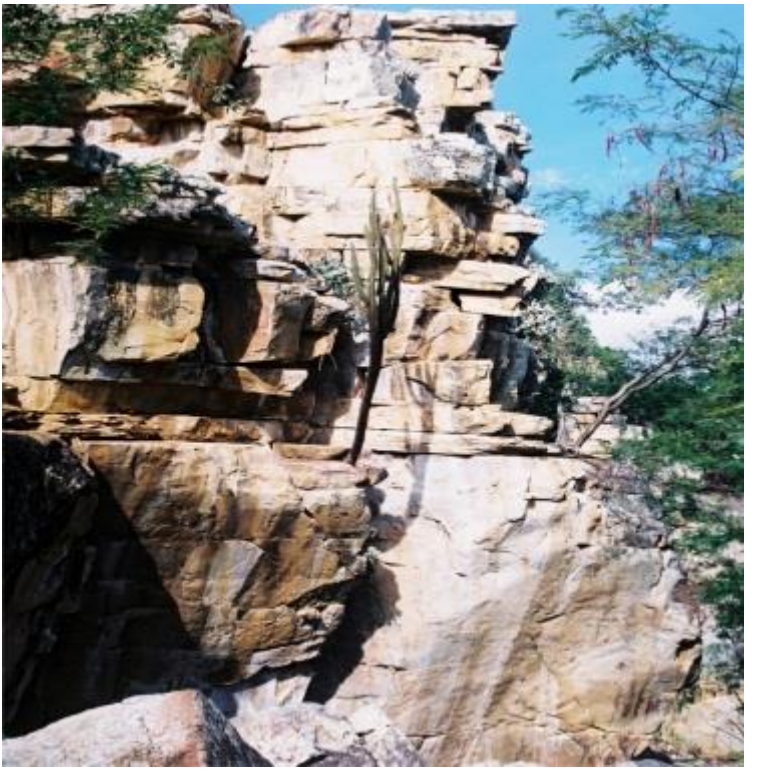


Fonte: Acervo do autor (2001

3.9.24 São Gonçalo 24

O Sítio São Gonçalo 24, também conhecido como Pedra do Cipó (código 014.24), localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286289, UTMN 8940032 e 484 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 11 m de comprimento; 16 m de altura e 2 m de largura. Nela há um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 284 e 285).

Figura 284 – São Gonçalo 24



Fonte: Kestering (2007, p. 206)

Figura 285 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.25 São Gonçalo 25

O Sítio São Gonçalo 25, também conhecido como Andar de Cima (código 014.25), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286242, UTMN 8940109 e 490 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 4,2 m de comprimento; 6,5 m de altura e 1,3 m de largura. Nela se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 286 e 287).

Figura 286 – São Gonçalo 25



Fonte: Kestering (2007, p. 207)

Figura 287 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.26 São Gonçalo 26

O Sítio São Gonçalo 26, também conhecido como Pedra do Fogo (código 014.26), localiza-se à base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286303, UTMN 8939857 e 474 m de altitude. É um matacão com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 4,6 m de comprimento; 2,1 m de altura e 0,2 m de largura. Nele há um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 288 e 289).

Figura 288 – São Gonçalo 26



Fonte: Kestering (2007, p. 208)

Figura 289 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.27 São Gonçalo 27

O Sítio São Gonçalo 27, também conhecido como Loca da Cascavel (código 014.27), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286130, UTMN 8940165 e 465 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 31,2 m de comprimento; 5,7 m de altura e 1,2 m de largura. Nela há painéis de pintura

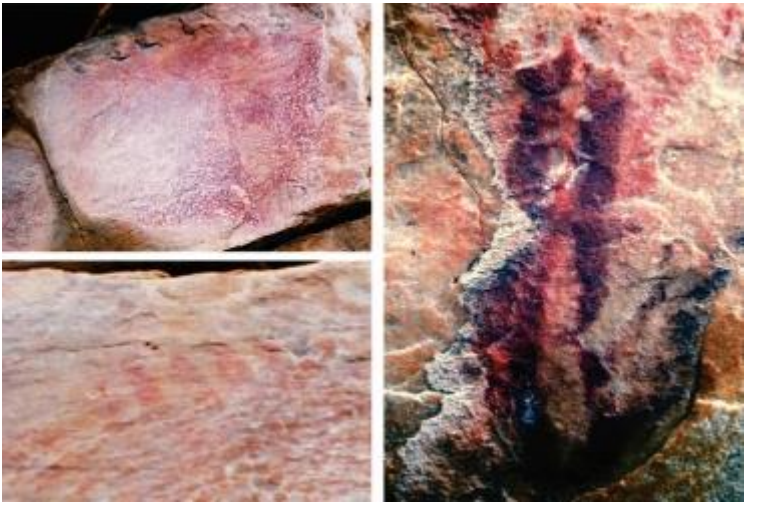
rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 290 a 292).

Figura 290 – São Gonçalo 27



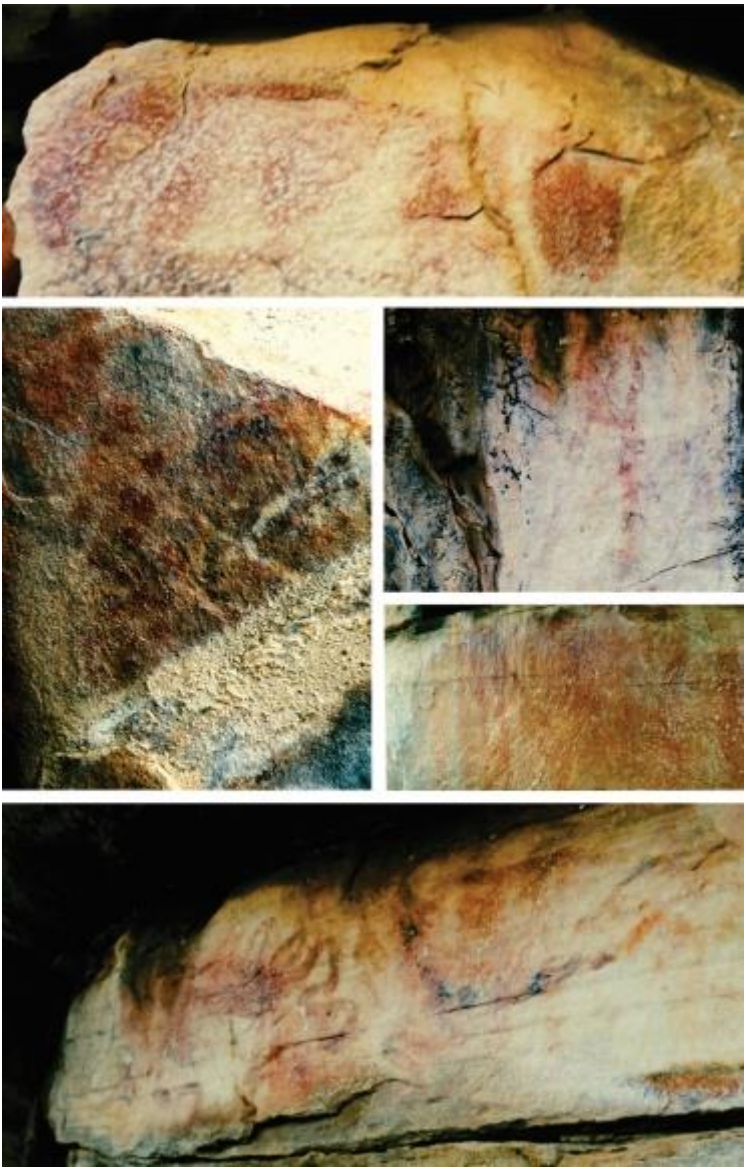
Fonte: Kestering (2007, p. 209)

Figura 291 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 292 – Pinturas reconhecíveis

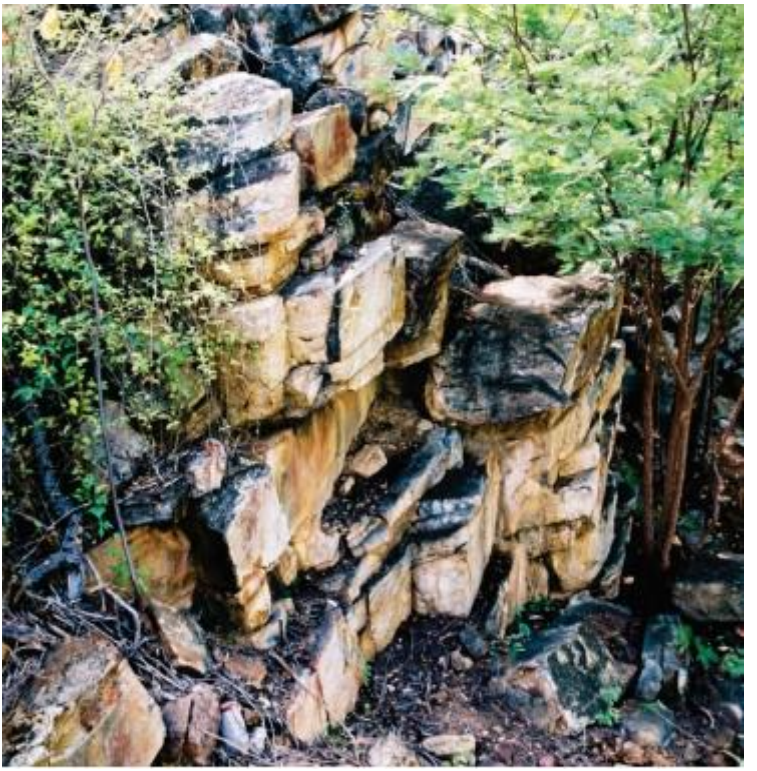


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.28 São Gonçalo 28

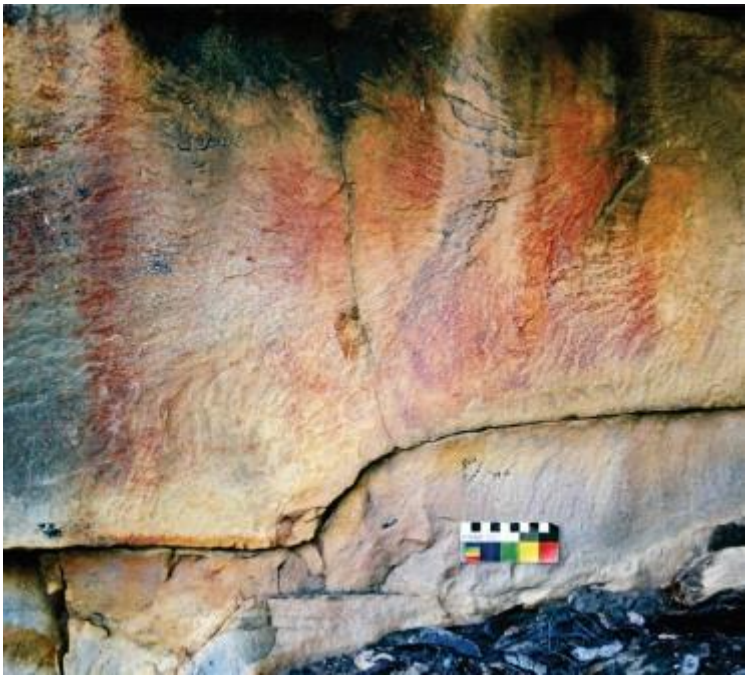
O Sítio São Gonçalo 28, também conhecido como Poço da Jia (código 014.28), localiza-se à base da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286143, UTMN 8940165 e 467 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 14,6 m de comprimento, 5,7 m de altura e 0,3 m de largura. Nela há um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 293 e 294).

Figura 293 – São Gonçalo 28



Fonte: Kestering (2007, p. 210)

Figura 294 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.29 São Gonçalo 29

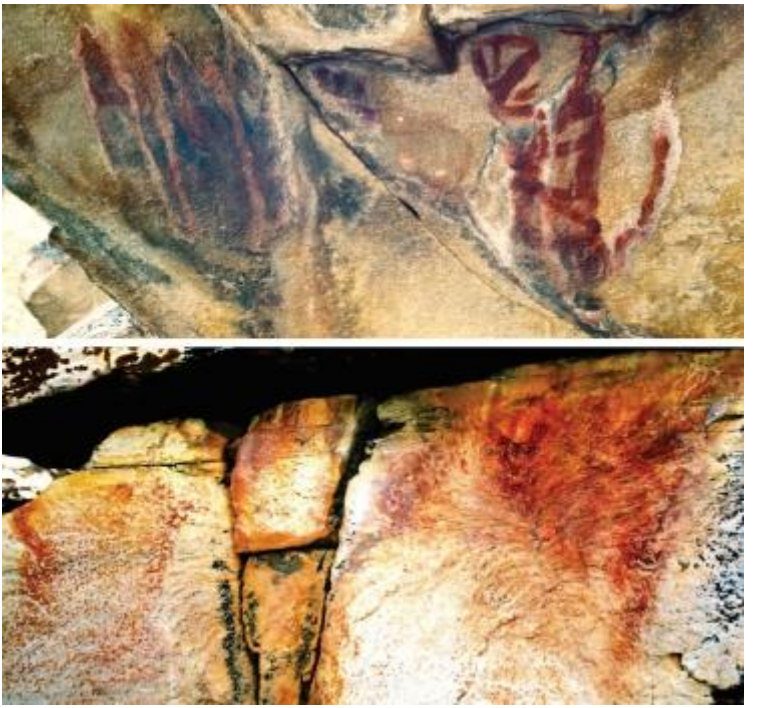
O Sítio São Gonçalo 29, também conhecido como Rabo de Raposa (código 014.29), localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286152, UTMN 8940174 e 473 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 8,5 m de comprimento; 1,8 m de altura e 1 m de largura. Nela se preservam dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 295 e 296).

Figura 295 – São Gonçalo 29



Fonte: Kestering (2007, p. 211)

Figura 296 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.30 São Gonçalo 30

O Sítio São Gonçalo 30, também conhecido como Pedra do Facheiro (código 014.30), localiza-se a meia encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286193, UTMN 8940138 e 479 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 9 m de comprimento; 1,3 m de altura e 1 m de largura. Nela há um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 297 e 298).

Figura 297 – São Gonçalo 30



Fonte: Kestering (2007, p. 212)

Figura 298 – Pintura reconhecível

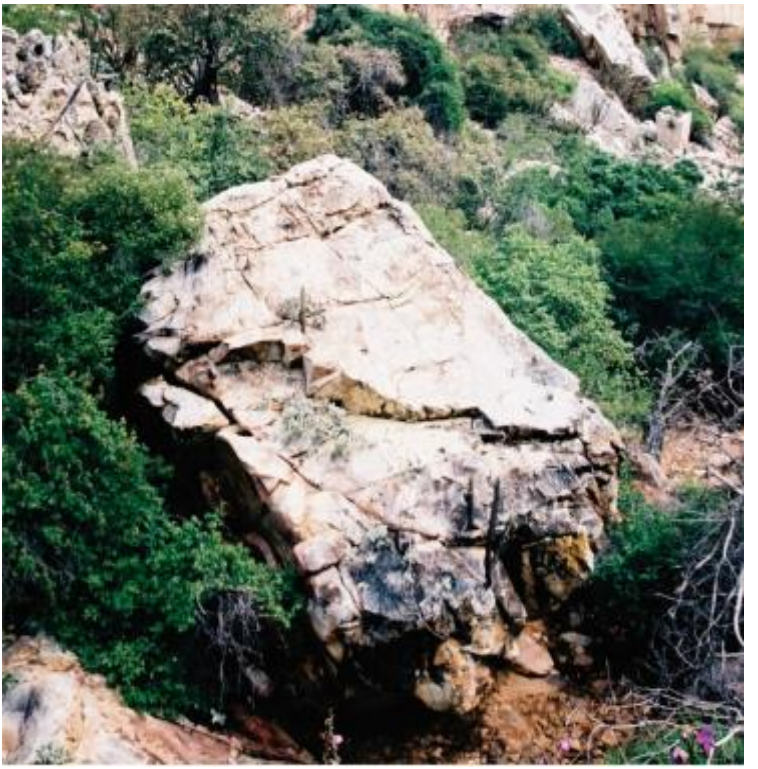


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.31 São Gonçalo 31

O Sítio São Gonçalo 31, também conhecido como Poço da Onça (código 014.31), localiza-se à base da encosta da Serra do Saco do Morcego, às coordenadas UTM24L 286345, UTMN 8939833 e 491 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 9 m de comprimento; 4,7 m de altura e 3 m de largura. Nela há dois painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos semi-angulosos, areia e silte. (Fig. 299 e 300).

Figura 299 – São Gonçalo 31



Fonte: Kestering (2007, p. 213)

Figura 300 – Pinturas reconhecíveis

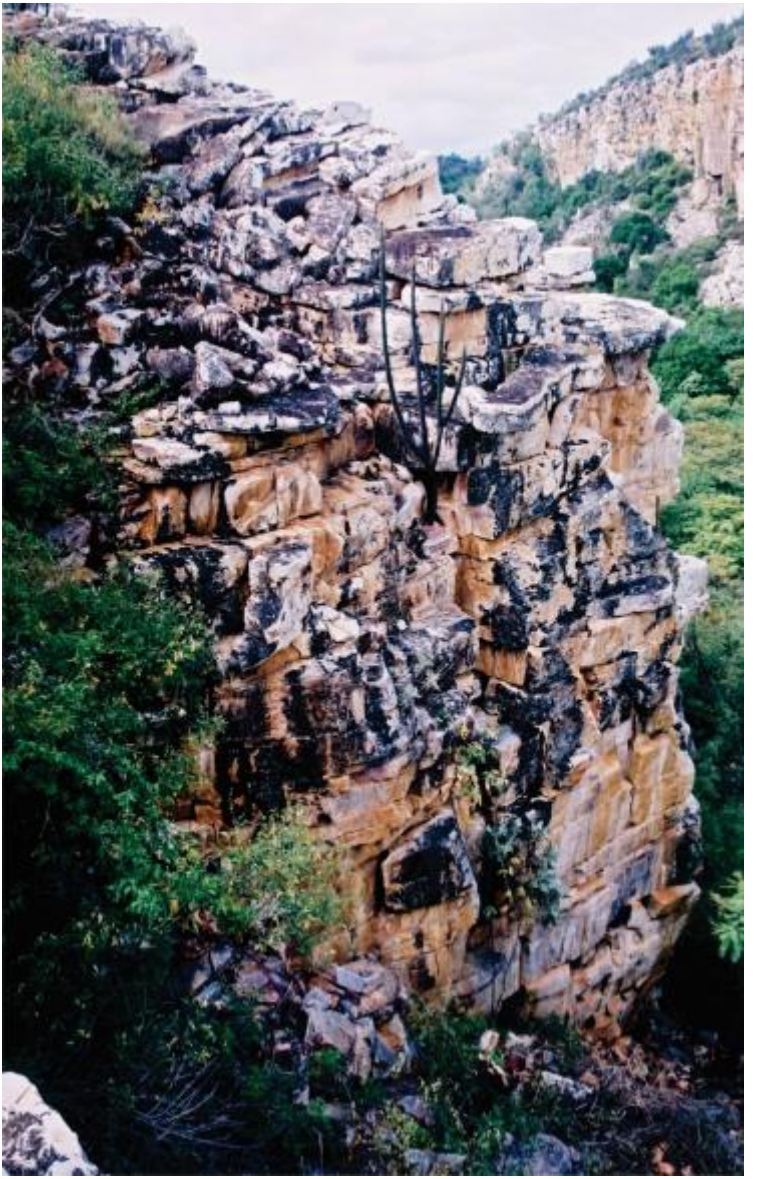


Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.32 São Gonçalo 32

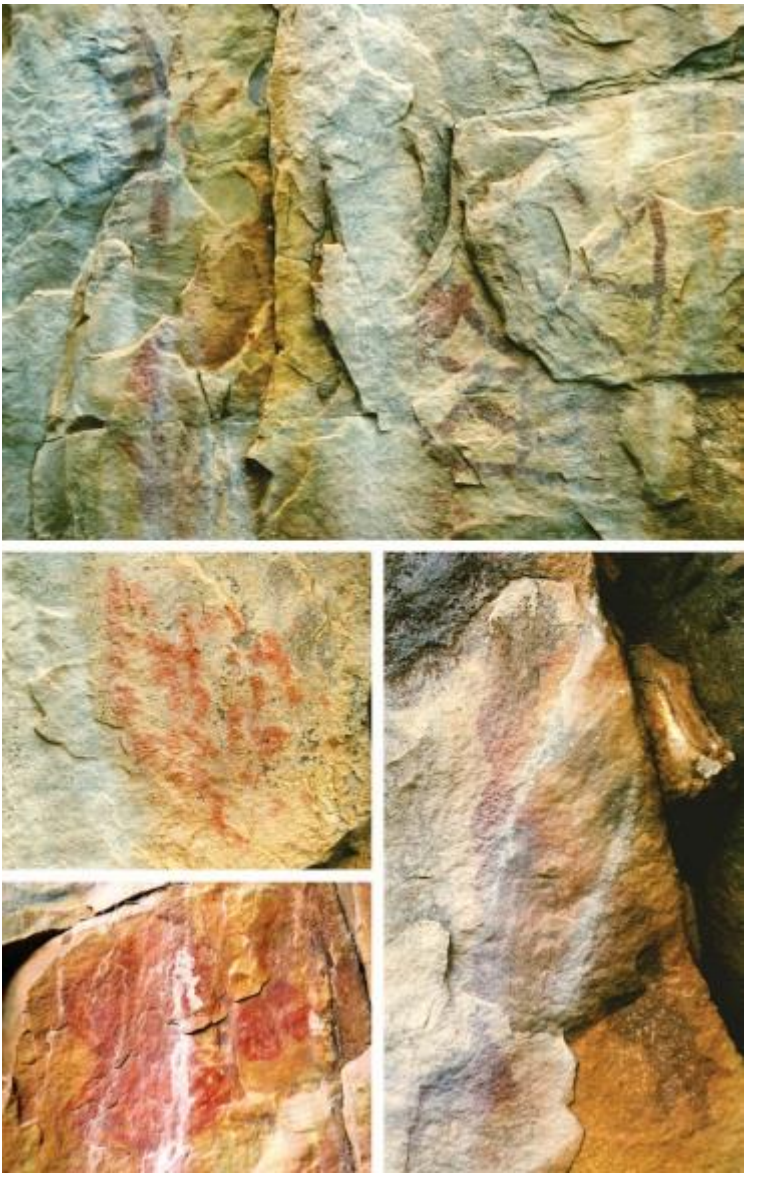
O Sítio São Gonçalo 32, também conhecido como Talhado da Ladeira (código 014.32), localiza-se no alto da encosta da Serra do Corrente, às coordenadas UTM24L 286264, UTMN 8940066 e 476 m de altitude. É uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 15 m de comprimento; 13 m de altura e 2,3 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 301 a 303).

Figura 301 – São Gonçalo 32



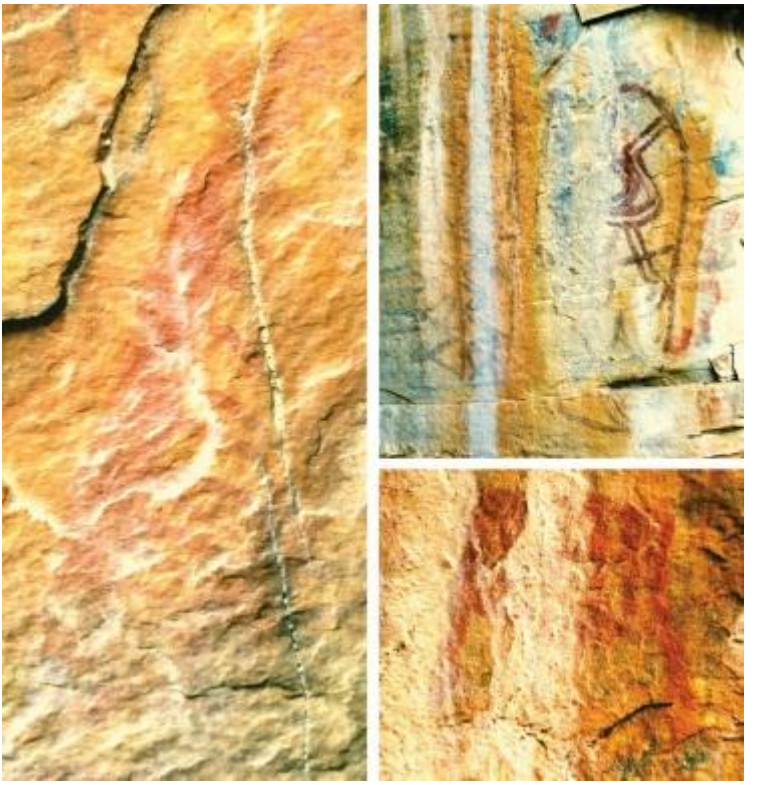
Fonte: Kestering (2007, p. 259)

Figura 302 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

Figura 303 – Uma pintura conhecível e outras reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2001)

3.9.33 São Gonçalo 33

O Sítio São Gonçalo 33, também conhecido como Aldeia do Buia (código 014.33), localiza-se à jusante próxima do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, às coordenadas UTM24L 286070, UTMN 8940271 e 455 m de altitude. Trata-se de uma superfície plana, a céu aberto, onde jaziam almofarizes em matacão, artefatos da indústria lítica e fragmentos de

cerâmica. (Fig. 304 a 306). Na escavação de uma cisterna, no lado direito do Riacho são Gonçalo encontraram-se outros artefatos líticos que evidenciaram “ocupação humana contínua, desde a rocha matriz até a superfície atual do terreno”. (KESTERING, 2007, p. 175; Fig. 307).

Figura 304 – Terreno plano, à jusante do boqueirão



Fonte: Kestering (2014, p. 59)

Figura 305 – Almofariz em matacão, na superfície do terreno



Fonte: Kestering (2007, p. 68)

Figura 306 – Artefatos líticos que jaziam na superfície do terreno



Fonte: Kestering (2007, p. 69)

Figura 307 – Artefatos da indústria lítica na escavação da cisterna



Fonte: Kestering (2007, p. 69)

3.9.33.1 Sondagens

Para buscar referências arqueológicas de subsuperfície que corroborassem a hipótese da existência de uma aldeia à jusante dos sítios com painéis de pintura rupestre realizaram-se sondagens a partir de uma prospecção para registro e coleta de artefatos arqueológicos da superfície do terreno. Prosseguiu-se com a abertura de trincheiras em uma

sequência de cinco unidades de alinhamento norte-sul[6], que se escavaram até a rocha matriz. (Tab. 31 a 34; Fig. 308 a 333).

Tabela 31 – Material arqueológico coletado

Unidade			Nº	Etiq	Dec.	Material	Quant.	Obs.
Nº	N	L						
1	-	-	01	001	Sup.	Lítico	01	-
2	-	-	02	002	Sup.	Metal	01	Cancelado
3	-	-	03	003	Sup.	Louça	01	-
4	-	-	04	004	Sup.	Metal	01	Cancelado
5	-	-	05	005	Sup.	Cerâmica	01	-
6	-	-	06	006	Sup.	Cerâmica	01	-
7	-	-	07	007	Sup.	Cerâmica	01	-
8	-	-	08	008	Sup.	Cerâmica	01	-
9	-	-	09	009	Sup.	Cerâmica	01	-
10	-	-	10	010	Sup.	Cerâmica	01	-
11	-	-	11	011	Sup.	Lítico	01	-
12	-	-	12	012	Sup.	Lítico	01	-
13	-	-	13	013	Sup.	Lítico	01	Almofariz
14	-	-	14	032	Sup.	Lítico	01	Almofariz
15	-	-	15	033	Sup.	Lítico	01	Almofariz
16	-	-	16	034	Sup.	Lítico	01	-
17	-	-	17	043	Sup.	Lítico	01	Almofariz
18	-	-	18	056	Sup.	Lítico	01	Almofariz
19	-	-	19	037	Sup.	Lítico	01	Almofariz
20	-	-	20	038	Sup.	Lítico	01	Almofariz
21	-	-	21	039	Sup.	Lítico	01	-
22	-	-	22	040	Sup.	Lítico	01	-
23	-	-	23	041	Sup.	Lítico	04	-
24	-	-	24	042	Sup.	Lítico	01	Cancelado
25	-	-	25	048	Sup.	Lítico	01	-
26	-	-	26	084	Sup.	Lítico	01	-
27	-	-	27	161	Sup.	Lítico	01	Almofariz
28	-	-	28	162	Sup.	Lítico	01	-
29	-	-	29	155	Sup.	Lítico	01	-
30	-	-	30	156	Sup.	Lítico	01	-
31	-	-	31	157	Sup.	Lítico	01	Cancelado
32	-	-	32	159	Sup.	Lítico	01	-
33	968	961	-	016	1	Cerâmica	01	-
34	968	961	-	103	5	Lítico	01	-

[6] Série feita pelo *datum* (N1000L1000): N968 – L961; N971 – L961; N973 – L961; N975 – L961; N977 – L961. (KESTERING, 2014, p. 784).

35	968	961	-	104	5	Lítico	02	-
36	968	961	-	151	5	Sedimento	01	Cancelado
37	968	961	-	152	6	Lítico	03	-
38	968	961	-	153	7	Cerâmica	01	-
39	968	961	-	154	7	Cerâmica	01	-
40	971	961	-	025	1	Cerâmica	03	-
41	971	961	-	026	1	Lítico	01	-
42	971	961	-	125	1	Lítico	07	Cancelado
43	971	961	-	189	2	Lítico	06	-
44	971	961	-	055	3	Sedimento	01	-
45	971	961	-	056	3	Sedimento	01	Cancelado
46	971	961	-	078	3	Lítico	01	-
47	971	961	-	064	3	Lítico	01	-
48	971	961	-	075	3	Osso	01	Cancelado
49	971	961	-	074	3	Cerâmica	03	-
50	971	961	-	081	4	Cerâmica	02	-
51	971	961	-	111	4	Lítico	02	-
52	971	961	-	113	5	Cerâmica	07	-
53	971	961	-	112	5	Cerâmica	01	-
54	971	961	-	114	5	Lítico	02	-
55	971	961	-	115	5	Lítico	01	-
56	971	961	-	167	6	Cerâmica	02	-
57	971	961	-	163	6	Lítico	04	-
58	971	961	-	165	6	Lítico	01	-
59	971	961	-	164	6	Lítico	01	-
60	971	961	-	166	6	Lítico	03	-
61	971	961	-	118	6	Cerâmica	02	-
62	971	961	-	120	6	Lítico	04	-
63	971	961	-	168	6	Lítico	01	-
64	971	961	-	124	7	Cerâmica	02	-
65	971	961	-	126	7	Lítico	20	-
66	971	961		127	7	Lítico	02	-
67	971	961	-	129	7	Sedimento	01	Cancelado
68	971	961	-	130	7	Lítico	01	-
69	971	961		187	7	Lítico	01	-
70	973	961	-	107	1	Lítico	01	-
71	973	961	-	097	1	Cerâmica	02	-
72	973	961	-	201	1	Lítico	01	-
73	973	961	-	179	1	Lítico	06	-
74	973	961	-	017	2	Lítico	02	-
75	973	961	-	019	2	Lítico	01	-
76	973	961	-	024	3	Lítico	01	-
77	973	961	-	029	3	Lítico	01	-
78	973	961	-	030	3	Lítico	01	-
79	973	961	-	067	4	Cerâmica	01	-
80	973	961	-	068	4	Cerâmica	02	-

81	973	961	-	053	4	Sedimento	01	-
82	973	961	-	070	4	Cerâmica	02	-
83	973	961		071	4	Sedimento	01	-
84	973	961	-	072	4	Sedimento	01	Cancelado
85	973	961	-	095	5	Lítico	01	-
86	973	961	-	014	5	Lítico	01	-
87	973	961	-	105	6	Lítico	01	-
88	973	961	-	106	6	Lítico	01	-
89	973	961	-	141	7	Lítico	01	-
90	973	961	-	142	7	Lítico	01	-
91	973	961	-	144	7	Cerâmica	01	Cancelado
92	973	961	-	143	7	Cerâmica	01	Cancelado
93	973	961	-	145	7	Lítico	01	-
94	973	961	-	146	8	Lítico	01	-
95	973	961	-	147	8	Lítico	04	-
96	973	961	-	148	8	Lítico	01	-
97	973	961	-	149	9	Cerâmica	01	-
98	973	961	-	178	9	Lítico	01	-
99	973	961	-	150	9	Lítico	08	-
100	973	961	-	177	9	Lítico	01	Cancelado
101	973	961	-	186	10	Lítico	01	Cancelado
102	975	961	-	014	1	Cerâmica	02	-
103	975	961	-	079	1	Lítico	02	-
104	975	961	-	099	1	Lítico	01	-
105	975	961	-	080	1	Cerâmica	02	-
106	975	961	-	100	1	Cerâmica	01	-
107	975	961	-	102	1	Cerâmica	02	-
108	975	961	-	051	4	Cerâmica	01	-
109	975	961	-	054	4	Sedimento	01	Cancelado
110	975	961	-	121	7	Lítico	30	-
111	975	961	-	122	8	Lítico	01	Cancelado
112	975	961	-	123	9	Lítico	05	-
113	977	961	-	021	1	Cerâmica	02	-
114	977	961	-	108	1	Cerâmica	02	-
115	977	961	-	057	2	Lítico	01	-
116	977	961	-	058	2	Lítico	01	Cancelado
117	977	961	-	059	2	Cerâmica	01	-
118	977	961	-	060	2	Cerâmica	01	-
119	977	961	-	062	2	Cerâmica	01	-
120	977	961	-	063	2	Cerâmica	01	-
121	977	961	-	065	2	Sedimento	01	-
122	977	961	-	066	2	Sedimento	01	-
123	977	961	-	073	2	Cerâmica	02	-
124	977	961	-	088	3	Cerâmica	02	-
125	977	961	-	090	3	Cerâmica	03	-
126	977	961	-	031	3	Cerâmica	02	Cancelado

127	977	961	-	089	3	Cerâmica	03	-
128	977	961	-	085	3	Cerâmica	02	-
129	977	961	-	086	3	Cerâmica	02	-
130	977	961	-	091	3	Lítico	01	-
131	977	961	-	087	3	Sedimento	01	-
132	977	861	-	092	3	Sedimento	01	-
133	977	961	-	133	5	Cerâmica	01	-
134	977	961	-	134	5	Cerâmica	01	-
135	977	961	-	132	5	Cerâmica	01	-
136	977	961	-	131	5	Cerâmica	03	-
137	977	961	-	136	5	Caracol	02	Cancelado
138	977	961	-	137	5	Lítico	01	-
139	977	961	-	138	6	Cerâmica	07	-
140	977	961	-	139	6	Lítico	02	Cancelado
141	977	961	-	171	6	Sedimento	01	-
142	977	961	-	172	7	Lítico	01	-
143	977	961	-	173	7	Lítico	01	-
144	977	961	-	174	7	Cerâmica	01	-
145	977	961	-	158	8	Sedimento	01	Cancelado
146	977	961		181	8	Lítico	11	-
147	977	961	-	128	8	Cabelo	01	-
148	977	961	-	182	8	Cerâmica	02	-
149	977	961	-	184	8	Caracol	02	-
150	977	961	-	185	8	Lítico	01	Cancelado
151	-	-	-	061	2	Cerâmica	01	-
152	-	-	-	044	1	Cerâmica	01	-
153	-	-	-	160	-	Lítico	04	-
154	-	-	-	093	-	Cerâmica	02	
Total	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**	**-**	**274**	**-**

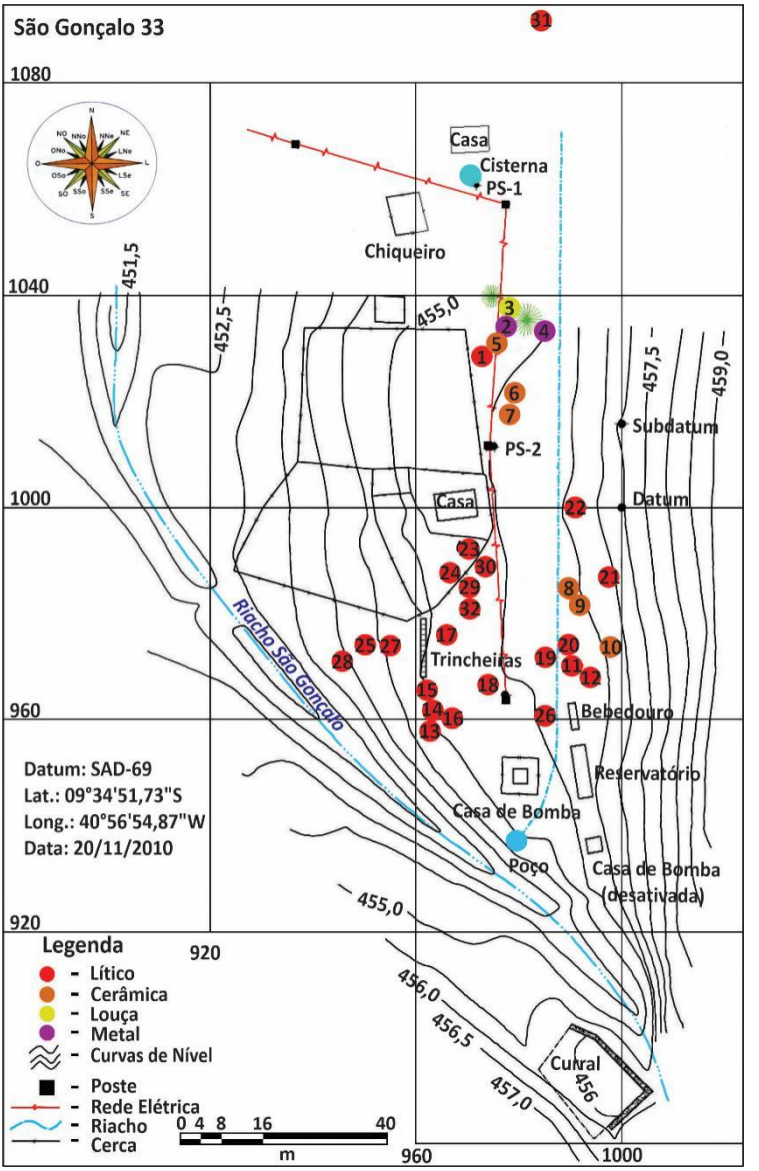
Fonte: Kestering (2014, p. 787 a 790)

Figura 308 – Sequência de trincheiras



Fonte: Kestering (2014, p. 784)

Figura 309 - Distribuição dos artefatos coletados



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 310 – Unidade 1, decapagem 2



Fonte: Kestering (2014, p. 785)

Figura 311 – Unidade 2, decapagem 5



Fonte: Kestering (2014, p. 785)

Figura 312 – Unidade 3, decapagem 5



Fonte: Kestering (2014, p. 786)

Figura 313 – Unidade 4, decapagem 9



Fonte: Kestering (2014, p. 786)

Tabela 32 – Classificação preliminar dos fragmentos de cerâmica

Nº	Et.	Díg	Setor	Dec.	Classe	Técnica	Antiplást	Espess	Decoração
-	025	1	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
-	025	2	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	025	3	Sond.	1	Borda	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	021	1	Sond.	1	Borda	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	021	2	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
-	014	1	Sond.	5	Borda	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	014	2	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	016	-	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	100	-	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	102	1	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	102	2	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	108	1	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	108	2	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	112	-	Sond.	5	Bojo	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	113	1	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	113	2	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	113	3	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	113	4	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	113	5	Sond.	5	Não id	Roletada	Areia	12mm	Sem dec.
-	113	6	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Com incisos
-	113	7	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	124	1	Sond.	7	Não id	Roletada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	124	2	Sond.	7	Bojo	Roletada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	118	1	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	118	2	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
5	005	-	-	Sup.	Borda	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
6	006	-	-	Sup.	Borda	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
7	007	-	-	Sup.	Bojo	Modelada	Areia	8 mm	Pintada
8	008	-	-	Sup.	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
9	009	-	-	Sup.	Não id	Modelada	Areia	12mm	Sem dec.
10	010	-	-	Sup.	Bojo	Modelada	Areia	12mm	Escovada
-	044	-	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	051	-	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	059	-	Sond.	2	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	060	-	Sond.	2	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	061	-	Sond.	2	Bojo	Modelada	Areia	9 mm	Corrugada
-	062	-	Sond.	2	Não id	Modelada	Areia	12mm	Sem dec.
-	063	-	Sond.	2	Borda	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	067	-	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	068	1	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Com incisos
-	068	2	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	070	1	Sond.	4	Não id	Roletada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	070	2	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	073	1	Sond.	2	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	073	2	Sond.	2	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	074	1	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	074	2	Sond.	3	Bojo	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	074	3	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	131	1	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.

-	131	2	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	131	3	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	132	-	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	133	-	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	134	-	Sond.	5	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
-	138	1	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	138	2	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	138	3	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
-	138	4	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	138	5	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	138	6	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	138	7	Sond.	6	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	149	-	Sond.	9	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Com incisos
-	153	-	Sond.	7	Bojo	Modelada	Areia	6 mm	Com incisos
-	154	-	Sond.	7	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Corrugada
-	167	1	Sond.	6	Não id	Roletada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	167	2	Sond.	6	Não id	Roletada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	174	-	Sond.	7	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	182	1	Sond.	8	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	182	2	Sond.	8	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	080	1	Sond.	1	Bojo	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	080	2	Sond.	1	Não id	Roletada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	081	1	Sond.	4	Bojo	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	081	2	Sond.	4	Não id	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	085	1	Sond.	3	Bojo	Modelada	Areia	7 mm	Com incisos
-	085	2	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Com incisos
-	086	1	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	086	2	Sond.	3	Borda	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	088	1	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	10mm	Sem dec.
-	088	2	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	9 mm	Sem dec.
-	089	1	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	089	2	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	089	3	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	090	1	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	090	2	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	5 mm	Sem dec.
-	090	3	Sond.	3	Não id	Modelada	Areia	6 mm	Sem dec.
-	093	1	Sond.	-	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.
-	093	2	Sond.	-	Não id	Modelada	Areia	12mm	Sem dec.
-	097	1	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	7 mm	Sem dec.
-	097	2	Sond.	1	Não id	Modelada	Areia	8 mm	Sem dec.

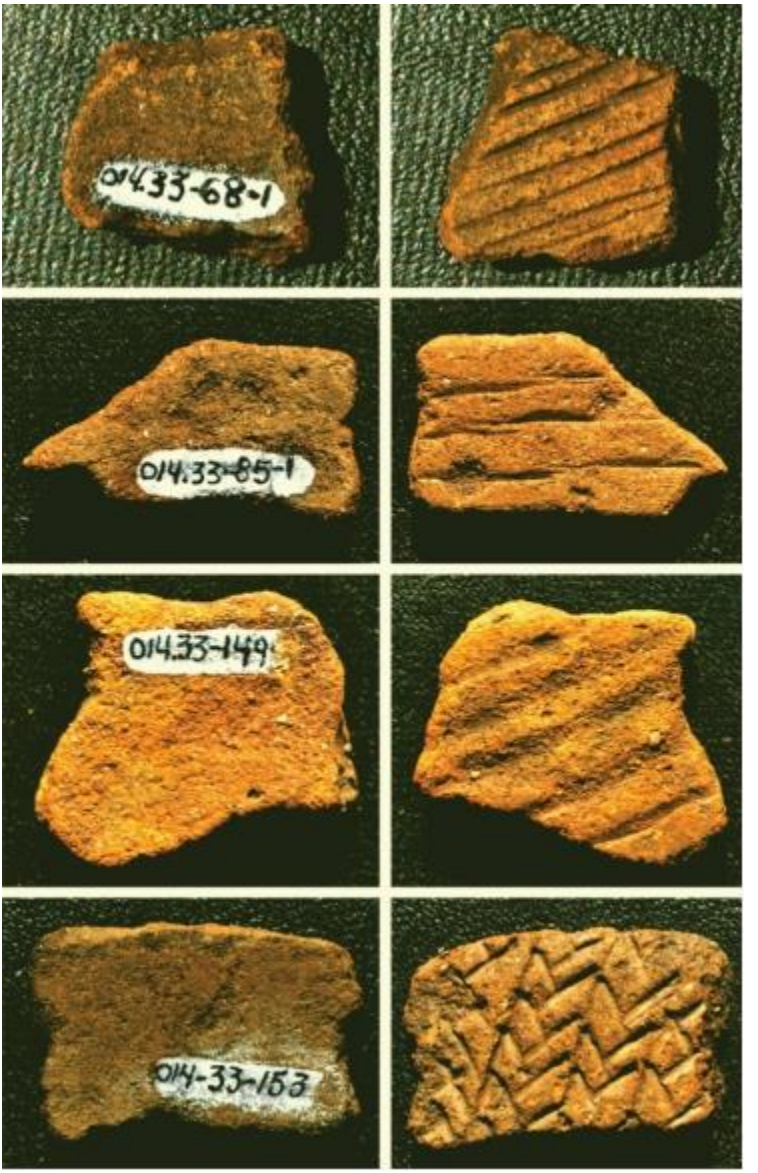
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 314 - Cerâmica modelada, sem decoração (Etiqueta 021)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 315 - Cerâmica modelada, com incisos



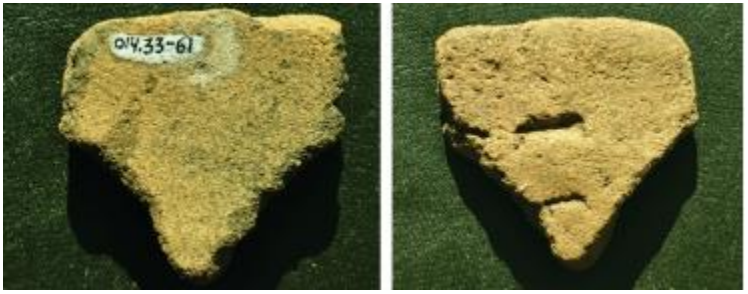
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 316 - Cerâmica modelada,pintada



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 317 - Cerâmica modelada corrugada



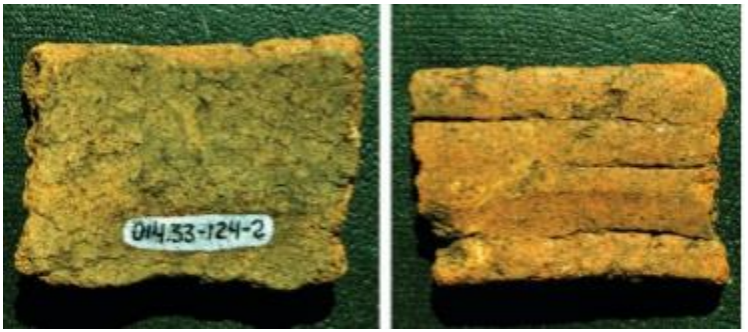
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 318 - Cerâmica modelada escovada



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 319 - Cerâmica roletada, sem decoração



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Tabela – 33 – Classificação preliminar dos artefatos líticos

Nº	Etiq	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
85	95	-	Sond.	5	Lasca com córtex	Quartzo	-
63	168	-	Sond.	6	Lasca com córtex	Quartzo	-
153	160	2	-	-	Lasca com córtex	Quartzo	-
110	121	3	Sond.	7	Lasca com córtex	Quartzo	-
110	121	18	Sond.	7	Lasca com córtex	Quartzo	-
110	121	25	Sond.	7	Lasca com córtex	Quartzo	-
94	146	-	Sond.	8	Lasca com córtex	Quartzito	-
16	34	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
30	156	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
69	187	-	Sond.	7	Lasca com córtex	Quartzito	-
115	57	-	Sond.	2	Lasca com córtex	Quartzito	-
110	121	19	Sond.	7	Lasca com córtex	Quartzito	-
1	1	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Sílex	-
51	111	2	Sond.	4	Lasca com córtex	Sílex	-
65	126	8	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
112	123	1	Sond.	9	Lasca com córtex	Sílex	-
112	123	2	Sond.	9	Lasca com córtex	Sílex	-
138	137	-	Sond.	5	Lasca com córtex	Sílex	-
95	147	2	Sond.	8	Lasca com córtex	Sílex	-
90	142	-	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
87	105	-	Sond.	6	Lasca com córtex	Sílex	-
43	189	2	Sond.	2	Lasca com córtex	Sílex	-
110	121	20	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
110	121	26	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
110	121	17	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
110	121	14	Sond.	7	Lasca com córtex	Sílex	-
58	165	-	Sond.	6	Lasca com córtex	Arenito	-

88	106	-	Sond.	6	Lasca com córtex	Arenito	-
112	123	5	Sond.	9	Lasca sem córtex	Quartzo	-
59	164	-	Sond.	6	Lasca sem córtex	Quartzo	-
153	160	1	-	-	Lasca sem córtex	Quartzo	-
110	121	24	Sond.	7	Lasca sem córtex	Quartzo	-
51	111	1	Sond.	4	Lasca sem córtex	Quartzito	-
55	115	-	Sond.	5	Lasca sem córtex	Quartzito	-
37	152	3	Sond.	6	Lasca sem córtex	Quartzito	-
66	127	2	Sond.	7	Lasca sem córtex	Quartzito	-
99	150	-	Sond.	9	Lasca sem córtex	Quartzito	-
110	121	10	Sond.	7	Lasca sem córtex	Quartzito	-
74	17	1	Sond.	2	Lasca sem córtex	Sílex	-
74	17	1	Sond.	2	Lasca sem córtex	Sílex	-
95	147	4	Sond.	8	Lasca sem córtex	Sílex	-
41	26	-	Sond.	1	Lasca sem córtex	Sílex	-
99	150	1	Sond.	9	Lasca sem córtex	Sílex	-
99	150	4	Sond.	9	Lasca sem córtex	Sílex	-
153	160	3	-	-	Lasca sem córtex	Sílex	-
66	127	1	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
65	126	2	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
65	126	6	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
76	24	-	Sond.	3	Lasca sem córtex	Sílex	-
73	179	1	Sond.	1	Lasca sem córtex	Sílex	-
112	123	4	Sond.	9	Lasca sem córtex	Sílex	-
47	64	-	Sond.	3	Lasca sem córtex	Sílex	-
110	121	29	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
110	121	9	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
110	121	27	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
110	121	4	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
110	121	8	Sond.	7	Lasca sem córtex	Sílex	-
62	120	4	Sond.	6	Lasca sem córtex	Arenito	-
96	148	-	Sond.	8	Lasca sem córtex	Arenito	-
37	152	2	Sond.	6	Núcleo	Quartzito	-
153	160	4	-	-	Núcleo	Quartzito	-
110	121	22	Sond.	7	Núcleo	Quartzito	-
25	48	-	-	Sup.	Núcleo	Sílex	-
77	29	-	Sond.	3	Núcleo	Sílex	-
104	99	-	Sond.	1	Núcleo	Sílex	-
70	107	-	Sond.	1	Núcleo	Sílex	-
60	166	1	Sond.	6	Núcleo	Sílex	-
60	166	2	Sond.	6	Núcleo	Sílex	-
60	166	3	Sond.	6	Núcleo	Sílex	-
34	103	-	Sond	5	Núcleo	Sílex	-
54	114	1	Sond.	5	Núcleo	Sílex	-
54	114	2	Sond	5	Núcleo	Sílex	-
35	104	2	Sond.	5	Núcleo	Sílex	-
65	126	4	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-

65	126	5	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
65	126	10	Sond	7	Núcleo	Sílex	-
65	126	15	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
65	126	19	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
73	179	2	Sond.	1	Núcleo	Sílex	-
73	179	3	Sond.	1	Núcleo	Sílex	-
146	181	1	Sond.	8	Núcleo	Sílex	-
146	181	3	Sond.	8	Núcleo	Sílex	-
146	181	8	Sond.	8	Núcleo	Sílex	-
146	181	9	Sond.	8	Núcleo	Sílex	-
146	181	11	Sond.	8	Núcleo	Sílex	-
110	121	12	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
110	121	16	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
110	121	23	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
110	121	21	Sond.	7	Núcleo	Sílex	-
86	14	-	Sond.	5	Núcleo	Arenito	-
78	30	-	Sond.	3	Núcleo	Arenito	-
21	39	-	-	Sup.	Instrumento	Granitoide	-
29	155	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
12	12	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
15	33	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	Pilão
23	41	3	-	-	Instrumento	Quartzito	-
37	152	1	Sond.	6	Instrumento	Quartzito	-
28	162	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
98	178	-	Sond.	9	Instrumento	Quartzito	-
110	121	30	Sond.	7	Instrumento	Quartzito	-
22	40	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	-
23	41	1	-	-	Instrumento	Arenito	-
23	41	2	-	-	Instrumento	Arenito	-
23	41	4	-	-	Instrumento	Arenito	-
32	159	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	-
93	145	-	Sond.	7	Instrumento	Arenito	-
13	13	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
19	37	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
18	56	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
17	43	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
14	32	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
20	38	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
27	161	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
11	11	-	-	-	Fragmento	Quartzo	-
103	79	1	Sond.	1	Fragmento	Quartzo	-
35	104	1	Sond	5	Fragmento	Quartzo	-
68	130	-	Sond	7	Fragmento	Quartzo	-
95	147	1	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
95	147	3	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
57	163	1	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
57	163	2	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-

57	163	3	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
57	163	4	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
65	126	1	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	3	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	7	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	9	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	11	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	12	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	13	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	14	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	16	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	17	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	18	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
65	126	20	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
62	120	2	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
103	79	1	Sond.	1	Fragmento	Sílex	-
62	120	1	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
62	120	3	Sond.	6	Fragmento	Sílex	-
89	141	-	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
73	179	4	Sond.	1	Fragmento	Sílex	-
73	179	5	Sond.	1	Fragmento	Sílex	-
73	179	6	Sond.	1	Fragmento	Sílex	-
112	123	3	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
143	173	-	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
99	150	2	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
99	150	3	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
99	150	5	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
99	150	6	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
99	150	7	Sond.	9	Fragmento	Sílex	-
146	181	2	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
146	181	4	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
146	181	5	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
146	181	6	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
146	181	7	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
146	181	10	Sond.	8	Fragmento	Sílex	-
130	91	-	Sond.	3	Fragmento	Sílex	-
43	189	1	Sond.	2	Fragmento	Sílex	-
43	189	3	Sond.	2	Fragmento	Sílex	-
43	189	4	Sond.	2	Fragmento	Sílex	-
43	189	5	Sond.	2	Fragmento	Sílex	-
110	121	28	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	6	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	7	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	15	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	5	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	1	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-

110	121	11	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
110	121	2	Sond.	7	Fragmento	Sílex	-
75	19	-	Sond.	2	Fragmento	Arenito	-
142	172	-	Sond.	7	Fragmento	Arenito	-
72	201	-	Sond.	1	Fragmento	Arenito	-
46	78	-	Sond.	3	Fragmento	Arenito	-
110	121	13	Sond.	7	Fragmento	Arenito	-
43	189	6	Sond.	2	Fragmento	Arenito	-
26	84	-	-	Sup.	Seixo rolado	Arenito	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 320 - Lasca de quartzo com córtex (Etiqueta 160-2)



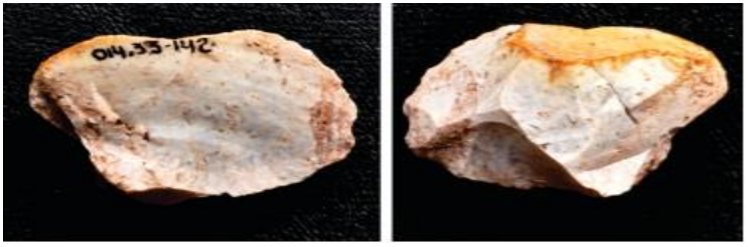
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 321 - Lasca de quartzito com córtex (Etiqueta 57)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 322 - Lasca de sílex com córtex (Etiqueta 142)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 323 - Lasca de arenito silicificado com córtex (Etiqueta 165)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 324 - Lasca de quartzo sem córtex (Etiqueta 123-5)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 325 - Lasca de quartzito sem córtex (Etiqueta 152-3)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 326 - Lasca de sílex sem córtex (Etiqueta 150-4)



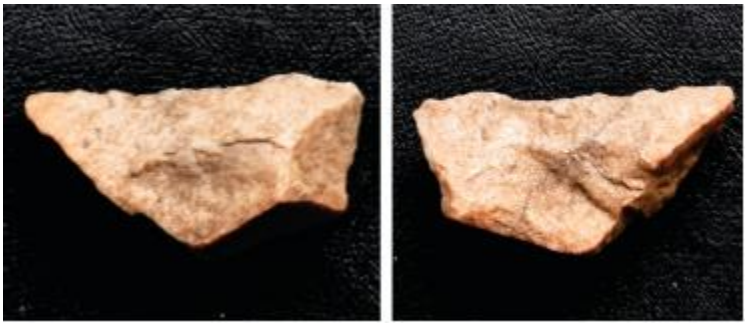
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 327 - Lasca de arenito silicificado sem córtex (Etiqueta 148)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 328 - Núcleo de quartzito (Etiqueta 152-2)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 329 - Núcleo de sílex (Etiqueta 166-1)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 330 - Instrumento de granito (*Chopper*) (Etiqueta 39)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 331 - Instrumento de quartzito (Etiqueta 178)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 332 - Instrumento de arenito silicificado (Etiqueta 159)



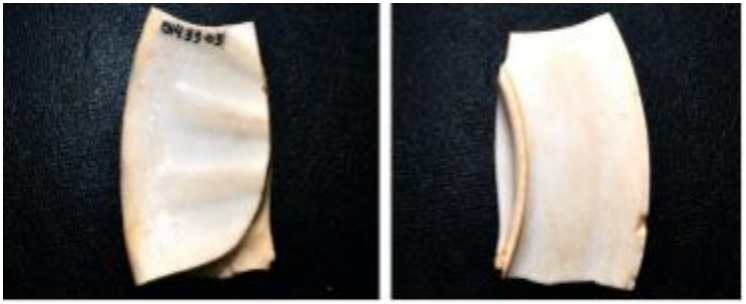
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Tabela 34 – Classificação preliminar do fragmento de louça

Nº	Etiq.	Díg.	Setor	Dec.	Classe	Espessura	Decoração
3	003	-	-	Sup.	Borda	4 mm	Sem decoração

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2011)

Figura 333 - Fragmento de louça (Etiqueta 3)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Os vestígios arqueológicos evidenciados com a sondagem reforçam a hipótese de que grupos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais ocuparam, de forma contínua, os solos aluviais à jusante do Boqueirão do Riacho São Gonçalo.

3.10 Terraço do Riacho das Porteiras

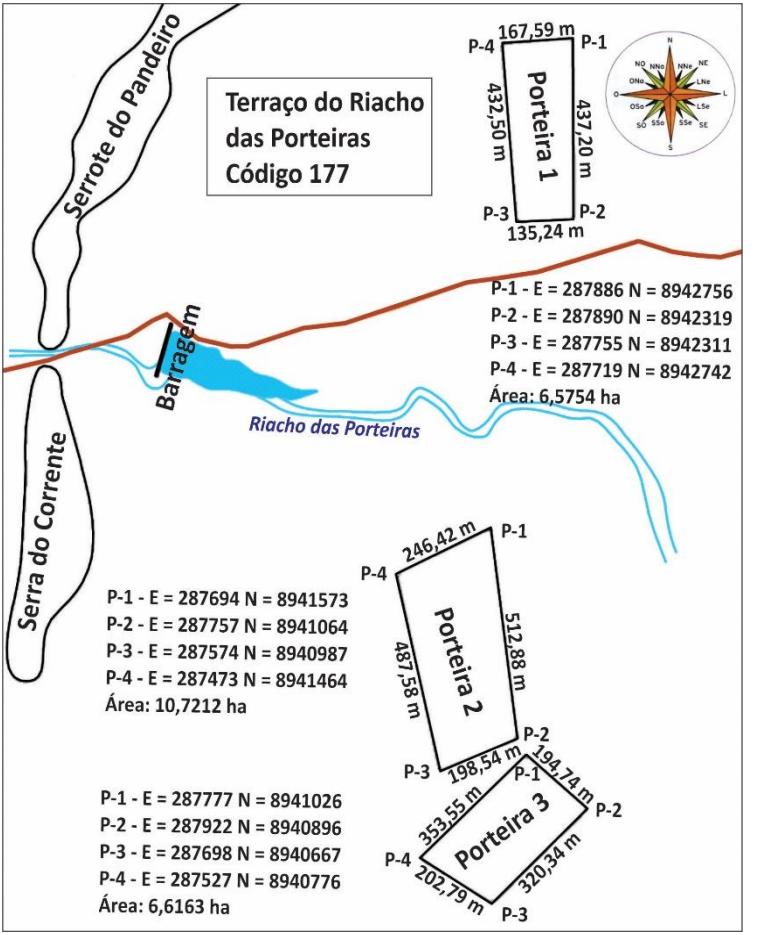
Por se inserir na área diretamente afetada pelo Parque Eólico Sobradinho realizaram-se atividades de salvamento arqueológico no Terraço do Riacho das Porteiras (código 177) que se situa próximo ao Boqueirão do Riacho São Gonçalo, no lado leste do Serrote do Pandeiro e da Serra do Corrente. Nele havia três sítios arqueológicos a céu aberto, quais eram: Porteira 1 (código 177.1), Porteira 2 (código 177.2) e Porteira 3 (código 177.3). (Fig. 334).

A vegetação que cobria o terraço era arbustiva. Havia presença massiva de carqueja (*Baccharis trimera*) e esparsas unidades de favela (*Cnidoscolus phyllacanthus*), umburana de cambão (*Bursera leptophloeos*) e jurema preta (*Mimosa hostilis*). Havia animais da fauna regional quais eram, periquitos (*Aratinga cactorum*), rolinhas de fogo apagou (*Columbina squammata*), calangos (*Cnemidophorus ocllifer*), lagartixas da caatinga (*Phyllopezus periosus*) e cobras cipó (*Oxybelis aeneus*). Chamou atenção uma jararaca malha de cascavel (*Bothrops erythromelas*), espécie responsável pela morte de pessoas e animais domésticos no povoado adjacente. Sua estampa corresponde à temática dominante dos registros rupestres da Subtradição Sobradinho, Estilo São Gonçalo, recorrente nas feições de relevo da região. (Fig. 335).

Sabe-se que 90% dos acidentes com serpentes venenosas no Brasil têm como vítimas pessoas picadas por jararacas e 8%, por cascavéis. A partir desse dado, formula-se a hipótese de

que as pinturas rupestres da Subtradição Sobradinho, Estilo São Gonçalo tenham sido realizadas por grupos pré-coloniais do Vale do São Francisco como marcadores de memória sobre o perigo que elas (a jararaca e a cascavel) representam aos visitantes dos boqueirões e grotas onde elas se encontram em abundância.

Figura 334 – Distribuição espacial dos sítios



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 335 - Jararaca e temática rupestre do Estilo São Gonçalo



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 14)

Na área de abrangência dos sítios havia muitos artefatos da indústria lítica em superfície, de que se fez registro, plotagem, coleta e classificação preliminar. (Fig. 336).

Figura 336 – Atividades de salvamento arqueológico



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 46)

3.10. 1 Porteira 1

Porteira 1 (código 177.1) era um sítio associado à confecção de artefatos líticos em calhaus e seixos de quartzito que havia em abundância na superfície do terreno e no entorno próximo. Situava-se a leste do Serrote do Pandeiro, na margem direita do Riacho das Porteiras. Apresentava topografia relativamente plana, com leve aclive em sentido sudeste - noroeste. (Tab. 35 e 36; Fig. 337 a 346).

Tabela 35 – Artefatos líticos coletados

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant	Observações
01	501	-	Sup.	Lítico	1	-
02	502	-	Sup.	Lítico	1	-
03	441	-	Sup.	Lítico	1	-
04	503	-	Sup.	Lítico	1	-
06	602	-	Sup.	Lítico	1	-
07	504	-	Sup.	Lítico	1	-
08	506	-	Sup.	Lítico	1	-
09	505	-	Sup.	Lítico	1	-
10	445	-	Sup.	Lítico	1	-
11	442	-	Sup.	Lítico	1	-
12	443	-	Sup.	Lítico	1	-
13	444	-	Sup.	Lítico	1	-
14	603	-	Sup.	Lítico	1	-
15	446	-	Sup.	Lítico	1	-
16	507	-	Sup.	Lítico	1	-
17	508	-	Sup.	Lítico	1	-
18	509	-	Sup.	Lítico	1	-
19	510	-	Sup.	Lítico	1	-
20	512	-	Sup.	Lítico	1	-
21	513	-	Sup.	Lítico	1	-
22	511	-	Sup.	Lítico	1	-
23	604	-	Sup.	Lítico	1	-
24	605	-	Sup.	Lítico	1	-
25	606	-	Sup.	Lítico	1	-
26	607	-	Sup.	Lítico	1	-
27	448	-	Sup.	Lítico	1	-
28	447	-	Sup.	Lítico	1	-
29	514	-	Sup.	Lítico	1	-
30	515	-	Sup.	Lítico	1	-
31	516	-	Sup.	Lítico	1	-

32	517	-	Sup.	Lítico	1	-
33	518	-	Sup.	Lítico	1	-
34	519	-	Sup.	Lítico	1	-
35	608	-	Sup.	Lítico	1	-
36	609	-	Sup.	Lítico	1	-
37	520	-	Sup.	Lítico	1	-
38	521	-	Sup.	Lítico	1	-
39	522	-	Sup.	Lítico	1	-
40	523	-	Sup.	Lítico	1	-
41	524	-	Sup.	Lítico	1	-
42	525	-	Sup.	Lítico	1	-
43	610	-	Sup.	Lítico	1	-
44	449	-	Sup.	Lítico	1	-
45	450	-	Sup.	Lítico	1	-
46	451	-	Sup.	Lítico	1	-
47	452	-	Sup.	Lítico	1	-
Total		**-**	**-**	**-**	**47**	**-**

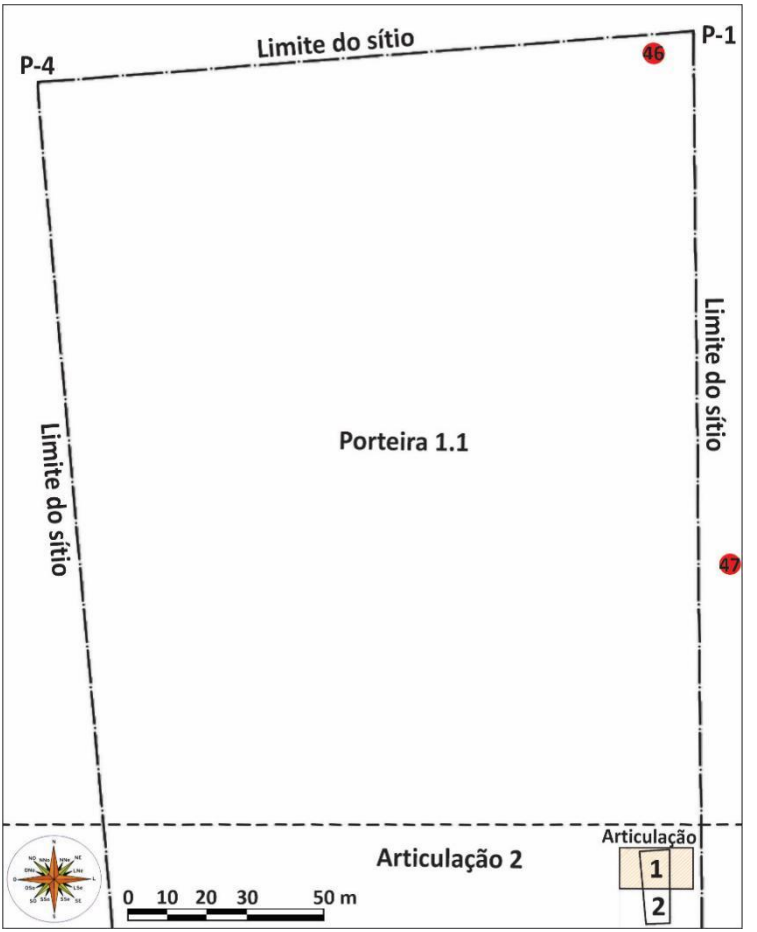
Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 16-17)

Figura 337 – Coleta dos artefatos líticos



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 8)

Figura 338 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



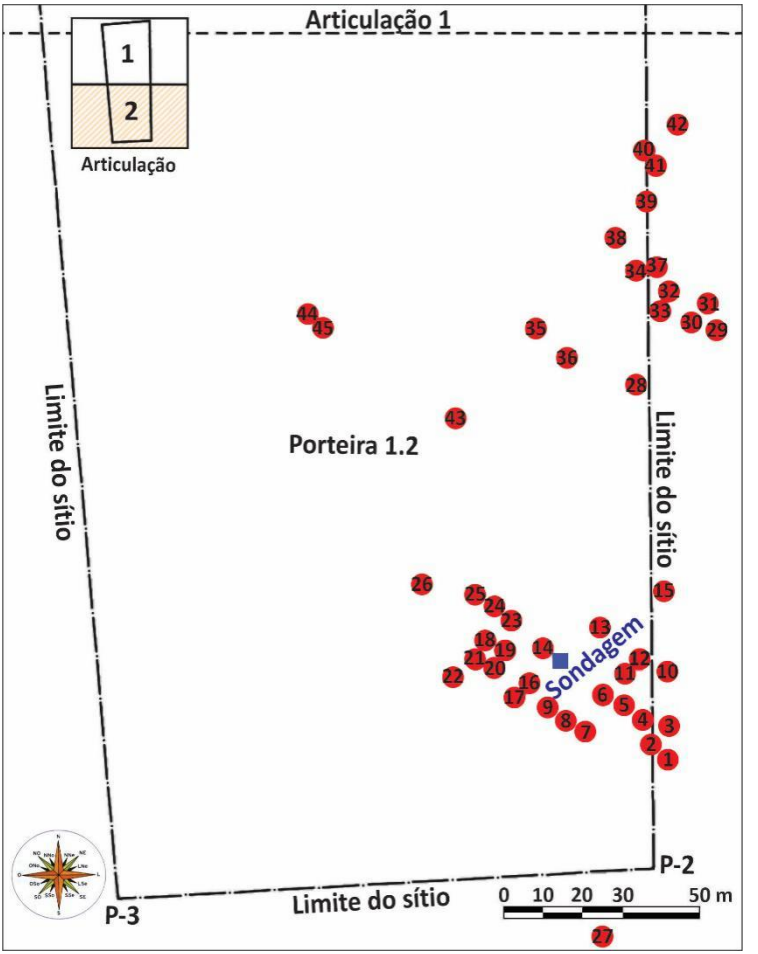
Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 339 – Artefatos líticos *in situ*



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 16)

Figura 340 - Distribuição dos artefatos líticos na superfície



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 341 – Artefatos líticos *in situ*



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 16)

Tabela 36 - Classificação preliminar dos artefatos líticos

Nº	Etiq	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
7	504	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
29	514	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
26	607	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
46	451	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
28	447	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
21	513	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
10	445	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
38	521	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
35	608	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
34	519	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
15	446	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
41	524	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
36	609	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
44	449	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
24	605	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
19	510	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
25	606	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
05	601	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
39	522	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
22	511	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
9	505	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
8	506	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
1	501	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
2	502	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
3	441	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
17	508	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
12	443	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
43	610	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
31	516	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
14	603	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
20	512	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
32	517	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
18	509	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
27	448	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
45	450	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
33	518	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
42	525	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
13	444	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
11	442	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
40	523	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
47	452	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
37	520	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
6	602	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-

30	515	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
16	507	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
23	604	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
4	503	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 342 - Lasca de quartzo com córtex (Etiqueta 445)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 343 - Lasca de quartzito com córtex (Etiqueta 447)



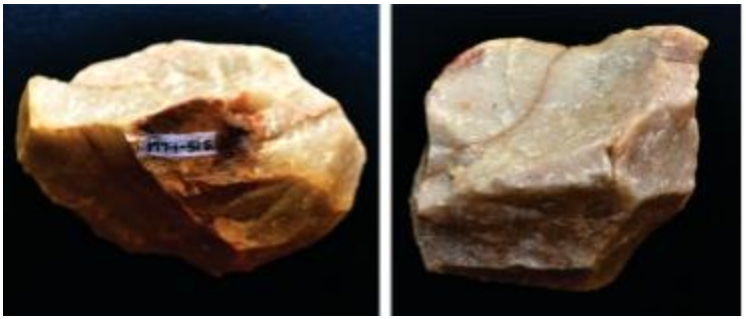
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 344 - Lasca de quartzo sem córtex (Etiqueta 443)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 345 - Núcleo de quartzito (Etiqueta 516)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 346 - Instrumento de quartzito (Etiqueta 525)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

3.10.2 Porteira 2

Porteira 2 (código 177.2) era um sítio associado à confecção de artefatos líticos em calhaus e seixos de quartzito que havia em abundância na superfície do terreno e no entorno próximo. Situava-se a leste da Serra do Corrente e ao sul da Serra do Saco da Jurema, na margem esquerda do Riacho das Porteiras. Tratava-se de uma área em acentuado processo de desertificação, com topografia relativamente plana em leve aclive de sentido norte - sul. (Tab. 37 e 38; Fig. 347 a 361).

Tabela 37 – Artefatos líticos coletados

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant.	Obs.
01	526	-	Sup.	Lítico	1	-
02	527	-	Sup.	Lítico	1	-
03	528	-	Sup.	Lítico	1	-
04	529	-	Sup.	Lítico	1	-
05	530	-	Sup.	Lítico	1	-
06	531	-	Sup.	Lítico	1	-
07	532	-	Sup.	Lítico	1	-
08	533	-	Sup.	Lítico	1	-
09	534	-	Sup.	Lítico	1	-
10	613	-	Sup.	Lítico	1	-
11	612	-	Sup.	Lítico	1	-
12	611	-	Sup.	Lítico	1	-
13	535	-	Sup.	Lítico	1	-
14	614	-	Sup.	Lítico	1	-
15	615	-	Sup.	Lítico	1	-
16	616	-	Sup.	Lítico	1	-
17	536	-	Sup.	Lítico	1	-
18	537	-	Sup.	Lítico	1	-
19	538	-	Sup.	Lítico	1	-
20	617	-	Sup.	Lítico	1	-
21	618	-	Sup.	Lítico	1	-
22	619	-	Sup.	Lítico	1	-
23	620	-	Sup.	Lítico	1	-
24	621	-	Sup.	Lítico	1	-
25	539	-	Sup.	Lítico	1	-
26	540	-	Sup.	Lítico	1	-
27	541	-	Sup.	Lítico	1	-
28	542	-	Sup.	Lítico	1	-

29	543	-	Sup.	Lítico	1	-
30	549	-	Sup.	Lítico	1	-
31	622	-	Sup.	Lítico	1	-
32	623	-	Sup.	Lítico	1	-
33	545	-	Sup.	Lítico	1	-
34	546	-	Sup.	Lítico	1	-
35	547	-	Sup.	Lítico	1	-
36	548	-	Sup.	Lítico	1	-
37	549	-	Sup.	Lítico	1	Cancelado
38	550	-	Sup.	Lítico	1	-
39	624	-	Sup.	Lítico	1	-
40	625	-	Sup.	Lítico	1	-
41	626	-	Sup.	Lítico	1	-
42	627	-	Sup.	Lítico	1	-
43	628	-	Sup.	Lítico	1	-
44	629	-	Sup.	Lítico	1	-
45	551	-	Sup.	Lítico	1	-
46	453	-	Sup.	Lítico	1	-
47	454	-	Sup.	Lítico	1	-
48	630	-	Sup.	Lítico	1	-
49	705	-	Sup.	Lítico	1	-
50	654	-	Sup.	Lítico	1	-
51	655	-	Sup.	Lítico	1	-
52	455	-	Sup.	Lítico	1	-
53	631	-	Sup.	Lítico	1	-
54	632	-	Sup.	Lítico	1	-
55	656	-	Sup.	Lítico	1	-
56	703	-	Sup.	Lítico	1	-
57	706	-	Sup.	Lítico	1	-
58	701	-	Sup.	Lítico	1	-
59	702	-	Sup.	Lítico	1	-
60	651	-	Sup.	Lítico	1	-
61	634	-	Sup.	Lítico	1	-
62	633	-	Sup.	Lítico	1	-
63	708	-	Sup.	Lítico	1	-
64	559	-	Sup.	Lítico	1	-
65	657	-	Sup.	Lítico	1	-
66	707	-	Sup.	Lítico	1	Almofariz
67	658	-	Sup.	Lítico	1	-
68	660	-	Sup.	Lítico	1	-
69	659	-	Sup.	Lítico	1	-
70	560	-	Sup.	Lítico	1	-
71	661	-	Sup.	Lítico	1	-
72	561	-	Sup.	Lítico	1	-
73	635	-	Sup.	Lítico	1	-
74	636	-	Sup.	Lítico	1	-

75	553	-	Sup.	Lítico	1	-
76	456	-	Sup.	Lítico	1	-
77	554	-	Sup.	Lítico	1	-
78	652	-	Sup.	Lítico	1	-
79	555	-	Sup.	Lítico	1	-
80	556	-	Sup.	Lítico	1	-
81	557	-	Sup.	Lítico	1	-
82	558	-	Sup.	Lítico	1	-
83	653	-	Sup.	Lítico	1	-
84	704	-	Sup.	Lítico	1	-
85	552	-	Sup.	Lítico	1	-
86	709	-	Sup.	Lítico	1	-
87	710	-	Sup.	Lítico	1	-
88	460	-	Sup.	Lítico	1	-
89	712	-	Sup.	Lítico	1	-
90	461	-	Sup.	Lítico	1	-
91	563	-	Sup.	Lítico	1	-
92	662	-	Sup.	Lítico	1	-
93	642	-	Sup.	Lítico	1	-
94	713	-	Sup.	Lítico	1	-
95	562	-	Sup.	Lítico	1	-
96	711	-	Sup.	Lítico	1	-
97	669	-	Sup.	Lítico	1	-
98	670	-	Sup.	Lítico	1	-
99	671	-	Sup.	Lítico	1	-
100	663	-	Sup.	Lítico	1	-
101	664	-	Sup.	Lítico	1	-
102	665	-	Sup.	Lítico	1	-
103	668	-	Sup.	Lítico	1	-
104	564	-	Sup.	Lítico	1	-
105	667	-	Sup.	Lítico	1	-
106	714	-	Sup.	Lítico	1	-
107	715	-	Sup.	Lítico	1	-
108	717	-	Sup.	Lítico	1	-
109	716	-	Sup.	Lítico	1	-
110	644	-	Sup.	Lítico	1	-
111	645	-	Sup.	Lítico	1	-
112	570	-	Sup.	Lítico	1	-
113	459	-	Sup.	Lítico	1	-
114	673	-	Sup.	Lítico	1	-
115	674	-	Sup.	Lítico	1	-
116	569	-	Sup.	Lítico	1	-
117	567	-	Sup.	Lítico	1	-
118	681	-	Sup.	Lítico	1	-
119	565	-	Sup.	Lítico	1	-
120	568	-	Sup.	Lítico	1	-

121	566	-	Sup.	Lítico	1	-
122	675	-	Sup.	Lítico	1	-
123	672	-	Sup.	Lítico	1	-
124	573	-	Sup.	Lítico	1	-
125	680	-	Sup.	Lítico	1	-
126	679	-	Sup.	Lítico	1	-
127	666	-	Sup.	Lítico	1	-
128	572	-	Sup.	Lítico	1	-
129	678	-	Sup.	Lítico	1	-
130	677	-	Sup.	Lítico	1	-
131	676	-	Sup.	Lítico	1	-
132	571	-	Sup.	Lítico	1	-
133	719	-	Sup.	Lítico	1	-
134	720	-	Sup.	Lítico	1	-
135	718	-	Sup.	Lítico	1	-
136	723	-	Sup.	Lítico	1	-
137	724	-	Sup.	Lítico	1	-
138	683	-	Sup.	Lítico	1	-
139	722	-	Sup.	Lítico	1	-
140	721	-	Sup.	Lítico	1	-
141	727	-	Sup.	Lítico	1	-
142	682	-	Sup.	Lítico	1	-
143	575	-	Sup.	Lítico	1	-
144	574	-	Sup.	Lítico	1	-
145	576	-	Sup.	Lítico	1	-
146	577	-	Sup.	Lítico	1	-
147	725	-	Sup.	Lítico	1	-
148	726	-	Sup.	Lítico	1	-
149	464	-	Sup.	Lítico	1	-
150	462	-	Sup.	Lítico	1	-
151	463	-	Sup.	Lítico	1	-
152	730	-	Sup.	Lítico	1	-
153	690	-	Sup.	Lítico	1	-
154	689	-	Sup.	Lítico	1	-
155	465	-	Sup.	Lítico	1	-
156	688	-	Sup.	Lítico	1	-
157	728	-	Sup.	Lítico	1	-
158	687	-	Sup.	Lítico	1	-
159	649	-	Sup.	Lítico	1	-
160	648	-	Sup.	Lítico	1	-
161	647	-	Sup.	Lítico	1	-
162	646	-	Sup.	Lítico	1	-
163	467	-	Sup.	Lítico	1	-
164	686	-	Sup.	Lítico	1	-
165	466	-	Sup.	Lítico	1	-
166	729	-	Sup.	Lítico	1	-

167	684	-	Sup.	Lítico	1	-
168	685	-	Sup.	Lítico	1	-
169	457	-	Sup.	Lítico	1	-
170	643	-	Sup.	Lítico	1	-
171	458	-	Sup.	Lítico	1	-
172	637	-	Sup.	Lítico	1	-
173	641	-	Sup.	Lítico	1	-
174	638	-	Sup.	Lítico	1	-
175	639	-	Sup.	Lítico	1	-
176	640	-	Sup.	Lítico	1	-
177	731	-	Sup.	Lítico	1	-
178	732	-	Sup.	Lítico	1	-
179	733	-	Sup.	Lítico	1	-
180	734	-	Sup.	Lítico	1	-
181	735	-	Sup.	Lítico	1	-
182	736	-	Sup.	Lítico	1	-
183	737	-	Sup.	Lítico	1	-
184	578	-	Sup.	Lítico	1	-
185	579	-	Sup.	Lítico	1	-
186	580	-	Sup.	Lítico	1	-
187	581	-	Sup.	Lítico	1	-
188	738	-	Sup.	Lítico	1	-
189	695	-	Sup.	Lítico	1	-
190	582	-	Sup.	Lítico	1	-
191	589	-	Sup.	Lítico	1	-
192	739	-	Sup.	Lítico	1	-
193	650	-	Sup.	Lítico	1	-
194	468	-	Sup.	Lítico	1	-
195	591	-	Sup.	Lítico	1	-
196	587	-	Sup.	Lítico	1	-
197	588	-	Sup.	Lítico	1	-
198	583	-	Sup.	Lítico	1	-
199	586	-	Sup.	Lítico	1	-
200	469	-	Sup.	Lítico	1	-
201	584	-	Sup.	Lítico	1	-
202	585	-	Sup.	Lítico	1	-
203	592	-	Sup.	Lítico	1	-
204	742	-	Sup.	Lítico	1	-
205	743	-	Sup.	Lítico	1	-
206	590	-	Sup.	Lítico	1	-
207	744	-	Sup.	Lítico	1	-
208	741	-	Sup.	Lítico	1	-
209	745	-	Sup.	Lítico	1	-
210	594	-	Sup.	Lítico	1	-
211	595	-	Sup.	Lítico	1	-
212	593	-	Sup.	Lítico	1	-

213	740	-	Sup.	Lítico	1	-
214	806	-	Sup.	Lítico	1	-
215	807	-	Sup.	Lítico	1	-
216	693	-	Sup.	Lítico	2	-
217	804	-	Sup.	Lítico	1	-
218	805	-	Sup.	Lítico	1	-
219	691	-	Sup.	Lítico	1	-
220	692	-	Sup.	Lítico	1	-
221	696	-	Sup.	Lítico	1	-
222	697	-	Sup.	Lítico	1	-
223	694	-	Sup.	Lítico	1	-
224	803	-	Sup.	Lítico	1	-
225	470	-	Sup.	Lítico	1	-
226	596	-	Sup.	Lítico	1	-
227	698	-	Sup.	Lítico	1	-
228	808	-	Sup.	Lítico	1	-
229	809	-	Sup.	Lítico	1	-
230	814	-	Sup.	Lítico	1	-
231	597	-	Sup.	Lítico	1	-
232	599	-	Sup.	Lítico	1	-
233	790	-	Sup.	Lítico	1	-
234	598	-	Sup.	Lítico	1	-
235	789	-	Sup.	Lítico	1	-
236	600	-	Sup.	Lítico	1	-
237	775	-	Sup.	Lítico	1	-
238	776	-	Sup.	Lítico	1	-
239	791	-	Sup.	Lítico	1	-
240	753	-	Sup.	Lítico	1	-
241	752	-	Sup.	Lítico	1	-
242	788	-	Sup.	Lítico	1	-
243	787	-	Sup.	Lítico	1	-
244	785	-	Sup.	Lítico	1	-
245	786	-	Sup.	Lítico	1	-
246	754	-	Sup.	Lítico	1	-
247	755	-	Sup.	Lítico	1	-
248	778	-	Sup.	Lítico	1	-
249	777	-	Sup.	Lítico	1	-
250	779	-	Sup.	Lítico	1	-
251	476	-	Sup.	Lítico	1	-
252	477	-	Sup.	Lítico	1	-
253	478	-	Sup.	Lítico	1	-
254	781	-	Sup.	Lítico	1	-
255	780	-	Sup.	Lítico	1	-
256	474	-	Sup.	Lítico	1	-
257	792	-	Sup.	Lítico	1	-
258	784	-	Sup.	Lítico	1	-

259	826	-	Sup.	Lítico	1	-
260	829	-	Sup.	Lítico	1	-
261	830	-	Sup.	Lítico	1	-
262	825	-	Sup.	Lítico	1	-
263	783	-	Sup.	Lítico	1	-
264	782	-	Sup.	Lítico	1	-
265	749	-	Sup.	Lítico	1	-
266	751	-	Sup.	Lítico	1	-
267	750	-	Sup.	Lítico	1	-
268	756	-	Sup.	Lítico	1	-
269	479	-	Sup.	Lítico	1	-
270	481	-	Sup.	Lítico	1	-
271	748	-	Sup.	Lítico	1	-
272	757	-	Sup.	Lítico	1	-
273	471	-	Sup.	Lítico	1	-
274	472	-	Sup.	Lítico	1	-
275	475	-	Sup.	Lítico	1	-
276	747	-	Sup.	Lítico	1	-
277	793	-	Sup.	Lítico	1	-
278	794	-	Sup.	Lítico	1	-
279	480	-	Sup.	Lítico	1	-
280	482	-	Sup.	Lítico	1	-
281	795	-	Sup.	Lítico	1	-
282	796	-	Sup.	Lítico	1	-
283	817	-	Sup.	Lítico	1	-
284	818	-	Sup.	Lítico	1	-
285	816	-	Sup.	Lítico	1	-
286	797	-	Sup.	Lítico	1	-
287	815	-	Sup.	Lítico	1	-
288	819	-	Sup.	Lítico	1	-
289	820	-	Sup.	Lítico	1	-
290	798	-	Sup.	Lítico	1	-
291	821	-	Sup.	Lítico	1	-
292	822	-	Sup.	Lítico	1	-
293	823	-	Sup.	Lítico	1	-
294	824	-	Sup.	Lítico	1	-
295	800	-	Sup.	Lítico	1	-
296	813	-	Sup.	Lítico	1	-
297	799	-	Sup.	Lítico	1	-
298	812	-	Sup.	Lítico	1	-
299	802	-	Sup.	Lítico	1	-
300	810	-	Sup.	Lítico	1	-
301	699	-	Sup.	Lítico	1	-
302	811	-	Sup.	Lítico	1	-
303	700	-	Sup.	Lítico	1	-
304	801	-	Sup.	Lítico	1	-

305	760	-	Sup.	Lítico	1	-
306	761	-	Sup.	Lítico	1	-
307	762	-	Sup.	Lítico	1	-
308	758	-	Sup.	Lítico	1	-
309	485	-	Sup.	Lítico	1	-
310	486	-	Sup.	Lítico	1	-
311	759	-	Sup.	Lítico	1	-
312	763	-	Sup.	Lítico	1	-
313	484	-	Sup.	Lítico	1	-
314	483	-	Sup.	Lítico	1	-
315	473	-	Sup.	Lítico	1	-
316	746	-	Sup.	Lítico	1	-
317	827	-	Sup.	Lítico	1	-
318	828	-	Sup.	Lítico	1	-
319	836	-	Sup.	Lítico	1	-
320	837	-	Sup.	Lítico	1	-
321	839	-	Sup.	Lítico	1	-
322	838	-	Sup.	Lítico	1	-
323	841	-	Sup.	Lítico	1	-
324	833	-	Sup.	Lítico	1	-
325	834	-	Sup.	Lítico	1	-
326	832	-	Sup.	Lítico	1	-
327	831	-	Sup.	Lítico	1	-
328	842	-	Sup.	Lítico	1	-
329	845	-	Sup.	Lítico	1	-
330	846	-	Sup.	Lítico	1	-
331	847	-	Sup.	Lítico	1	-
332	835	-	Sup.	Lítico	1	-
333	844	-	Sup.	Lítico	1	-
334	843	-	Sup.	Lítico	1	-
335	840	-	Sup.	Lítico	1	-
336	496	-	Sup.	Lítico	1	-
337	764	-	Sup.	Lítico	1	-
338	497	-	Sup.	Lítico	1	-
339	770	-	Sup.	Lítico	1	-
340	771	-	Sup.	Lítico	1	-
341	772	-	Sup.	Lítico	1	-
342	773	-	Sup.	Lítico	1	-
343	492	-	Sup.	Lítico	1	-
344	774	-	Sup.	Lítico	1	-
345	493	-	Sup.	Lítico	1	-
346	499	-	Sup.	Lítico	1	-
347	850	-	Sup.	Lítico	1	-
348	498	-	Sup.	Lítico	1	-
349	495	-	Sup.	Lítico	1	-
350	494	-	Sup.	Lítico	1	-

351	852	-	Sup.	Lítico	1	-
352	765	-	Sup.	Lítico	1	-
353	849	-	Sup.	Lítico	1	-
354	848	-	Sup.	Lítico	1	-
355	500	-	Sup.	Lítico	1	-
356	853	-	Sup.	Lítico	1	-
357	854	-	Sup.	Lítico	1	-
358	855	-	Sup.	Lítico	1	-
359	858	-	Sup.	Lítico	1	-
360	857	-	Sup.	Lítico	1	-
361	856	-	Sup.	Lítico	1	-
362	860	-	Sup.	Lítico	1	-
363	861	-	Sup.	Lítico	1	-
364	862	-	Sup.	Lítico	1	-
365	851	-	Sup.	Lítico	1	-
366	859	-	Sup.	Lítico	1	-
367	863	-	Sup.	Lítico	1	-
368	864	-	Sup.	Lítico	1	-
369	768	-	Sup.	Lítico	1	-
370	769	-	Sup.	Lítico	1	-
371	766	-	Sup.	Lítico	1	-
372	767	-	Sup.	Lítico	1	-
373	487	-	Sup.	Lítico	1	-
374	489	-	Sup.	Lítico	1	-
375	490	-	Sup.	Lítico	1	-
376	488	-	Sup.	Lítico	1	-
377	491	-	Sup.	Lítico	1	-
378	981	-	Sup.	Lítico	1	-
379	983	-	Sup.	Lítico	1	-
380	982	-	Sup.	Lítico	1	-
381	1352	-	Sup.	Lítico	1	-
382	1401	-	Sup.	Lítico	1	-
383	1198	-	Sup.	Lítico	1	-
384	1299	-	Sup.	Lítico	1	-
385	1601	-	Sup.	Lítico	1	-
386	1300	-	Sup.	Lítico	1	-
387	1355	-	Sup.	Lítico	1	-
388	987	-	Sup.	Lítico	1	-
389	988	-	Sup.	Lítico	1	-
390	989	-	Sup.	Lítico	1	-
391	986	-	Sup.	Lítico	1	-
392	985	-	Sup.	Lítico	1	-
393	1199	-	Sup.	Lítico	1	-
394	1200	-	Sup.	Lítico	1	-
395	1080	-	Sup.	Lítico	1	-
396	1079	-	Sup.	Lítico	1	-

397	984	-	Sup.	Lítico	1	-
398	1298	-	Sup.	Lítico	1	-
399	1602	-	Sup.	Lítico	1	-
400	1402	-	Sup.	Lítico	1	-
401	1403	-	Sup.	Lítico	1	-
402	1297	-	Sup.	Lítico	1	-
403	1351	-	Sup.	Lítico	1	-
404	1350	-	Sup.	Lítico	1	-
405	980	-	Sup.	Lítico	1	-
406	1605	-	Sup.	Lítico	1	-
407	1093	-	Sup.	Lítico	1	-
408	1404	-	Sup.	Lítico	1	-
409	1081	-	Sup.	Lítico	1	-
410	1082	-	Sup.	Lítico	1	-
411	1083	-	Sup.	Lítico	1	-
412	1084	-	Sup.	Lítico	1	-
413	1085	-	Sup.	Lítico	1	-
414	976	-	Sup.	Lítico	1	-
415	1087	-	Sup.	Lítico	1	-
416	1088	-	Sup.	Lítico	1	-
417	1089	-	Sup.	Lítico	1	-
418	1090	-	Sup.	Lítico	1	-
419	1361	-	Sup.	Lítico	1	-
420	1091	-	Sup.	Lítico	1	-
421	1362	-	Sup.	Lítico	1	-
422	1360	-	Sup.	Lítico	1	-
423	1364	-	Sup.	Lítico	1	-
424	1363	-	Sup.	Lítico	1	-
425	1365	-	Sup.	Lítico	1	-
426	1359	-	Sup.	Lítico	1	-
427	1368	-	Sup.	Lítico	1	-
428	1609	-	Sup.	Lítico	1	-
429	1608	-	Sup.	Lítico	1	-
430	994	-	Sup.	Lítico	1	-
431	993	-	Sup.	Lítico	1	-
432	996	-	Sup.	Lítico	1	-
433	1366	-	Sup.	Lítico	1	-
434	995	-	Sup.	Lítico	1	-
435	1610	-	Sup.	Lítico	1	-
436	1094	-	Sup.	Lítico	1	-
437	1611	-	Sup.	Lítico	1	-
438	1095	-	Sup.	Lítico	1	-
439	991	-	Sup.	Lítico	1	-
440	1358	-	Sup.	Lítico	1	-
441	1604	-	Sup.	Lítico	1	-
442	992	-	Sup.	Lítico	1	-

443	1357	-	Sup.	Lítico	1	-
444	1607	-	Sup.	Lítico	1	-
445	1603	-	Sup.	Lítico	1	-
446	990	-	Sup.	Lítico	1	-
447	1606	-	Sup.	Lítico	1	-
448	1096	-	Sup.	Lítico	1	-
449	1353	-	Sup.	Lítico	1	-
450	1354	-	Sup.	Lítico	1	-
451	1356	-	Sup.	Lítico	1	-
452	1310	-	Sup.	Lítico	1	-
453	890	-	Sup.	Lítico	1	-
454	1367	-	Sup.	Lítico	1	-
455	1612	-	Sup.	Lítico	1	-
456	1369	-	Sup.	Lítico	1	-
457	1097	-	Sup.	Lítico	1	-
458	1370	-	Sup.	Lítico	1	-
459	1616	-	Sup.	Lítico	1	-
460	997	-	Sup.	Lítico	1	-
461	1405	-	Sup.	Lítico	1	-
462	1098	-	Sup.	Lítico	1	-
463	1406	-	Sup.	Lítico	1	-
464	1613	-	Sup.	Lítico	1	-
365	999	-	Sup.	Lítico	1	-
466	1614	-	Sup.	Lítico	1	-
467	1615	-	Sup.	Lítico	1	-
468	1371	-	Sup.	Lítico	1	-
469	1616	-	Sup.	Lítico	1	-
470	1619	-	Sup.	Lítico	1	-
471	1417	-	Sup.	Lítico	1	-
472	1618	-	Sup.	Lítico	1	-
473	1617	-	Sup.	Lítico	1	-
474	1099	-	Sup.	Lítico	1	-
475	1100	-	Sup.	Lítico	1	-
476	1415	-	Sup.	Lítico	1	-
477	1416	-	Sup.	Lítico	1	-
478	1418	-	Sup.	Lítico	1	-
479	1620	-	Sup.	Lítico	1	-
480	1621	-	Sup.	Lítico	1	-
481	1622	-	Sup.	Lítico	1	-
482	1623	-	Sup.	Lítico	1	-
483	1373	-	Sup.	Lítico	1	-
484	1375	-	Sup.	Lítico	1	-
485	1374	-	Sup.	Lítico	1	-
486	1372	-	Sup.	Lítico	1	-
487	1413	-	Sup.	Lítico	1	-
488	1414	-	Sup.	Lítico	1	-

489	1412	-	Sup.	Lítico	1	-
490	1411	-	Sup.	Lítico	1	-
491	1410	-	Sup.	Lítico	1	-
492	1409	-	Sup.	Lítico	1	-
493	1408	-	Sup.	Lítico	1	-
494	1407	-	Sup.	Lítico	1	-
495	1631	-	Sup.	Lítico	1	-
496	1632	-	Sup.	Lítico	1	-
497	1633	-	Sup.	Lítico	1	-
498	1092	-	Sup.	Lítico	1	-
499	1634	-	Sup.	Lítico	1	-
500	1635	-	Sup.	Lítico	1	-
501	1000	-	Sup.	Lítico	1	-
502	1501	-	Sup.	Lítico	1	-
503	1630	-	Sup.	Lítico	1	-
504	1629	-	Sup.	Lítico	1	-
505	1422	-	Sup.	Lítico	1	-
506	1421	-	Sup.	Lítico	1	-
507	1420	-	Sup.	Lítico	1	-
508	1628	-	Sup.	Lítico	1	-
509	1627	-	Sup.	Lítico	1	-
510	1419	-	Sup.	Lítico	1	-
511	1423	-	Sup.	Lítico	1	-
512	1424	-	Sup.	Lítico	1	-
513	1425	-	Sup.	Lítico	1	-
514	1503	-	Sup.	Lítico	1	-
515	1626	-	Sup.	Lítico	1	-
516	1378	-	Sup.	Lítico	1	-
517	1639	-	Sup.	Lítico	1	-
518	1376	-	Sup.	Lítico	1	-
519	1377	-	Sup.	Lítico	1	-
520	1379	-	Sup.	Lítico	1	-
521	1625	-	Sup.	Lítico	1	-
522	1381	-	Sup.	Lítico	1	-
523	1640	-	Sup.	Lítico	1	-
524	1380	-	Sup.	Lítico	1	-
525	1641	-	Sup.	Lítico	1	-
526	1509	-	Sup.	Lítico	1	-
527	1642	-	Sup.	Lítico	1	-
528	1510	-	Sup.	Lítico	1	-
529	1637	-	Sup.	Lítico	1	-
530	1505	-	Sup.	Lítico	1	-
531	1643	-	Sup.	Lítico	1	-
532	1507	-	Sup.	Lítico	1	-
533	1506	-	Sup.	Lítico	1	-
534	1638	-	Sup.	Lítico	1	-

535	1624	-	Sup.	Lítico	1	-
536	1636	-	Sup.	Lítico	1	-
537	1508	-	Sup.	Lítico	1	-
538	1648	-	Sup.	Lítico	1	-
539	1647	-	Sup.	Lítico	1	-
540	1646	-	Sup.	Lítico	1	-
541	1385	-	Sup.	Lítico	1	-
542	1433	-	Sup.	Lítico	1	-
543	1432	-	Sup.	Lítico	1	-
544	1431	-	Sup.	Lítico	1	-
545	1430	-	Sup.	Lítico	1	-
546	1429	-	Sup.	Lítico	1	-
547	1428	-	Sup.	Lítico	1	-
548	1427	-	Sup.	Lítico	1	-
549	1384	-	Sup.	Lítico	1	-
550	1383	-	Sup.	Lítico	1	-
551	1426	-	Sup.	Lítico	1	-
552	1645	-	Sup.	Lítico	1	-
553	1644	-	Sup.	Lítico	1	-
554	1504	-	Sup.	Lítico	1	-
555	1502	-	Sup.	Lítico	1	-
556	1382	-	Sup.	Lítico	1	-
Total	**-**	**-**	**-**	**-**	**556**	**-**

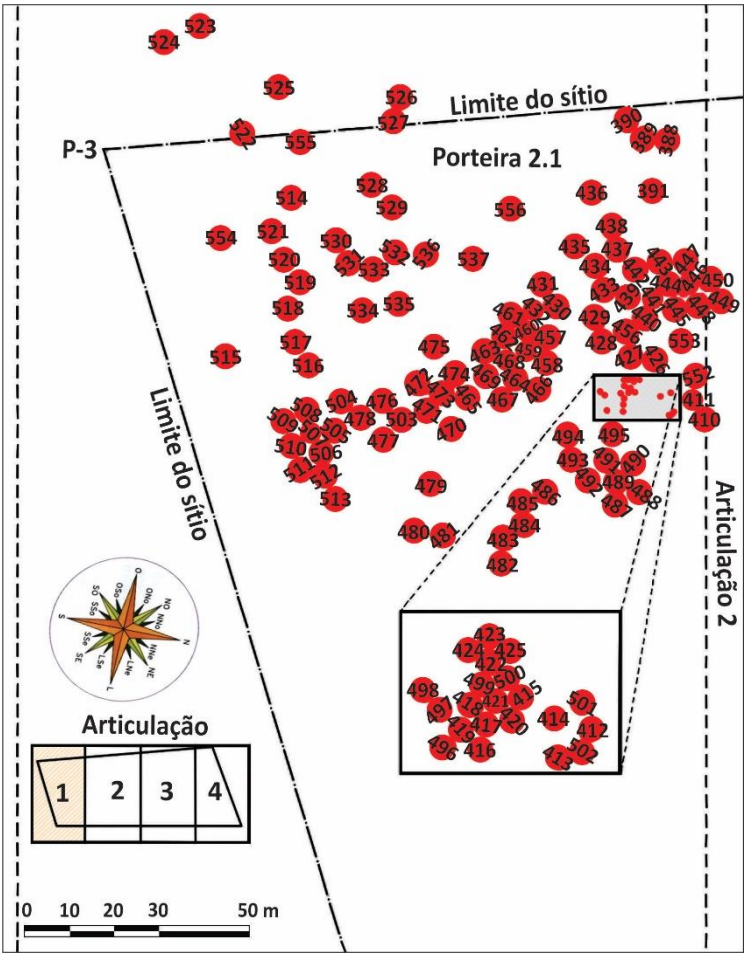
Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 26-37)

Figura 347 – Área do sítio em acentuado processo de degradação



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 24)

Figura 348 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



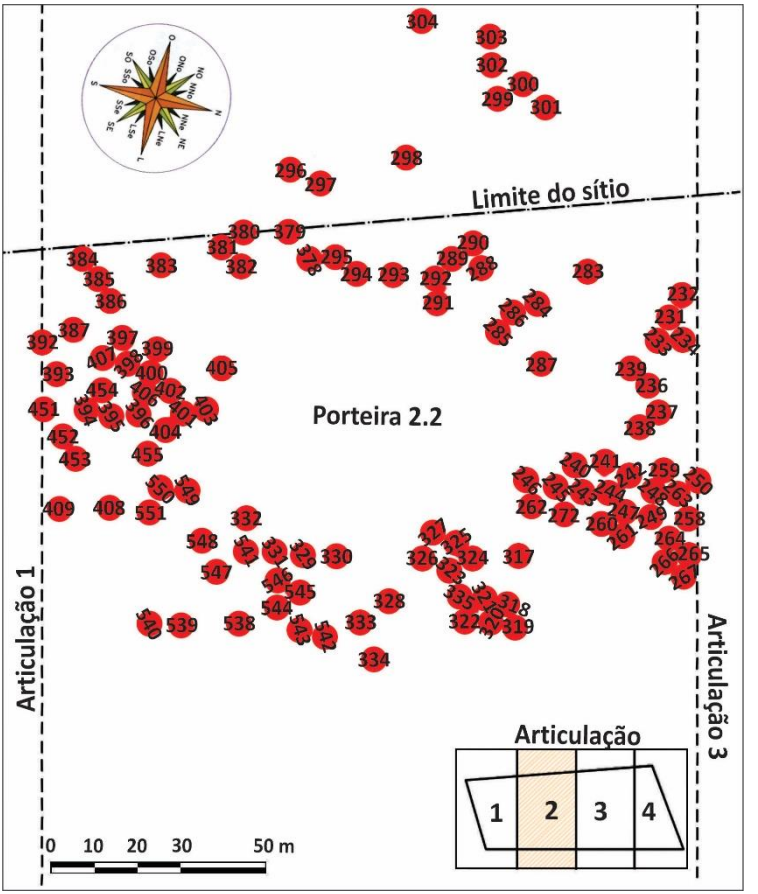
Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 349 – Artefatos líticos *in situ*



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 26)

Figura 350 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



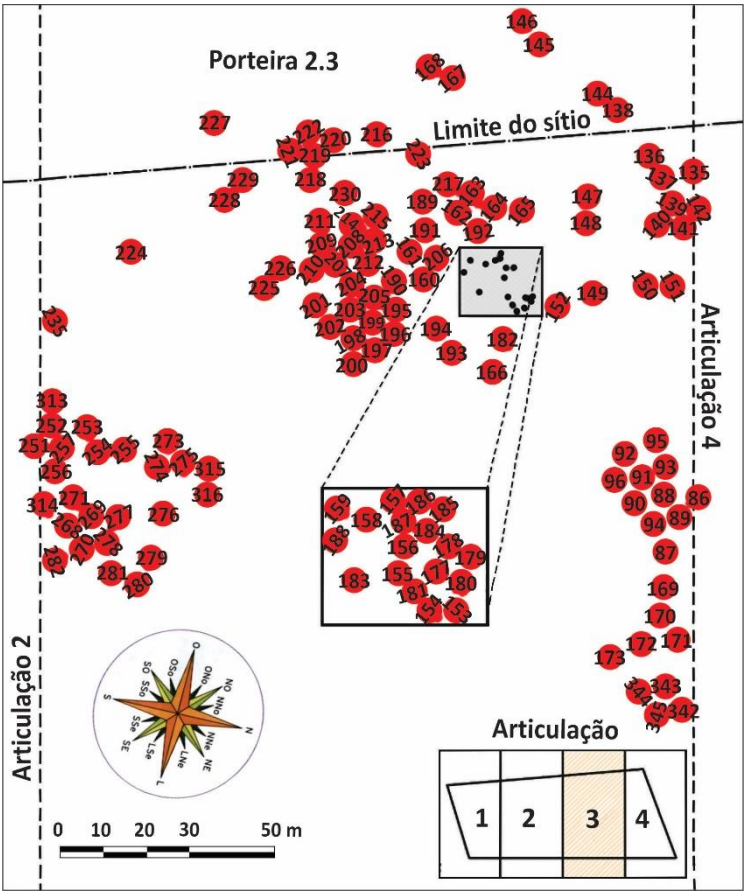
Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 351 – Artefatos líticos *in situ*



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 26)

Figura 352 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



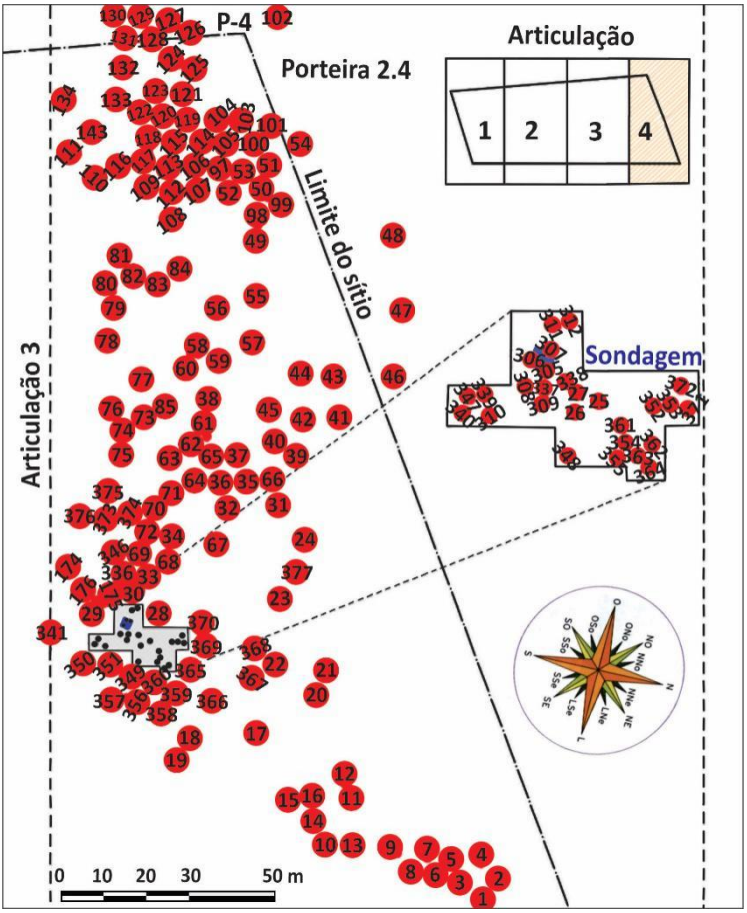
Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 353 – Vista parcial do sítio



Fonte: Kestering; Aquino; Bezerra (2014, p. 24)

Figura 354 - Distribuição dos artefatos líticos na superfície



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Tabela 38 - Classificação preliminar dos artefatos líticos

Nº	Etiq	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
214	806	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
208	741	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
196	587	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
88	460	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
206	590	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
47	454	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

226	596	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
177	731	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
222	697	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
201	584	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
189	695	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
211	595	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
230	814	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
205	743	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
193	650	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
173	641	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
76	456	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
210	594	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
113	459	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
182	736	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
191	589	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
149	464	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
171	458	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
197	588	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
181	735	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
204	742	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
184	578	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
188	738	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
155	465	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
52	455	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
192	739	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
150	462	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
194	468	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
183	737	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
207	744	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
178	732	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
200	469	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
255	470	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
228	808	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
213	740	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
96	453	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
209	745	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
218	805	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
216	693	1	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
160	648	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
61	634	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
147	725	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
164	686	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
109	716	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
115	674	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
158	687	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
59	702	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

166	729	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
141	727	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
71	661	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
139	722	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
161	647	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
140	721	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
110	644	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
137	724	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
104	564	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
45	551	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
78	652	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
159	649	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
112	570	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
62	633	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
70	560	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
86	709	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
148	726	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
121	566	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
157	728	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
136	723	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
93	642	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
116	569	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
162	646	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
281	795	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
238	776	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
251	476	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
247	755	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
260	829	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
296	813	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
276	747	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
287	815	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
241	752	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
270	481	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
242	788	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
240	753	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
285	816	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
290	798	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
344	774	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
312	763	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
356	853	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
335	840	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
366	859	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
352	765	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
370	769	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
326	832	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
322	838	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

308	758	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
73	635	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
138	683	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
300	810	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
246	754	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
278	794	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
266	751	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
299	802	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
256	474	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
279	480	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
254	781	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
267	750	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
269	479	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
272	757	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
245	786	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
295	800	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
265	749	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
239	791	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
286	797	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
271	748	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
301	699	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
274	472	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
253	478	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
258	784	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
263	783	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
257	792	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
10	613	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
41	626	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
15	615	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
97	669	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
6	531	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
28	542	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
22	619	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
25	539	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
26	540	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
463	1406	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
517	1639	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
470	1619	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
477	1416	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
473	1617	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
458	1370	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
462	1098	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
486	1372	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
476	1415	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
436	1094	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
502	1501	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

507	1420	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
452	1310	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
496	1632	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
491	1410	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
511	1423	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
367	863	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
320	837	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
306	761	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
330	846	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
357	854	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
319	836	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
355	500	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
43	628	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
3	528	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
8	533	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
1	526	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
30	544	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
120	568	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
32	623	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
35	547	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
99	671	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
38	550	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
36	548	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
2	527	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
39	624	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
12	611	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
60	651	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
17	536	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
27	541	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
79	555	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
416	1088	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
398	1298	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
388	987	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
394	1200	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
438	1095	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
435	1610	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
389	988	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
448	1096	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
385	1601	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
383	1198	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
411	1083	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
400	1402	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
418	1090	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
382	1401	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
408	1404	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
429	1608	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

378	981	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
401	1403	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
384	1299	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
451	1356	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
450	1354	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
444	1607	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
442	992	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
396	1079	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
498	1609	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
393	1199	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
443	1357	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
412	1084	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
417	1089	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
439	991	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
315	473	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
280	482	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
314	483	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
349	495	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
336	496	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
348	498	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
311	759	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
372	767	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
341	772	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
342	773	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
259	826	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
334	843	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
354	848	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
365	851	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
348	855	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
360	857	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
362	860	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
463	999	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
483	1373	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
485	1374	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
524	1380	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
550	1383	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
549	1384	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
489	1412	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
487	1413	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
510	1419	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
506	1421	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
512	1424	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
547	1428	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
546	1429	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
545	1430	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
543	1432	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

542	1433	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
555	1502	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
514	1503	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
554	1504	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
530	1505	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
466	1614	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
467	1615	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
481	1622	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
508	1628	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
525	1641	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
553	1644	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
552	1645	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
539	1647	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
537	1508	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
505	1422	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
409	1081	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
488	1414	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
439	998	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
498	1092	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
474	1099	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
509	1627	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
500	1635	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
413	1085	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
464	1613	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
455	1612	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
531	1643	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
475	1100	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
461	1405	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
478	1418	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
406	1605	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
479	1620	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
493	1408	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
410	1082	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
414	1086	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
424	1363	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
316	746	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
332	835	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
186	580	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
167	684	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
128	572	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
64	559	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
54	632	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
89	712	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
144	574	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
56	703	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
55	656	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-

87	710	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
119	565	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
85	552	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
541	1385	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
513	1425	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
471	1417	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
551	1426	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
528	1510	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
544	1431	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
535	1624	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
343	492	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
548	1427	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
310	486	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
255	780	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
339	770	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
236	600	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
243	787	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
244	785	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
268	756	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
359	858	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
369	768	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
325	834	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
351	852	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
368	864	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
309	485	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
345	493	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
57	706	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
18	537	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
4	529	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
11	612	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
51	655	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
457	1097	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
415	1087	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
484	1375	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
533	1506	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
434	995	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
395	1080	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
402	1297	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
440	1358	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
165	466	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
175	639	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
185	579	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
176	640	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
216	693	2	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
217	804	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
199	586	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-

163	467	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzo	-
169	457	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzo	-
227	698	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
223	694	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
221	696	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
224	803	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
84	704	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
156	688	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
98	670	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
118	681	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
50	654	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
143	575	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
134	720	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
146	577	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
131	676	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
48	630	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
153	690	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
154	689	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
468	1371	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
519	1377	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
527	1642	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
373	487	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
480	1621	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
504	1629	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
323	841	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
234	598	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
282	796	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
237	775	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
294	824	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzo	-
252	477	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
250	779	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
284	818	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
293	823	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
291	821	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
264	782	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
232	599	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
289	820	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
375	490	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
361	856	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
333	844	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
324	833	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
329	845	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
371	766	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
520	1379	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
503	1630	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
420	1091	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-

460	997	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
529	1637	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
501	1000	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
456	1369	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
472	1618	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
497	1633	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
515	1626	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
495	1631	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
494	1407	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
453	890	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
431	993	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
426	1359	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
430	994	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
379	983	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
392	985	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
449	1353	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
423	1364	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
405	980	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
387	1355	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
447	1606	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
390	989	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
419	1361	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
364	862	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
307	762	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
331	847	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
347	850	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
321	839	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
363	861	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
129	678	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
9	534	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
95	562	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
68	660	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
106	714	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
24	621	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
42	627	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
40	625	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
31	622	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
101	664	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
19	538	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
69	659	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
133	719	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
82	558	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
21	618	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
130	677	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
92	662	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
499	1634	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-

522	1381	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
381	1352	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
433	1366	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
432	996	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
397	984	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
404	1350	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
391	986	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
328	842	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
317	827	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
195	591	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
202	585	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
180	734	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
219	691	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
174	638	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
90	461	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
198	583	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
215	807	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
172	637	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
190	582	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
203	592	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
212	593	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
170	643	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
220	692	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
126	679	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
96	711	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
102	665	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
132	571	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
108	717	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
125	680	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
114	673	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
80	556	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
152	730	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
168	685	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
123	672	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
63	708	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
77	554	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
49	705	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
81	557	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
145	576	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
67	658	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
135	718	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
142	682	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
262	825	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
374	489	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
540	1646	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
516	1378	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzo	-

536	1636	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
337	764	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
275	475	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzo	-
305	760	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
377	491	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
538	1648	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
261	830	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
556	1382	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
231	597	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
235	789	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
249	777	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
288	819	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
283	817	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
277	793	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
292	822	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
302	811	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
298	812	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
248	778	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
304	801	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
318	828	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
353	849	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
327	831	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
376	488	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
313	484	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
14	614	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
91	563	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
34	546	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
44	629	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
13	535	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
20	617	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
30	549	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
127	666	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
33	545	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
72	561	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
100	663	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
83	653	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
65	657	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
105	667	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
23	620	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
521	1625	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
445	1603	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
459	1616	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
421	1362	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
482	1623	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
523	1640	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
454	1367	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-

526	1509	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
534	1638	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
490	1411	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
407	1093	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
399	1602	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
386	1300	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
414	976	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
403	1351	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
446	990	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
437	1611	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
380	982	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
422	1360	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
425	1365	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
427	1368	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
66	707	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	Pilão
179	733	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
229	809	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
151	463	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
187	581	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
117	567	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
122	675	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
111	645	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
58	701	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
74	636	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
53	631	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
103	668	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
94	713	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
75	553	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
233	790	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
297	799	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
273	471	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
338	497	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
350	494	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
346	499	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
340	771	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
107	715	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
124	573	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
16	616	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
5	530	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
7	532	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
29	543	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
492	1409	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
532	1507	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
303	700	-	-	Sup.	Seixo rolado	Quartzito	-

Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 355 - Lasca de quartzito, com córtex (Etiqueta 453)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 356 - Lasca de quartzo, com córtex (Etiqueta 739)



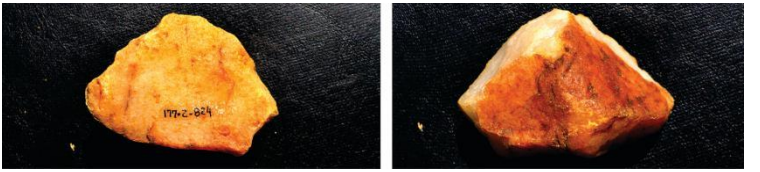
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 357 - Lasca de quartzito, sem córtex (Etiqueta 600)



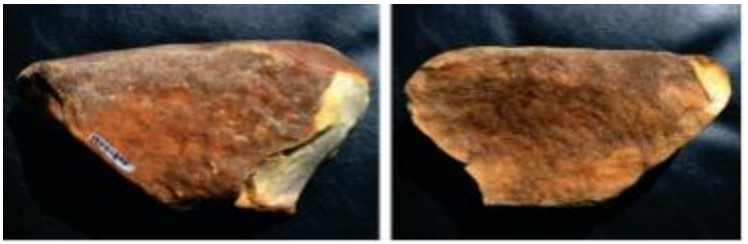
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 358 - Núcleo de quartzo (Etiqueta 824)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 359 - Núcleo de quartzito (Etiqueta 845)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 360 - Instrumento de quartzito (Etiqueta 691)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

Figura 361 - Instrumento de quartzo (Etiqueta 475)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2020)

3.10.3 Porteira 3

Porteira 3 (código 177.2) era um sítio associado à confecção de artefatos líticos em calhaus e seixos de quartzito que havia em abundância na superfície do terreno e no entorno próximo.

Situava-se a leste da Serra do Corrente e ao sul da Serra do Saco da Jurema, na margem esquerda do Riacho das Porteiras. Tratava-se de uma área em acentuado processo de desertificação, com topografia relativamente plana em leve aclive de sentido nordeste - sudoeste. (Tab. 39 e 40; Fig. 362 a 370).

Tabela 39 – Artefatos líticos coletados

Nº	Etiqueta	Setor	Dec.	Material	Quant.	Observações
01	1101	-	Sup.	Lítico	1	-
02	1001	-	Sup.	Lítico	1	-
03	923	-	Sup.	Lítico	1	-
04	901	-	Sup.	Lítico	1	-
05	902	-	Sup.	Lítico	1	-
06	903	-	Sup.	Lítico	1	-
07	924	-	Sup.	Lítico	1	-
08	904	-	Sup.	Lítico	1	-
09	1002	-	Sup.	Lítico	1	-
10	905	-	Sup.	Lítico	1	-
11	1003	-	Sup.	Lítico	1	-
12	1007	-	Sup.	Lítico	1	-
13	1201	-	Sup.	Lítico	1	-
14	1203	-	Sup.	Lítico	1	-
15	1010	-	Sup.	Lítico	1	-
16	1202	-	Sup.	Lítico	1	-
17	1204	-	Sup.	Lítico	1	-
18	1011	-	Sup.	Lítico	1	-
19	1004	-	Sup.	Lítico	1	-
20	1005	-	Sup.	Lítico	1	-
21	1012	-	Sup.	Lítico	1	-
22	1006	-	Sup.	Lítico	1	-
23	1009	-	Sup.	Lítico	1	-
24	1008	-	Sup.	Lítico	1	-
25	866	-	Sup.	Lítico	1	-
26	865	-	Sup.	Lítico	1	-
27	1102	-	Sup.	Lítico	1	-
28	1103	-	Sup.	Lítico	1	-
29	1104	-	Sup.	Lítico	1	-
30	1105	-	Sup.	Lítico	1	-
31	1106	-	Sup.	Lítico	1	-
32	1107	-	Sup.	Lítico	1	-
33	1108	-	Sup.	Lítico	1	-
34	911	-	Sup.	Lítico	1	-
35	912	-	Sup.	Lítico	1	-

36	1120	-	Sup.	Lítico	1	-
37	867	-	Sup.	Lítico	1	-
38	910	-	Sup.	Lítico	1	-
39	908	-	Sup.	Lítico	1	-
40	909	-	Sup.	Lítico	1	-
41	870	-	Sup.	Lítico	1	-
42	906	-	Sup.	Lítico	1	-
43	907	-	Sup.	Lítico	1	-
44	913	-	Sup.	Lítico	1	-
45	872	-	Sup.	Lítico	1	-
46	921	-	Sup.	Lítico	1	-
47	922	-	Sup.	Lítico	1	-
48	1112	-	Sup.	Lítico	1	-
49	1113	-	Sup.	Lítico	1	-
50	1114	-	Sup.	Lítico	1	-
51	1115	-	Sup.	Lítico	1	-
52	925	-	Sup.	Lítico	1	-
53	1116	-	Sup.	Lítico	1	-
54	869	-	Sup.	Lítico	1	-
55	868	-	Sup.	Lítico	1	-
56	1110	-	Sup.	Lítico	1	-
57	926	-	Sup.	Lítico	1	-
58	884	-	Sup.	Lítico	1	-
59	1111	-	Sup.	Lítico	1	-
60	1109	-	Sup.	Lítico	1	-
61	880	-	Sup.	Lítico	1	-
62	881	-	Sup.	Lítico	1	-
63	920	-	Sup.	Lítico	1	-
64	1019	-	Sup.	Lítico	1	-
65	882	-	Sup.	Lítico	1	-
66	919	-	Sup.	Lítico	1	-
67	918	-	Sup.	Lítico	1	-
68	917	-	Sup.	Lítico	1	-
69	1206	-	Sup.	Lítico	1	-
70	915	-	Sup.	Lítico	1	-
71	1020	-	Sup.	Lítico	1	-
72	1211	-	Sup.	Lítico	1	-
73	916	-	Sup.	Lítico	1	-
74	914	-	Sup.	Lítico	1	-
75	1021	-	Sup.	Lítico	1	-
76	1209	-	Sup.	Lítico	1	-
77	1210	-	Sup.	Lítico	1	-
78	1205	-	Sup.	Lítico	1	-
79	886	-	Sup.	Lítico	1	-
80	885	-	Sup.	Lítico	1	-
81	1013	-	Sup.	Lítico	1	-

82	1208	-	Sup.	Lítico	1	-
83	1207	-	Sup.	Lítico	1	-
84	1212	-	Sup.	Lítico	1	-
85	1014	-	Sup.	Lítico	1	-
86	1022	-	Sup.	Lítico	1	-
87	873	-	Sup.	Lítico	1	-
88	927	-	Sup.	Lítico	1	-
89	1018	-	Sup.	Lítico	1	-
90	1128	-	Sup.	Lítico	1	-
91	1129	-	Sup.	Lítico	1	-
92	1130	-	Sup.	Lítico	1	-
93	879	-	Sup.	Lítico	1	-
94	888	-	Sup.	Lítico	1	-
95	928	-	Sup.	Lítico	1	-
96	929	-	Sup.	Lítico	1	-
97	1023	-	Sup.	Lítico	1	-
98	1213	-	Sup.	Lítico	1	-
99	887	-	Sup.	Lítico	1	-
100	1214	-	Sup.	Lítico	1	-
101	874	-	Sup.	Lítico	1	-
102	1024	-	Sup.	Lítico	1	-
103	875	-	Sup.	Lítico	1	-
104	1215	-	Sup.	Lítico	1	-
105	1134	-	Sup.	Lítico	1	-
106	1135	-	Sup.	Lítico	1	-
107	1136	-	Sup.	Lítico	1	-
108	1137	-	Sup.	Lítico	1	-
109	1138	-	Sup.	Lítico	1	-
110	1139	-	Sup.	Lítico	1	-
111	1140	-	Sup.	Lítico	1	-
112	1141	-	Sup.	Lítico	1	-
113	1017	-	Sup.	Lítico	1	-
114	1122	-	Sup.	Lítico	1	-
115	1121	-	Sup.	Lítico	1	-
116	1127	-	Sup.	Lítico	1	-
117	1123	-	Sup.	Lítico	1	-
118	1124	-	Sup.	Lítico	1	-
119	1133	-	Sup.	Lítico	1	-
120	1125	-	Sup.	Lítico	1	-
121	1126	-	Sup.	Lítico	1	-
122	1131	-	Sup.	Lítico	1	-
123	1132	-	Sup.	Lítico	1	-
124	1025	-	Sup.	Lítico	1	-
125	883	-	Sup.	Lítico	1	-
126	878	-	Sup.	Lítico	1	-
127	1117	-	Sup.	Lítico	1	-

128	1118	-	Sup.	Lítico	1	-
129	1119	-	Sup.	Lítico	1	-
130	1241	-	Sup.	Lítico	1	-
131	1026	-	Sup.	Lítico	1	-
132	1030	-	Sup.	Lítico	1	-
133	1029	-	Sup.	Lítico	1	-
134	1028	-	Sup.	Lítico	1	-
135	1027	-	Sup.	Lítico	1	-
136	1217	-	Sup.	Lítico	1	-
137	1218	-	Sup.	Lítico	1	-
138	1242	-	Sup.	Lítico	1	-
139	891	-	Sup.	Lítico	1	-
140	1216	-	Sup.	Lítico	1	-
141	1144	-	Sup.	Lítico	1	-
142	1143	-	Sup.	Lítico	1	-
143	1142	-	Sup.	Lítico	1	-
144	1219	-	Sup.	Lítico	1	-
145	1032	-	Sup.	Lítico	1	-
146	1145	-	Sup.	Lítico	1	-
147	1146	-	Sup.	Lítico	1	-
148	1033	-	Sup.	Lítico	1	-
149	1147	-	Sup.	Lítico	1	-
150	1221	-	Sup.	Lítico	1	-
151	1220	-	Sup.	Lítico	1	-
152	1245	-	Sup.	Lítico	1	-
153	1244	-	Sup.	Lítico	1	-
154	1243	-	Sup.	Lítico	1	-
155	894	-	Sup.	Lítico	1	-
156	892	-	Sup.	Lítico	1	-
157	1148	-	Sup.	Lítico	1	-
158	1034	-	Sup.	Lítico	1	-
159	1031	-	Sup.	Lítico	1	-
160	1246	-	Sup.	Lítico	1	-
161	1247	-	Sup.	Lítico	1	-
162	1248	-	Sup.	Lítico	1	-
163	893	-	Sup.	Lítico	1	-
164	1249	-	Sup.	Lítico	1	-
165	1035	-	Sup.	Lítico	1	-
166	1036	-	Sup.	Lítico	1	-
167	895	-	Sup.	Lítico	1	-
168	897	-	Sup.	Lítico	1	-
169	1226	-	Sup.	Lítico	1	-
170	1257	-	Sup.	Lítico	1	-
171	1041	-	Sup.	Lítico	1	-
172	1227	-	Sup.	Lítico	1	-
173	1228	-	Sup.	Lítico	1	-

174	900	-	Sup.	Lítico	1	-
175	1162	-	Sup.	Lítico	1	-
176	1161	-	Sup.	Lítico	1	-
177	1159	-	Sup.	Lítico	1	-
178	1160	-	Sup.	Lítico	1	-
179	1164	-	Sup.	Lítico	1	-
180	1163	-	Sup.	Lítico	1	-
181	1165	-	Sup.	Lítico	1	-
182	1303	-	Sup.	Lítico	1	-
183	1166	-	Sup.	Lítico	1	-
184	1167	-	Sup.	Lítico	1	-
185	1042	-	Sup.	Lítico	1	-
186	1259	-	Sup.	Lítico	1	-
187	1229	-	Sup.	Lítico	1	-
188	1258	-	Sup.	Lítico	1	-
189	1015	-	Sup.	Lítico	1	-
190	1016	-	Sup.	Lítico	1	-
191	1043	-	Sup.	Lítico	1	-
192	876	-	Sup.	Lítico	1	-
193	1263	-	Sup.	Lítico	1	-
194	877	-	Sup.	Lítico	1	-
195	889	-	Sup.	Lítico	1	-
196	1262	-	Sup.	Lítico	1	-
197	930	-	Sup.	Lítico	1	-
198	1304	-	Sup.	Lítico	1	-
199	1305	-	Sup.	Lítico	1	-
200	1266	-	Sup.	Lítico	1	-
201	1264	-	Sup.	Lítico	1	-
202	1265	-	Sup.	Lítico	1	-
203	1302	-	Sup.	Lítico	1	-
204	1234	-	Sup.	Lítico	1	-
205	1235	-	Sup.	Lítico	1	-
206	1232	-	Sup.	Lítico	1	-
207	1233	-	Sup.	Lítico	1	-
208	1236	-	Sup.	Lítico	1	-
209	1045	-	Sup.	Lítico	1	-
210	1261	-	Sup.	Lítico	1	-
211	1230	-	Sup.	Lítico	1	-
212	1301	-	Sup.	Lítico	1	-
213	1237	-	Sup.	Lítico	1	-
214	1238	-	Sup.	Lítico	1	-
215	1260	-	Sup.	Lítico	1	-
216	1044	-	Sup.	Lítico	1	-
217	1174	-	Sup.	Lítico	1	-
218	1315	-	Sup.	Lítico	1	-
219	1231	-	Sup.	Lítico	1	-

220	1049	-	Sup.	Lítico	1	-
221	1314	-	Sup.	Lítico	1	-
222	1313	-	Sup.	Lítico	1	-
223	1316	-	Sup.	Lítico	1	-
224	1312	-	Sup.	Lítico	1	-
225	1387	-	Sup.	Lítico	1	-
226	1175	-	Sup.	Lítico	1	-
227	1281	-	Sup.	Lítico	1	-
228	1170	-	Sup.	Lítico	1	-
229	896	-	Sup.	Lítico	1	-
230	1171	-	Sup.	Lítico	1	-
231	1169	-	Sup.	Lítico	1	-
232	1155	-	Sup.	Lítico	1	-
233	1168	-	Sup.	Lítico	1	-
234	1156	-	Sup.	Lítico	1	-
235	1176	-	Sup.	Lítico	1	-
236	1158	-	Sup.	Lítico	1	-
237	1157	-	Sup.	Lítico	1	-
238	1269	-	Sup.	Lítico	1	-
239	898	-	Sup.	Lítico	1	-
240	1154	-	Sup.	Lítico	1	-
241	899	-	Sup.	Lítico	1	-
242	1250	-	Sup.	Lítico	1	-
243	1251	-	Sup.	Lítico	1	-
244	1252	-	Sup.	Lítico	1	-
245	1037	-	Sup.	Lítico	1	-
246	1149	-	Sup.	Lítico	1	-
247	1254	-	Sup.	Lítico	1	-
248	1150	-	Sup.	Lítico	1	-
249	1253	-	Sup.	Lítico	1	-
250	1038	-	Sup.	Lítico	1	-
251	1039	-	Sup.	Lítico	1	-
252	1320	-	Sup.	Lítico	1	-
253	1222	-	Sup.	Lítico	1	-
254	1223	-	Sup.	Lítico	1	-
255	1225	-	Sup.	Lítico	1	-
256	1224	-	Sup.	Lítico	1	-
257	1040	-	Sup.	Lítico	1	-
258	1255	-	Sup.	Lítico	1	-
259	1256	-	Sup.	Lítico	1	-
260	1151	-	Sup.	Lítico	1	-
261	1172	-	Sup.	Lítico	1	-
262	1153	-	Sup.	Lítico	1	-
263	1152	-	Sup.	Lítico	1	-
264	871	-	Sup.	Lítico	1	-
265	931	-	Sup.	Lítico	1	-

266	1052	-	Sup.	Lítico	1	-
267	1053	-	Sup.	Lítico	1	-
268	1321	-	Sup.	Lítico	1	-
269	1054	-	Sup.	Lítico	1	-
270	1272	-	Sup.	Lítico	1	-
271	1271	-	Sup.	Lítico	1	-
272	1273	-	Sup.	Lítico	1	-
273	1062	-	Sup.	Lítico	1	-
274	1057	-	Sup.	Lítico	1	-
275	1063	-	Sup.	Lítico	1	-
276	1058	-	Sup.	Lítico	1	-
277	954	-	Sup.	Lítico	1	-
278	1328	-	Sup.	Lítico	1	-
279	1056	-	Sup.	Lítico	1	-
280	932	-	Sup.	Lítico	1	-
281	933	-	Sup.	Lítico	1	-
282	934	-	Sup.	Lítico	1	-
283	935	-	Sup.	Lítico	1	-
284	1270	-	Sup.	Lítico	1	-
285	936	-	Sup.	Lítico	1	-
286	937	-	Sup.	Lítico	1	-
287	938	-	Sup.	Lítico	1	-
288	939	-	Sup.	Lítico	1	-
289	940	-	Sup.	Lítico	1	-
290	941	-	Sup.	Lítico	1	-
291	942	-	Sup.	Lítico	1	-
292	943	-	Sup.	Lítico	1	-
293	945	-	Sup.	Lítico	1	-
294	946	-	Sup.	Lítico	1	-
295	951	-	Sup.	Lítico	1	-
296	1324	-	Sup.	Lítico	1	-
297	1326	-	Sup.	Lítico	1	-
298	1325	-	Sup.	Lítico	1	-
299	1048	-	Sup.	Lítico	1	-
300	957	-	Sup.	Lítico	1	-
301	1240	-	Sup.	Lítico	1	-
302	1274	-	Sup.	Lítico	1	-
303	1275	-	Sup.	Lítico	1	-
304	958	-	Sup.	Lítico	1	-
305	959	-	Sup.	Lítico	1	-
306	952	-	Sup.	Lítico	1	-
307	953	-	Sup.	Lítico	1	-
308	1323	-	Sup.	Lítico	1	-
309	1322	-	Sup.	Lítico	1	-
310	1059	-	Sup.	Lítico	1	-
311	1327	-	Sup.	Lítico	1	-

312	960	-	Sup.	Lítico	1	-
313	955	-	Sup.	Lítico	1	-
314	1055	-	Sup.	Lítico	1	-
315	1060	-	Sup.	Lítico	1	-
316	1061	-	Sup.	Lítico	1	-
317	1178	-	Sup.	Lítico	1	-
318	1278	-	Sup.	Lítico	1	-
319	963	-	Sup.	Lítico	1	-
320	1277	-	Sup.	Lítico	1	-
321	964	-	Sup.	Lítico	1	-
322	1276	-	Sup.	Lítico	1	-
323	962	-	Sup.	Lítico	1	-
324	1177	-	Sup.	Lítico	1	-
325	1183	-	Sup.	Lítico	1	-
326	1184	-	Sup.	Lítico	1	-
327	1065	-	Sup.	Lítico	1	-
328	1179	-	Sup.	Lítico	1	-
329	1279	-	Sup.	Lítico	1	-
330	965	-	Sup.	Lítico	1	-
331	1180	-	Sup.	Lítico	1	-
332	1181	-	Sup.	Lítico	1	-
333	1185	-	Sup.	Lítico	1	-
334	1186	-	Sup.	Lítico	1	-
335	966	-	Sup.	Lítico	1	-
336	956	-	Sup.	Lítico	1	-
337	967	-	Sup.	Lítico	1	-
338	1283	-	Sup.	Lítico	1	-
339	1068	-	Sup.	Lítico	1	-
340	1067	-	Sup.	Lítico	1	-
341	1282	-	Sup.	Lítico	1	-
342	961	-	Sup.	Lítico	1	-
343	1284	-	Sup.	Lítico	1	-
344	1069	-	Sup.	Lítico	1	-
345	1070	-	Sup.	Lítico	1	-
346	969	-	Sup.	Lítico	1	-
347	970	-	Sup.	Lítico	1	-
348	968	-	Sup.	Lítico	1	-
349	1329	-	Sup.	Lítico	1	-
350	1330	-	Sup.	Lítico	1	-
351	1331	-	Sup.	Lítico	1	-
352	1064	-	Sup.	Lítico	1	-
353	1187	-	Sup.	Lítico	1	-
354	1285	-	Sup.	Lítico	1	-
355	1071	-	Sup.	Lítico	1	-
356	1066	-	Sup.	Lítico	1	-
357	1195	-	Sup.	Lítico	1	-

358	1072	-	Sup.	Lítico	1	-
359	1190	-	Sup.	Lítico	1	-
360	1191	-	Sup.	Lítico	1	-
361	1189	-	Sup.	Lítico	1	-
362	1192	-	Sup.	Lítico	1	-
363	1196	-	Sup.	Lítico	1	-
364	1197	-	Sup.	Lítico	1	-
365	1193	-	Sup.	Lítico	1	-
366	1194	-	Sup.	Lítico	1	-
367	1182	-	Sup.	Lítico	1	-
368	950	-	Sup.	Lítico	1	-
369	1239	-	Sup.	Lítico	1	-
370	948	-	Sup.	Lítico	1	-
371	947	-	Sup.	Lítico	1	-
372	949	-	Sup.	Lítico	1	-
373	1047	-	Sup.	Lítico	1	-
374	944	-	Sup.	Lítico	1	-
375	1173	-	Sup.	Lítico	1	-
376	1307	-	Sup.	Lítico	1	-
377	1306	-	Sup.	Lítico	1	-
378	1267	-	Sup.	Lítico	1	-
379	1311	-	Sup.	Lítico	1	-
380	1268	-	Sup.	Lítico	1	-
381	1188	-	Sup.	Lítico	1	-
382	1280	-	Sup.	Lítico	1	-
383	1073	-	Sup.	Lítico	1	-
384	1286	-	Sup.	Lítico	1	-
385	1046	-	Sup.	Lítico	1	-
386	1287	-	Sup.	Lítico	1	-
387	971	-	Sup.	Lítico	1	-
388	1309	-	Sup.	Lítico	1	-
389	1308	-	Sup.	Lítico	1	-
390	1332	-	Sup.	Lítico	1	-
391	972	-	Sup.	Lítico	1	-
392	1317	-	Sup.	Lítico	1	-
393	1333	-	Sup.	Lítico	1	-
394	1318	-	Sup.	Lítico	1	-
395	973	-	Sup.	Lítico	1	-
396	974	-	Sup.	Lítico	1	-
397	1319	-	Sup.	Lítico	1	-
398	1050	-	Sup.	Lítico	1	-
399	1051	-	Sup.	Lítico	1	-
400	975	-	Sup.	Lítico	1	-
401	1336	-	Sup.	Lítico	1	-
402	1338	-	Sup.	Lítico	1	-
403	1292	-	Sup.	Lítico	1	-

404	1288	-	Sup.	Lítico	1	-
405	1290	-	Sup.	Lítico	1	-
406	1289	-	Sup.	Lítico	1	-
407	1291	-	Sup.	Lítico	1	-
408	1074	-	Sup.	Lítico	1	-
409	1075	-	Sup.	Lítico	1	-
410	1344	-	Sup.	Lítico	1	-
411	1295	-	Sup.	Lítico	1	-
412	1294	-	Sup.	Lítico	1	-
413	1293	-	Sup.	Lítico	1	-
414	976	-	Sup.	Lítico	1	-
415	1337	-	Sup.	Lítico	1	-
416	1339	-	Sup.	Lítico	1	-
417	1341	-	Sup.	Lítico	1	-
418	1076	-	Sup.	Lítico	1	-
419	977	-	Sup.	Lítico	1	-
420	1347	-	Sup.	Lítico	1	-
421	1346	-	Sup.	Lítico	1	-
422	1345	-	Sup.	Lítico	1	-
423	1348	-	Sup.	Lítico	1	-
424	979	-	Sup.	Lítico	1	-
425	978	-	Sup.	Lítico	1	-
426	1342	-	Sup.	Lítico	1	-
427	1343	-	Sup.	Lítico	1	-
428	1349	-	Sup.	Lítico	1	-
429	1077	-	Sup.	Lítico	1	-
430	1078	-	Sup.	Lítico	1	-
431	1296	-	Sup.	Lítico	1	-
432	1340	-	Sup.	Lítico	1	-
433	1334	-	Sup.	Lítico	1	-
434	1335	-	Sup.	Lítico	1	-
Total					**434**	**-**

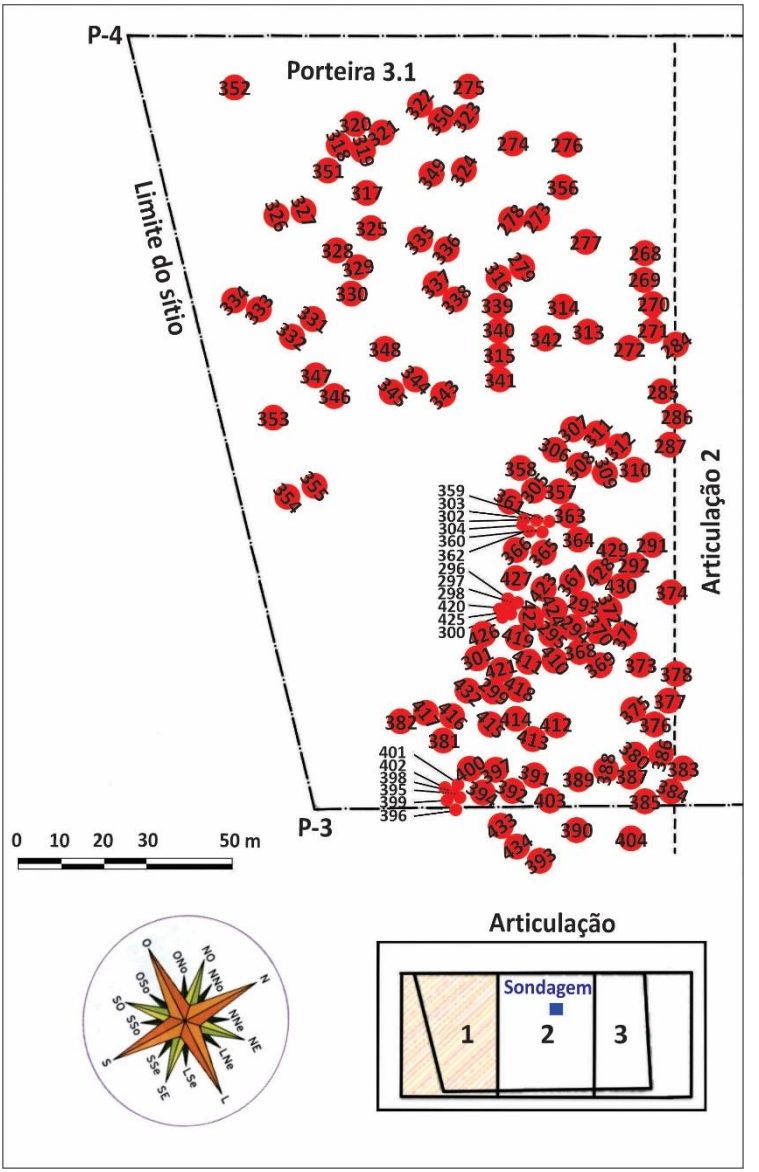
Fonte: Kestering, Aquino e Bezerra (2014, p. 47-55)

Figura 362 – Plotagem dos artefatos líticos



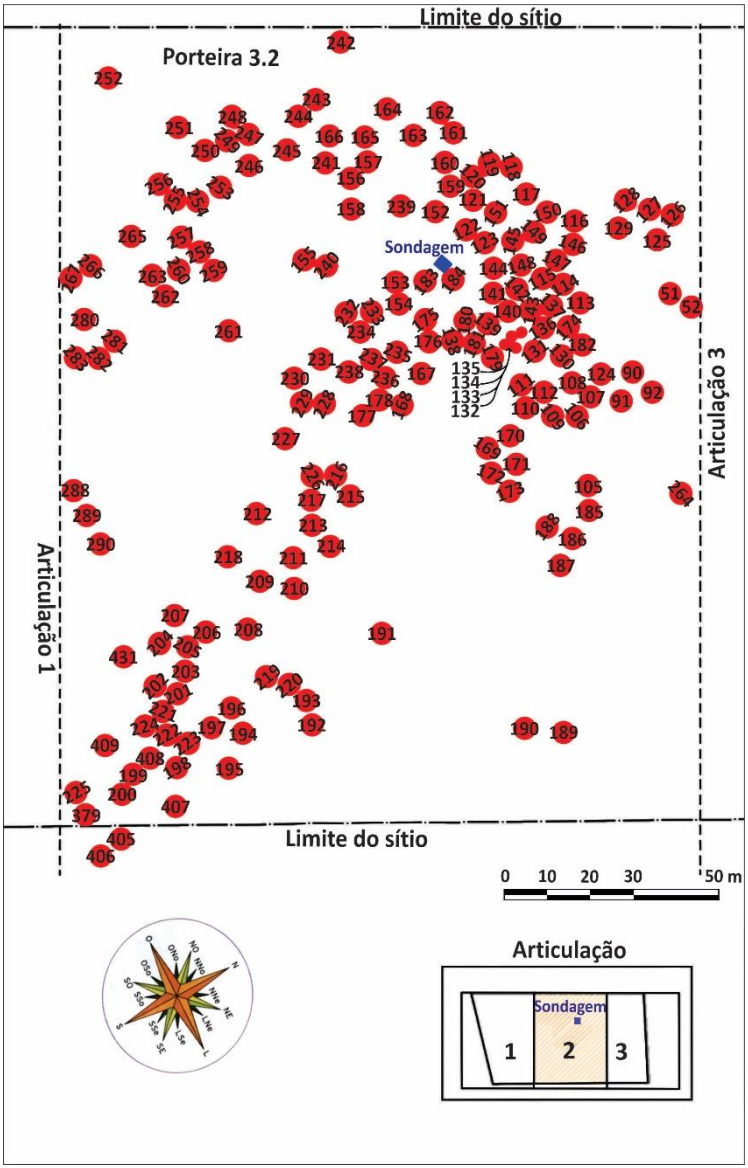
Fonte: Kestering, Aquino e Bezerra (2014, p. 15)

Figura 363 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



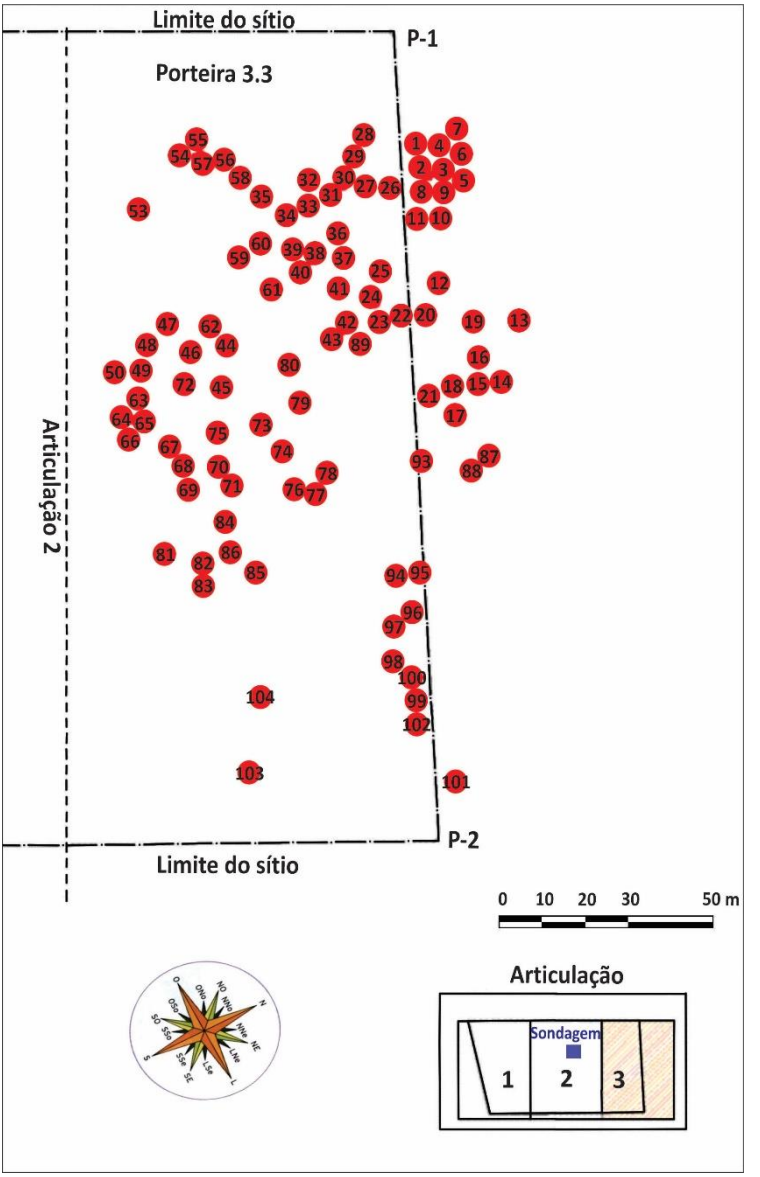
Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 364 - Distribuição dos artefatos líticos na superfície



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Figura 365 – Distribuição dos artefatos líticos na superfície



Fonte: Flávio Barros (2014), adaptado pelo autor deste

Tabela 40 - Classificação preliminar dos artefatos líticos

Nº	Etiq	Díg.	Setor	Dec.	Classe	M. Prima	Obs.
184	1167	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
372	949	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
238	1269	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
222	1313	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
269	1054	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
316	1061	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
227	1281	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
309	1322	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
286	937	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
370	948	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
267	1053	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
268	1321	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
281	933	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
289	940	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
314	1055	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
248	1150	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
187	1229	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
294	946	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
226	1175	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
308	1323	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
271	1271	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
191	1043	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
291	942	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
190	1016	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
257	1040	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
169	1226	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
232	1155	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
223	1316	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
196	1262	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
400	975	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
176	1161	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
178	1160	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
430	1078	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
203	1302	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
386	1287	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
419	977	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
388	1309	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
398	1050	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
431	1296	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
409	1075	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
417	1341	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
401	1336	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
240	1154	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

387	971	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
404	1288	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
406	1289	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
263	1152	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
432	1340	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
233	1168	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
426	1342	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
243	1251	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
384	1286	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
194	877	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
408	1074	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
396	974	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
424	979	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
234	1156	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
390	1332	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
429	1077	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
405	1290	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
422	1345	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
399	1051	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
415	1337	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
393	1333	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
391	972	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
228	1170	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
434	1335	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
217	1174	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
171	1041	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
198	1304	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
199	1305	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
211	1230	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
221	1314	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
402	1338	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
237	1157	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
412	1294	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
195	889	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
250	1038	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
108	1137	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
100	1214	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
86	1022	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
13	1201	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
107	1136	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
95	928	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
116	1127	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
76	1209	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
122	1131	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
106	1135	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
110	1139	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

105	1134	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
119	1133	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
98	1213	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
29	1386	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
111	1140	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
80	885	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
118	1124	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
90	1128	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
9	1002	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
92	1130	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
24	1008	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
89	1018	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
58	884	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
64	1019	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
69	1206	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
39	908	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
104	1215	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
81	1013	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
45	872	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
66	919	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
54	869	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
40	909	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
150	1221	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
77	1210	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
60	1109	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
149	1147	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
1	1101	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
12	1007	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
148	1033	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
120	1125	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
56	1110	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
28	1103	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
30	1105	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
6	903	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
18	1011	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
126	878	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
133	1029	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
27	1102	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
78	1205	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
55	868	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
2	1001	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
48	1112	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
49	1113	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
121	1126	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
134	1028	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
4	901	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

53	1116	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
88	927	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
16	1202	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
15	1010	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
31	1106	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
32	1107	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
85	1014	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
152	1245	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
41	870	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
65	882	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
87	873	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
70	915	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
11	1003	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
17	1204	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
26	865	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
52	925	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
51	1115	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
74	914	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
91	1129	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
123	1132	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
117	1123	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
44	913	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
79	886	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
37	867	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
38	910	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
25	866	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
113	1017	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
143	1142	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
136	1217	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
161	1247	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
175	1162	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
348	968	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
173	1228	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
135	1027	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzo	-
327	1065	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
353	1187	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
287	938	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
180	1163	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
328	1179	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
334	1186	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
361	1189	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
369	1239	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
365	1193	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
128	1118	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
364	1197	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
377	1306	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

288	939	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
179	1164	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
360	1191	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
273	1062	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
362	1192	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
235	1176	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
177	1159	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
303	1275	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
276	1058	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
363	1196	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
264	871	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
357	1195	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
127	1117	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
347	970	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
181	1165	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
317	1178	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
298	1325	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
138	1242	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
183	1166	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
367	1182	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
224	1312	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
345	1070	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
324	1177	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
162	1248	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
375	1173	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
333	1185	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
319	963	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
340	1067	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
344	1069	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
158	1034	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
356	1066	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
145	1032	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
301	1240	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
332	1181	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
141	1144	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
349	1329	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
355	1071	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
220	1049	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
329	1279	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
185	1042	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
322	1276	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
129	1119	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
382	1280	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
302	1274	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
354	1285	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
275	1063	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-

373	1047	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
274	1057	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
331	1180	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
147	1146	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
297	1326	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
144	1219	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
71	1020	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
166	1036	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
299	1048	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
140	1216	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
50	1114	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
392	1317	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
246	1149	-	-	Sup.	Lasca com córtex	Quartzito	-
10	905	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
7	924	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
43	907	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
75	1021	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
5	902	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
21	1012	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
346	969	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
284	1270	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
318	1278	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
310	1059	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
320	1277	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
366	1194	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
159	1031	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
338	1283	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
351	1331	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
380	1268	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
343	1284	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
383	1073	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
260	1151	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
165	1035	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
265	931	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
283	935	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
315	1060	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
230	1171	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
262	1153	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
252	1320	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
193	1263	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
407	1291	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
413	1293	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
411	1295	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
216	1044	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
427	1343	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
385	1046	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-

231	1169	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
84	1212	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
47	922	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
29	1104	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
68	917	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
63	920	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
46	921	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
14	1203	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
33	1108	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
247	1254	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
-	-	-	-	Sup.	Lasca sem córtex	Quartzito	-
371	947	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
368	950	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
280	932	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
186	1259	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
374	944	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
254	1223	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
201	1264	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
205	1235	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
323	962	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
192	876	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
210	1261	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
395	973	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
416	1339	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
209	1045	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
215	1260	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
397	1319	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
420	1347	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
423	1348	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
249	1253	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
410	1344	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
394	1318	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
389	1308	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
245	1037	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
261	1172	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
211	1301	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
418	1076	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
256	1224	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
403	1292	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
204	1234	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
425	978	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
428	1349	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
206	1232	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
197	930	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
115	1121	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
82	1208	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-

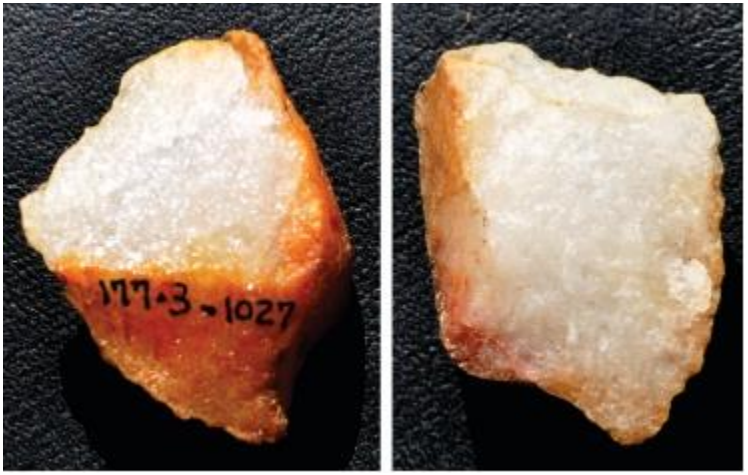
35	912	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
67	918	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
94	888	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
36	1120	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
83	1207	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
73	916	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
93	879	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
139	891	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
172	1227	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
23	1009	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
114	1122	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
130	1241	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
8	904	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
154	1243	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
3	923	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
42	906	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
229	896	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
321	964	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
279	1056	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
153	1244	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
160	1246	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
326	1184	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
163	893	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
376	1307	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
174	900	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
335	966	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
241	899	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
125	883	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
313	955	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
341	1282	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
285	936	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
359	1190	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
381	1188	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
350	1330	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
337	967	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
379	1311	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
336	956	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
339	1068	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
236	1158	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
378	1267	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
352	1064	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
239	898	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
255	1225	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
213	1237	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
292	943	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
311	1327	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-

304	958	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
151	1220	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
156	892	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
278	1328	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
253	1222	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
96	929	-	-	Sup.	Núcleo	Quartzito	-
312	960	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
207	1233	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
188	1258	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
170	1257	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
282	934	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
225	1387	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
272	1273	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
258	1255	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
290	941	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
295	951	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
155	894	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
307	953	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
433	1334	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
251	1039	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
214	1238	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
244	1252	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
218	1315	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
219	1231	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
242	1250	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
102	1024	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
20	1005	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
97	1023	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
62	881	-	-	Sup.	Instrumento	Arenito	-
109	1138	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
99	887	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
103	875	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
57	926	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
61	880	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
101	874	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
72	1211	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
146	1145	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
34	911	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
22	1006	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
59	1111	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
168	897	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
305	959	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
300	957	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
182	1303	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
330	965	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
342	961	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-

293	945	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
189	1015	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
266	1052	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
296	1324	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
200	1266	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
164	1249	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
270	1272	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
167	895	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
124	1025	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
277	954	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
306	952	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
137	1218	-	-	Sup.	Instrumento	Quartzito	-
208	1236	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
421	1346	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
259	1256	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
202	1265	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
325	1183	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
358	1072	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
132	1030	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
157	1148	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
112	1141	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
142	1143	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-
131	1026	-	-	Sup.	Fragmento	Quartzito	-

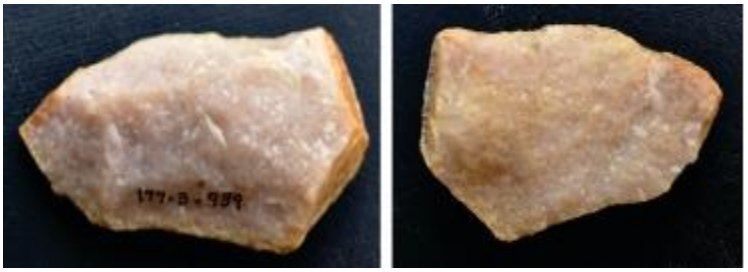
Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 366 - Lasca de quartzo com córtex (Etiqueta 1027)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 367 - Lasca de quartzito com córtex (Etiqueta 939)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 368 - Lasca de quartzito sem córtex (Etiqueta 1060)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 369 - Núcleo de quartzito (Etiqueta 906)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

Figura 370 - Instrumento de quartzito (Etiqueta 881)



Fonte: Laboratório de Arqueologia da UNIVASF (2014)

3.10.4 Sondagens

Onde se constatou maior concentração de artefatos da indústria lítica na superfície do terreno fizeram-se sondagens para aferir se havia vestígios arqueológicos na subsuperfície dos três sítios resgatados. Retiraram-se e peneiraram-se os sedimentos até se chegar ao maciço rochoso. Não se encontrou material arqueológico algum. (Fig. 371 e 372).

Figura 371 – Sondagem do Sítio Porteira 1



Fonte: Kestering, Aquino e Bezerra (2014, p. 22)

Figura 372 - Sondagem do Sítio Porteira 3



Fonte: Kestering, Aquino e Bezerra (2014, p. 62)

3.11 Grota da Serra Baixa

A Grota da Serra Baixa (código 191) é um recuo do contraforte, promovido por agentes de intemperismo sobre o maciço do *Greenstone Belt* do Rio Salitre (Unidade Sobradinho). (Tab. 41; Fig. 373 e 374). Nele se identificou um sítio arqueológico com pinturas, gravuras e almofarizes em matacão.

Tabela 41 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	293480	8943991	424
2	293493	8943967	425
3	293476	8943942	425
4	293453	8943930	425
5	293438	8943955	425
6	293453	8943981	425

Fonte: Google Earth (2020)

Figura 373 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor deste

Figura 374 – Grota da Serra Baixa



Fonte: Acervo do autor (2017)

3.11.1 Serra Baixa 1

O Sítio Serra Baixa 1 (código 191.1) localiza-se à base da encosta da Serra Baixa, às coordenadas UTM24L 293474, UTMN 8943975 e 425 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a sudeste. Mede 120 m de comprimento, 9,5 m de altura e 2,4 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura e gravura rupestre, bem como quatro almofarizes em matacão de quartzito. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 375 a 379).

Figura 375 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2017)

Figura 376 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2017)

Figura 377 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2017)

Figura 378 – Gravura reconhecível (punctiforme)



Fonte: Acervo do autor (2017)

Figura 379 – Almofarizes em matacão



Fonte: Acervo do autor (2017)

3.12 Grota da Serra do Olho d'Água

A Grota da Serra do Olho d'Água (código 002) é um grande recuo côncavo promovido por agentes de intemperismo (químico físico e biológico) no maciço metassedimentar da Chapada Diamantina (Formação Tombador). (Tab. 42; Fig. 380 a 382). Nele se identificaram 11 sítios arqueológicos com pinturas rupestres e um com almofariz em matacão. (Fig. 383).

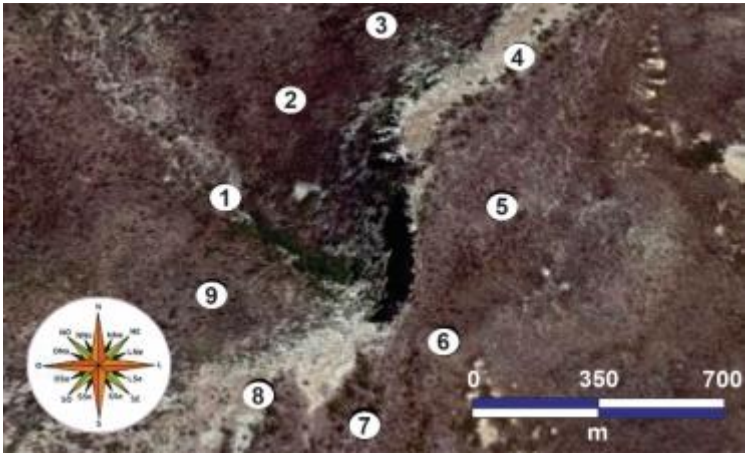
Tabela 42 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	292412	8948621	475
2	292493	8948809	486
3	292614	8948952	501
4	292808	8948836	562
5	292776	8948581	559

6	292705	8948376	554
7	292612	8948256	559
8	292492	8948280	574
9	292413	8948458	510

Fonte: Google earth (2020)

Figura 380 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



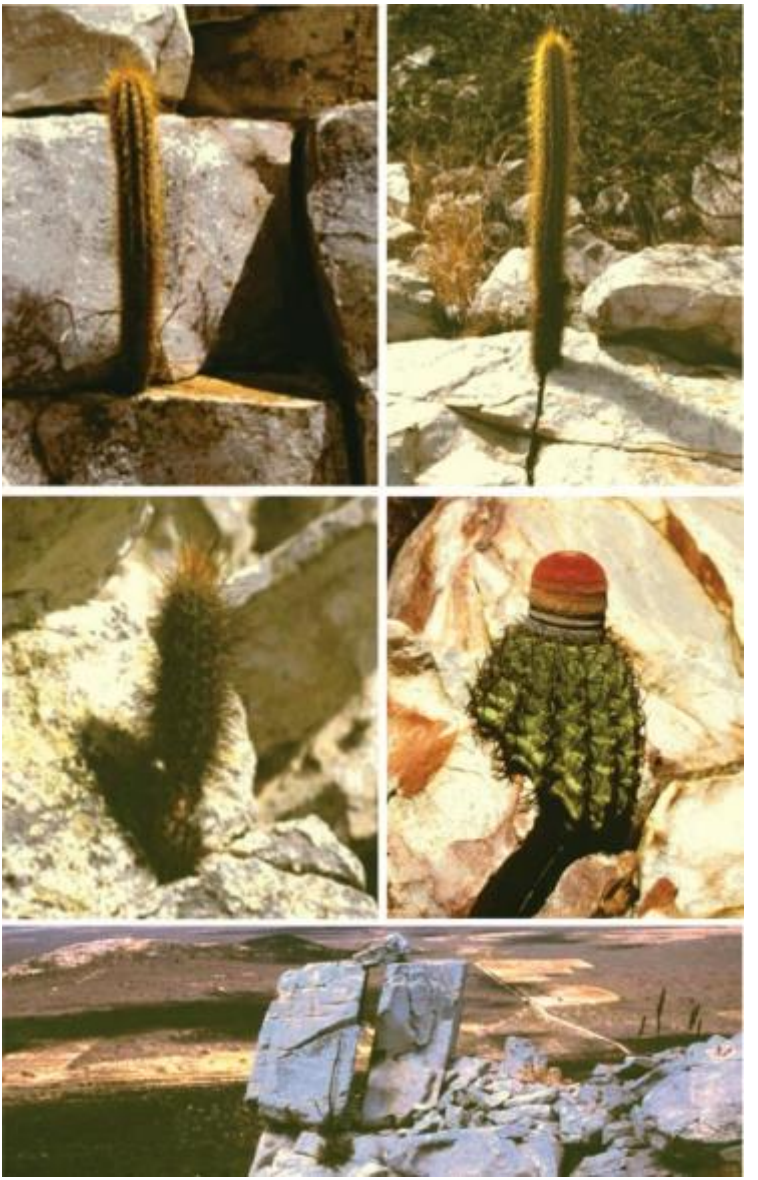
Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor deste

Figura 381 – Grota do Olho d'Água



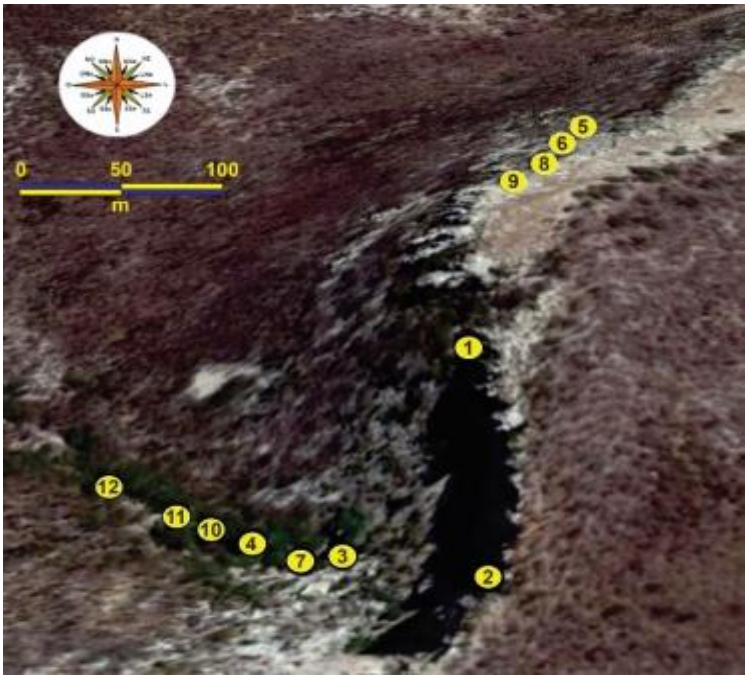
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 382 - Ação de agentes de intemperismo nas fendas o maciço



Fonte: Acervo do autor (1996)

Figura 383 – Distribuição espacial dos sítios

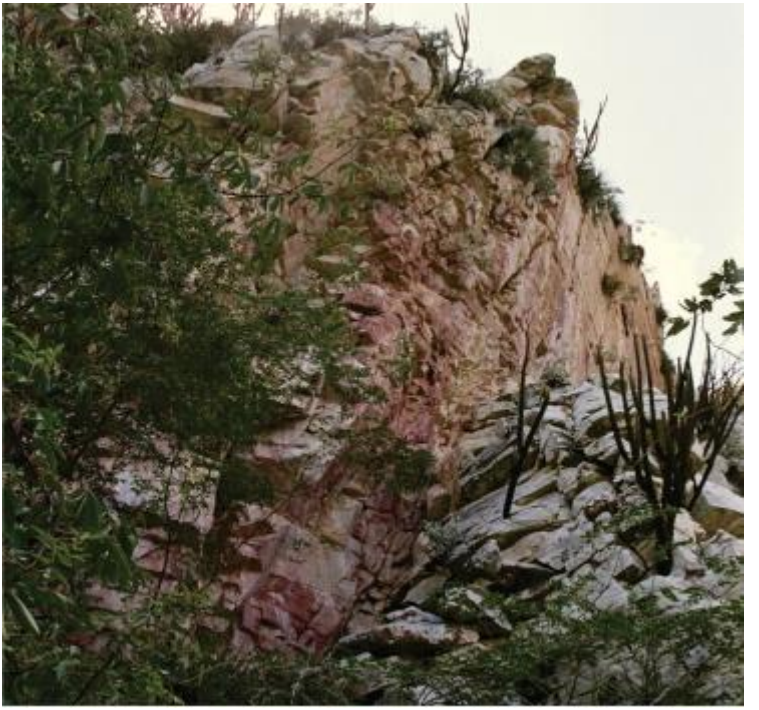


Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

3.12.1 Olho d'Água 1

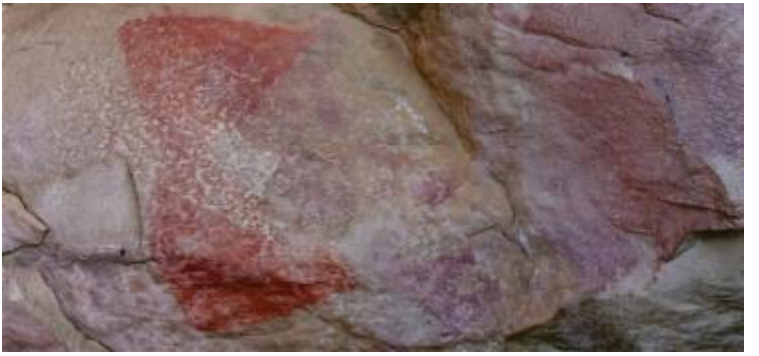
O Sítio Olho d'Água 1 (código 002.1), também conhecido como Furna dos Morcegos, localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292642, UTMN 8948619 e 541 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 8,5 m de comprimento, 36 m de altura e 0,6 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base há matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 384 e 385).

Figura 384 – Olho d'Água 1



Fonte: Kestering (2007, p. 241)

Figura 385 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.2 Olho d'Água 2

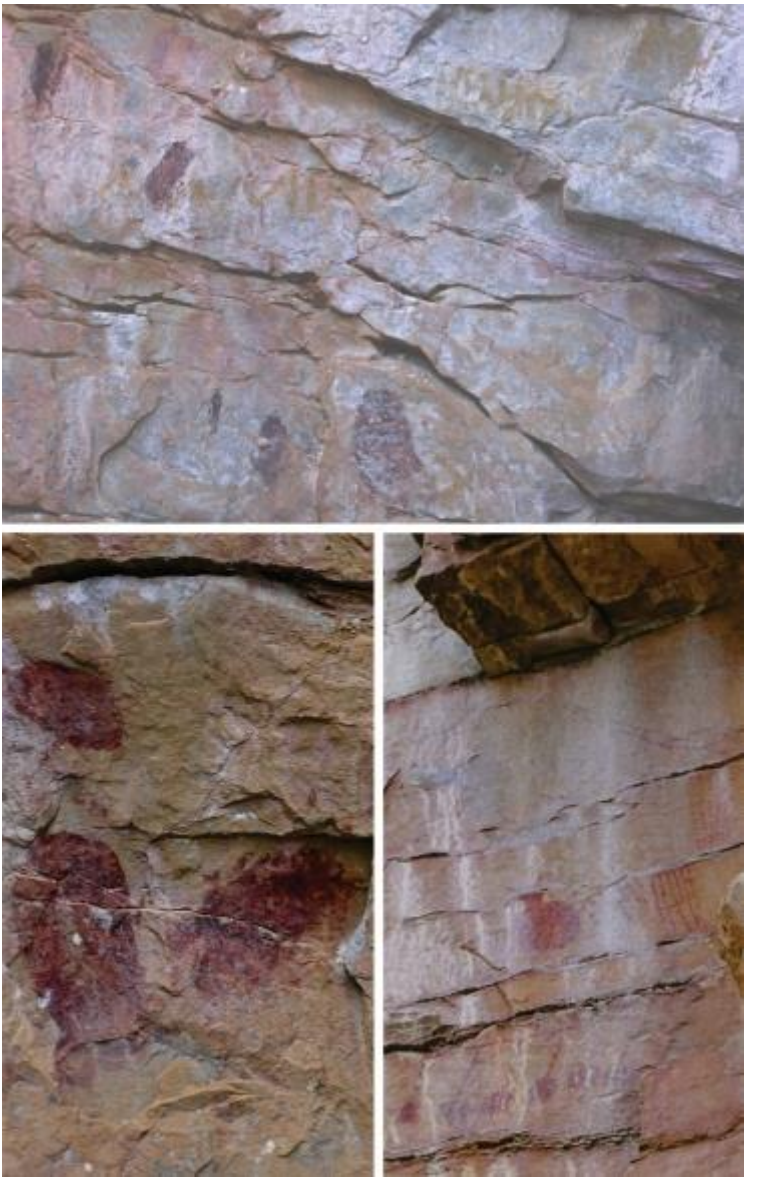
O Sítio Olho d'Água 2 (código 002.2), também conhecido como Toca do Minador, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292652, UTMN 8948455 e 542 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 23 m de comprimento, 62 m de altura e 4,0 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 386 a 390).

Figura 386 – Olho d'Água 2



Fonte: Kestering (2007, p. 242)

Figura 387 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 388 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



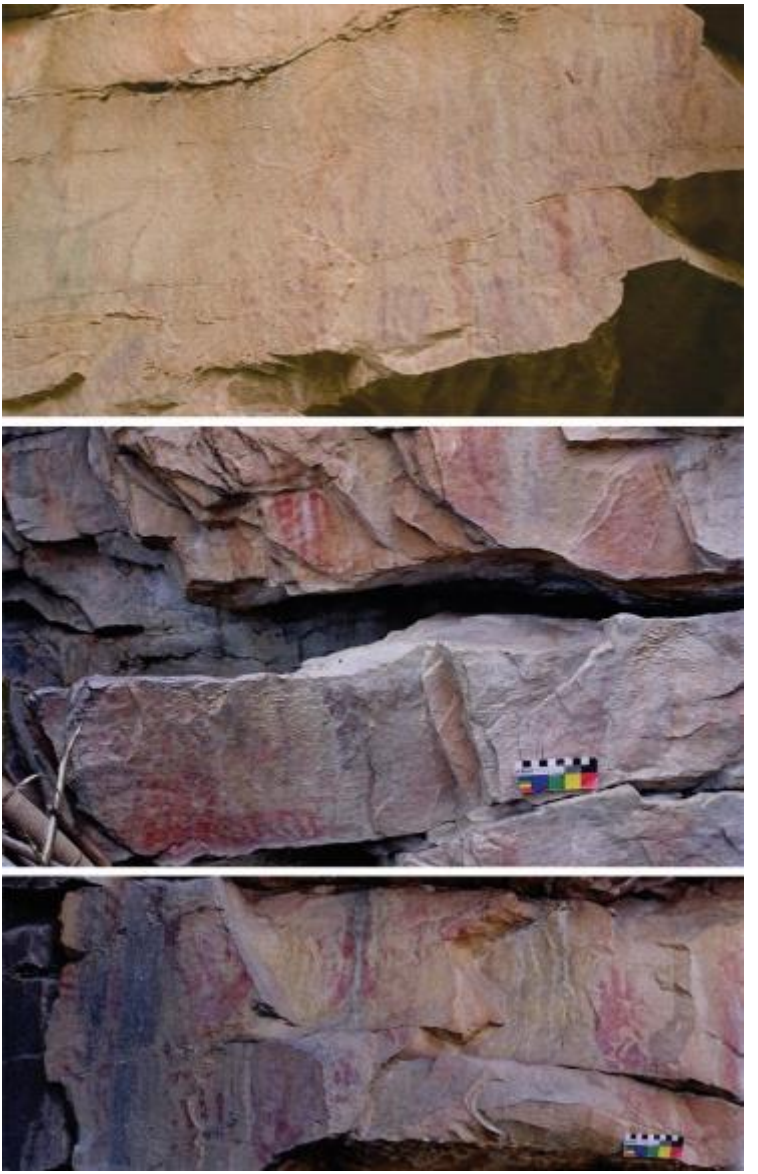
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 389 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 390 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.3 Olho d'Água 3

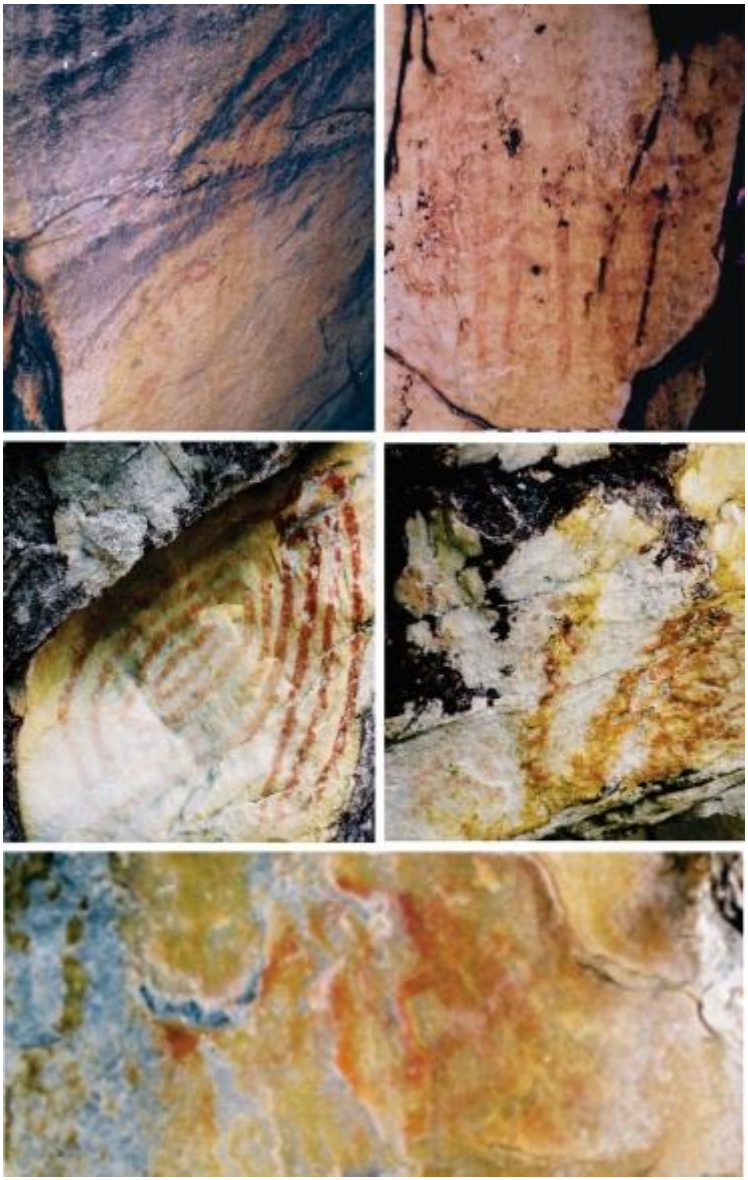
O Sítio Olho d'Água 3 (código 002.3), também conhecido como Pedra Escorada, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292590, UTMN 8948498 e 512 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 10,4 m de comprimento, 2,6 m de altura e 2,2 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 391 e 392).

Figura 391 – Olho d'Água 3



Fonte: Kestering (2007, p. 243)

Figura 392 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo pessoal (2006)

3.12.4 Olho d'Água 4

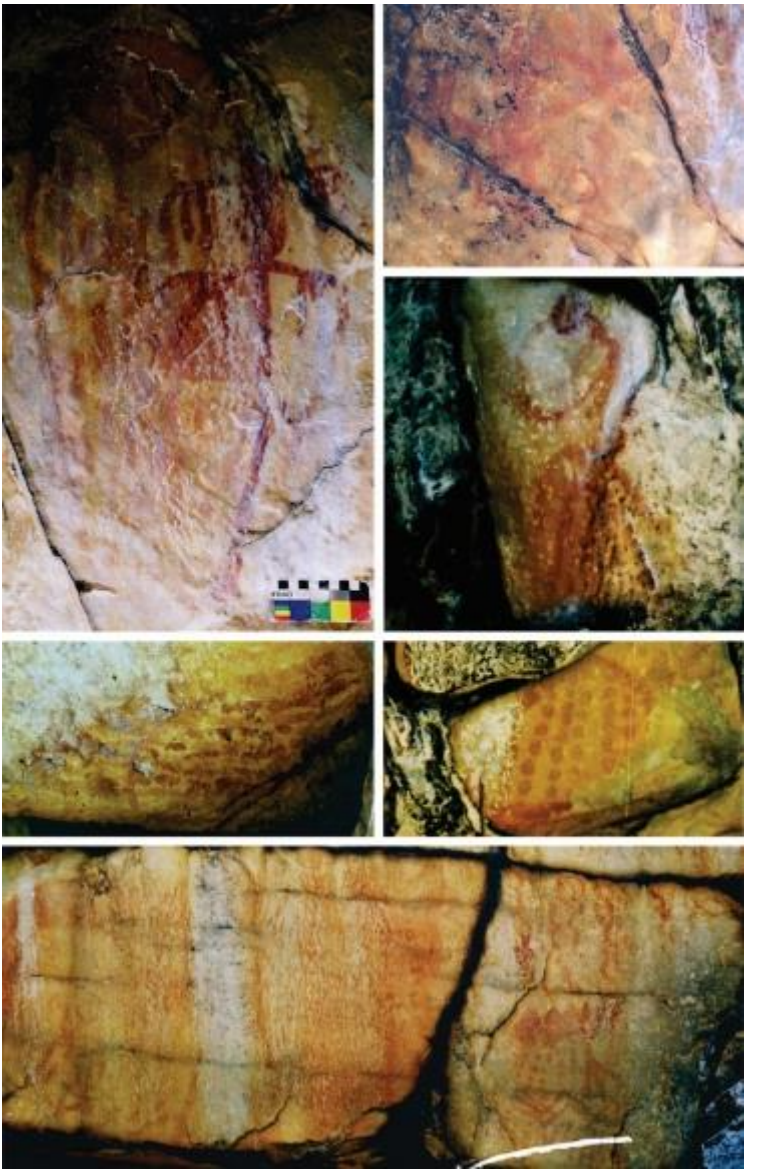
O Sítio Olho d'Água 4 (código 002.4), também conhecido como Poço da Cabra, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292549, UTMN 8948519 e 499 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – Sul e abertura a leste. Mede 12,7 m de comprimento, 7,2 m de altura e 3,3 m de largura. Nele há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 393 e 394).

Figura 393 – Olho d'Água 4



Fonte: Kestering (2007, p. 244)

Figura 394 – pinturas conhecíveis e reconhecíveis

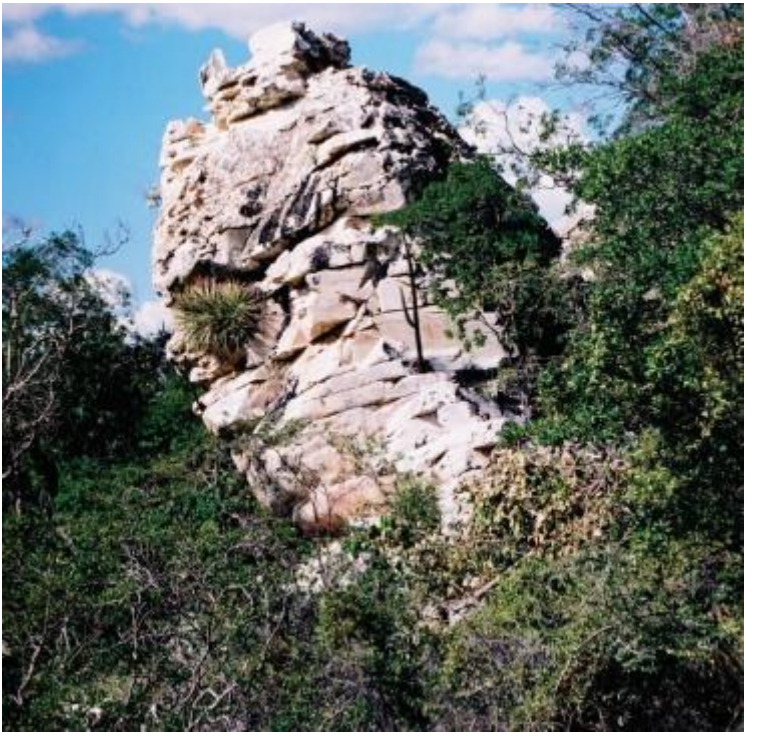


Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.5 Olho d'Água 5

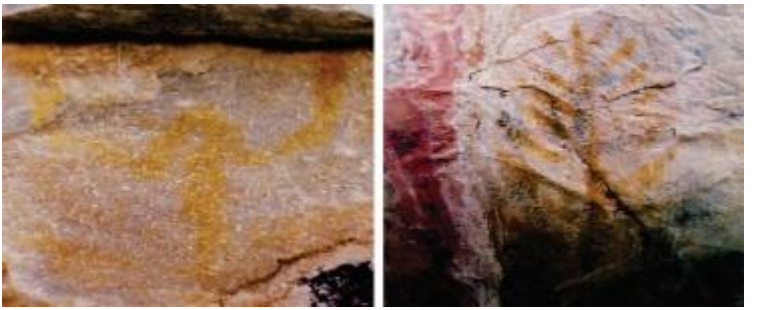
O Sítio Olho d'Água 5 (código 002.5), também conhecido como Torre do Grafismo, localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292705, UTMN 8948860 e 547m de altitude. Trata-se de um morro residual com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 14 m de comprimento, 11 m de altura e 3,6 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 395 a 404).

Figura 395 – Olho d'Água 5



Fonte: Kestering (2007, p. 245)

Figura 396 – Pinturas conhecíveis (escorpião e folha de palmeira)



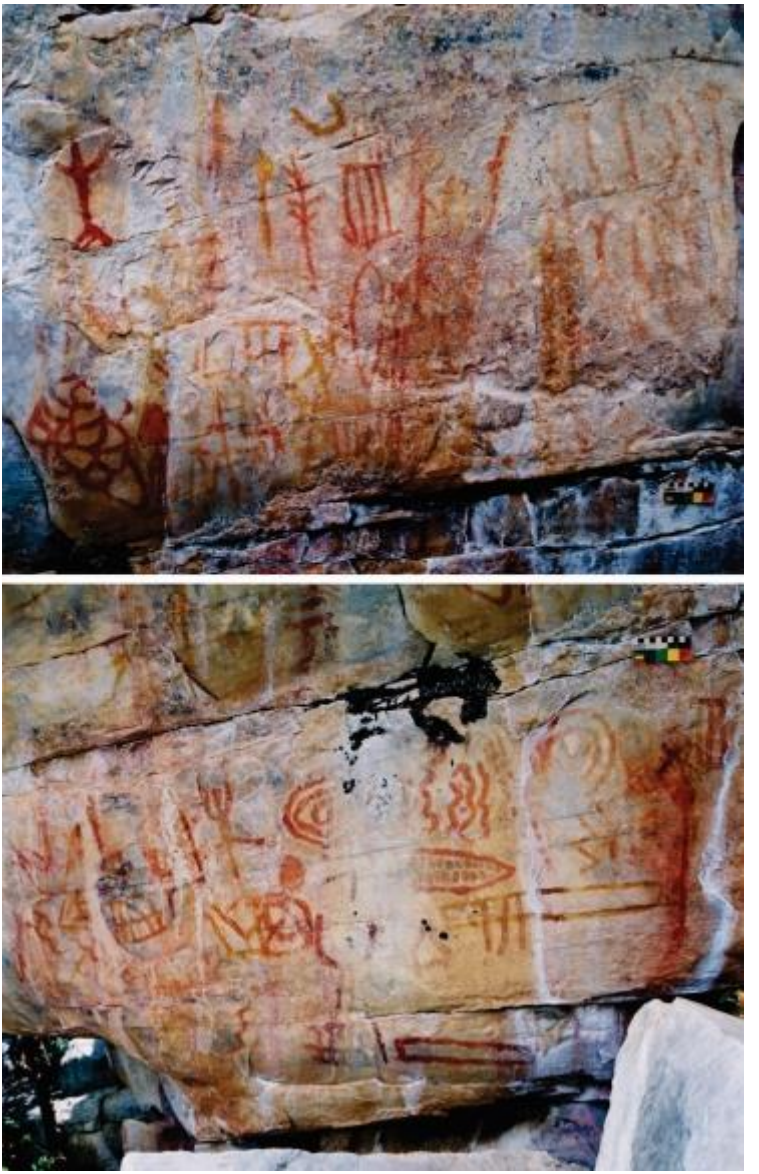
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 397 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 398 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 399 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



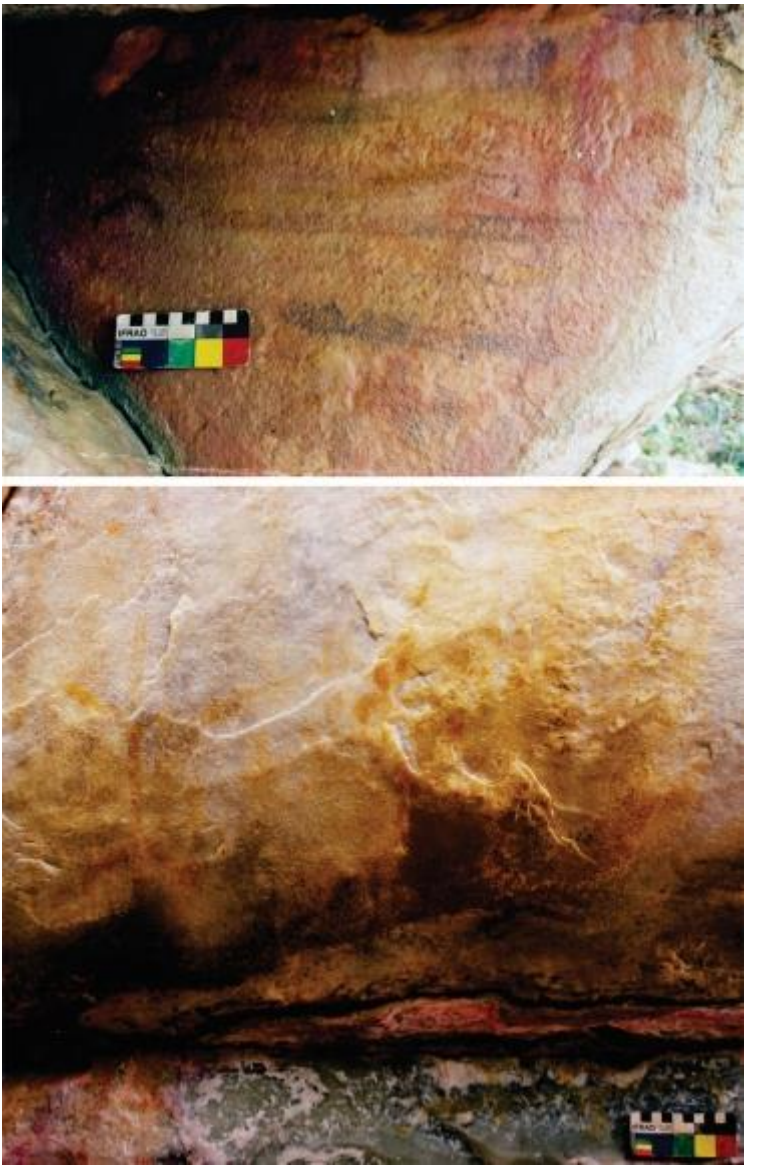
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 400 – Pinturas reconhecíveis



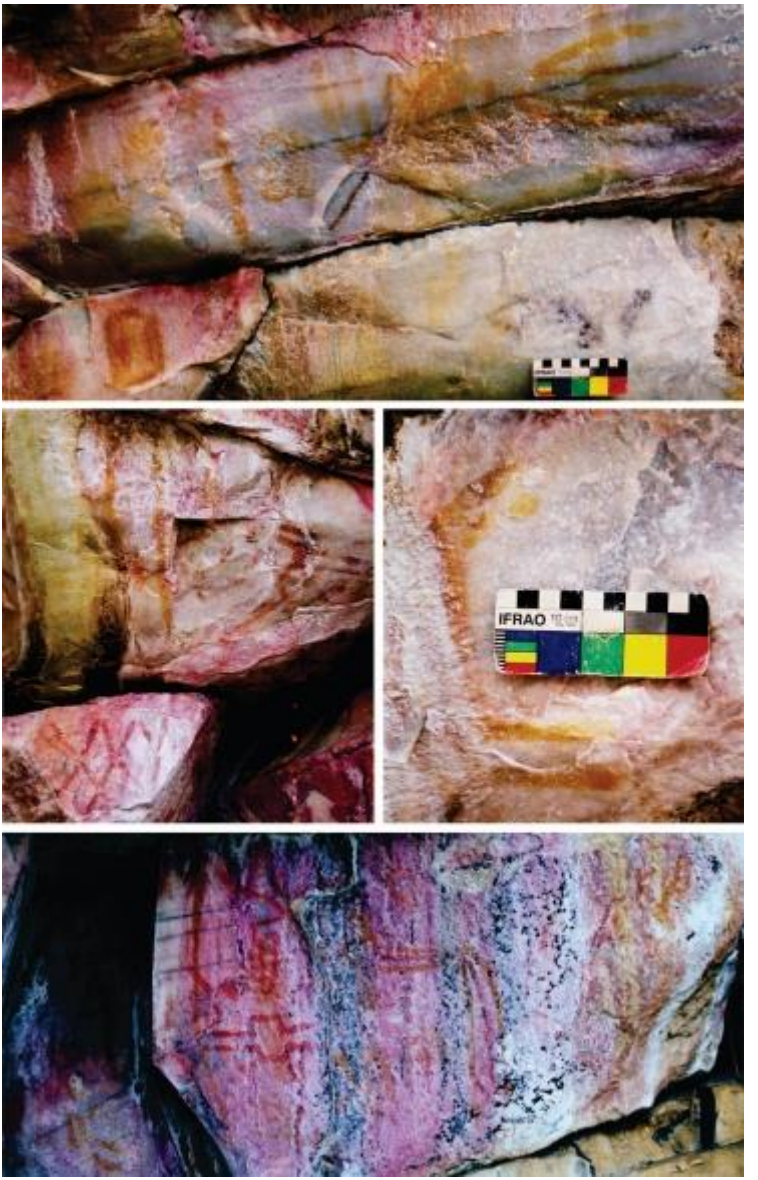
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 401 – Pinturas reconhecíveis



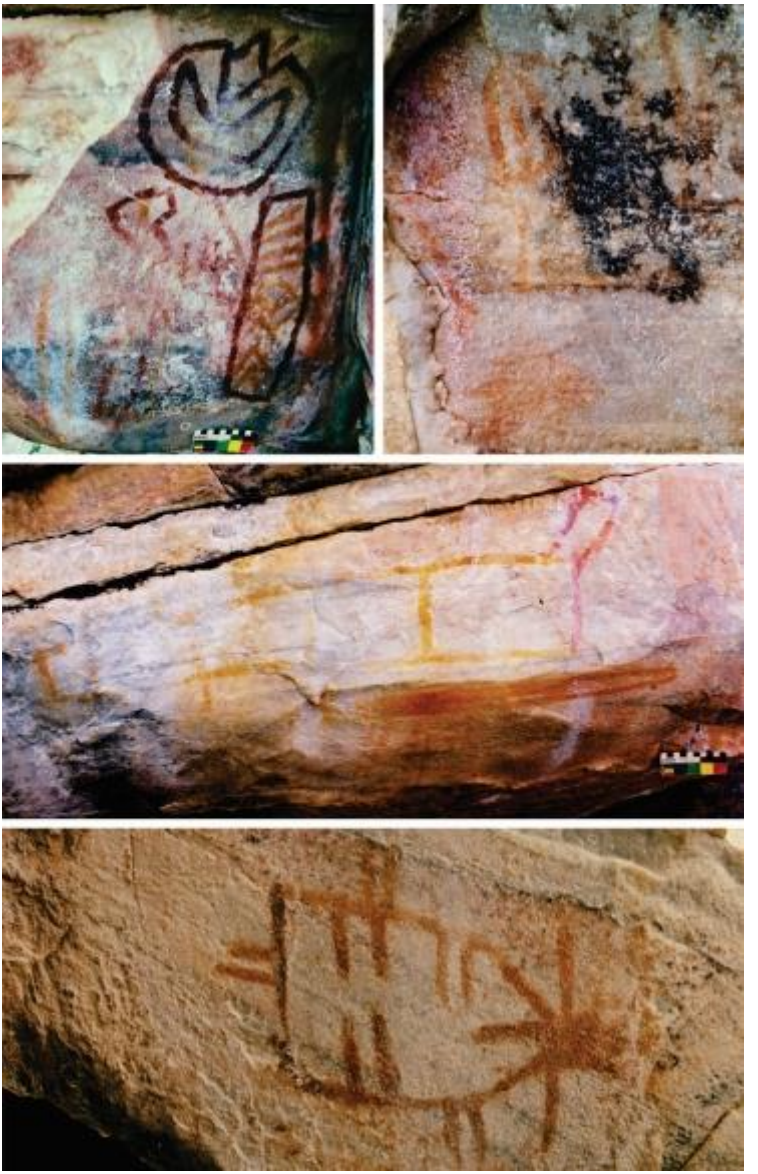
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 402 – Pinturas reconhecíveis



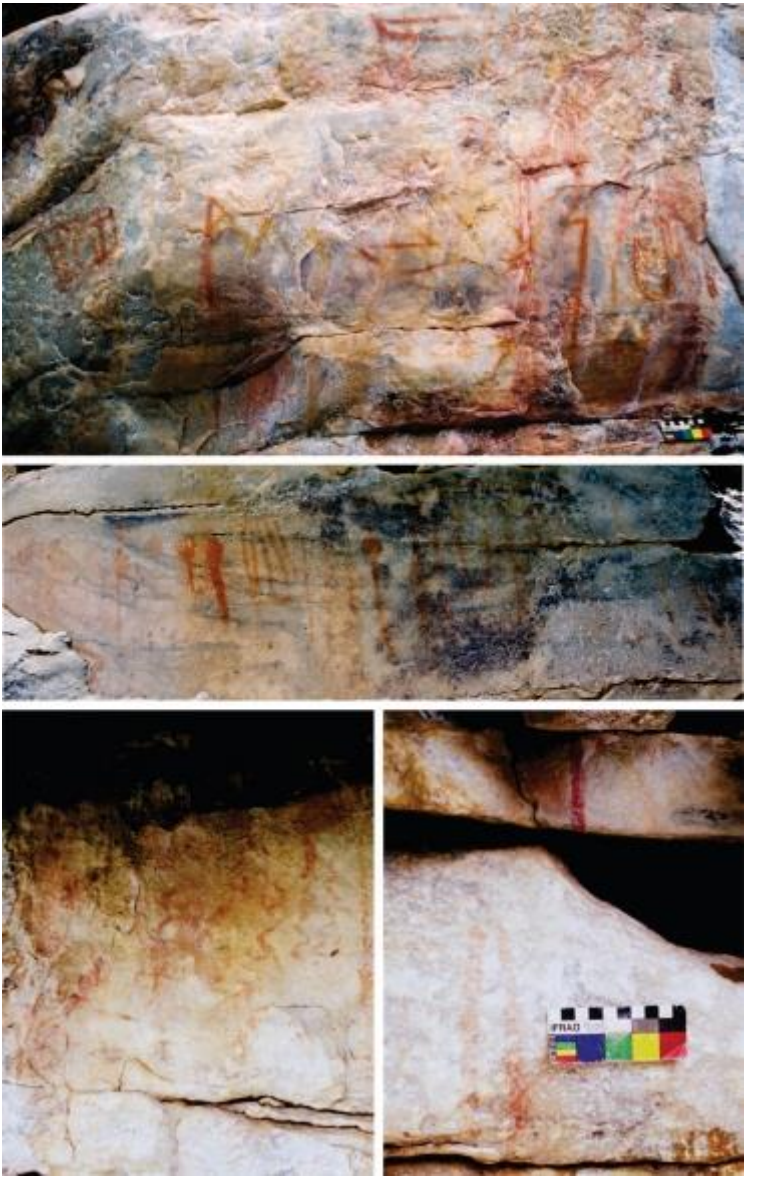
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 403 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 404 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.6 Olho d'Água 6

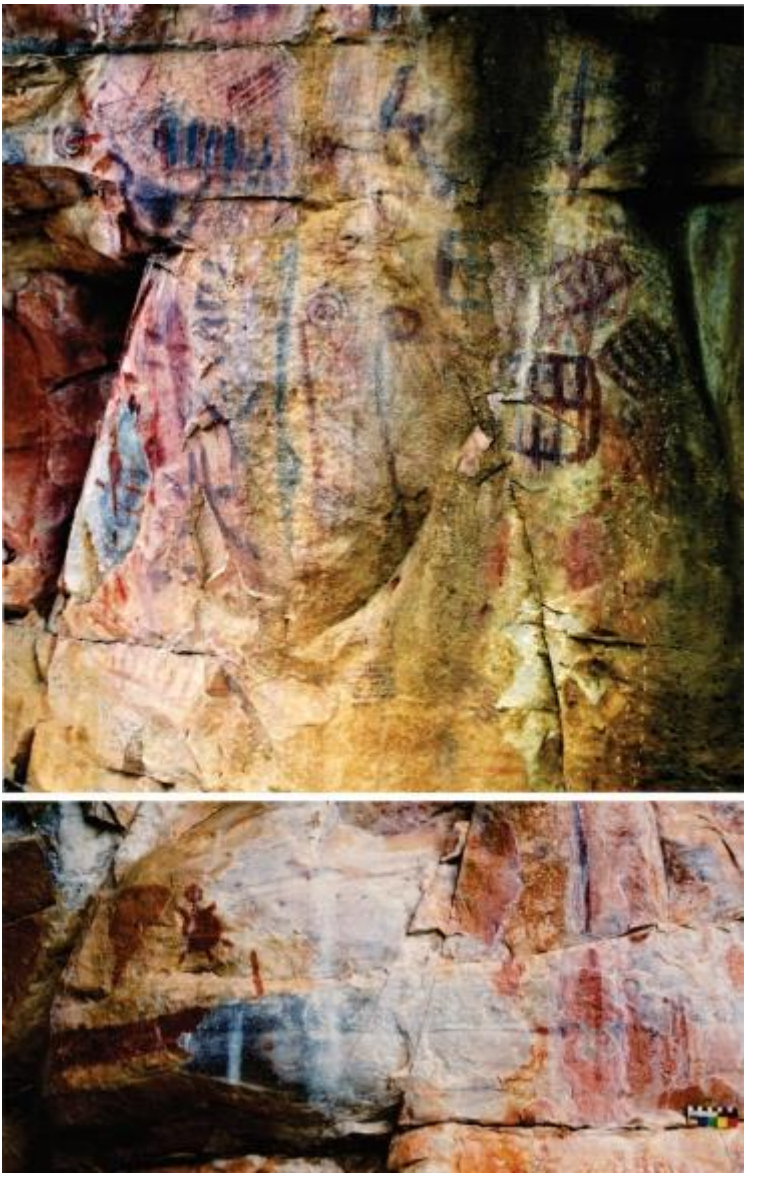
O Sítio Olho d'Água 6 (código 002.6), também conhecido como Toca do Tupiná, localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292691, UTMN 8948792 e 547 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação nordeste – sudoeste e abertura a noroeste. Mede 34 m de comprimento, 14,6 m de altura e 3 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 405 a 424).

Figura 405 – Olho d'Água 6



Fonte: Kestering (2007, p. 246)

Figura 406 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



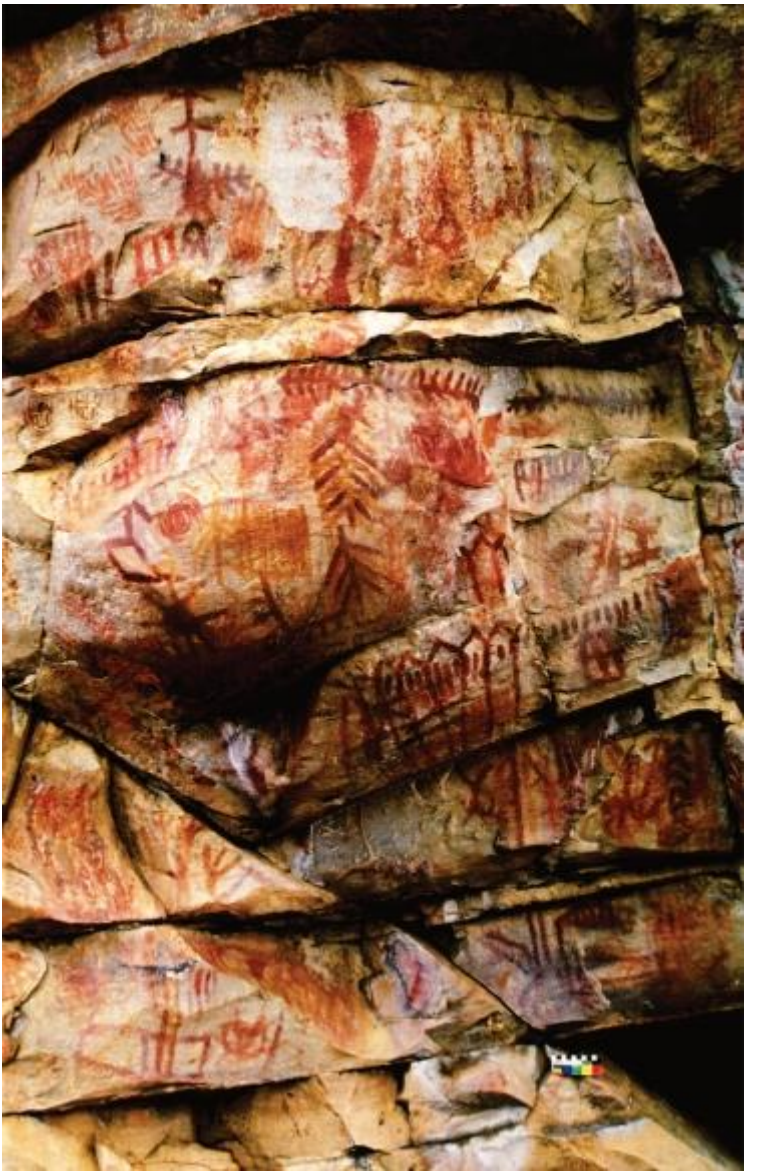
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 407 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



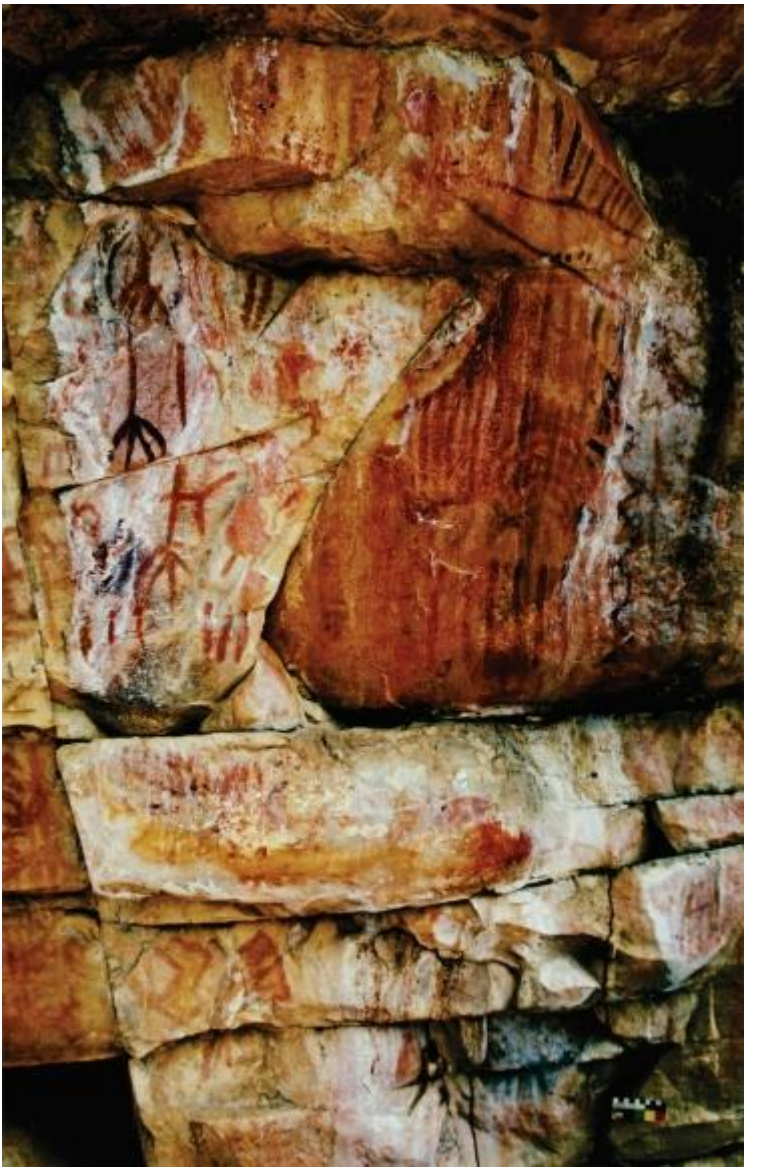
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 408 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



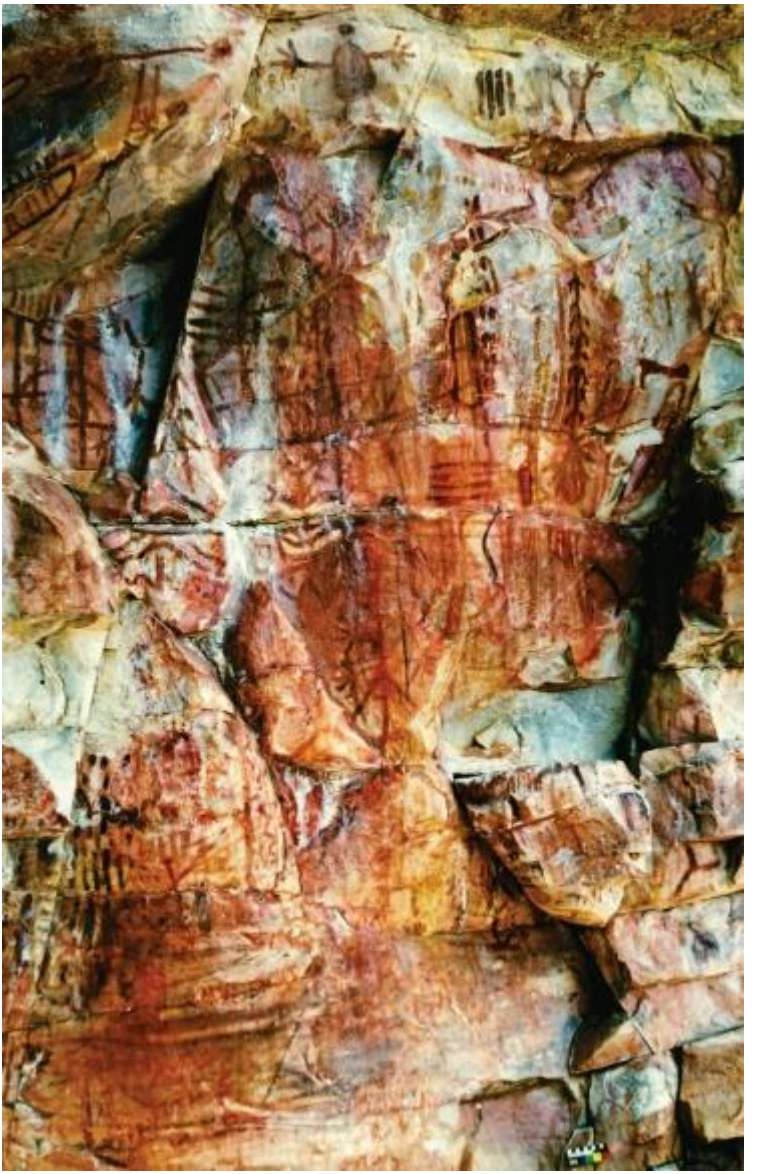
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 409 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



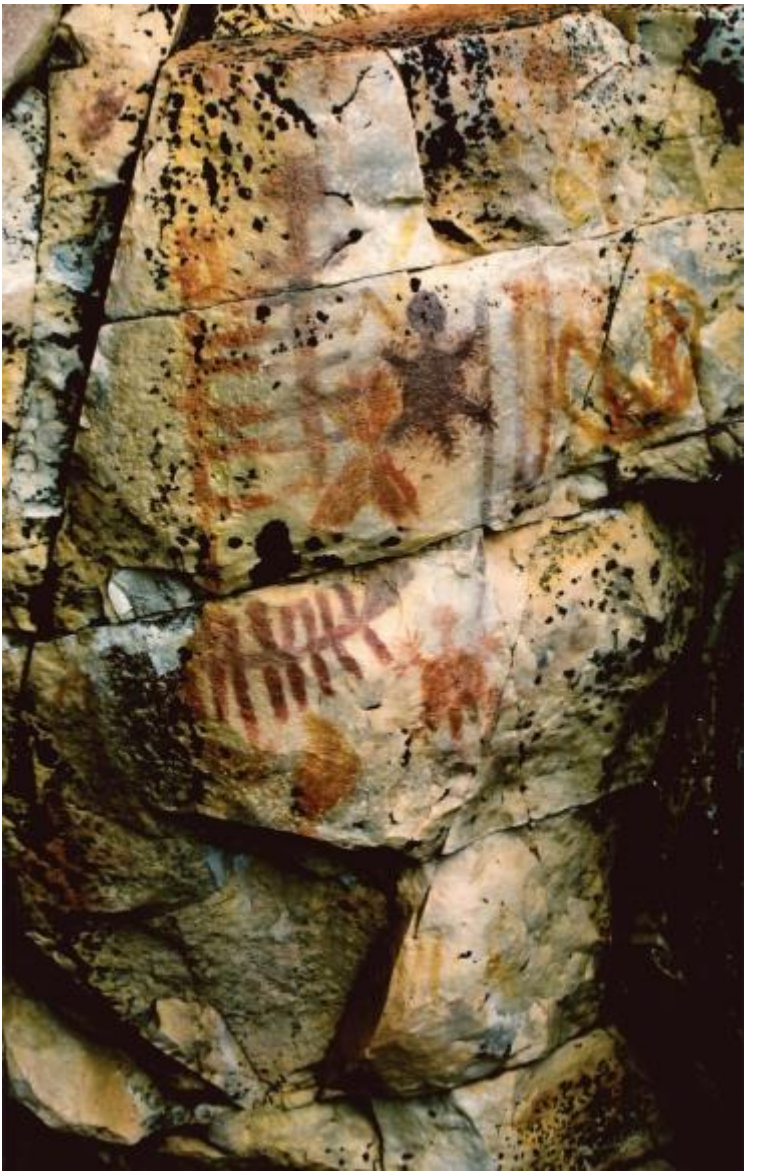
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 410 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



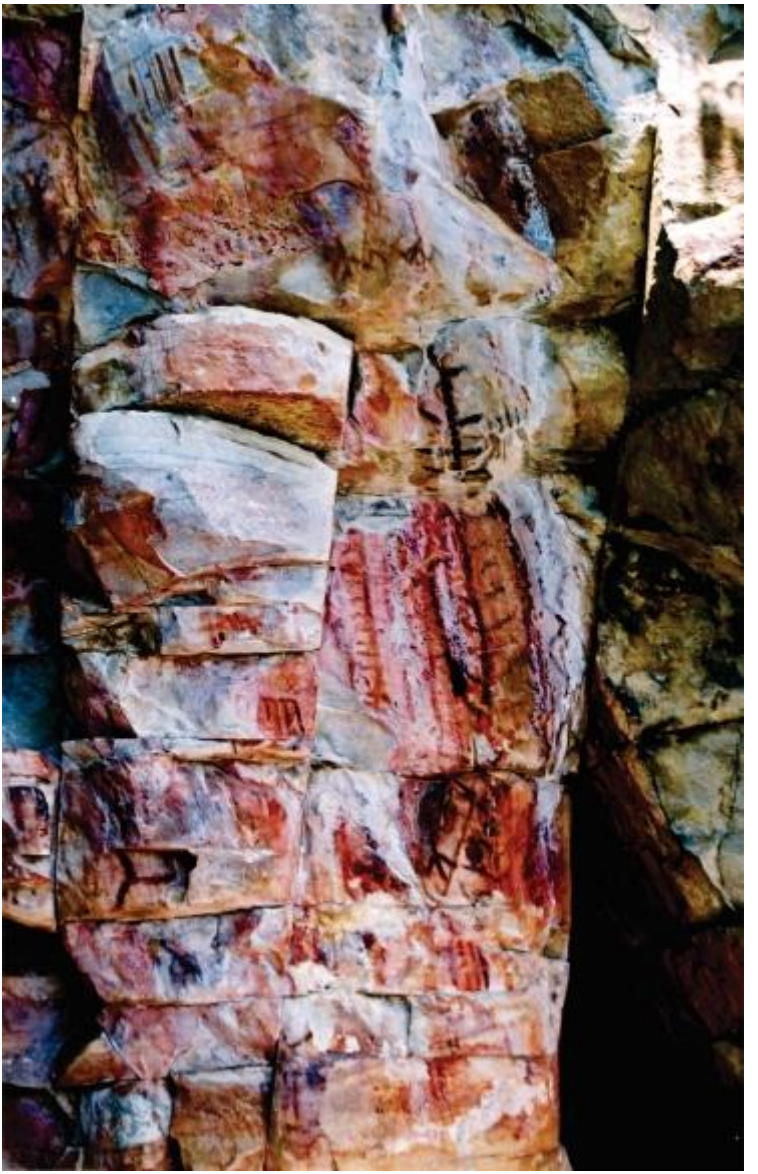
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 411 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



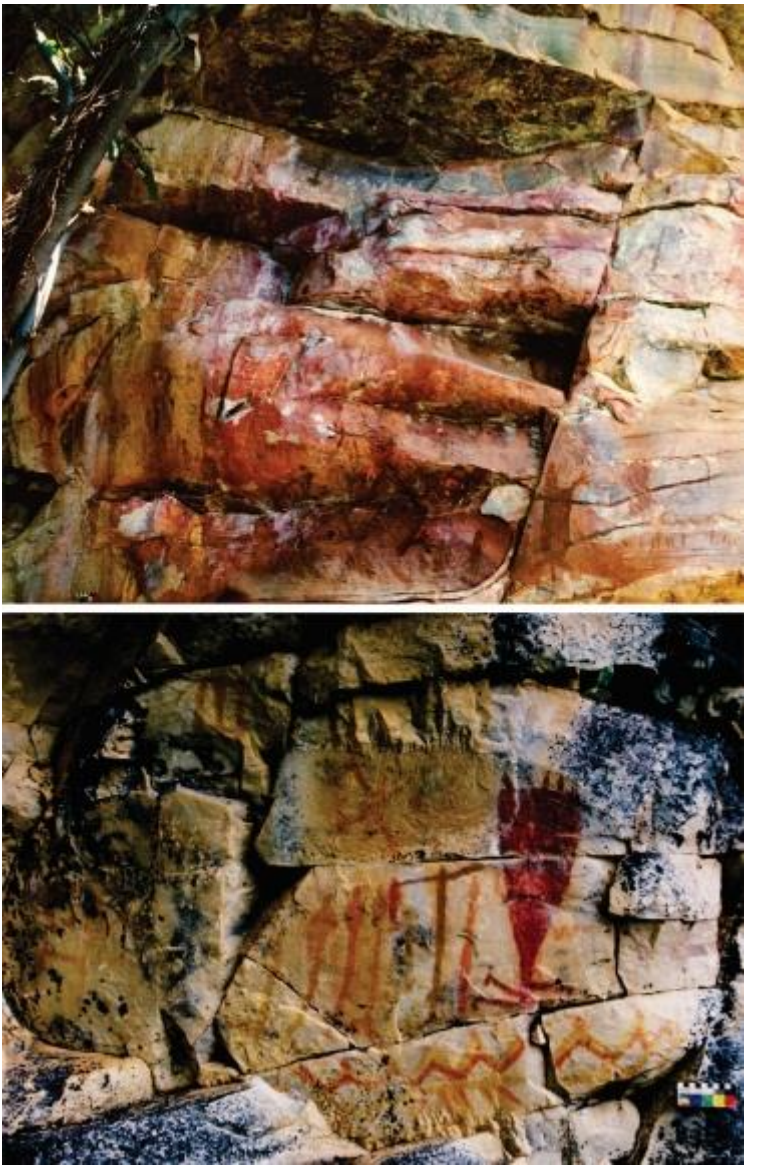
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 412 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



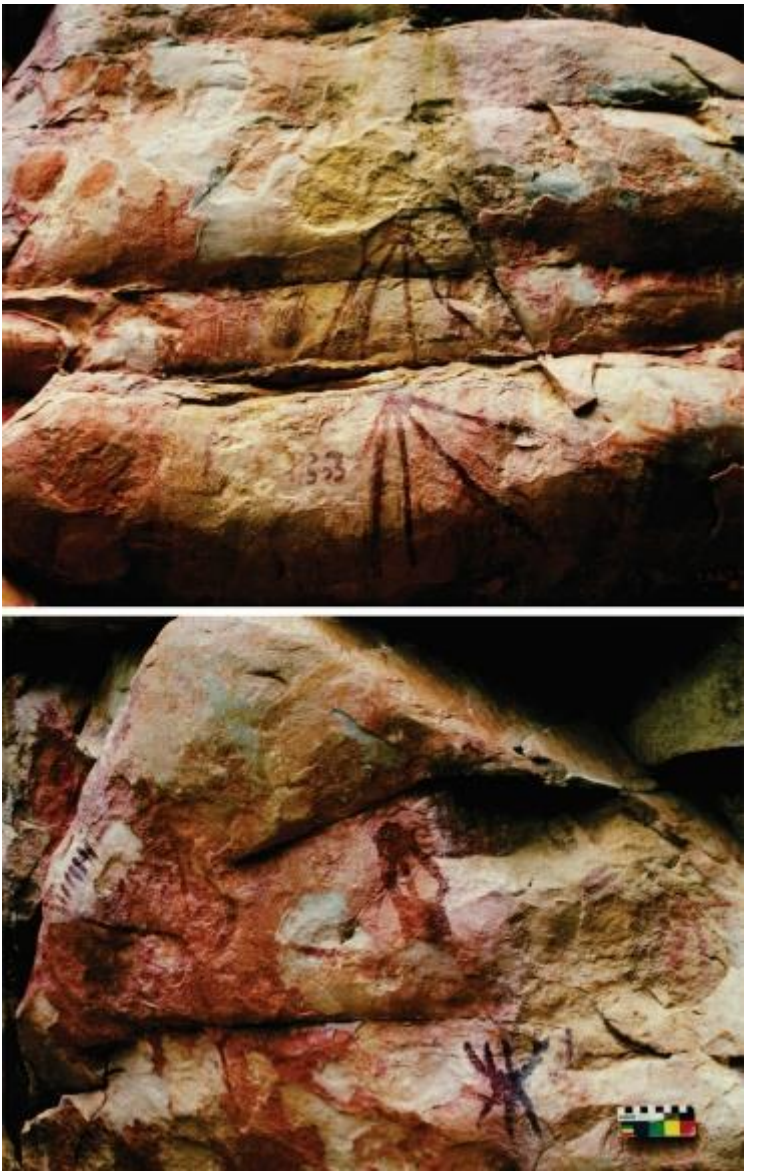
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 413 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



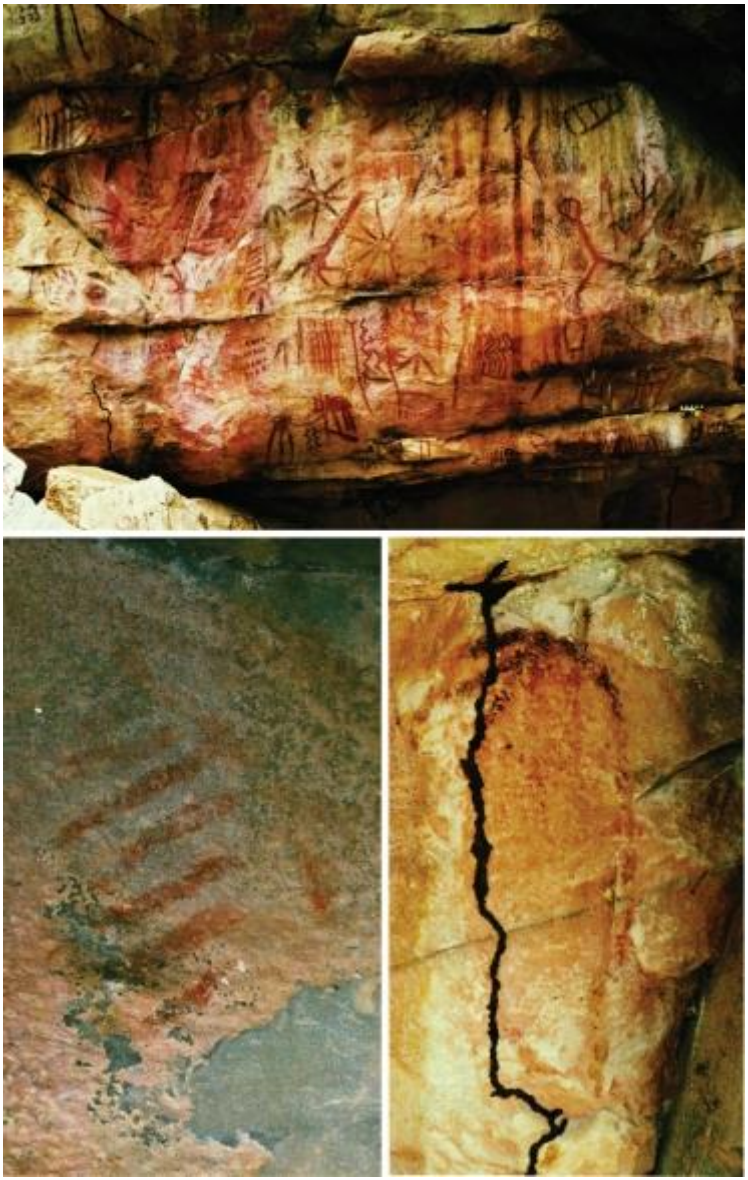
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 414 – Pinturas reconhecíveis



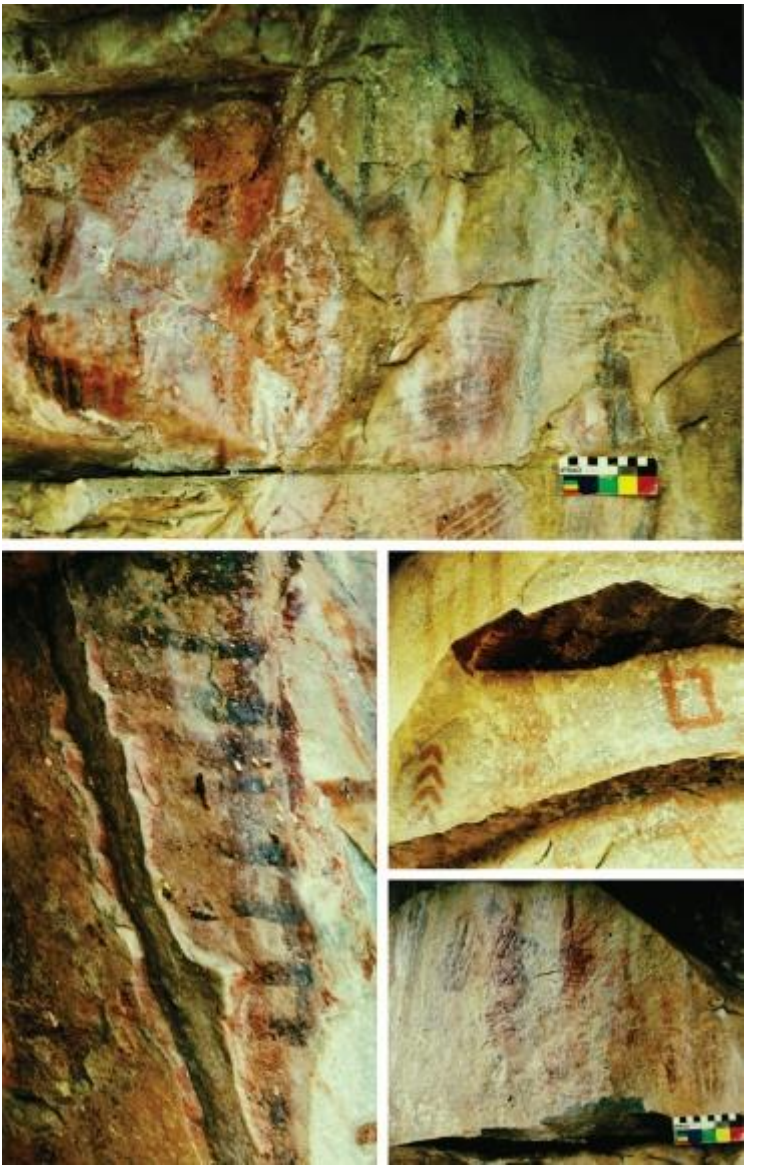
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 415 – Pinturas reconhecíveis



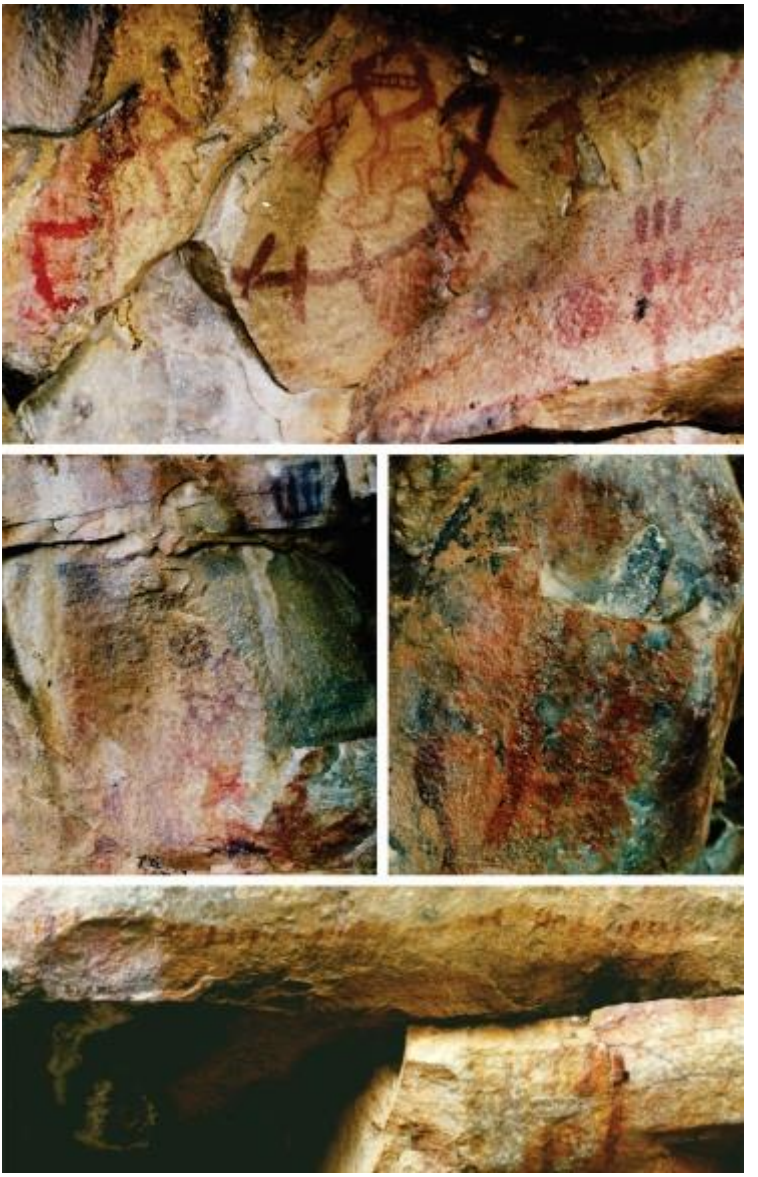
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 416 – Pinturas reconhecíveis



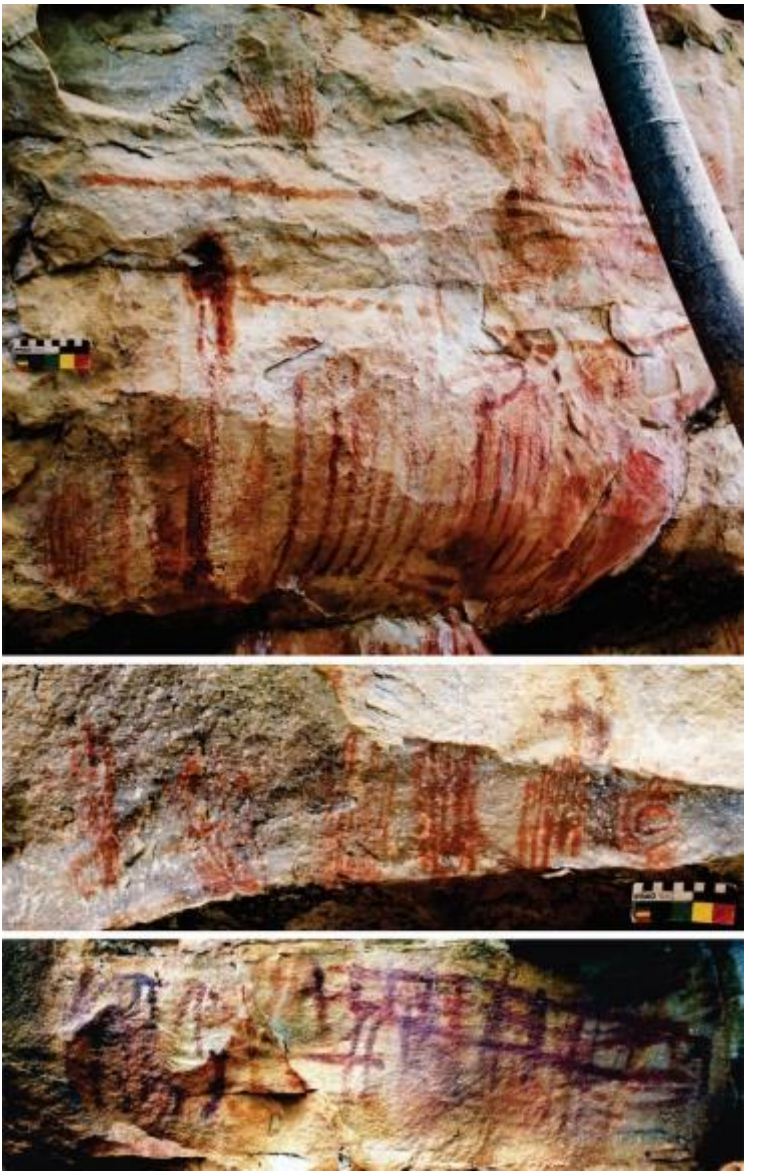
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 417 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 418 – Pinturas reconhecíveis



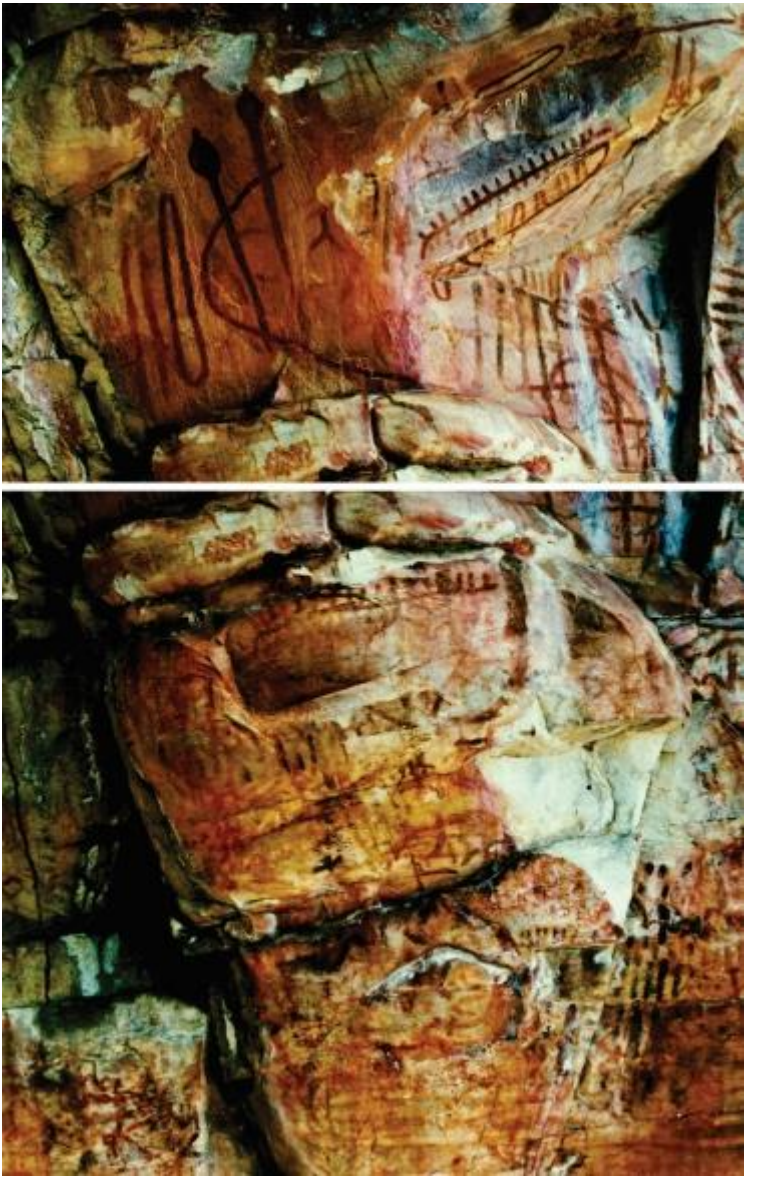
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 419 – Pinturas reconhecíveis



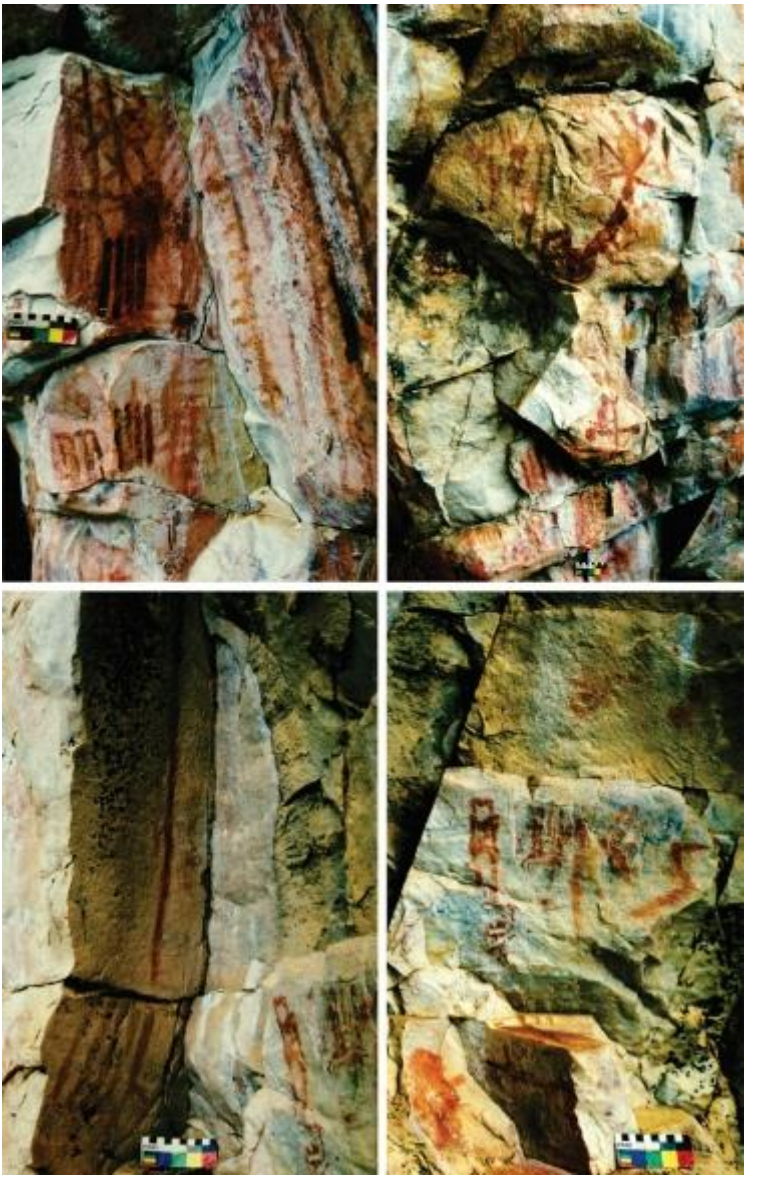
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 420 – Pinturas reconhecíveis



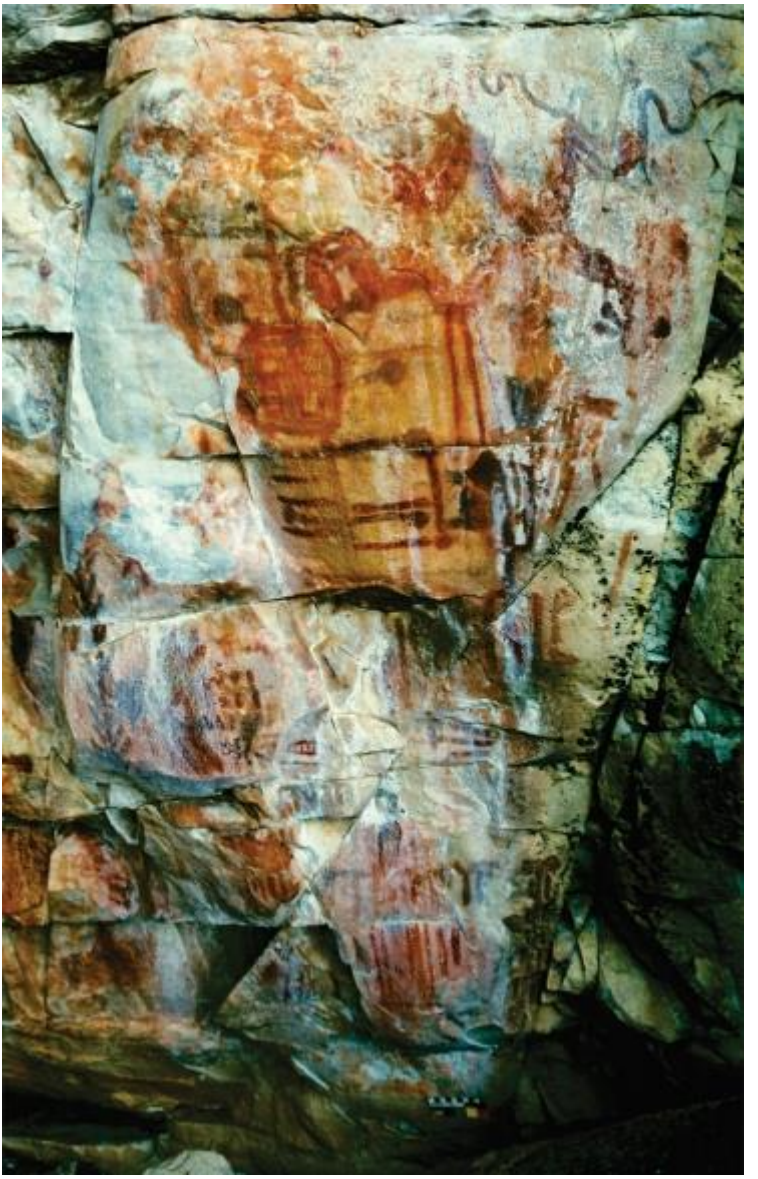
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 421 – Pinturas reconhecíveis



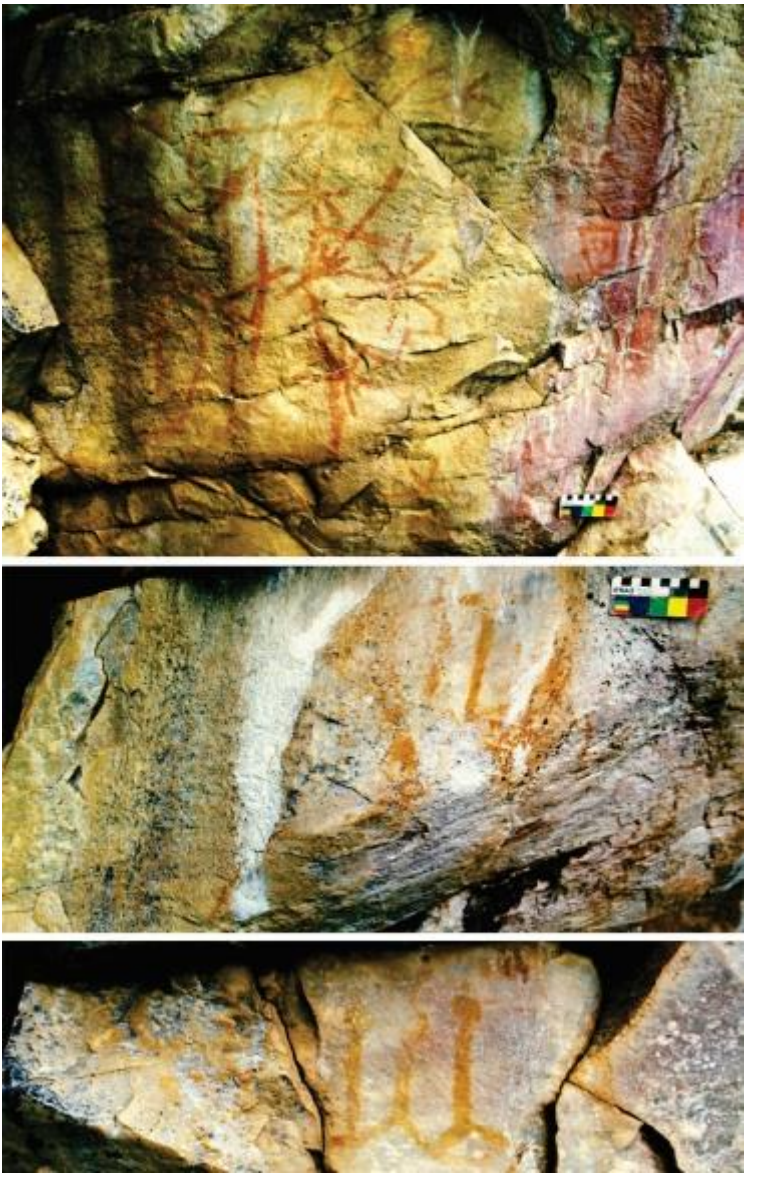
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 422 – Pinturas reconhecíveis



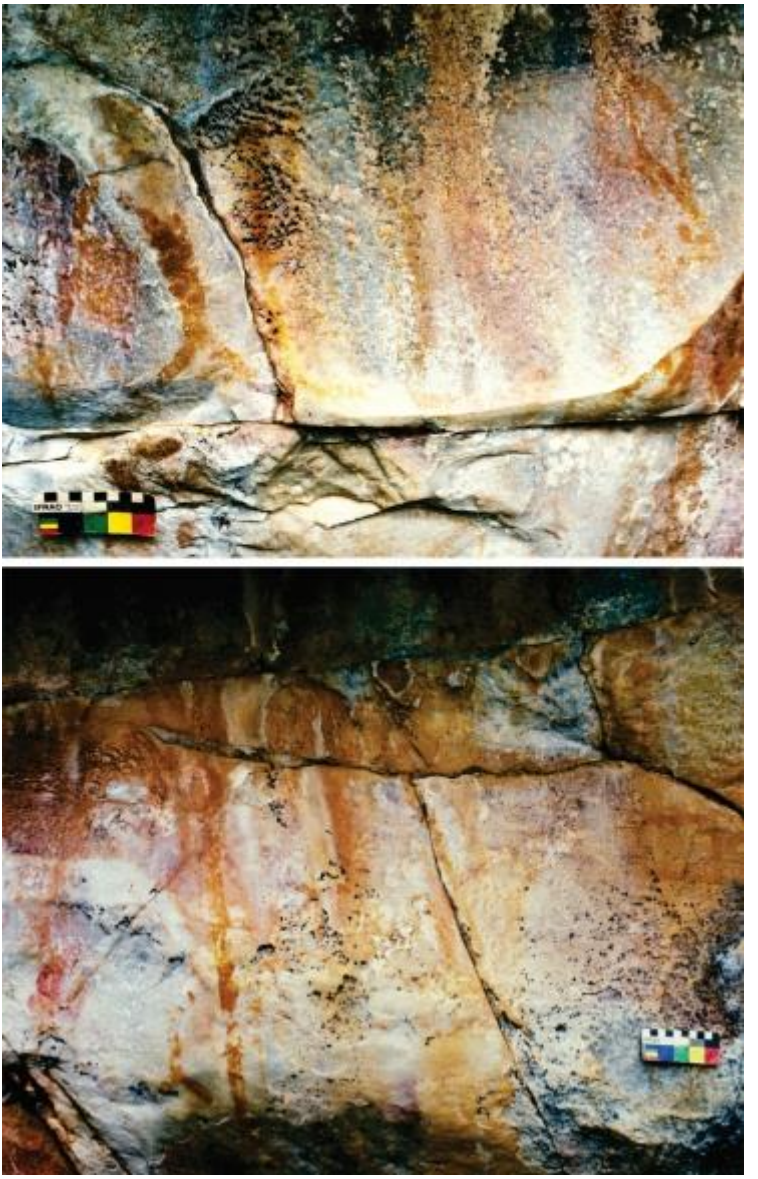
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 423 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 424 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.7 Olho d'Água 7

O Sítio Olho d'Água 7 (código 002.7), também conhecido como Bloco Solto, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292572, UTMN 8948500 e 507 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação nordeste – sudoeste e abertura a sudeste. Mede 4,6 m de comprimento, 2,6 m de altura e 0,7 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 425 e 426).

Figura 425 – Olho d'Água 7



Fonte: Kestering (2007, p. 248)

Figura 426 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.8 Olho d'Água 8

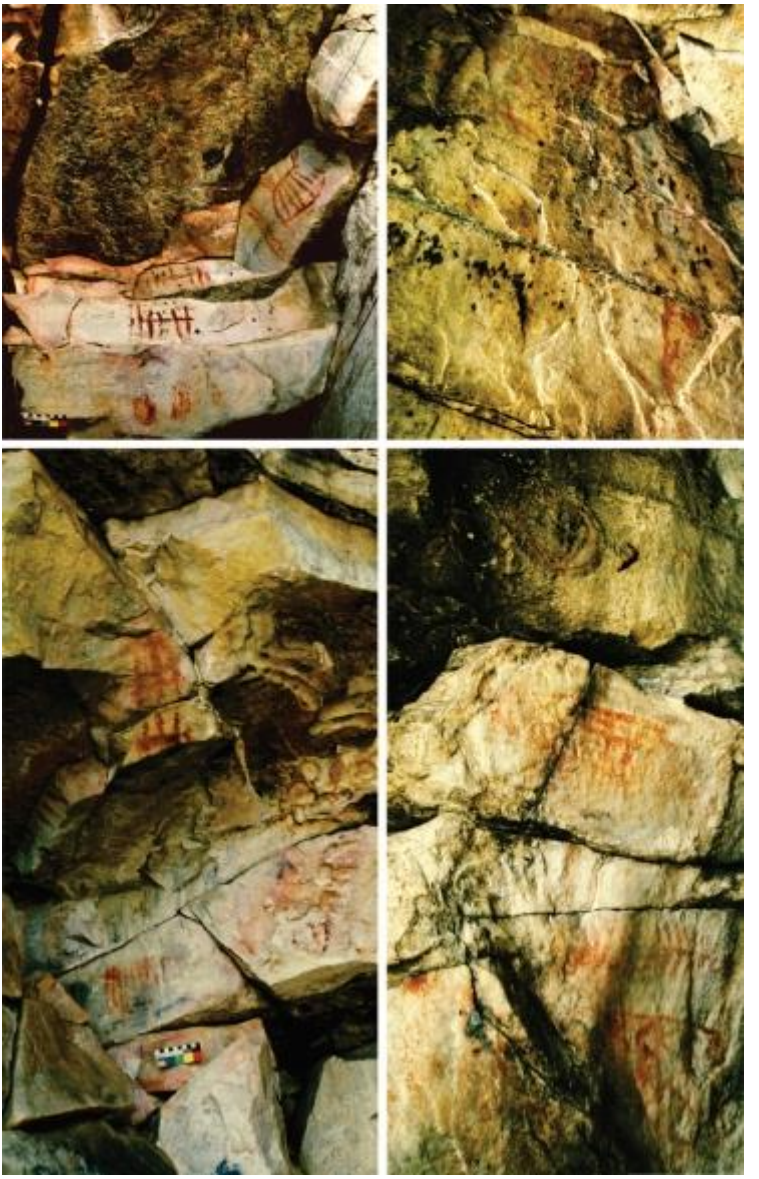
O Sítio Olho d'Água 8 (código 002.8), também conhecido como Grutilhão do Ruído, localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292673, UTMN 8948811 e 549 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 20 m de comprimento, 16 m de altura e 2,7 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 427 a 430).

Figura 427 – Olho d'Água 8



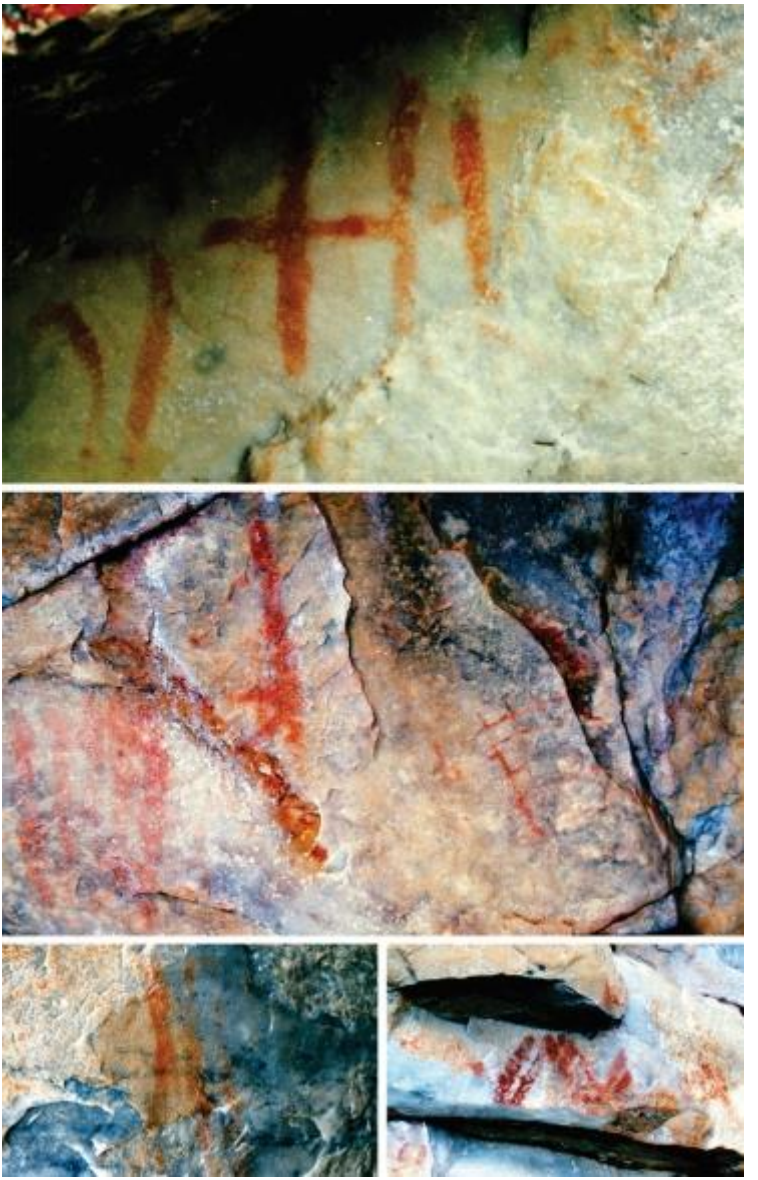
Fonte: Kestering (2007, p. 249)

Figura 428 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



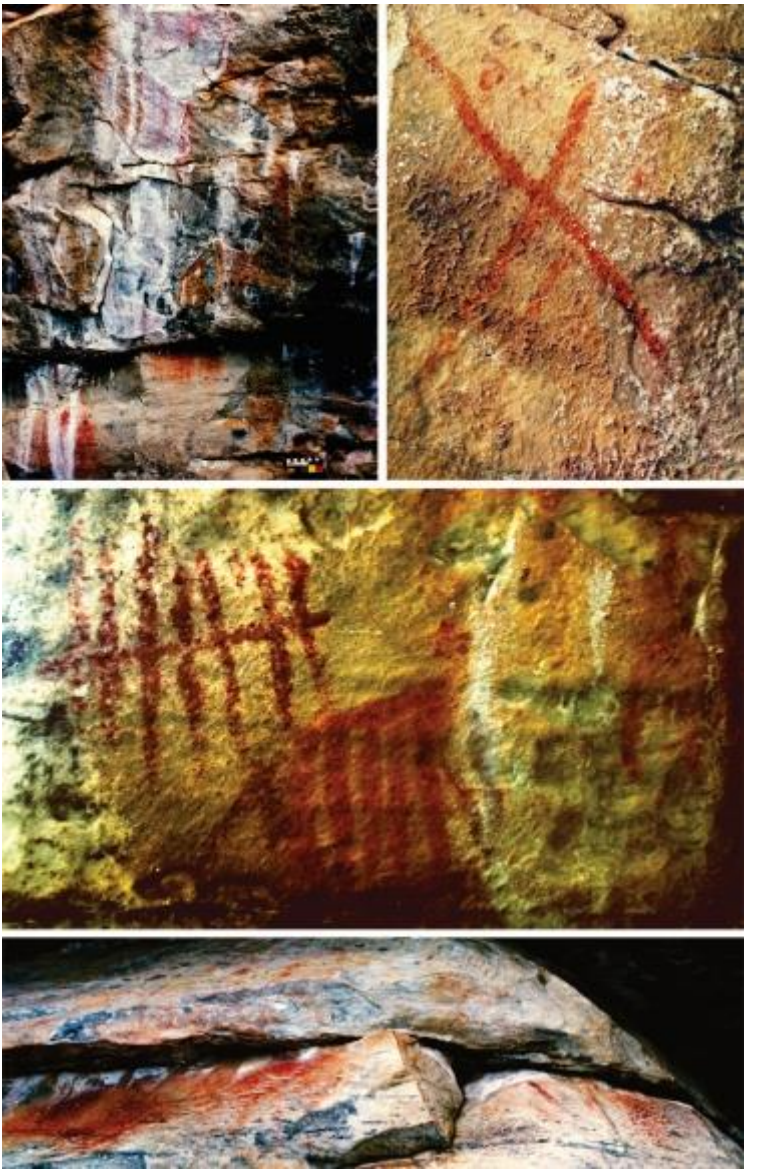
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 429 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 430 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.9 Olho d'Água 9

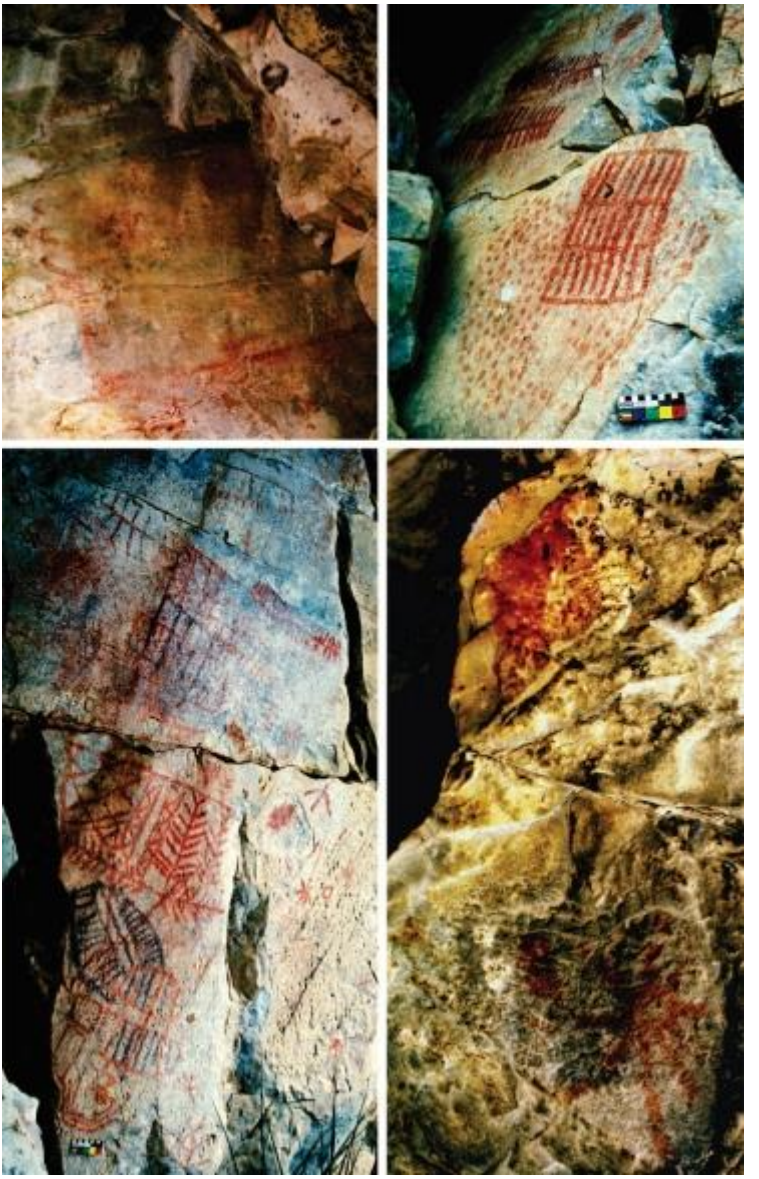
O Sítio Olho d'Água 9 (código 002.9), também conhecido como Pedra do Moquim, localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292656, UTMN 8948794 e 548 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação leste – oeste e abertura a norte. Mede 17,5 m de comprimento, 23 m de altura e 4,8 m de largura. Nela se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 431 a 440).

Figura 431 – Olho d'Água 9



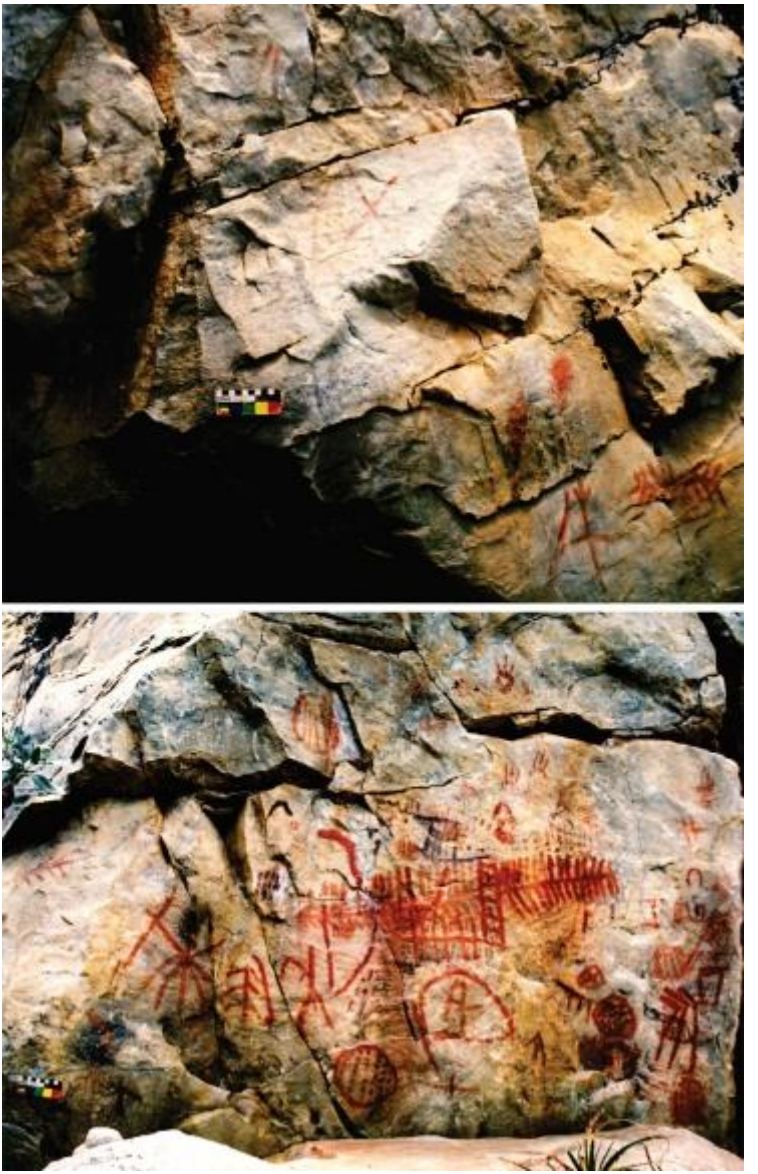
Fonte: Kestering (2007, p. 250)

Figura 432 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



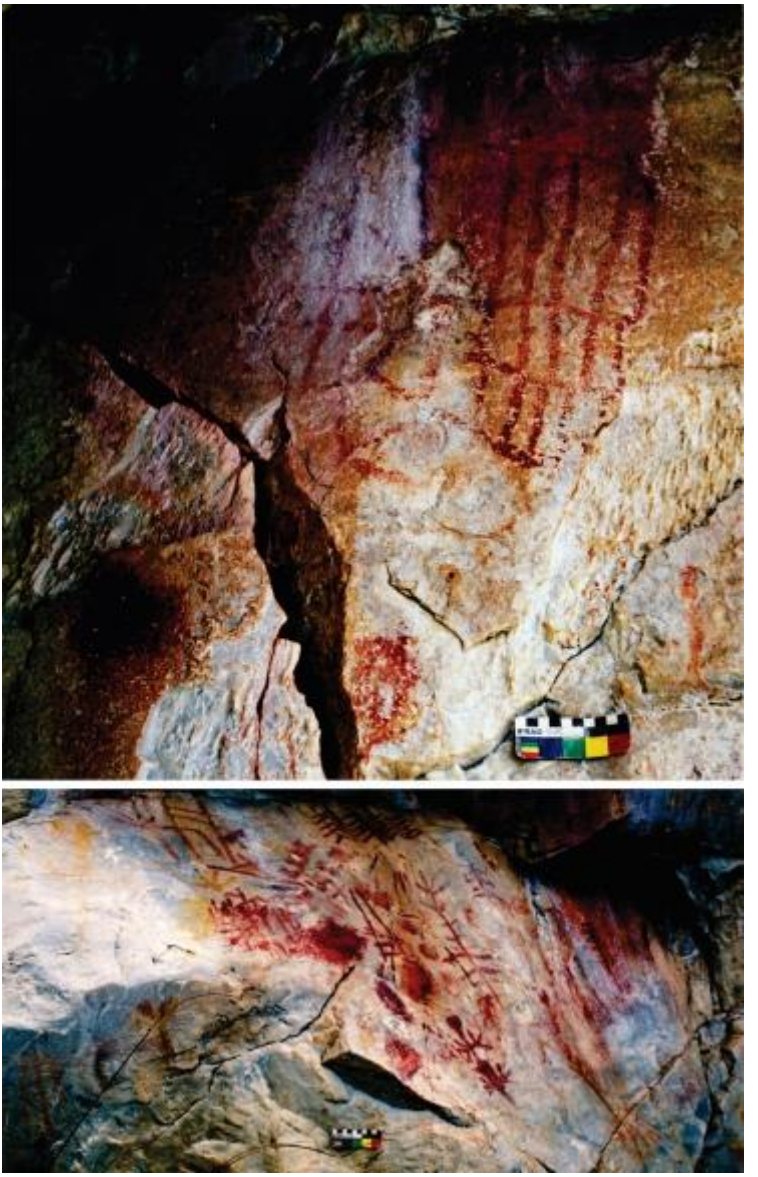
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 433 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



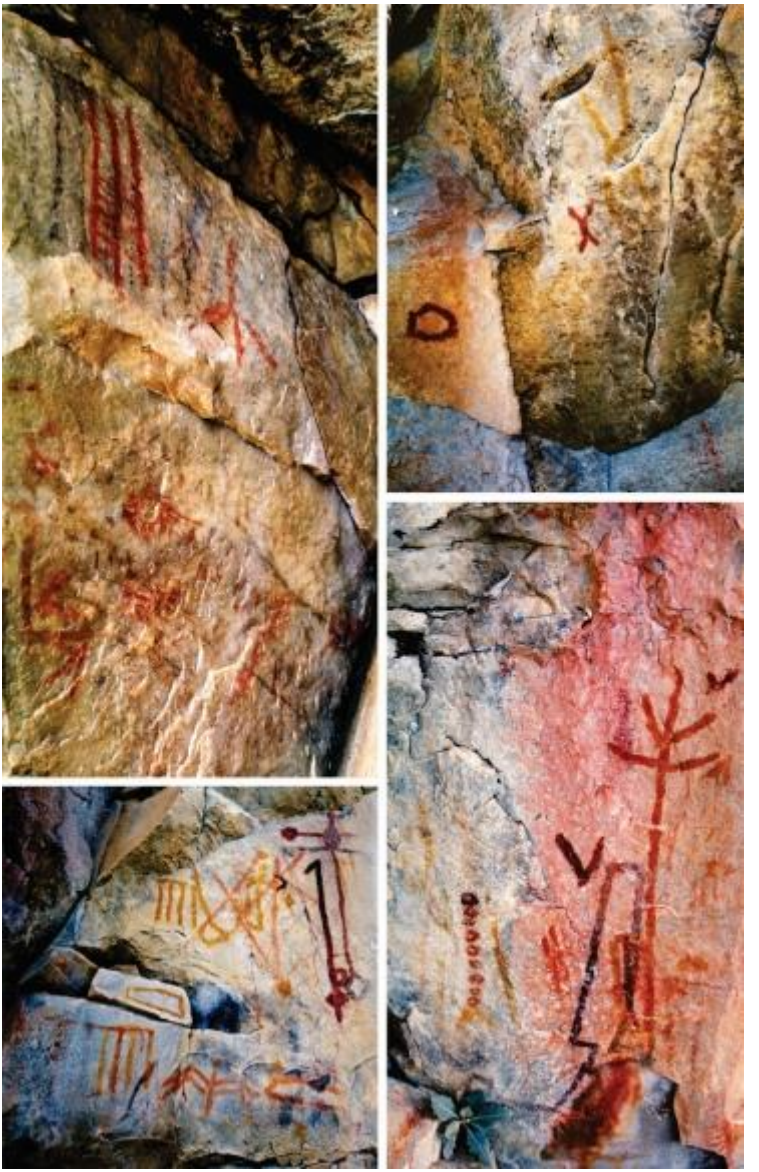
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figuras 434 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



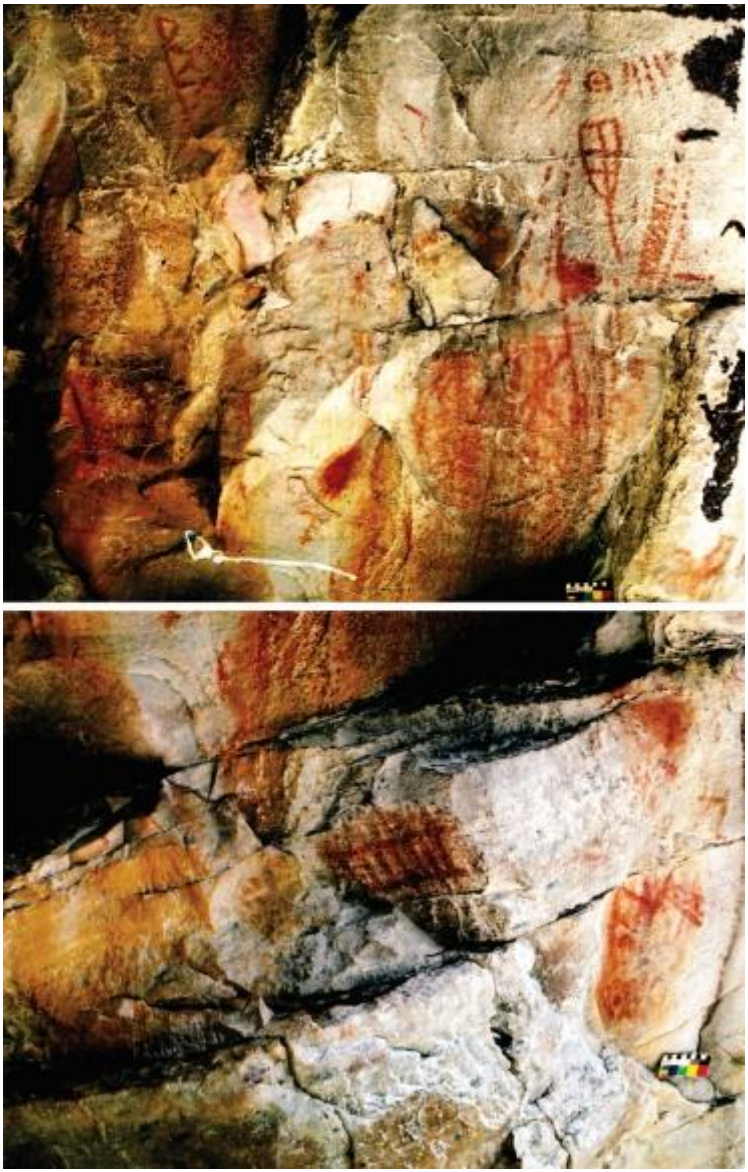
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 435 – Pinturas conhecíveis e reconhecíveis



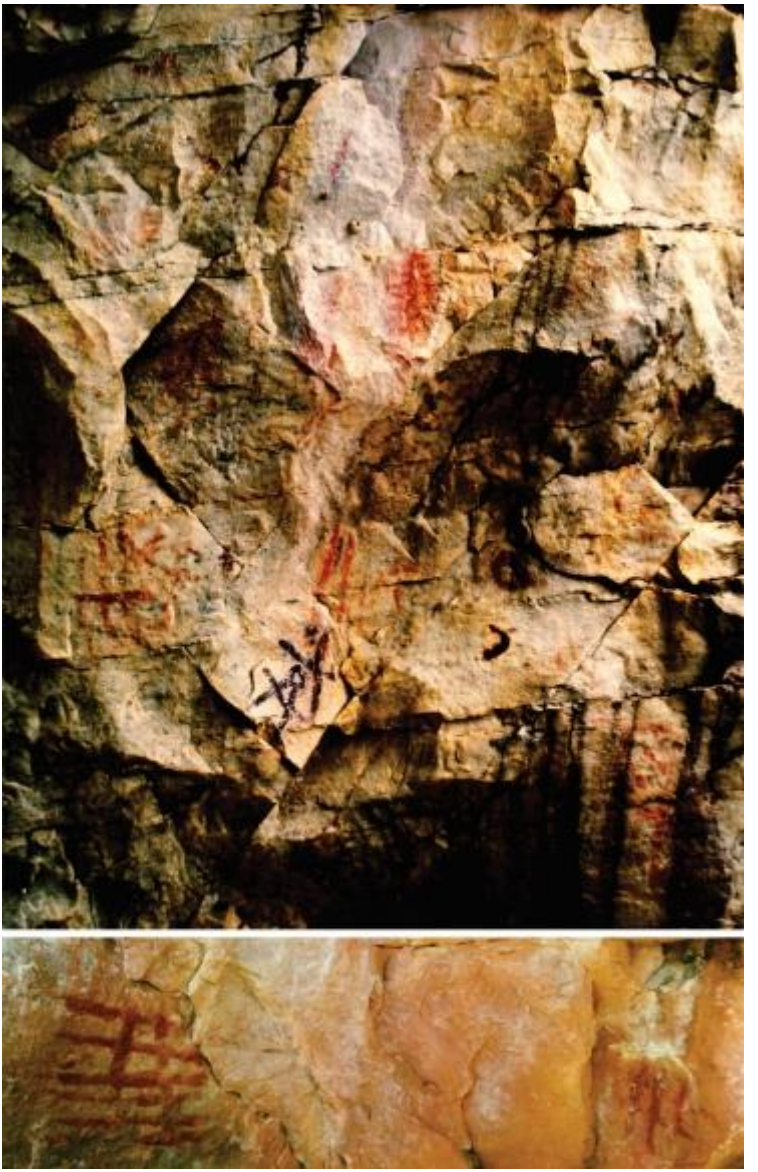
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 436 – Pinturas reconhecíveis



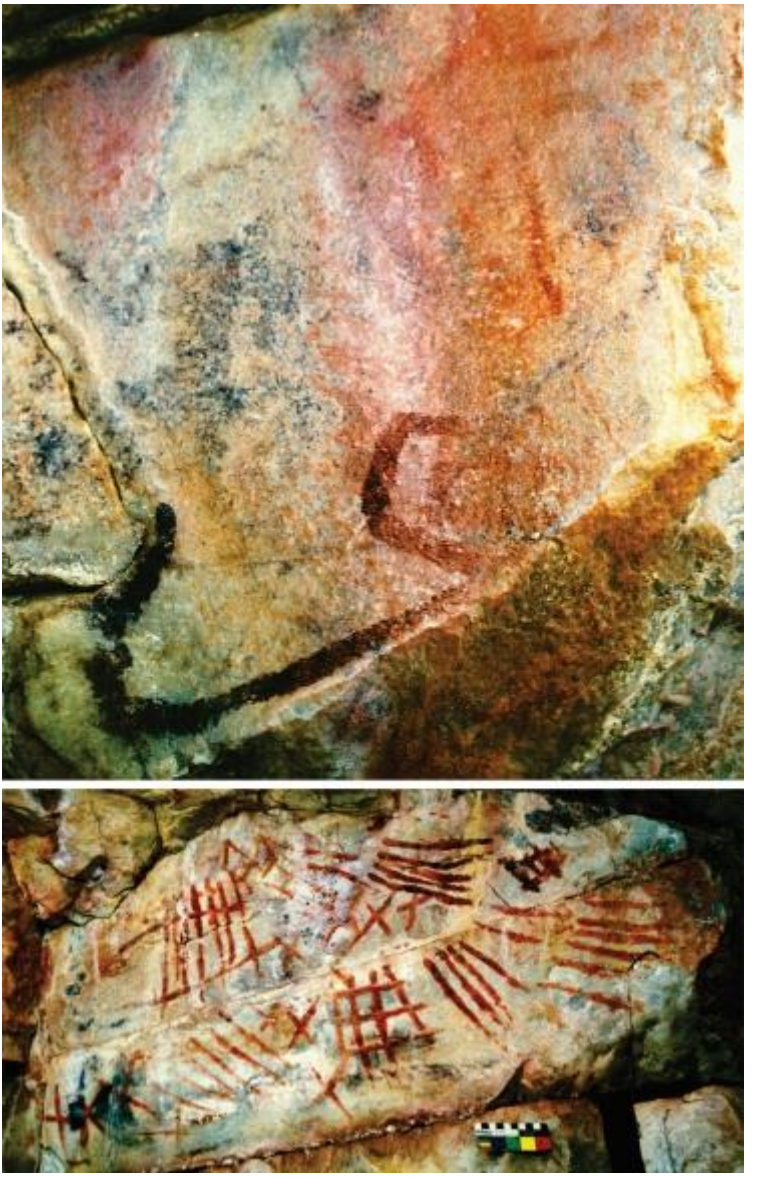
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 437 – Pinturas reconhecíveis



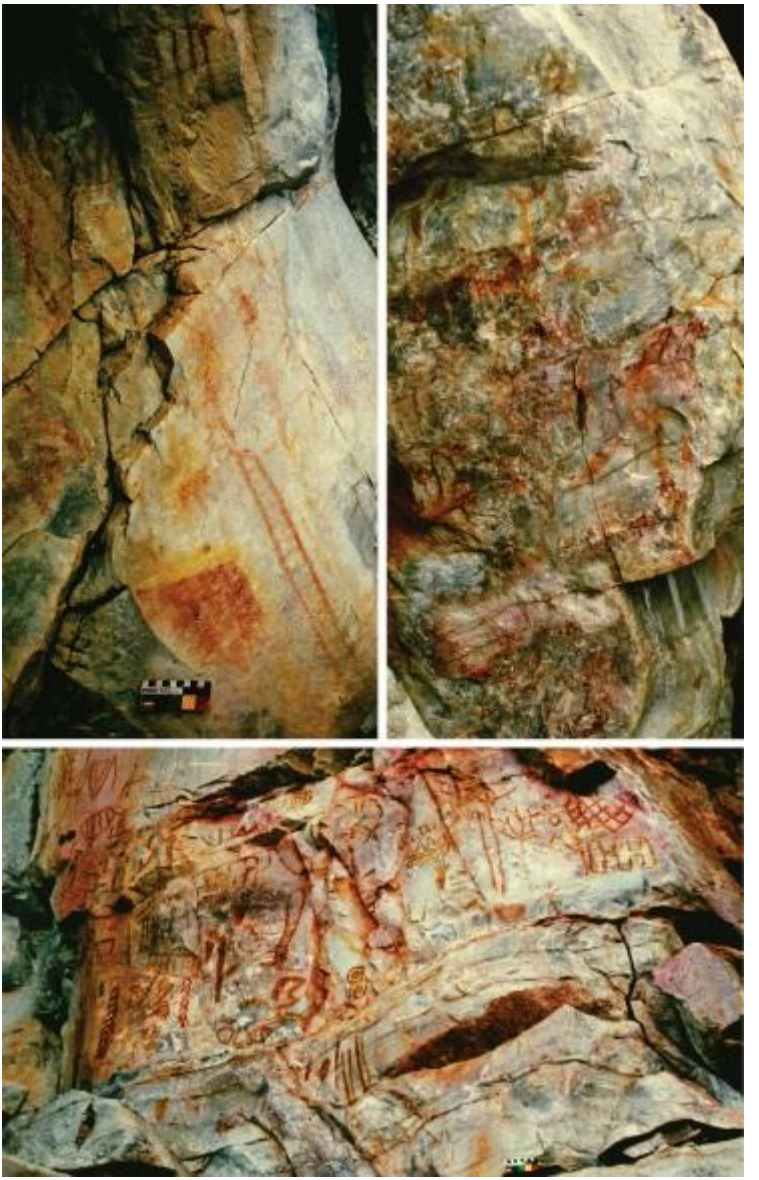
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 438 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 439 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 440 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.10 Olho d'Água 10

O Sítio Olho d'Água 10 (código 002.10), também conhecido como Recanto da Água, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292531, UTMN 8948531 e 497 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 3,4 m de comprimento, 2 m de altura e 1,8 m de largura. Nele se preserva um painel de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 441 e 442).

Figura 441 – Olho d'Água 10



Fonte: Kestering (2007, p. 252)

Figura 442 – Pintura reconhecível



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.11 Olho d'Água 11

O Sítio Olho d'Água 11 (código 002.11), também conhecido como Pedra Coberta, localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292513, UTMN 8948544 e 493 m de altitude. Trata-se de um matacão com orientação norte – sul e abertura a oeste. Mede 5,2 m de comprimento, 5,3 m de altura e 4,8 m de largura. Nele há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 443 a 447).

Figura 443 – Olho d'Água 11



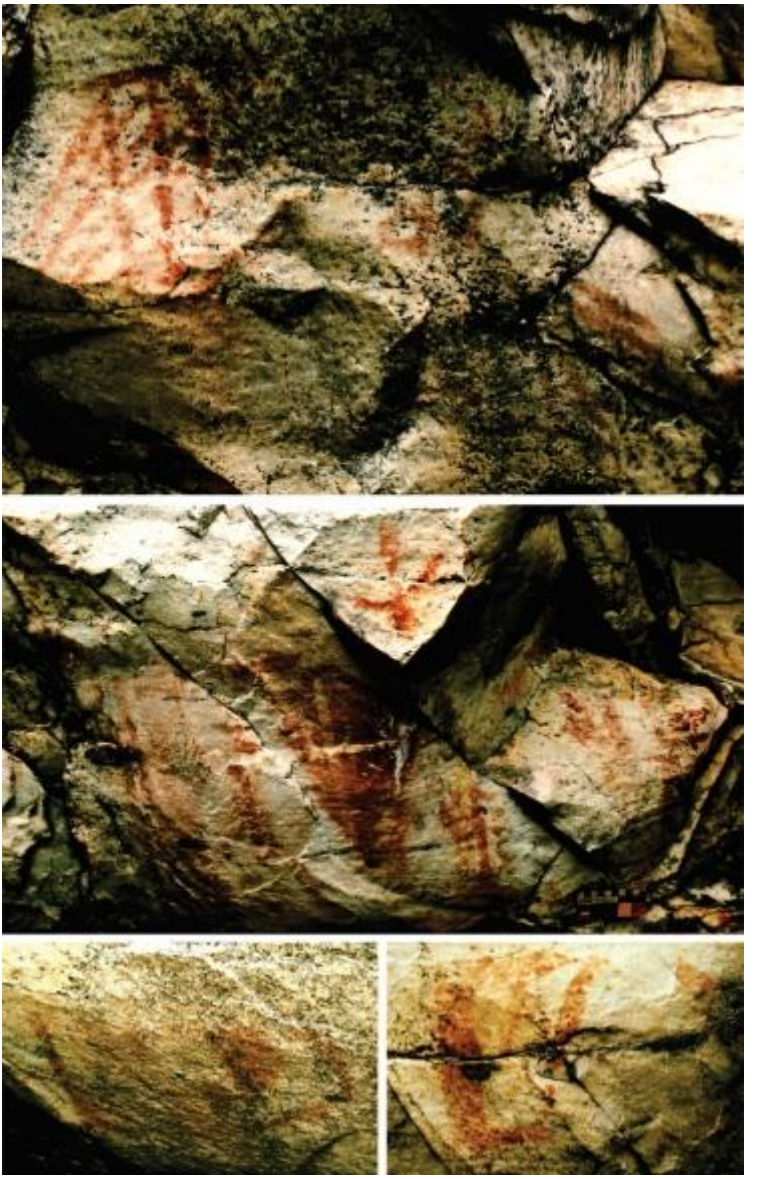
Fonte: Kestering (2007, p. 253)

Figura 444 – Pinturas reconhecíveis



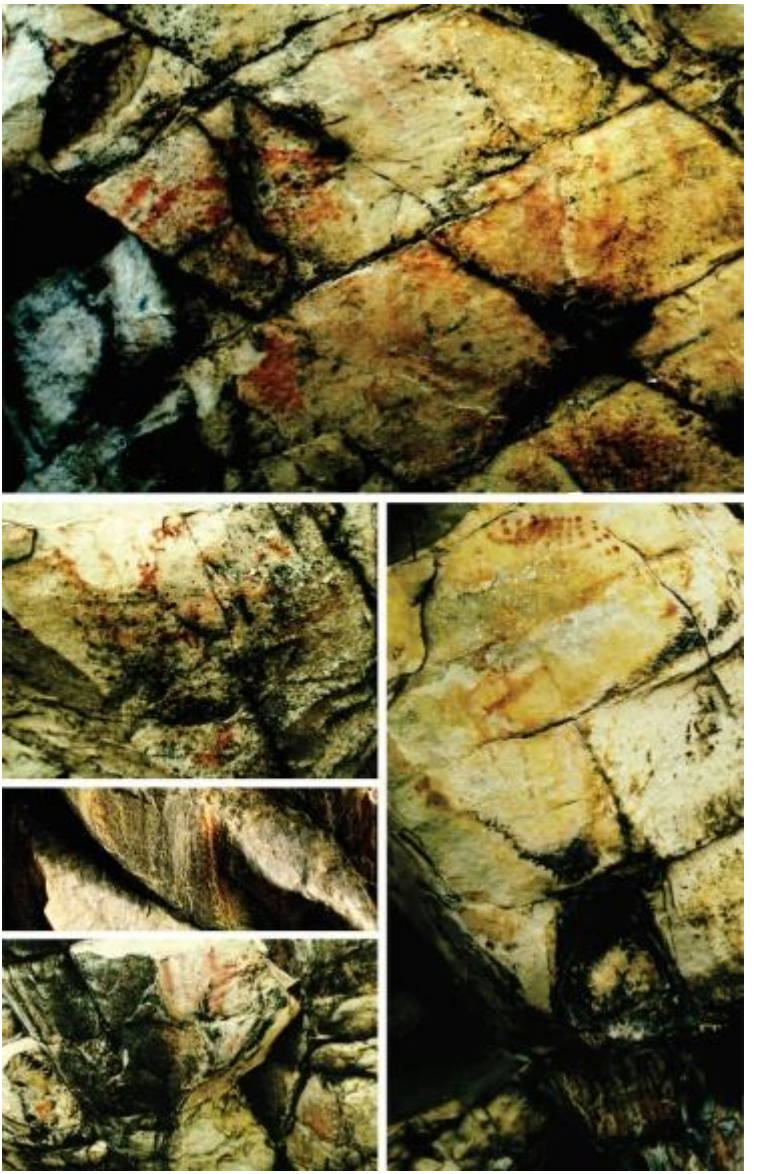
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 445 – Pinturas reconhecíveis



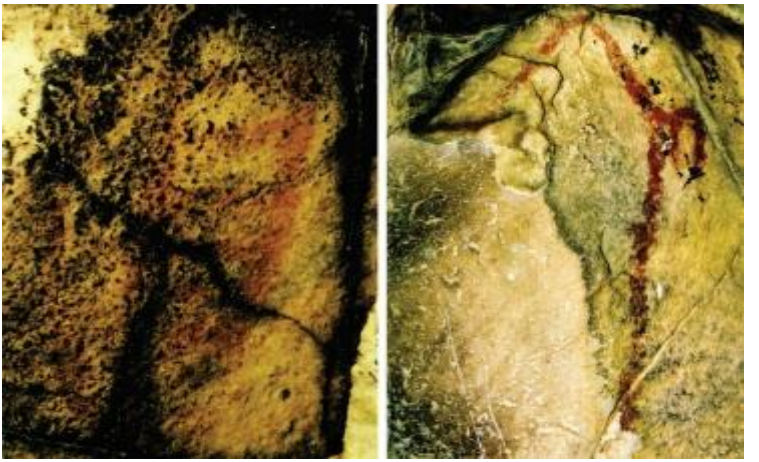
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 446 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 447 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.12.12 Olho d'Água 12

Olho d'Água 12 (código 002.12) é um sítio a céu aberto, com área de aproximadamente 400 m² onde se encontrou um almofariz em matacão. Localiza-se à base da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 292473, UTMN 8948578 e 481 m de altitude. Nele se acumularam matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 448).

Figura 448 – Almofariz em matacão



Fonte: Acervo do autor (2020)

3.13 Grota do Tatauí

A Grota do Tatauí (código 001) é um recuo promovido por agentes de intemperismo (químico físico e biológico) no maciço metassedimentar da Chapada Diamantina (Formação Tombador) no lado sudeste da Serra do Olho d'Água. (Tab. 43; Fig. 449 e 450). Nele se identificaram três sítios arqueológicos com pinturas rupestres. (Fig. 451).

Tabela 43 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	293463	8948238	594
2	293452	8948314	602
3	293482	8948381	596
4	293533	8948360	569
5	293540	8948299	558
6	293507	8948250	564

Fonte: Google Earth (2020)

Figura 449 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



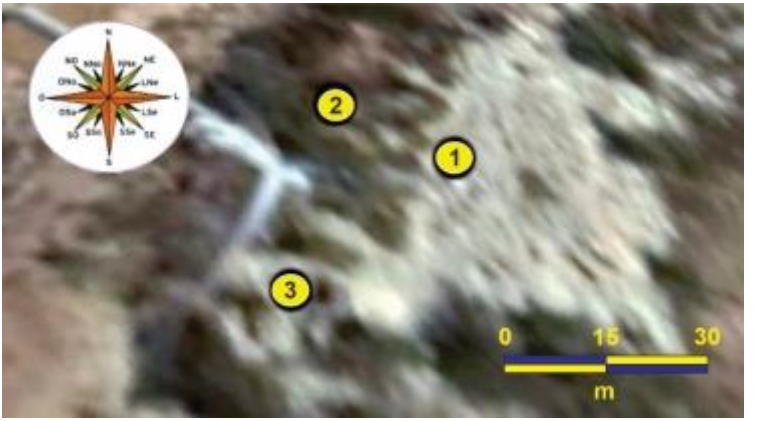
Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

Figura 450 – Grota do Tatauí



Fonte: Acervo do autor deste (2001)

Figura 451 – Distribuição espacial dos sítios



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

3.13.1 Tatauí 1

O Sítio Tatauí 1, também conhecido como Toca do Gato (código 001.1), localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho

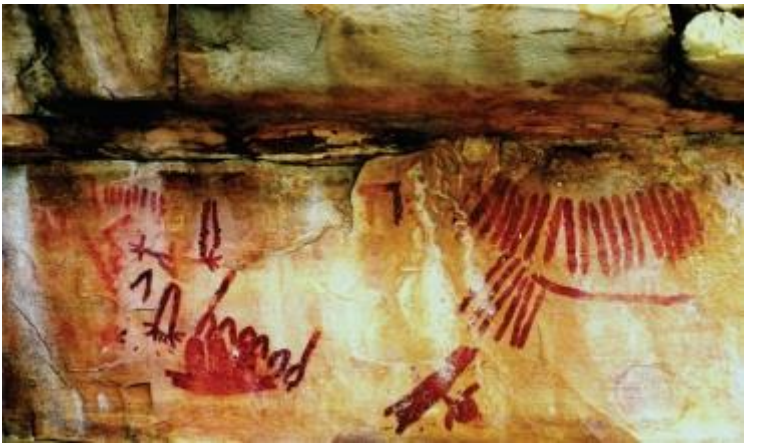
d'Água, às coordenadas UTM24L 293481, UTMN 8948308 e 591 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 55 m de comprimento, 12 m de altura e 2,8 m de largura. Nela há painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 452 a 457).

Figura 452 –Tatauí 1



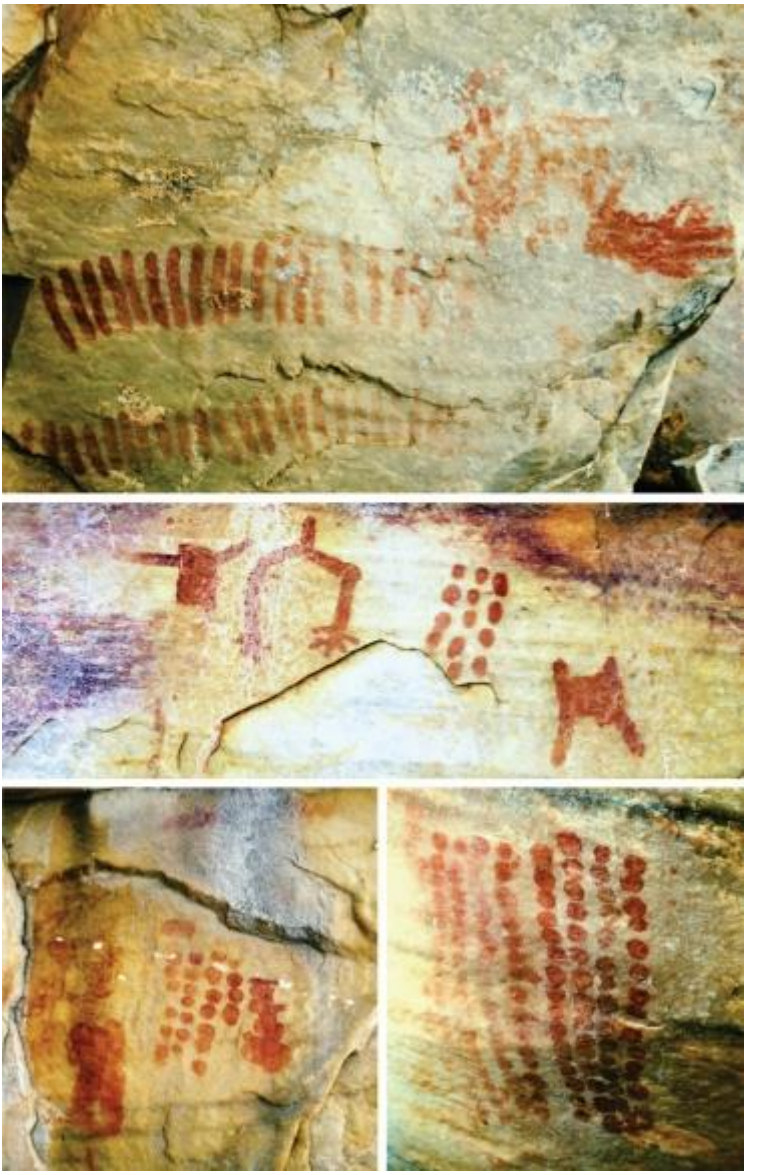
Fonte: Kestering (2007, p. 251)

Figura 453 – Pintura conhecível (antropomorfo) e reconhecíveis



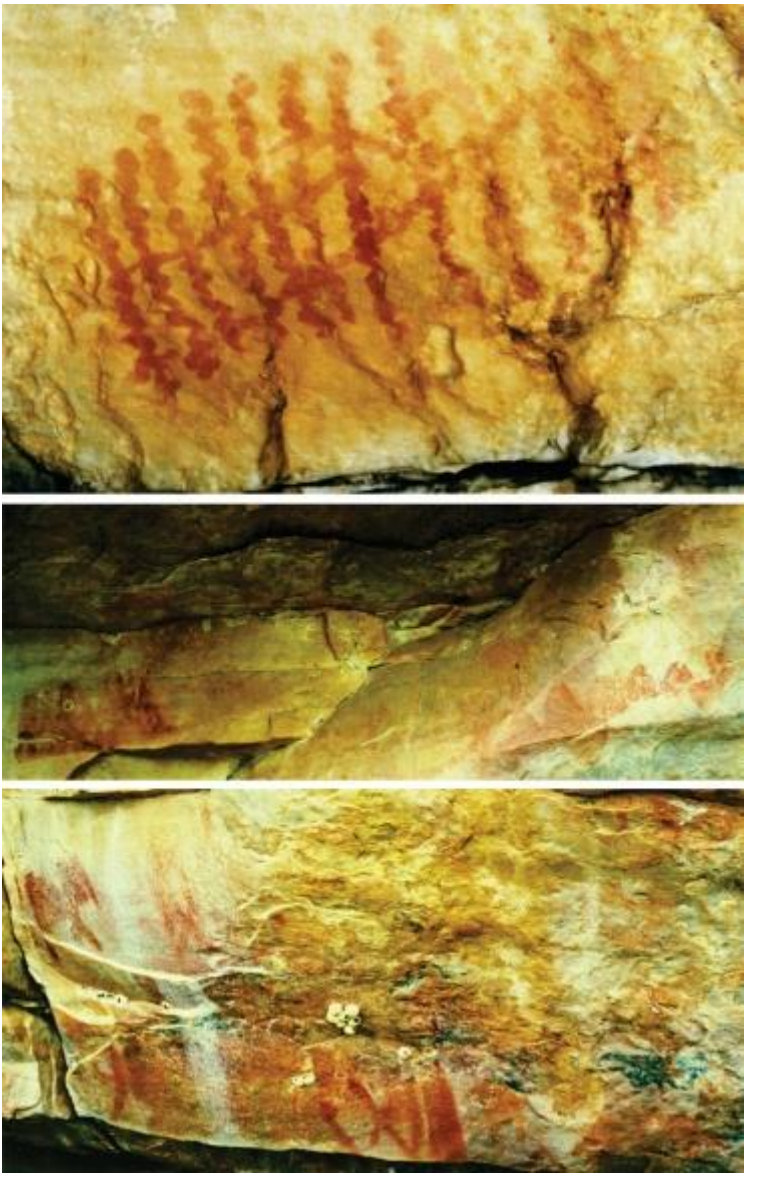
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 454 – Pinturas reconhecíveis



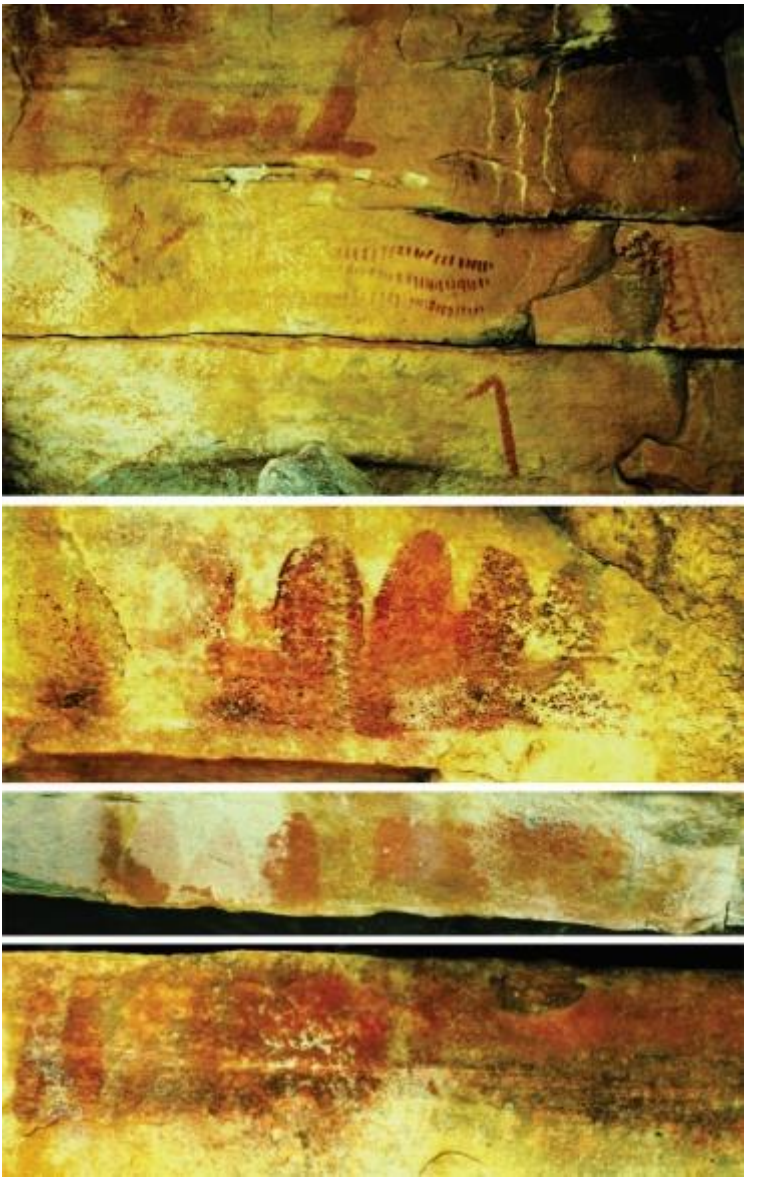
Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 455 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 456 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

Figura 457 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Acervo do autor (2006)

3.13.2 Tatauí 2

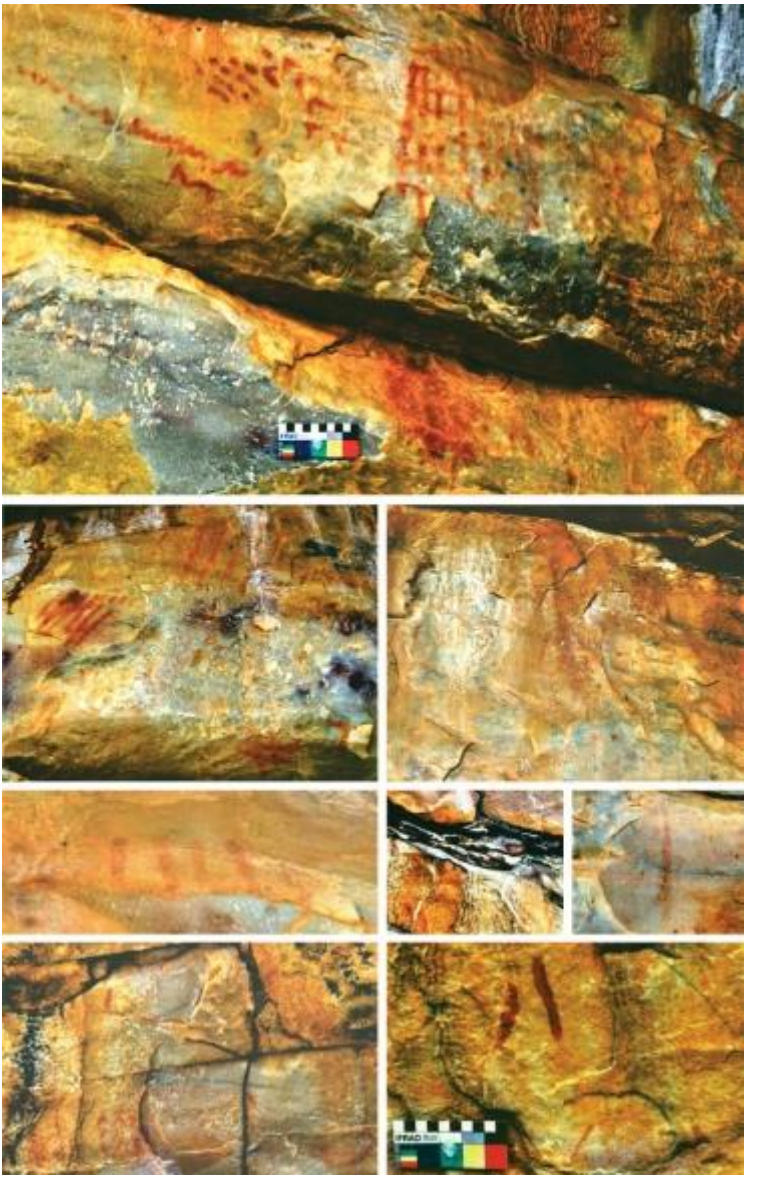
O Sítio Tatauí 2 (código 001.2) localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 293466, UTMN 8948310 e 599 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação norte – sul e abertura a leste. Mede 22,4 m de comprimento, 5 m de altura e 1,7 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos angulosos, areia e silte. (Fig. 458 e 459).

Figura 458 – Tatauí 2



Fonte: Kestering (2012, p. 404)

Figura 459 – Pinturas reconhecíveis

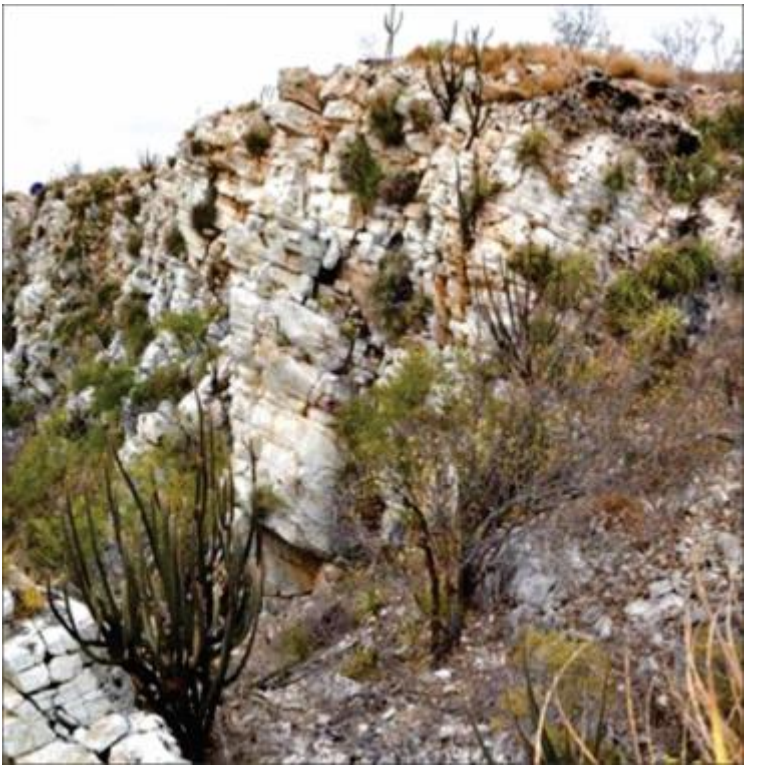


Fonte: Kestering (2012, p. 405-408)

3.13.3 Tatauí 3

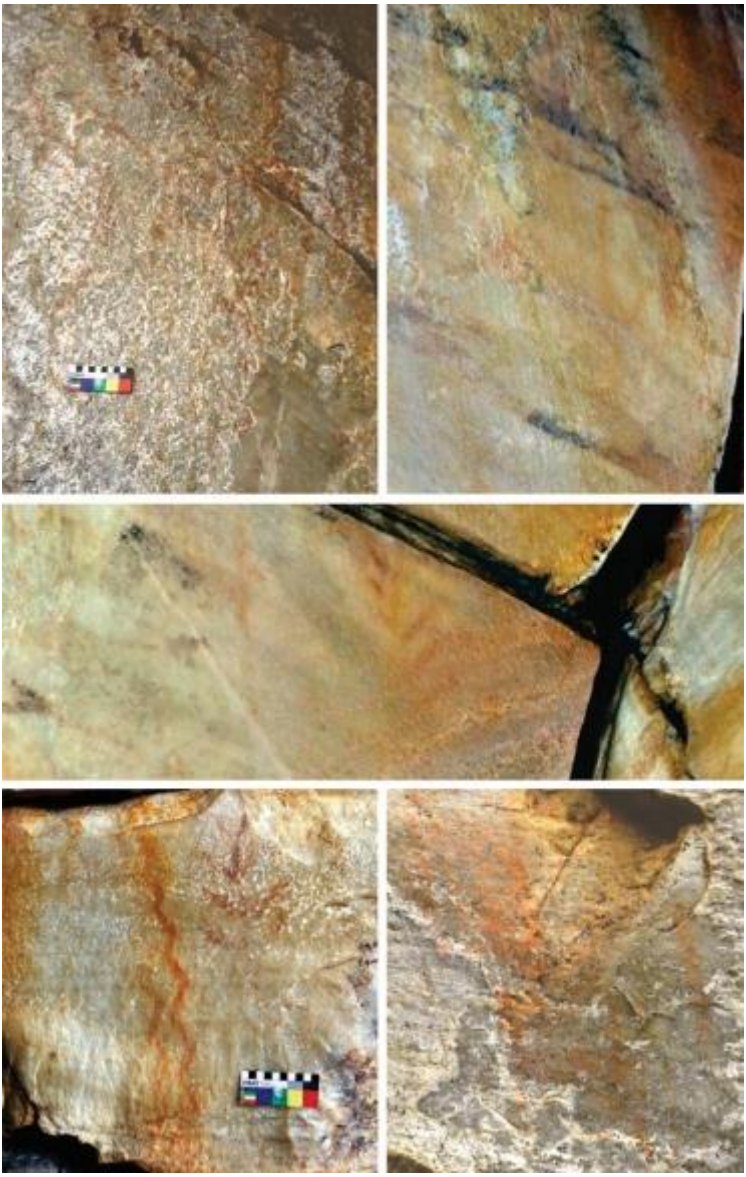
O Sítio Tatauí 3 (código 001.3) localiza-se no alto da encosta da Serra do Olho d'Água, às coordenadas UTM24L 293469, UTMN 8948270 e 595 m de altitude. Trata-se de uma escarpa com orientação noroeste – sudeste e abertura a nordeste. Mede 12 m de comprimento, 15 m de altura e 2,4 m de largura. Nele se preservam painéis de pintura rupestre. Em sua base acumularam-se matacões, blocos, seixos e grânulos semi-angulosos, areia e silte. (Fig. 460 e 461).

Figura 460 – Tatauí 3



Fonte: Kestering (2012, p. 409)

Figura 461 – Pinturas reconhecíveis



Fonte: Kestering (2012, p. 410-412)

3.14 Aluvião da Lagoa Grande

O Aluvião da Lagoa Grande (código 191) é uma feição de relevo plana, com depósitos aluviais do Quaternário. Situa-se à margem esquerda do Riacho Tatauí, 50 m a sul da Rodovia BA-210. (Tab. 44; Fig. 462). Nela se identificou um sítio arqueológico com artefatos coloniais e pré-coloniais na superfície do terreno. (Fig. 463).

Tabela 44 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude (m)
1	304608	8948534	375
2	304712	8948531	374
3	304747	8948405	374
4	304676	8948377	375
5	304590	8948442	375

Fonte: Google Earth (2020)

Figura 462 – Vértices da área sugerida para proteção do patrimônio



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor

Figura 463 – Aluvião da Lagoa Grande



Fonte: Santana *et al*. (2011, p. 43)

3.14.1 Lagoa Grande 1

Lagoa Grande 1 (código 006.1) é um sítio a céu aberto, com área de 6.350 m². Localiza-se às coordenadas UTM24L 304654, UTMN 8948498 e 374 m de altitude. Na superfície dele se encontraram cápsulas de arma de fogo, moedas antigas, fragmentos de cerâmica escovada e artefatos líticos como raspadores, furadores, percutor e *choppers* em quartzo, quartzito, arenito silicificado e sílex. (SANTANA *et al*. (2011, p. 42). (Fig. 464 a 466).

Figura 464 – Fragmentos de cerâmica



Fonte: Santana *et al*. (2011, p. 43)

Figura 465 – Artefatos da indústria lítica



Fonte: Santana *et al.* (2011, p. 43)

Figura 466 – Artefato lítico (percutor)



Fonte: Santana *et al.* (2011, p. 43)

3.15 Aluvião da Juacema

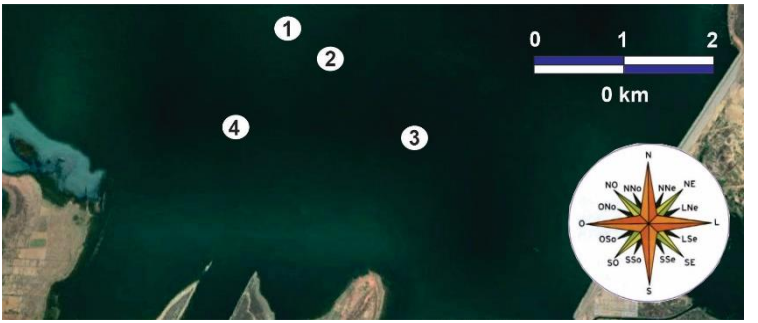
Na execução do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico identificou-se e registrou-se um sítio arqueológico (código BASF-100) com fragmentos cerâmicos à superfície do solo aluvial da Fazenda Tatauí, a um Km do povoado de Juacema então pertencente ao município de Juazeiro. (Tab. 45; Fig. 467).

Tabela 44 – Vértices da área do Aluvião da Juacema

Nº	UTM24L	UTMN	Altitude	Localização
1	24L295000	8958000	385 m	Margem esq. da Baixa de Sto. Antônio
2	24L 295500	8959100	385 m	Foz da Baixa de Santo Antônio
3	24L 296000	8958800	385 m	Margem do Rio São Francisco
4	24L 297000	8958000	385 m	Leito do Riacho do Poço

Fonte: Ministério do Exército (1977)

Figura 467 – Vértices da área do Aluvião da Juacema



Fonte: Google Earth (2020), adaptado pelo autor deste

3.15.1 Juacema 1

Juacema 1 (código 003.1) é um sítio a céu aberto, com área de 40 m². Localiza-se na margem direita do Rio São Francisco, às

coordenadas UTM24L 296474, UTMN 8958103 e aproximadamente 360 m de altitude. (Fig. 468). Na superfície dele se encontraram e coletaram-se 67 fragmentos de cerâmica que se acondicionaram no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia em Salvador.

Figura 468 - Localização do Sítio Arqueológico Juacema 1



Fonte: Ministério do Exército (1977), adaptado pelo autor deste

> Devido a prospecções no terreno, a 5 (cinco) m do rio, foram localizados cacos superficiais de cerâmica numa área de 8 x 5 m. Recolhido o material de superfície, foram feitos 2 (dois) cortes que resultaram estéreis. (CALDERÓN *et al*. 1977, p. 20).

4 CONTEXTO ARQUEOLÓGICO TATAUÍ

Os conhecimentos herdados e adquiridos por uma comunidade fazem seus indivíduos terem uma maneira própria de interpretar o mundo. O conjunto de conhecimentos que imprime peculiaridade na interpretação e representação da realidade conhece-se como mapa cognitivo, cosmovisão ou paradigma. Há componentes paradigmáticos que se transmitem, de geração em geração, e outros que se adquirem em contato com diferentes contextos ambientais e sociais.

A semelhança no padrão de cognoscibilidade do conjunto dominante de figuras do patrimônio Tatauí com o universo gráfico rupestre do Planalto Central do Brasil, recorrente em toda a extensão do vale da Integração Nacional, permite atribuí-lo a grupos pré-coloniais da Tradição São Francisco. A maior antiguidade das datações obtidas para artefatos arqueológicos desses grupos, no estado de Goiás, no Alto e Médio São Francisco, em relação aos objetos datados no Submédio e Baixo do Rio dos Currais, corrobora a hipótese de que seus autores eram originários do Planalto Central do Brasil.

Os humanos, atuais e pré-históricos, diversificam-se culturalmente por causa das mudanças paradigmáticas que se materializam nas temáticas e técnicas manifestas em seu sistema de comunicação, pela ação de arquivos de memória, quando processam estímulos ambientais diferentes. Selecionam-se, aperfeiçoam-se e modificam-se os símbolos, para facilitar a transmissão de ideias, com vistas à garantia da sobrevivência dos grupos. (ZUBROW, *in* RENFREW e ZUBROW, 1994).

É muito provável que a dominância temática que se observa nos registros rupestres do território Tatauí tenha ocorrido em

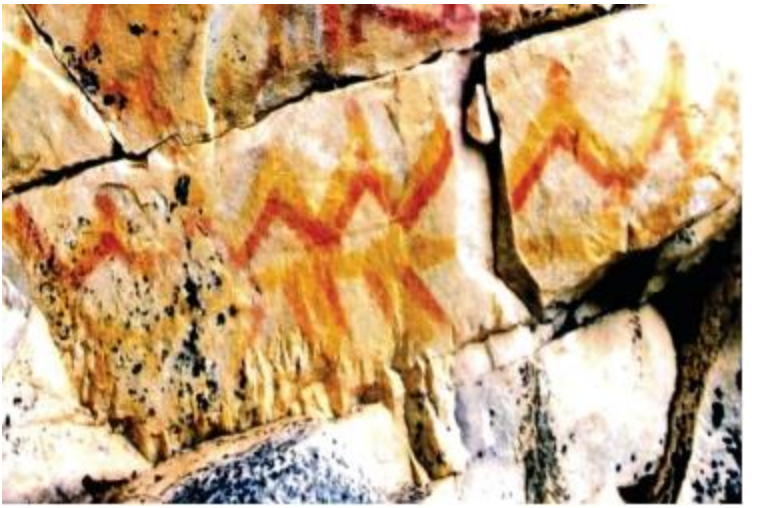
consequência de uma prolongada relação de seus autores com a paisagem local, singularizando atributos herdados de seus ancestrais do Planalto Central. Reconhece-se, assim, nos registros rupestres locais, parte substancial do sistema simbólico dos grupos integrantes da Tradição São Francisco e da Subtradição Sobradinho.

> Os grafismos da temática dominante [realizada por grupos pré-coloniais] da Subtradição Sobradinho apresentam traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais. Neles identificam-se três padrões técnico-temáticos. Um é dominante nas altas, outro, nas médias e o terceiro, nas baixas vertentes. (KESTERING, 2007, p. 140).

Semelhanças temáticas entre grafismos da Subtradição Sobradinho e do Estilo Serra Branca sugerem contatos com apropriação de atributos gráficos entre grupos pré-coloniais do Submédio São Francisco e Sudeste do Piauí, mormente do Parque Nacional Serra da Capivara. (Fig. 469 a 471). No Estilo Serra Branca, utilizavam-se temáticas recorrentes da Área Arqueológica de Sobradinho no preenchimento de figuras. (Fig. 472). As figuras da Subtradição Sobradinho diferenciam-se, porém, do padrão de cognoscibilidade do Estilo Serra Branca cujos grafismos são dominantemente conhecíveis e foram representados com técnicas típicas da fase final da Tradição Nordeste, Subtradição Várzea Grande.

A particularização dos atributos identitários do patrimônio Tatauí fez-se também pela seleção de suportes em que se representou a temática dominante dos registros rupestres. Apesar de existirem afloramentos de rochas do Complexo Sobradinho-Remanso, do *Greenstone Belt* do Rio Salitre, de Granitoides da Região do Rio Salitre, de Granitoides Sintectônicos Sobradinho-Remanso e do Grupo Casa Nova, fez-se a maior parte das pinturas e gravuras em suportes de quartzito da Chapada Diamantina, Formação Tombador.

Figura 469 - Padrão técnico temático das altas vertentes



Fonte: Kestering (2007, p. 142)

Figura 470 - Padrão técnico temático das médias vertentes



Fonte: Kestering (2007, p. 143)

Figura 471 - Padrão técnico temático das baixas vertentes



Fonte: Kestering (2014, p. 128)

Figura 472 - Padrão técnico temático do Estilo Serra Branca



Fonte: Acervo do autor (2001)

Diante das especificidades da paisagem com que se relacionavam os grupos pré-coloniais, as pinturas e gravuras rupestres, bem como os artefatos das indústrias lítica e cerâmica, sofriam mudanças na forma e nas técnicas, em função da modificação dos conhecimentos gerados pelo sistema cognitivo dos autores. Entende-se por sistema cognitivo a estrutura física, hormonal e nervosa que intermedeia a relação dos indivíduos com os outros membros da espécie e com o ambiente. (PIAGET, 1996). Assim, todo patrimônio arqueológico Tatauí realizou-se com base no conjunto de conhecimentos herdados que se somaram aos que se acumularam na relação dos autores com o contexto ambiental.

4.1 Bens do Patrimônio Tatauí

Em resumo, apresenta-se assim o Patrimônio Tatauí: No Boqueirão da Serra da Caixa (código 008), além de pinturas e gravuras rupestres identificaram-se quatro almofarizes de quartzito em rocha e 11 fragmentos de cerâmica histórica modelada, com antiplástico de areia, 7 mm de espessura e sem decoração; no Terraço de São João (código 006), um fragmento de cerâmica pré-histórica modelada, com antiplástico de areia, 7 mm de espessura e escovada; cinco fragmentos de louça de 4 mm de espessura (quatro com decoração e um sem decoração); no Serrote de São João (código 007), além de pinturas rupestres, 18 almofarizes de granitoide em rocha, uma lasca de quartzito com córtex e três fragmentos de cerâmica histórica modelada, com antiplástico de areia, 7 mm de espessura e sem decoração; no Boqueirão do Riacho do Bonsucesso (código 005), além de pinturas rupestres, 14 almofarizes de granitoide em rocha; no Boqueirão do Riacho das Traíras (código 004), além de pinturas rupestres, nove

almofarizes de granitoide (oito em rocha e um em matacão); no Boqueirão da Pedra Branca (código 167), assim como nos boqueirões da Lajinha (código 016) e da Serra do Saco do Morcego (código 015), tão somente painéis de pintura rupestre.

No Boqueirão do Riacho São Gonçalo (código 014), além de pinturas rupestres identificaram-se 328 artefatos assim distribuídos:

- No Sítio São Gonçalo 11 (código 014.11) identificaram-se oito artefatos líticos [três lascas com córtex (uma de quartzo e duas de quartzito) e cinco núcleos (três de quartzo e dois de quartzito)], seis fragmentos de cerâmica modelada, com antiplástico de areia (cinco sem decoração, com 9 mm de espessura e uma escovada, com 7 mm de espessura) e dois fragmentos de louça de quatro mm de espessura (um com decoração e um sem decoração).
- No Sítio São Gonçalo 14 (código 014.14) identificaram-se 48 artefatos líticos [14 lascas de quartzo com córtex, três lascas sem córtex (duas de quartzo e uma de quartzito), 13 núcleos (12 de quartzo e um de quartzito), três instrumentos de quartzo, oito fragmentos de quartzo e sete seixos rolados (três de quartzo e quatro de quartzito)], um fragmento de cerâmica modelada, com antiplástico de areia, 6 mm de espessura e sem decoração.
- No Sítio São Gonçalo 21 (código 014.21) identificaram-se 91 artefatos líticos [38 lascas de quartzo com córtex, duas lascas sem córtex (uma de quartzo e uma de quartzito), 32 núcleos de quartzo, cinco instrumentos (quatro de quartzo e um de quartzito) e 14 fragmentos de quartzo].
- No Sítio São Gonçalo 22 (código 014.22) identificaram-se cinco lascas de quartzo com córtex.

- No Sítio São Gonçalo 33 (código 014.33) identificaram-se 176 artefatos líticos [28 lascas com córtex (seis de quartzo, seis de quartzito, 14 de sílex e duas de arenito), 31 lascas sem córtex (quatro de quartzo, seis de quartzito, 19 de sílex e duas de arenito), 32 núcleos (três de quartzito, 27 de sílex e dois de arenito), 22 instrumentos (um de granitoide, oito de quartzito e 13 de arenito), 62 fragmentos (quatro de quartzo, 52 de sílex e seis de arenito) e um seixo rolado de arenito)], 89 fragmentos de cerâmica dos quais 82 são modeladas, com antiplástico de areia [72 sem decoração (oito com 5 mm, 16 com 6 mm, 17 com 7 mm, 14 com 8 mm, sete com 9 mm, sete com 10 mm e três com 12 mm de espessura)], seis com incisos (um com 6 mm, três com 7 mm e dois com 8 mm de espessura), uma escovada com 12 mm de espessura, duas corrugadas (uma com 8 mm e uma com 9 mm de espessura) e uma pintada (com 8 mm de espessura) e sete roletadas, com antiplástico de areia e sem decoração (duas com 5 mm, três com 7 mm , uma com 8 mm e uma com 12 mm de espessura) e um fragmento de louça, com 4 mm de espessura e sem decoração.

No Terraço das Porteiras (código 177) resgataram-se 1037 artefatos líticos assim distribuídos:

- No Sítio Porteira 1 (código 177.1) havia 47 artefatos líticos na superfície do terreno (23 lascas com córtex das quais duas são de quartzo e 21 de quartzito, quatro lascas de quartzito sem córtex, sete núcleos de quartzito, seis instrumentos de quartzito e sete fragmentos de quartzito).
- No Sítio Porteira 2 (código 177.2) havia 556 artefatos líticos na superfície do terreno (273 lascas com córtex das quais três são de quartzo e 270 de quartzito, 48 lascas de quartzito sem córtex, 108 núcleos dos quais três são de quartzo e 105 de quartzito, 98 instrumentos dos quais dois são de quartzo, 95 de quartzito e um de arenito, 28 são fragmentos de quartzito e um é seixo rolado de quartzito).

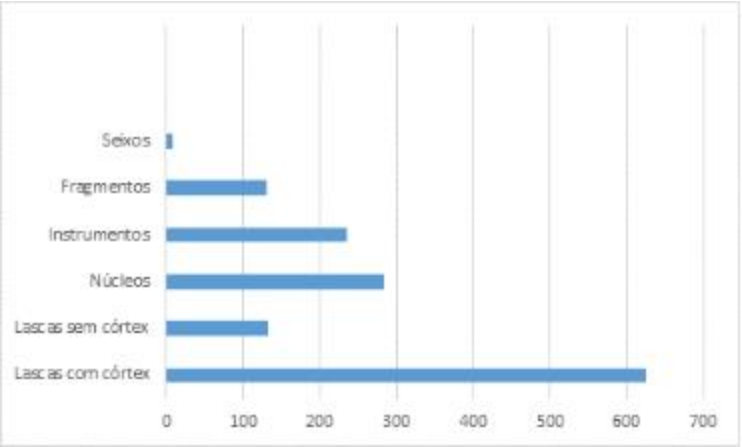
- No Sítio Porteira 3 (código 177.3) havia 434 artefatos líticos na superfície do terreno (240 lascas com córtex das quais uma é de quartzo e 239 de quartzito, 44 lascas de quartzito sem córtex, 87 núcleos de quartzito, 52 instrumentos dos quais 51 são de quartzito e um de arenito e 11 fragmentos de quartzito).

Na Grota da Serra Baixa (código 190), além de pinturas e gravuras rupestres identificaram-se quatro almofarizes em matacão de quartzito; na Grota do Olho d'Água (código 002), além de pinturas rupestres, um almofariz em matacão de quartzito; na Grota do Tatauí (código 001), tão somente painéis de pintura rupestre; no Aluvião da Lagoa Grande (código 191), cápsulas de arma de fogo, moedas antigas, fragmentos de cerâmica escovada e artefatos líticos como raspadores, furadores, percutor e *choppers* em quartzo, quartzito, arenito silicificado e sílex dos quais ignoram-se os quantitativos, não se fez coleta e classificação preliminar; no Aluvião da Juacema (código 003.1), 67 fragmentos de cerâmica que se acondicionaram no Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal da Bahia em Salvador e sobre os quais não se fez qualquer análise para saber se são de origem histórica ou pré-histórica e não se fez, também, sua classificação preliminar.

4.1.1 Patrimônio Lítico

Ao acervo de pinturas e gravuras rupestres dominantemente reconhecíveis, realizada por grupos da Tradição São Francisco, Subtradição Sobradinho, somam-se 1.416 artefatos líticos assim classificados pelo parâmetro da forma/função: 625 (44,14%) lascas com córtex, 132 (9,32%) lascas sem córtex, 284 (20,06%) núcleos, 236 (16,67%) instrumentos, 130 (9,18%) fragmentos e 9 (0,63%) seixos. (Fig. 473).

Figura 473 - Gráfico da classificação dos artefatos líticos



Fonte: O autor deste (2020)

Para a confecção dos artefatos líticos utilizou-se preferencialmente a matéria prima local. Assim, das 625 lascas com córtex, 70 (11,20%) são de quartzo, 539 (86,24%) de quartzito, 2 (0,32%) de arenito e 14 (2,24%) de sílex; das 132 lascas sem córtex, 7 (5,30%) são de quartzo, 104 (78,79%) de quartzito, 2 (1,51%) de arenito e 19 (14,40%) de sílex; dos 284 núcleos, 49 (17,25%) são de quartzo, 206 (72,54%) de quartzito, 2 (0,70%) de arenito e 27 (9,51%) de sílex; dos 236 instrumentos, 42 (17,80%) são de granitoide, 9 (3,81%) de quartzo, 170 (72,03%) de quartzito e 15 (6,36%) de arenito; dos 130 fragmentos, 26 (20%) são de quartzo, 46 (35,38%) de quartzito, 6 (4,62%) de arenito e 52 (40%) de sílex; dos 9 seixos, 3 (33,33%) de quartzo, 5 (55,56%) de quartzito e 1 (11,11%) de arenito.

Em relação à matéria prima constatou-se, assim, em caráter preliminar que, na confecção e/ou utilização de seus artefatos líticos, em território Tatauí, os grupos pré-históricos da Subtradição Sobradinho, utilizavam preferencialmente o quartzito. Do universo de 1416 artefatos analisados 1070

(75,56%) constituem-se dessa rocha metassedimentar. A essa matéria prima, abundante na fronteira setentrional da Chapada Diamantina segue-se o quartzo com 164 unidades (11,58%), farto em veio incrustado no *Greenstone Belt* do Rio Salitre, presente nas serras das Traíras, Baixa, do Hugo e da Batateira. Prossegue o sílex com 112 unidades (7,91%), ocorrente em grânulos dispersos na superfície das formações superficiais cenozoicas. Continua o granitoide com 42 unidades (2,97%), copioso na maior parte do território do atual município de Sobradinho - BA. Em menor quantidade ocorrem os 28 (1,98%) artefatos feitos com arenito silicificado, abundante na superfície da Chapada Diamantina, Formação Tombador. (Tab. 46; Fig. 474)

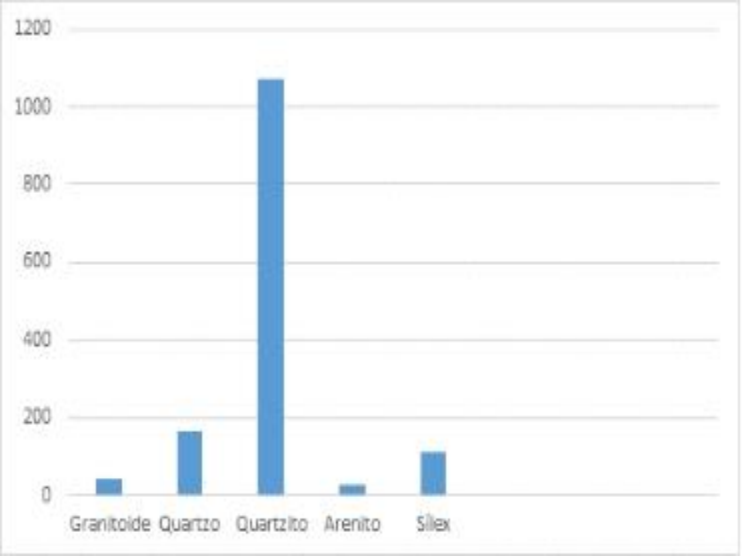
Tabela 46 - Artefatos líticos

Feição de Relevo / Classe	Matéria Prima					
	Granitoide	Quartzo	Quartzito	Arenito	Sílex	Total
1 Boqueirão da Serra da Caixa						
Instrumentos	-	-	04	-	-	**04**
2 Terraço de São João						
3 Serrote de São João						
Lascas com córtex	-	-	01	-	-	**01**
Instrumentos	18	-	-	-	-	**18**
4 Boqueirão do Riacho do Bonsucesso						
Instrumentos	14	-	-	-	-	**14**
5 Boqueirão do Riacho das Traíras						
Instrumentos	09	-	-	-	-	**09**
6 Boqueirão da Pedra Branca						
7 Boqueirão da Lajinha						
8 Boqueirão da Serra do Saco do Morcego						
9 Boqueirão do Riacho São Gonçalo						
Lascas com córtex	-	64	08	02	14	**88**
Lascas sem córtex	-	07	08	02	19	**36**
Núcleos	-	46	07	02	27	**82**
Instrumentos	01	07	09	13	-	**30**
Fragmentos	-	26	-	06	52	**84**
Seixo	-	03	04	01	-	**08**
10 Terraço das Porteiras						
Lascas com córtex	-	06	530	-	-	**536**
Lascas sem córtex	-	-	096	-	-	**096**
Núcleos	-	03	199	-	-	**202**
Instrumentos	-	02	152	02	-	**156**

Fragmentos		-	-	046	-	-	**046**
Seixo		-	-	001	-	-	**001**
11	**Grota da Serra Baixa**						
Instrumentos		-	-	04	-	-	**04**
12	**Grota da Serra do Olho d'Água**						
Instrumentos		-	-	01	-	-	**01**
13	**Grota do Tatauí**						
14	**Aluvião da Lagoa Grande**						
15	**Aluvião da Juacema**						
Total Geral		**42**	**164**	**1070**	**28**	**112**	**1416**

Fonte: O autor deste (2020)

Figura 474 - Gráfico referente à matéria prima dos artefatos líticos



Fonte: O autor deste (2020)

A maior parte das 42 unidades em que se usou o granitoide como matéria prima corresponde a almofarizes em rocha, grandemente utilizados na pré-história local, para beneficiamento de produtos agrícolas como a mandioca e o milho. Em muitas casas de fazenda, em Sobradinho e Sento Sé ainda hoje se serve deles a população, para triturar tempero e ervas medicinais. (Fig. 475).

Figura 475 - Pilão em matacão de quartzito em casa de fazenda



Fonte: Paes (2015, p. 45)

4.1.2 Patrimônio Cerâmico

Ao acervo de pinturas e gravuras rupestres somam-se também 97 fragmentos de cerâmica pré-histórica em que se utilizou areia como antiplástico. 90 (92,78%) foram modelados e 7 (7,22%), roletados. (Fig. 345). Dos fragmentos feitos pela técnica do modelado, 8 (8,89%) têm 5 mm, 18 (20%) têm 6 mm, 22 (24,44%) têm 7 mm, 18 (20%) têm 8 mm, 13 (14,44%) têm 9 mm, 7 (7,78%) têm 10 mm e 4 (4,45%) têm 12 mm de espessura. Desses, 78 (86,67%) não possuem decoração, 3 (3,33%) são escovados, 6 (6,67%) possuem incisos, 2 (2,22%) são corrugados e 1 (1,11%) é pintado. (Tab. 50; Fig. 475). Dos fragmentos feitos com a técnica do roletado, 2 (28,57%) têm 5 mm, 3 (42,85%) têm 7 mm, 1 (14,29%) tem 8 mm e 1 (14,29%) tem 12 mm de espessura. Nenhum deles possui qualquer decoração. (Tab. 47 a 51; Fig. 476 a 479).

Tabela 47 - Técnica de confecção

Nº	Feição de Relevo	Modelado	Roletado	Total
1	Boqueirão da Serra da Caixa	-	-	-
2	Terraço de São João	01	-	**01**
3	Serrote de São João	-	-	-
4	Boqueirão do R. do Bonsucesso	-	-	-
5	Boqueirão do Riacho das Traíras	-	-	-
6	Boqueirão da Pedra Branca	-	-	-
7	Boqueirão da Lajinha	-	-	-
8	Boqueirão do Saco do Morcego	-	-	-
9	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	89	07	**96**
10	Terraço das Porteiras	-	-	-
11	Grota da Serra Baixa	-	-	-
12	Grota do Olho d'Água	-	-	-
13	Grota do Tatauí	-	-	-
14	Aluvião da Lagoa Grande	-	-	-
15	Aluvião da Juacema	-	-	-
Total		**90**	**07**	**97**

Fonte: O autor deste (2020)

Figura 476 - Gráfico referente à técnica de confecção da cerâmica



Fonte: O autor deste (2020)

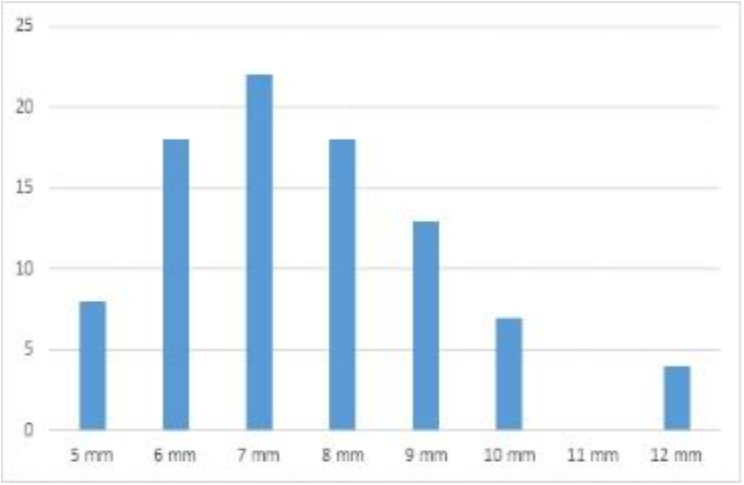
Tabela 48 - Espessura dos fragmentos modelados, em mm

Nº	Feição de Relevo	5	6	7	8	9	10	11	12	Total
1	Boqueirão da Serra da Caixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	Terraço de São João	-	-	1	-	-	-	-	-	01
3	Serrote de São João	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	Boqueirão do R. Bonsucesso	-	-	-	-	-	-	-	-	-

5	Boqueirão do R. das Traíras	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	Boqueirão da Pedra Branca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	Boqueirão da Lajinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	Boqueirão do S. do Morcego	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	Boqueirão do R. São Gonçalo	8	18	21	18	13	7	-	4	89
10	Terraço das Porteiras	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	Grota da Serra Baixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Grota do Olho d'Água	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	Grota do Tatauí	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	Aluvião da Lagoa Grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	Aluvião da Juacema	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total		8	18	22	18	13	7	-	4	90

Fonte: O autor deste (2020)

Figura 477 - Gráfico referente à espessura da cerâmica modelada



Fonte: O autor deste (2020)

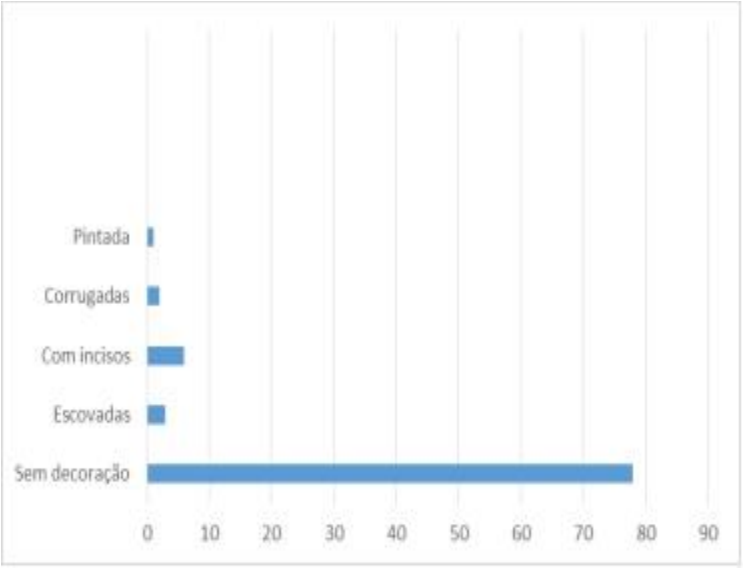
Tabela 49 - Decoração dos fragmentos modelados

Nº	Feição de Relevo	Sem	Escov.	Inciso	Corrug.	Pint.	Total
1	Boqueirão da Serra da Caixa	-	-	-	-	-	-
2	Terraço de São João	-	01	-	-	-	01
3	Serrote de São João	-	-	-	-	-	-
4	Boqueirão do R. do Bonsucesso	-	-	-	-	-	-
5	Boqueirão do Riacho das Traíras	-	-	-	-	-	-
6	Boqueirão da Pedra Branca	-	-	-	-	-	-
7	Boqueirão da Lajinha	-	-	-	-	-	-
8	Boqueirão do Saco do Morcego	-	-	-	-	-	-
9	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	78	02	06	02	01	89
10	Terraço das Porteiras	-	-	-	-	-	-
11	Grota da Serra Baixa	-	-	-	-	-	-
12	Grota do Olho d'Água	-	-	-	-	-	-
13	Grota do Tatauí	-	-	-	-	-	-

14	Aluvião da Lagoa Grande	-	-	-	-	-	-
15	Aluvião da Juacema	-	-	-	-	-	-
Total		78	03	06	02	01	90

Fonte: O autor deste (2020)

Figura 478 - Gráfico referente à decoração da cerâmica modelada



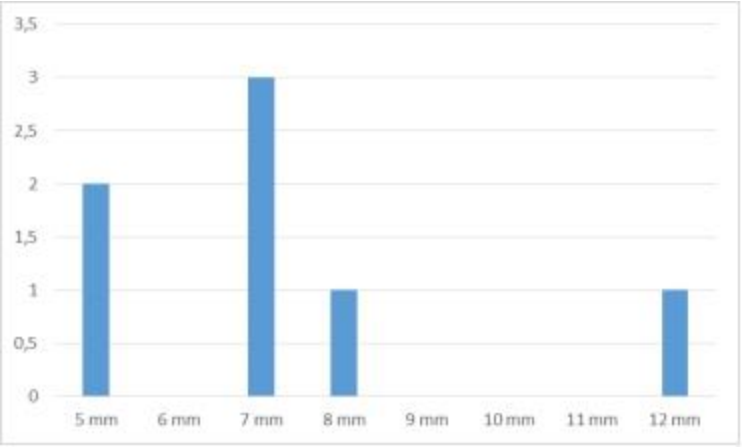
Fonte: O autor deste (2020)

Tabela 50 - Espessura dos fragmentos roletados, em mm

Nº	Feição de Relevo	5	6	7	8	9	10	11	12	Total
1	Boqueirão da Serra da Caixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-
2	Terraço de São João	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3	Serrote de São João	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4	Boqueirão do R. Bonsucesso	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5	Boqueirão do R. das Traíras	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6	Boqueirão da Pedra Branca	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7	Boqueirão da Lajinha	-	-	-	-	-	-	-	-	-
8	Boqueirão do S. do Morcego	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9	Boqueirão do R. São Gonçalo	2	-	3	1	-	-	-	1	7
10	Terraço das Porteiras	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11	Grota da Serra Baixa	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12	Grota do Olho d'Água	-	-	-	-	-	-	-	-	-
13	Grota do Tatauí	-	-	-	-	-	-	-	-	-
14	Aluvião da Lagoa Grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-
15	Aluvião da Juacema	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total		2	-	3	1	-	-	-	1	7

Fonte: O autor deste (2020)

Figura 479 - Gráfico referente à espessura da cerâmica roletada



Fonte: O autor deste (2020)

Tabela 51 - Decoração dos fragmentos roletados

Nº	Feição de Relevo	Sem	Escov.	Inciso	Corrug.	Pint.	Total
1	Boqueirão da Serra da Caixa	-	-	-	-	-	-
2	Terraço de São João	-	-	-	-	-	-
3	Serrote de São João	-	-	-	-	-	-
4	Boqueirão do R. do Bonsucesso	-	-	-	-	-	-
5	Boqueirão do Riacho das Traíras	-	-	-	-	-	-
6	Boqueirão da Pedra Branca	-	-	-	-	-	-
7	Boqueirão da Lajinha	-	-	-	-	-	-
8	Boqueirão do Saco do Morcego	-	-	-	-	-	-
9	Boqueirão do Riacho São Gonçalo	07	-	-	-	-	07
10	Terraço das Porteiras	-	-	-	-	-	-
11	Grota da Serra Baixa	-	-	-	-	-	-
12	Grota do Olho d'Água	-	-	-	-	-	-
13	Grota do Tatauí	-	-	-	-	-	-
14	Aluvião da Lagoa Grande	-	-	-	-	-	-
15	Aluvião da Juacema	-	-	-	-	-	-
Total		07	-	-	-	-	07

Fonte: O autor deste (2020)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levantou-se o Patrimônio Tatauí, grandemente em função de um convênio que no dia 20 de fevereiro de 2014 a Prefeitura Municipal de Sobradinho celebrou com a Universidade Federal do Vale do São Francisco. Visava-se executar um plano de trabalho que contemplasse implantação de laboratório com memorial de Arqueologia para a realização de pesquisas, acondicionamento e guarda dos bens patrimoniais, divulgação, ações educativas bem como o despertar do sentimento de pertença na população local, imprescindíveis à promoção do desenvolvimento auto sustentável da região. (Anexos 1 e 2).

Sugere-se que se promova ampla divulgação desse valioso acervo levantado e inventariado, conscientizando e conclamando a população para sua efetiva preservação. Propõe-se, para tanto, a criação de lei municipal, para a implantação de áreas de preservação ambiental e cultural, delimitando topograficamente e fixando marcos de referência nos vértices dos perímetros das feições de relevo com vestígios arqueológicos. Sugere-se que elas se tornem nichos ecológicos de refúgio à fauna e à flora, para sustar a ação de agentes promotores da degradação do patrimônio arqueológico, bem como do assoreamento dos riachos tributários e do próprio Rio São Francisco.

Recomenda-se a implantação de memoriais do patrimônio arqueológico e ambiental nos povoados em cujo entorno existem vestígios e artefatos, com a participação das comunidades locais no processo, conforme **Memorial Arqueológico Tamoquim** proposto no Plano Municipal Interativo de governo para o povoado de São Gonçalo da Serra.

A comunidade local faz a leitura dos bens arqueológicos de forma diferente da que realizam os arqueólogos porque para ambos a forma de interpretar o mundo depende dos

instrumentos que eles têm a seu alcance. Todos traduzem, contudo, os artefatos em explicações que condizem com sua cosmologia. As explicações atualizam-se e multiplicam-se na forma de traduções contemporâneas. As leituras das evidências arqueológicas são individuais, é verdade, por se fazerem por indivíduos com diferentes níveis ou esferas do conhecimento. Elas são, contudo, múltiplas porque se realizam por várias pessoas. Assim, pesquisadores e a população local participam conjuntamente na tarefa de preservar, dialogar e compartilhar a riqueza cultural e natural que herdaram. Com essa riqueza preservada, o passado faz-se presente e fortalece-se a identidade e a autoestima Tatauí.

Propõe-se que se solidifique o processo de preservação dos sítios com a celebração e/ou renovação de convênios entre a Universidade Federal do Vale do São Francisco e a Prefeitura Municipal de Sobradinho em parceria com as comunidades locais. Aprove-se e sancione-se lei municipal para efetiva implantação de reservas ecológicas e arqueológicas em 13 feições de relevo onde se identificaram bens patrimoniais históricos e/ou pré-históricos. Sugere-se que assim a mesma se redija:

Art. 1º - Criam-se reservas ecológicas e arqueológicas em: Boqueirão da Serra da Caixa, Terraço de São João, Serrote de São João, Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, Boqueirão do Riacho das Traíras, Boqueirão da Pedra Branca, Boqueirão da Lajinha, Boqueirão da Serra do Saco do Morcego, Boqueirão do Riacho São Gonçalo, Grota da Serra Baixa, Grota da Serra do Olho d'Água, Grota do Tatauí, e Aluvião da Lagoa Grande, conforme sugestões constantes neste livro.

Art. 2º - Definam-se por decreto municipal as reservas ora criadas, após levantamento topográfico realizado com a participação efetiva de representantes das comunidades de seus respectivos entornos.

Art. 3º - As reservas ecológicas e arqueológicas administrem-se pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente.

Art. 4º - Ouvidas as comunidades do entorno autorize-se o Prefeito Municipal a baixar regulamento, disciplinando sua exploração econômica.

Art. 5º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 6º - Revogam-se as disposições em contrário.

REFERÊNCIAS

ARQUEANO. Disponível em: http://www.fgel.uerj.br/dgrg/webdgrg/Timescale/Arqueano.html. Acesso: 29 ago 2017.

CALDERÓN, Valentin; JÁCOME, Yara Dulce Bandeira de Ataíde; SOARES, Ivan Dórea Câncio. **Relatório das Atividades de Campo Realizadas pelo Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico**. Recife: CHESF, 1977.

CARVALHO, Ciro Duarte de; REZENDE, Eduardo Soares de; BROD, Emanuela Reis; VALE, José Alberto Rodrigues do. **Geologia e recursos minerais da folha Bom Jardim - SC.23-X-D-III: estados do Piauí e Bahia**. 2017. Teresina: CPRM, 2017. Disponível em: http://rigeo.cprm.gov.br. Acesso: 02 mar 2019.

CPRM. **Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil: Petrolina. Folha SC.24-5-C**. ANGELIM, Luiz Alberto de Aquino (Org.). Escala: 1/250.000. Ministério de Minas e Energia, Brasília: CPRM, 1997.

_____. **Projeto Cadastro de Fontes de Abastecimento por Água Subterrânea: Diagnóstico do Município de Sobradinho – Bahia**. VIEIRA, Ângelo Trévia; MELO, Felicíssimo; LOPES, Hermínio Brasil Vilaverde; CAMPOS, José Cláudio Viégas; BOMFIM, Luiz Fernando Costa; COUTO, Pedro Antônio de Almeida; BEVENUTI, Sara Maria Pinotti. (Orgs.). Salvador: CPRM/PRODEEM, 2005. Disponível em: http://www.cprm.gov.br. Acesso: 06 abr 2019.

_____. **Mapa Geológico Integrado. Projeto Remanso-Sobradinho**. Escala 1/250.000. Ministério das Minas e Energia, 2019.

DUARTE, Cinthia Martins Davis. **Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no Município de Sento Sé – BA**. 2011. (Monografia). Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2011.

GOOGLE EARTH. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2019.

_____. US Dept of State Geographer. Image Landsat / Copernicus. 2020.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. **Limites Municipais. Lei nº 4.843, de 25 de fevereiro de 1989**.

_____. **Limites Municipais. Lei nº 14.090, de 29 de abril de 2019**.

GUNTEN, Peter Von. **Terra Roubada**. Bern: Cinov Filmproduktion Ag, 1980.

KESTERING, Celito. **Preliminares da Reserva Ecoarqueológica de São Gonçalo, Sobradinho – BA** (993 a 1995). Arquivo pessoal.

KESTERING, Celito. **Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho – BA**. 2001. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2001.

_____. **Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho – BA**. 2007. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação

em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2007.

_____. **Prospecção e Escavação de Sítios Arqueológicos na Região Norte do Estado da Bahia**. São Raimundo Nonato: UNIVASF, 2012.

_____. **Patrimônio Arqueológico de Sento Sé - BA**. São Raimundo Nonato – PI: UNIVASF, 2014.

KESTERING, Celito; AQUINO, Crisvanete de Castro; BEZERRA, Alvandyr. **Relatório Final do Projeto de Salvamento, Monitoramento Arqueológico e Educação Patrimonial na Área do Parque Eólico Sobradinho – Município de Sobradinho - BA**. Salvador – BA: Instituto Júlio César Mello de Oliveira, 2014.

KESTERING, Celito; CAVALCANTE, Amanda Nunes; ALMEIDA NETA, Maria de Fátima Paes de. **Escavação do Sítio Arqueológico Furna do Caçador, no Município de Sento Sé – BA – I Etapa**. Revista historia e-historia (ISSN 1807-1783). Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. 2013.

KESTERING, Celito; SALES, Felipe Silva; NEGREIROS, Rafael Barreto Rubens Siqueira; MACÊDO, Cleilton Damasceno. **Escavação do Sítio Arqueológico Toca do Sobrado, no Município de Sento Sé – BA – I Etapa**. Revista historia e-historia (ISSN 1807-1783). Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. 2013.

KESTERING, Celito; SILVA Jacionara Rodrigues Dias da; CHAGAS JUNIOR, José Nicodemos. **Escavação do Sítio Arqueológico Pedra do Cavalo, no Município de Sento Sé – BA – I Etapa**. Revista historia e-historia (ISSN 1807-1783). Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. 2013.

KESTERING, Celito; SOUSA, Gizelle Santos de; VIEIRA JUNIOR, Leonel Brizola; PAES, Leylianny Mara Oliveira. **Escavação do Sítio Arqueológico Pedra Gêmea, no Município de Sento Sé – BA**. Revista historia e-historia (ISSN 1807-1783). Grupo de Pesquisa Arqueologia Histórica da UNICAMP. 2012.

LIMA FILHO, Sebastião Lacerda de. **Pinturas Rupestres: Definição das Fronteiras da Subtradição Sobradinho**. 2013. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, 2013.

MARQUES, Caroline Salgueiro da Purificação; AZUMA, Maurício Hidemi; SOARES, Paulo Fernando. **A Importância da Arquitetura Vernacular**. Akrópolis, Umuarma, v. 17, n. 1, p. 45-54, Jan./mar. 2009. Disponível em: http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/viewFile/2842/2110. Acesso: 27 nov 2018.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Diretoria de Serviço Geográfico. Folha SC.24-V-C-III (Petrolina). Escala: 1/100.000. 1977.

MUNDO ESTRANHO. **Como se formam os cristais de Quartzo?** 2011.
Disponível em:
https://mundoestranho.abril.com.br/ambiente/como-se-formam-os-cristais-de-quartzo/. Acesso: 29 ago 2017.

MUSEU VIRTUAL DOS MINI-MUNDOS. **Snow Ball Earth e a evolução da vida multicelular**. 2019. Disponível em: http://projectos.est.ipcb.pt. Acesso: 09 abr 2019.

PAES, Leylianny Mara Oliveira. **Indicativos da Sobrevivência Física e Cultural da Nação Sento Sé, no Serrote da Gameleirinha, Fazenda São Romão**. 2015. (Monografia).

Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. São Raimundo Nonato - PI: UNIVASF, 2015.

PEIXOTO, Paulo. **Os meios rurais e a descoberta do patrimônio**. Coimbra: Centro de Estudos Sociais - Núcleo de Estudos sobre Cidades e Culturas Urbanas, 1998.

PIAGET, Jean. **Biologia e Conhecimento: ensaio sobre as relações entre as regulações orgânicas e os processos cognoscitivos**. Tradução de Francisco M. Guimarães. 4. ed. Petrópolis - RJ: Vozes. 1996.

RENFREW, C. e ZUBROW, E. B. W. (Org.) **The ancient mind: elements of cognitive archaeology (new directions in archaeology)**. 1994.

SANTANA, Cristiana de C. S; SANTANA, Hélio Augusto de; SILVA, Virgínia de Cerqueira; SILVA, Gilmar d'Oliveira; SANTANA, Manoel Augusto de. **Levantamento Arqueológico do Empreendimento Linha de Distribuição LD 69 KV: diagnóstico não interventivo**. Senhor do Bonfim: HAS Consultoria Arqueológica e Pesquisa LTDA. 2011.

SILVA, Edcarlos Mendes da. **Desterritorialização sob as águas de Sobradinho: ganhos e desenganos**. 2010. Dissertação (Mestrado), Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Bahia, 2010.

SILVA, João Nilson Alves da. **Geologia da Chapada Diamantina**. 2011. Disponível em: http://chapadadiamantinaibicoarabahia.blogspot.com. Acesso: 12 jun 2019.

SOUZA, João Dalton de; TEIXEIRA, Léo Rodrigues; FIGUEIRÔA, Ivo; AZEVEDO, Robério Ribeiro de; BARRAL, Niwton Macêdo; COSTA, Ivanaldo V. Gomes da; ANDRADE FILHO, Edgard L.; OLIVEIRA, Rui B. d'Araujo e; LOPES, Jane Nobre. **Projeto Colomi: relatório final**. Departamento Nacional da Produção Mineral do Ministério das Minas e Energia (DNPM – CPRM), Superintendência Regional de Salvador, 1979.

TOMAZ, Paulo Cesar. **A preservação do patrimônio cultural e sua trajetória no Brasil**. In: Fênix: Revista de História e Estudos Culturais. Maio/ Junho/ Julho/ Agosto de 2010, Vol. 7, Ano VII, nº 2. Disponível em: www.revistafenix.pro.br. Acesso: 10 mar 2016.

VILELA, Joana. **Conceito de Estromatólitos**. 2018. Disponível em: http://knoow.net. Acesso: 06 abr 2019.

WENTWORTH, Chester Keller. **A scale of grade and class terms for clastic sediments**. The Journal of Geology V 30, Nº 5 (Jul - Aug, 1922), University of Chicago Press, p. 377-392.

ANEXOS

01 - Processo IPHAN Nº - 01502.000792/2010-12
Projeto: Projeto de Pesquisa Prospectiva e de Escavação dos Sítios Arqueológicos na Região Norte da Bahia
Instituição Executora: Universidade Federal do Vale do São Francisco
Arqueólogo Coordenador: Celito Kestering
Área de Abrangência: Municípios de Sento Sé, Sobradinho, Campo Formoso, Juazeiro e Jaguarari, no Estado da Bahia.
Prazo de Validade: 24 (vinte e quatro) meses
(DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Nº 92, SEGUNDA FEIRA, 17 DE MAIO DE 2010).

02 - Processo IPHAN Nº - 01502.003304/2012-82
Projeto: Diagnóstico e Prospecção Arqueológica na Área do Parque Eólico Sobradinho
Arqueólogo Coordenador: Celito Kestering.
Apoio Institucional: Universidade Federal do Vale do São Francisco.
Área de Abrangência: Município de Sobradinho, estado da Bahia
Prazo de Validade: 06 (seis) meses
(DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO, Nº 48, TERÇA FEIRA, 12 DE MARÇO DE 2013).

PLANO DE TRABALHO (2014)

1 INTRODUÇÃO

O Laboratório e o Memorial de Arqueologia, objeto do Convênio que entre si celebram a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a Prefeitura Municipal de Sobradinho – BA (PMS - BA) destinam-se a promover a pesquisa, bem como, divulgar o patrimônio natural e cultural pré-histórico, histórico e de memória da Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Entende-se que a pesquisa e a concomitante divulgação dos resultados reforçarão, na sociedade local, o sentimento de pertença que viabilizará a sua preservação e subsidiará o desenvolvimento autos sustentável do Submédio São Francisco.

Justifica-se a celebração de um convênio entre a UNIVASF e a PMS - BA face à grande quantidade de sítios arqueológicos identificados no Médio e Submédio São Francisco, ocupados por grupos pré-históricos desde o final do Pleistoceno, há mais de 16 mil anos. Entende-se que o patrimônio cultural edificado pelos ancestrais de muitas famílias que hoje vivem junto às feições de relevo onde esse patrimônio se encontra, não deva ser transferido para outra região ou estado cujos habitantes não mantêm com ele relação alguma de afeto e pertença.

A parceria da Universidade Federal do Vale do São Francisco com a Prefeitura Municipal de Sobradinho viabilizará a realização de pesquisas bibliográficas que redundarão em diagnósticos do potencial arqueológico da região. Ela facultará, também, a realização de prospecções nas quais se poderão encontrar novos sítios arqueológicos históricos, pré-históricos e de memória. Além disso, fomentará a implantação de estruturas que viabilizem escavações, salvamentos arqueológicos, monitoramento, limpeza, análise, acondicionamento e guarda de artefatos, divulgação e ações educativas, educação patrimonial e preservação do patrimônio material e imaterial, histórico e pré-histórico.

2 PESQUISAS BIBLIOGRÁFICAS

A disponibilização de um banco de dados e de um conjunto de bibliografias referentes aos conhecimentos que se produzam sobre o patrimônio natural e cultural do Médio e do Submédio São Francisco possibilitará aos professores e educandos das escolas públicas e privadas do município e da região o acesso aos mesmos. Com isso se estimulará construção de novos conhecimentos, disponibilização deles ao público interessado em elaborar diagnósticos sobre o potencial arqueológico da região.

3 PROSPECÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Em poucas campanhas de prospecção realizadas por professores e estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, identificou-se, no município de Sobradinho – BA, um substancial universo de sítios arqueológicos. No município vizinho de Sento Sé, identificaram-se 142 feições de relevo com artefatos

históricos e pré-históricos. Estima-se que, somente nesse município existam mais de três mil sítios arqueológicos que poderão ser cadastrados e caracterizados em futuras campanhas de prospecção. Isso somente será possível com a parceria entre a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e Prefeitura Municipal de Sobradinho – BA (PMS - BA).

4 SALVAMENTO E ESCAVAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

Far-se-á o salvamento de sítios arqueológicos identificados nas campanhas de prospecção. Com esse procedimento objetiva-se resgatar os artefatos e/ou estruturas arqueológicas históricas e pré-históricas que se espera encontrar nas camadas estratigráficas desvendadas em sondagens e escavações. Os salvamentos serão feitos por professores, técnicos e estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, com a participação efetiva da comunidade local. No salvamento arqueológico contemplar-se-ão os seguintes procedimentos, por ordem de prioridade: caracterização dos sítios, identificação, registro, plotagem e coleta dos artefatos de superfície, abertura de sondagens, ampliação das sondagens, plotagem topográfica, registro fotográfico e acondicionamento.

4.1 Caracterização dos Sítios

Caracterizar-se-á um **sítio arqueológico** como a menor unidade de espaço físico identificado pelo arqueólogo. Ele pode variar de um acampamento efêmero a uma grande cidade (WILLEY; PHILIPS, 1958, p. 2). A partir dessa perspectiva definem-se sítios arqueológicos como aldeia, terraço fluvial, acampamento, ritualístico, oficina ou abrigo. Caracteriza-se como **aldeia**, o sítio a céu aberto associado a uma ocupação prolongada em área ampla; **acampamento**, o sítio a céu aberto, associado a uma curta ocupação de espaço; **ritualístico**, o sítio a céu aberto ou em abrigo, associado à prática de rituais; **oficina** o sítio arqueológico a céu aberto ou em abrigo, associado à produção de artefatos (líticos e/ou cerâmicos) ou produtos manufaturados (farinha de milho ou de mandioca) a partir de diferentes matérias primas ou sobre rochas (maciços ou matacões).

Caracteriza-se como **abrigo,** o acampamento temporário em áreas de proteção natural como paredões inclinados ou tocas.

4.2 Identificação e Coleta dos Artefatos de Superfície

Iniciar-se-á o salvamento arqueológico dos sítios com uma varredura na superfície do terreno, feita por estudantes do Curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF, acompanhados por um professor com doutorado em Arqueologia e larga experiência em escavação arqueológica no Sudeste do Piauí e no Submédio São Francisco, bem como por um topógrafo da mesma instituição. Com essa atividade far-se-á a identificação, o registro em etiquetas, o acondicionamento provisório em embalagens de plástico, a plotagem e a subsequente coleta dos artefatos arqueológicos.

4.3 Abertura de Sondagens

Durante a coleta dos artefatos da superfície, observar-se-á o lugar de sua maior concentração. No centro desse lugar, escavar-se-á uma sondagem de 4,0 m² (2 m x 2 m) até se alcançar o maciço do embasamento que subjaz aos sedimentos da cobertura superficial cenozoica da área onde se encontram os sítios. Registrar-se-ão, plotar-se-ão e coletar-se-ão os artefatos no momento em que forem encontrados para registro de sua distribuição espacial horizontal e vertical. Observar-se-á, então, o perfil estratigráfico das paredes da sondagem para aferir a camada de ocupação humana e constatar a existência ou não de níveis naturais de sedimentação. Com base nessa observação, decidir-se-á se as decapagens da escavação obedecerão a níveis naturais de sedimentação ou níveis artificiais de 5 cm ou 10 cm.

Para definir a dimensão espacial dos sítios, escavar-se-ão quatro outras sondagens de 1,0 m² (1 m x 1 m), com raios equidistantes de 25 m, a partir da sondagem central.

4.4 Ampliação das Sondagens

Constatada a existência de artefatos e/ou estruturas históricas e/ou pré-históricas, ampliar-se-ão as sondagens, com escavação em superfície ampla. Os principais objetivos da escavação são o

dimensionamento (comprimento, largura e profundidade) dos sítios arqueológicos, a identificação de um universo vestigial que permita caracterizar estatisticamente e classificar a sua cultura material para identificação de atributos de identidade dos grupos pré-históricos do Vale do São Francisco. Pretende-se, também, identificar estruturas de combustão ou lentes de carvão relacionadas com os artefatos para obter amostras que, datadas pelo método do Carbono 14, permitam situar no tempo o grupo que ocupou ou os grupos que ocuparam os sítios arqueológicos. Coletar-se-ão, ainda, amostras de sedimentos relacionados com os artefatos para datá-las pelo método da Luminescência Oticamente Estimulada (LOE), com o objetivo de, na possibilidade de não se encontrarem lentes de carvão, datarem-se os artefatos ou, caso as referidas lentes sejam encontradas, corroborar as datações feitas pelo método de Carbono 14.

4.5 Plotagem Topográfica

Com o auxílio de um topógrafo profissional da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), far-se-á a plotagem topográfica de cada artefato encontrado para registro de sua distribuição espacial no sítio. Confeccionar-se-ão mapas com registro de cada artefato coletado e de aspectos relevantes para a Arqueologia, quais sejam inclinação do terreno, cercas, trilhas e fontes de matéria prima. Para situar cada um dos sítios na base cartográfica da área, far-se-á sua plotagem pelo sistema de posicionamento pelo *Global Position System* (GPS). Para seu registro em planta de situação, far-se-á uso das folhas cartográficas do Ministério do Exército - Diretoria de Serviço Geográfico da Região Nordeste do Brasil, na escala 1:100.000 (MINISTÉRIO DO EXÉRCITO, 1973).

4.6 Registro Fotográfico

Registrar-se-á todo procedimento de escavação, com tomadas fotográficas, croquis e/ou desenhos antes da coleta. Observe-se que, com o objetivo de salvaguardar o registro de todas as evidências arqueológicas, as técnicas e procedimentos operacionais poderão sofrer pequenas adequações no decorrer das atividades de campo.

4.7 Acondicionamento Provisório para Transporte

Todo material coletado em superfície, subsuperfície ou em profundidade acondicionar-se-á em embalagens de plástico e/ou de papel alumínio para o transportar ao laboratório da Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) na cidade de Sobradinho - BA. Cada artefato terá uma etiqueta de identificação, contendo informações básicas que servirão de referência para os trabalhos realizados no laboratório. Na etiqueta, cada artefato terá um número de registro. Nela constará, também, o nome do sítio, o tipo de artefato (lítico, cerâmico), o setor e o nível da escavação, bem como, a data da coleta e o pesquisador responsável.

5 Monitoramento

O monitoramento consistirá no acompanhamento às obras de engenharia durante o processo de instalação de empreendimentos que envolvam desmatamento ou terraplanagem. Verificar-se-á se a condução das atividades de desmatamento e terraplanagem corresponde ou não aos padrões que se espera delas em relação à preservação de possíveis artefatos ou estruturas arqueológicas que possam existir na área de impacto do empreendimento. Com ele, organizam-se e disponibilizam-se dados e indicadores para elaboração de diagnósticos referentes ao patrimônio arqueológico. Ele será feito por técnicos em Arqueologia e Preservação Patrimonial, estudantes do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da UNIVASF e membros da comunidade local. Com ele, objetiva-se identificar, registrar, plotar e coletar artefatos nas áreas onde se identificaram ocorrências de artefatos históricos e/ou pré-históricos durante as atividades de prospecção.

Um técnico em Arqueologia acompanhará as obras de engenharia visando identificar, sobretudo, artefatos e sítios por ventura ocultos pela cobertura vegetal, impedindo, assim, os impactos que, com o desmate incidam-se sobre eles. Ao ser identificado qualquer sítio ou artefato arqueológico, interromper-se-á a atividade do empreendimento para delimitá-lo e promover o subsequente salvamento. Os trabalhos poderão prosseguir normalmente fora da área delimitada para tal. Após o devido salvamento do artefato ou

sítio arqueológico identificado, as obras do empreendimento poderão prosseguir no respectivo local.

6 Limpeza, Análise, Acondicionamento e Guarda

A limpeza do material arqueológico corresponderá a suas especificidades. O material cerâmico será higienizado com água e escova de cerdas macias. No caso de cerâmica pintada, a limpeza será mais cuidadosa, a seco. O material lítico que não estiver impregnado algum corante (mineral ou vegetal), por não requerer cuidados específicos, será lavado em água corrente. No caso de se encontrarem ossos humanos correspondentes a sepultamentos, a limpeza (a seco) deverá seguir os procedimentos que não impeçam futuras análises de Antropologia Física.

Para análise e classificação preliminar dos artefatos da indústria cerâmica adotar-se-ão parâmetros técnicos (modelamento ou acordelamento), morfológico (espessura) e de decoração (corrugada, incisa, ungulada, lisa, roletada, escovada ou pintada).

Caracteriza-se a técnica do acordelamento pela superposição de roletes de pasta de argila. A técnica do modelamento, por sua vez, caracteriza-se pelo fabrico a mão livre ou em torno.

Quanto à morfologia classificam-se os fragmentos de cerâmica pela observação de sua espessura. Serão classificados como finos (menos de 3,0 mm), médios (de 3,0 mm a 10 mm) e espessos (mais de 10 mm).

Quanto à decoração, identifica-se a cerâmica corrugada pelas cristas semilunares da pressão dos dedos polegar e indicador sobre a parte externa da argila e a decoração incisa, por riscos em baixo relevo (LIMA, 2012). A decoração ungulada resulta da ação frontal da unha, em forma de arco na face externa da cerâmica. A decoração lisa é o resultado do alisamento da cerâmica com auxílio de uma pedra, madeira ou a própria mão do artesão. A decoração roletada caracteriza-se pela exposição de cordéis de argila (roletes) sobrepostos, sem tratamento de superfície. Na decoração pintada identifica-se a pintura com tintas orgânicas ou minerais na superfície externa e/ou interna da cerâmica. (MACHADO *et al*. 2008, p. 104).

Analisar-se-ão e classificar-se-ão os artefatos líticos pelos parâmetros da matéria-prima (quartzo, quartzito, granito, sílex), córtex (com ou sem), massa inicial (seixo, bloco, natural, polido) e utensílios (núcleo,

lasca, plano convexo, *chopper*, *chopping-tool*, percutor, pilão de tritura, quebra coco e não utilizados)

Far-se-á o acondicionamento do material arqueológico em caixas do tipo arquivo morto de polionda ou vidro. Todos os artefatos serão embalados em sacos plásticos. Caso se encontrem ossos humanos bem preservados, eles deverão ser acondicionados em caixas específicas para o tamanho médio dos ossos. As caixas serão identificadas pelos sítios arqueológicos de origem, com o material separado de acordo com a sua natureza.

O material arqueológico ficará sob a guarda do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, na cidade de Sobradinho – BA. Para preservar e gerenciar o patrimônio arqueológico, arquitetônico, paisagístico, histórico e cultural, **estimular-se-á e auxiliar-se-ão as comunidades locais a implantar centros culturais de memória, em parceria com órgãos públicos e entidades de natureza civil**.

7 Divulgação e Ações Educativas

A divulgação dos resultados e as ações educativas serão desenvolvidas nas comunidades locais, juntamente com a elaboração e distribuição de materiais informativos. Com esses materiais, mostrar-se-ão os resultados das pesquisas de campo e de laboratório, bem como, das publicações acadêmicas e científicas. Para difundir o conhecimento, implantar-se-á, manter-se-á e disponibilizar-se-á à comunidade acadêmica, às administrações públicas e privadas e ao público em geral, um banco de dados referente aos sítios arqueológicos para consultas, estudos e pesquisas.

Promover-se-ão, também, cursos, seminários, conferências, congressos e campanhas educativas com temas relacionados ao patrimônio arqueológico, arquitetônico, paisagístico, histórico e cultural. Fomentar-se-á o intercâmbio de pesquisadores nacionais e estrangeiros, com a celebração de convênios com instituições públicas e/ou privadas.

No processo de salvamento, higienização, acondicionamento, classificação preliminar, documentação e exposição dos artefatos, integrar-se-ão estudantes da rede pública municipal e estadual de Sobradinho - BA. Capacitar-se-á, também, uma equipe de estudantes

carentes do Ensino Médio para o ofício de guias turísticos, com o objetivo de acompanharem turistas e visitantes para difundirem o conhecimento sobre a história e a pré-história da região, bem como evitarem que se deprede o patrimônio natural e cultural.

8 Educação Patrimonial

Com o trabalho de educação patrimonial pretende-se fomentar o sentimento de pertença da comunidade local com relação ao patrimônio arqueológico regional e nacional. Concomitante às ações desenvolvidas para salvamento arqueológico far-se-á ampla divulgação dos trabalhos em execução e de seus resultados à comunidade em geral por meio da imprensa falada, escrita e televisiva.

O trabalho de educação, direcionado à comunidade em geral, visará atingir uma parcela significativa e representativa da população, principalmente, professores, alunos, líderes comunitários e instituições que desenvolvam trabalhos nas áreas ambientais e culturais. Para este fim, manter-se-ão contatos constantes com as autoridades municipais, buscando parceria para um melhor desenvolvimento dessas ações.

Planeja-se realizar seminários, para atingir um público de, no mínimo 100 pessoas. Esse terá um conteúdo direcionado para a realidade arqueológica da Bahia, apontando a trajetória dessa ciência social, desde os primeiros trabalhos até os dias atuais. Mostrar-se-ão os principais resultados das pesquisas, demonstrando o potencial arqueológico da região e sua importância para a compreensão da história da ocupação humana no atual território baiano.

Far-se-ão oficinas pedagógico-arqueológicas, onde acontecerão atividades teóricas e práticas, tendo como referência o patrimônio arqueológico. Far-se-ão visitas periódicas ao local das escavações e formar-se-ão grupos temáticos para fomentar discussões sobre a preservação dos sítios e a criação de um espaço cultural que permita, entre outras coisas, a salvaguarda do patrimônio e a viabilidade turística na região, tendo os elementos histórico-culturais como a mola propulsora dessa atividade econômica.

Realizar-se-ão exposições de painéis, apresentando os resultados das pesquisas arqueológicas, bem como os desdobramentos das atividades educacionais desenvolvidos com as comunidades. Os

locais desses eventos serão negociados durante o andamento das ações. Frisa-se, também, que serão elaboradas publicações para serem distribuídas nos mais diversos setores da sociedade de Sobradinho – BA e da região do Médio e Submédio São Francisco, com maior ênfase para as escolas públicas, as bibliotecas municipais e outras instituições que possam ser multiplicadoras desses conteúdos patrimoniais.
Ressalta-se, ainda, que durante as atividades de campo, a mão-de-obra local integrada nas escavações será devidamente informada e orientada para a realização das atividades de educação, conjuntamente com a equipe de Arqueologia. Os auxiliares de campo atuarão como difusores de informações acerca do trabalho que está sendo realizado e serão agentes de preservação.

9 Estratégias de Preservação

Por serem constituintes do patrimônio da União, testemunhos de grupos culturais pretéritos (históricas e pré-históricas) que habitaram o Vale do Rio São Francisco, os sítios arqueológicos, os restos da cultura material e as estruturas de alteração da paisagem são passíveis de tombamento e proteção. Avaliar-se-á, por conseguinte, todo o conjunto de sítios e/ou artefatos arqueológicos, patrimoniais e de memória para indicação de medidas mitigadoras ou compensatórias (arqueológicas, arquitetônicas, paisagísticas, históricas e culturais) dos impactos negativos que, direta ou indiretamente sobre eles incidam. Pela sua relevância para a memória, identidade e formação da sociedade brasileira, com a participação das comunidades locais, sugerir-se-á a abertura ou desobstrução das vias de acesso, a construção de passarelas e implantação de infraestrutura para visitação turística e educativa.

10 Observações Complementares

Para execução do Plano de Trabalho referente ao convênio que entre si celebram a Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e a Prefeitura Municipal de Sobradinho – BA (PMS-BA) não haverá transferência de recursos da UNIVASF para a PMS-BA. Cada uma das entidades custeará suas atividades referentes ao Plano de

Trabalho com recursos próprios. O referido plano terá início com a assinatura do convênio e fim, com a rescisão do mesmo.

Para atender o mandamento constante no Art. 109 da Constituição Federal de 1988, indica-se a Sub-seção Judiciária de Juazeiro – BA como foro para dirimir eventuais controvérsias.

REFERÊNCIAS

LIMA, Erig. L. F. **Cerâmica Capão do Canga: uma nova indústria cerâmica na Bacia do Alto Guaporé, Mato Grosso – Brasil.** Amazônica - Revista de Antropologia, Vol. 4, Nº 1 (2012)

MACHADO, N. T. G.; SCHNEIDER, P.; SCHNEIDER, F. **Análise parcial sobre a cerâmica arqueológica do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. In: Cerâmica, Nº 54. 2008, 103-109. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ce/v54n329/a1554329.pdf>. Acesso: 02 nov. 2013.

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO. Diretoria de Serviço Geográfico da Região Nordeste do Brasil. Carta SC.24-V.C-VI – Campo dos Cavalos. Escala 1/100.000. 1973.

WILLEY, Gordon R.; PHILLIPS, Phipip. *Method and Theory in American Archaeology.* Chicago: University of Chicago Press. 1958, 280 p.



Celito Kestering
SIAPE: 1466229

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRADINHO
ESTADO DA BAHIA
Gabinete do Prefeito

CONVÊNIO n.º 003/2014 – PMS, que entre si celebram a Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF e a Prefeitura Municipal de Sobradinho – PMS.

O MUNICÍPIO DE SOBRADINHO, entidade jurídica de direito público interno, com sede na Avenida José Balbino de Souza, S/Nº, Centro – Sobradinho – BA – **Fone (74) 3538-3030**, inscrito no CNPJ/MF nº 16.444.804/0001-10, nesse ato representado pelo seu Prefeito Municipal, o Sr. **LUIZ VICENTE BERTI TORRES SANJUAN**, brasileiro, casado, inscrito no CPF nº 005.550.575-93, portador da Cédula de Identidade nº 08321461-53 SSP/BA, residente à Rua Promissão, nº 20, Vila Santana, Sobradinho – BA, doravante denominado de **MUNICÍPIO** e de outro lado, a **UNIVASF – UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**, inscrita no CNPJ nº. 05.440.725/0001-14, com sede na Av. José de Sá Maniçoba, s/nº, Centro, Petrolina - PE, CEP: 56.304-917, neste ato representada pelo seu Magnífico Reitor, o Prof. Dr. **JULIANELI TOLENTINO DE LIMA**, brasileiro, casado, inscrito no CPF nº 965.575.594-00, portador da Cédula de Identidade n.º 1789035 SSP/PA, residente à Rua Rembrandt, 20, Condomínio Portal das Águas, Bairro Pedra do Bode, CEP: 56.332-440, Petrolina - PE, doravante denominada **UNIVASF,** celebram entre si o presente Convênio, com fundamento nas disposições da Lei n.º 8.666/93 e suas alterações posteriores, e mediante as cláusulas e condições seguintes, através das quais reciprocamente se obrigam:

CLÁUSULA PRIMEIRA- DO OBJETO

1.1 O objetivo do presente instrumento é a cooperação mútua para implantação de um Laboratório e de um Memorial de Arqueologia na Biblioteca Municipal Hamilton Pereira de Souza Filho, localizada da Sede do Município de Sobradinho - BA.

CLÁUSULA SEGUNDA – DAS ATRIBUIÇÕES DOS PARTÍCPES

2.1 O Laboratório e o Memorial de Arqueologia destinam-se a promover a pesquisa e a divulgação do patrimônio natural e cultural pré-colonial, colonial e pós-colonial e de memória da Área Arqueológica de Sobradinho - BA, com vistas a despertar na sociedade local o sentimento de pertença que viabilizará a sua preservação e subsidiará o desenvolvimento autossustentável do Município de Sobradinho - BA.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRADINHO
ESTADO DA BAHIA
Gabinete do Prefeito

CLÁUSULA TERCEIRA – DA RESPONSABILIDADE DAS PARTES

3.1 Compete à PREFEITURA:

3.1.1 conservar os acervos do patrimônio, com limpeza e manutenção e
3.1.2 garantir a guarda, a conservação e a segurança dos acervos patrimoniais pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais de memória da Área Arqueológica de Sobradinho - BA.

3.2 Compete à UNIVASF:

3.2.1 desenvolver atividades de pesquisa científica e geração de conhecimento sobre o patrimônio cultural, natural e de memória na Área Arqueológica de Sobradinho – BA;
3.2.2 garantir a acessibilidade universal ao patrimônio natural, cultural e de memória a visitantes e funcionários e
3.3.3 promover atividades de integração, intercâmbio e parcerias institucionais, profissionais e pesquisadores de áreas afins.

CLÁUSULA QUARTA – DA GRATUIDADE

4.1 Face à parceria entre os partícipes, não será cobrado por parte da **PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRADINHO-BA**, aluguel à **UNIVASF** pela utilização da(s) sala(s) cedida(s) durante a vigência do presente convênio.

CLÁUSULA QUINTA - DAS ALTERAÇÕES

5.1 Este Termo de Convênio poderá ser alterado nos limites previstos no art. 65 da Lei 8.666/93, por meio de Termo Aditivo, mediante proposta devidamente formalizada e justificada, a ser apresentada por um dos convenentes em, no mínimo 30 (trinta) dias antes do término de sua vigência, sendo vedada alteração do objeto do convênio de forma a descaracterizá-lo.

CLÁUSULA SEXTA- DO PRAZO DE VIGÊNCIA

6.1 O presente Convênio entra em vigor na data da sua outorga e terá duração de 05 (cinco) anos, podendo ser prorrogado por interesse mútuo das partes.

CLÁUSULA SÉTIMA – DA DENÚNCIA OU RESCISÃO

7.1 Este Termo de Convênio poderá ser rescindido em qualquer tempo, unilateralmente, mediante comunicação por escrito, com antecedência mínima de 30 (trinta) dias, por

PREFEITURA MUNICIPAL DE SOBRADINHO
ESTADO DA BAHIA
Gabinete do Prefeito

acordo entre os convenentes, ou, ainda, por descumprimento das cláusulas e condições estabelecidas, respondendo os mesmos pelas obrigações até então assumidas.

CLÁUSULA OITAVA – DO ACOMPANHAMENTO E FISCALIZAÇÃO

8.1 Serão designados como responsáveis pelo acompanhamento e fiscalização da execução do objeto deste Convênio a Prof. Sra. Ducilene Soares Silva Kestering, Secretária Municipal da Educação, pelo **MUNICÍPIO DE SOBRADINHO**, e o Prof. Dr. Celito Kestering, Matrícula 1466229, pela **UNIVASF**.

CLÁUSULA NONA - DA PUBLICAÇÃO

9.1 A Prefeitura Municipal de Sobradinho encarregar-se-á da publicação deste Convênio no Diário Oficial da União, no prazo de até 30 (trinta) dias da data de sua assinatura.

CLÁUSULA DÉCIMA – DO FORO

10.1 É competência do foro da Subseção Judiciária de Juazeiro - BA, para dirimir quaisquer dúvidas ou divergências oriundas direta ou indiretamente deste instrumento, renunciando-se expressamente a qualquer outro, por mais privilegiado que seja.

Para firmeza do ajuste ora acertado é lavrado o presente contrato em 3 (três) vias de igual teor, o qual depois de lido e achado conforme, vai assinado pelas partes contratantes abaixo e por duas testemunhas.

Sobradinho – BA, 20 de fevereiro de 2014.

JULIANELI TOLENTINO DE LIMA
Reitor da UNIVASF

LUIZ VICENTE BEZERRA TORRES SANJUAN
Prefeito Municipal de Sobradinho

Testemunhas:

Nome:
CPF:
Assinatura:

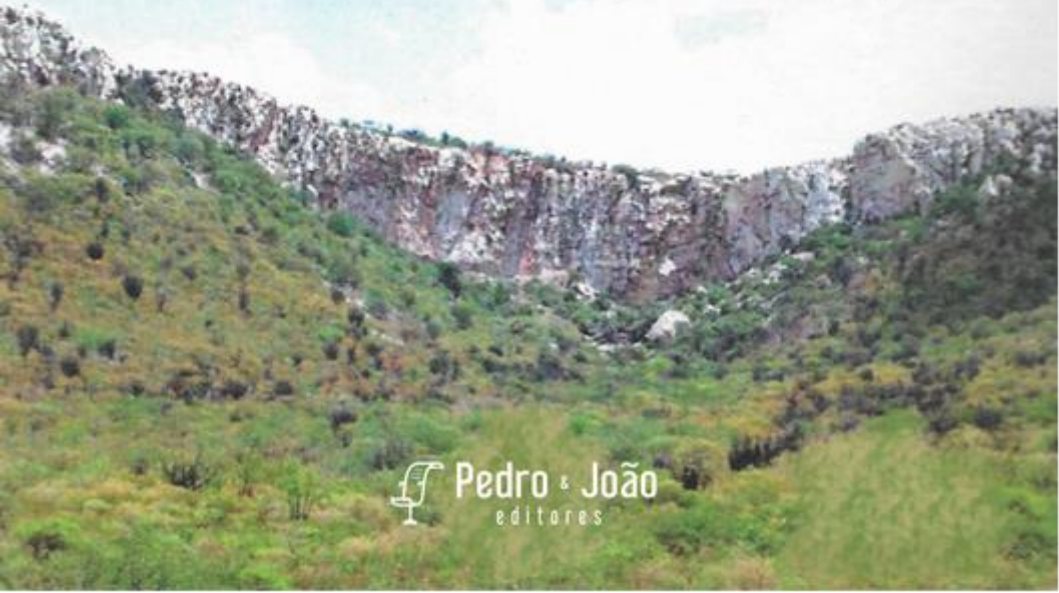
Nome:
CPF:
Assinatura:

Este livro é fruto de um projeto maior, denominado **Rio de Lutas**, desenvolvido por uma equipe interdisciplinar da qual Celito Kestering faz parte. Seu objetivo é duplo: investigar a história e registrar a memória das lutas sociais protagonizadas por diferentes grupos e sujeitos pertencentes à classe trabalhadora do Submédio São Francisco, entre 1968 e 1994. A proposta é atentar para o que não aparece nas apologias do progresso e do desenvolvimento, que predominam nas imagens e narrativas sobre aquele pedaço de Brasil.

Ainda são limitados os conhecimentos disponíveis sobre quem eram esses sujeitos e como suas vidas foram atingidas pelas grandes obras da calha do Rio São Francisco, especificamente da região de Sobradinho, Norte da Bahia, no contexto da história do Brasil. Conhecemos pouco das razões de resistirem tão bravamente às mudanças impostas pelo sistema colonizador, orquestrado pelos republicanos presidencialistas, quando era vigente o regime militar. Ao valorizar experiências deles somos levados a questionar a hegemonia da história oficial e desvendar aspectos viscerais das lutas concretas travadas em passado remoto, especialmente por ancestrais daqueles homens e mulheres da segunda metade do Século XX. Queremos evidenciar os vínculos dessas lutas populares de passado recente com os conflitos que os índios e mestiços gerenciaram e ainda hoje administram com sabedoria, para salvaguardar o precioso patrimônio cultural herdado de seus antepassados pré-históricos.

O livro de Celito e outros frutos que virão do Rio de Lutas são mais que relatos acadêmicos isentos. São intervenções vivas em lutas que, com formas renovadas persistem.

(EURELINO COELHO, 2020)



Pedro & João editores